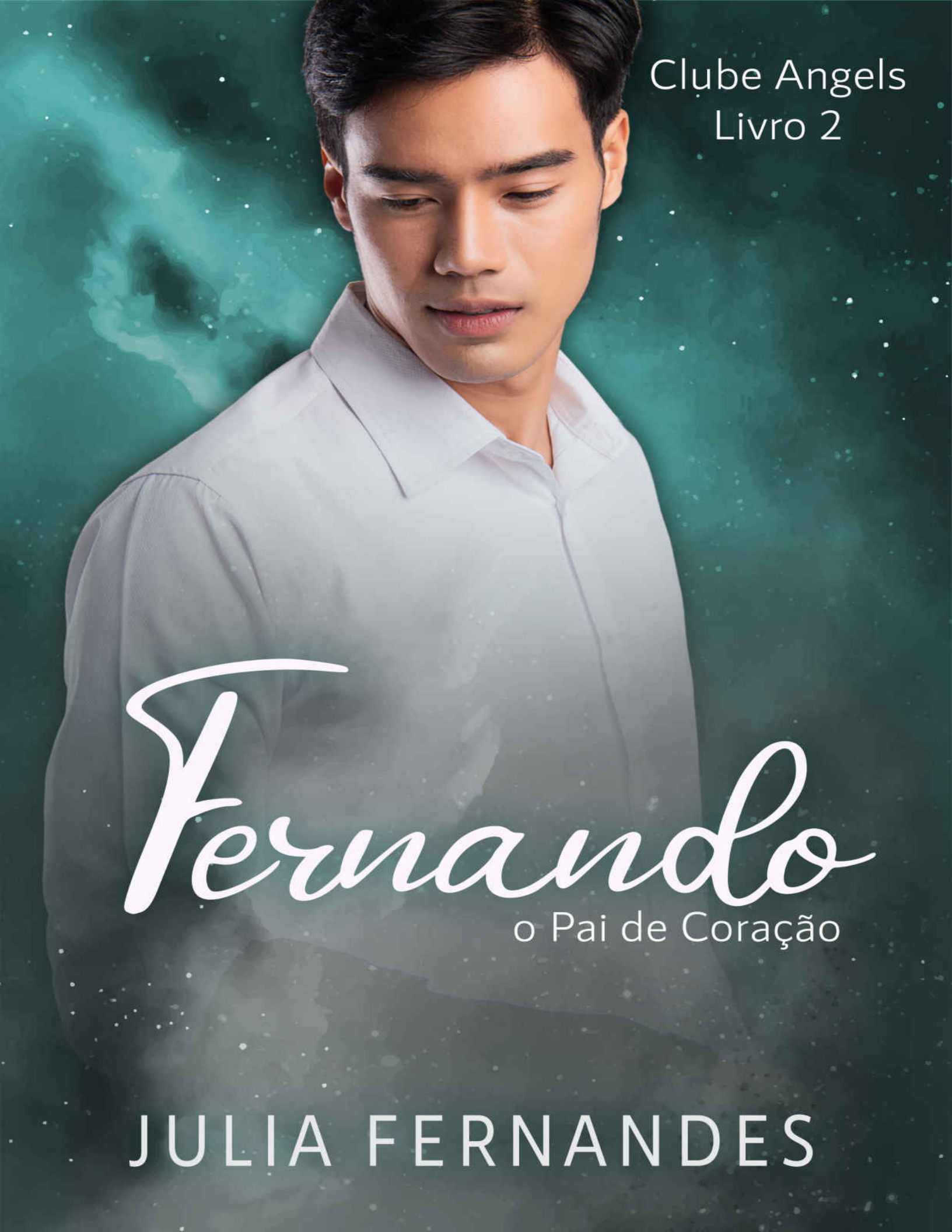


The background of the cover features a portrait of a man with dark hair, wearing a light-colored button-down shirt, looking down. The background is a dark teal color with a subtle, ethereal light effect and small white specks, resembling a starry night sky or a nebula.

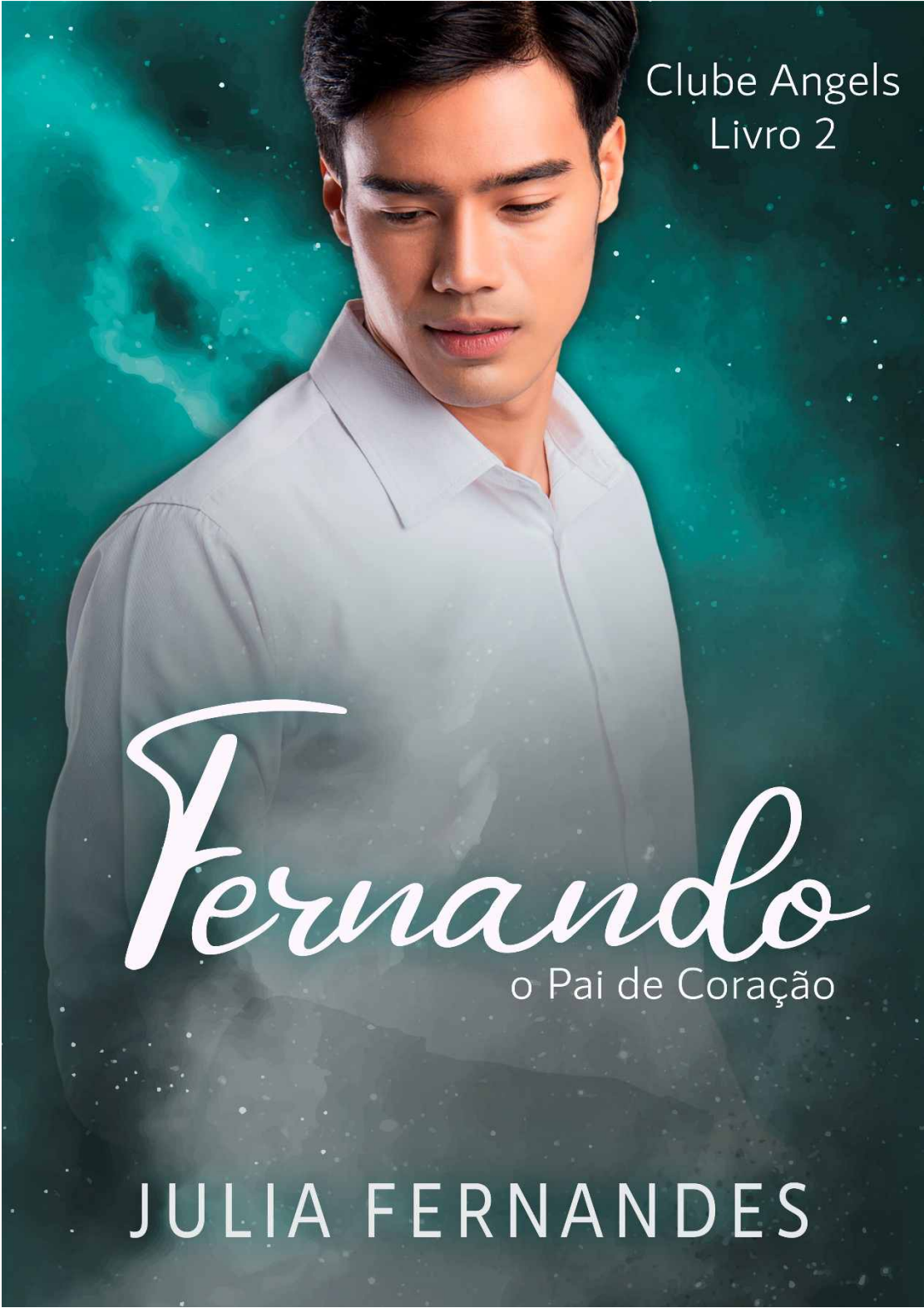
Clube Angels
Livro 2

Fernando

o Pai de Coração

JULIA FERNANDES



The book cover features a portrait of a young man with dark hair, wearing a light-colored button-down shirt, looking down. The background is a dark teal color with a subtle, ethereal light effect. The text is white and positioned in the upper right, center, and bottom of the cover.

Clube Angels
Livro 2

Fernando
o Pai de Coração

JULIA FERNANDES

Copyright© 2022 Julia Fernandes

Essa é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as
pessoas.

Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos
são

produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança
com

nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ ou a reprodução de
qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios —
tangível

ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei
nº.

9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Epílogo](#)

[Playlist](#)

[Sobre a Autora](#)

Sinopse

Fernando, um lindo descendente de orientais, proprietário de uma casa noturna, junto com seus três amigos tão gatos quanto ele, conhecidos como Angels. Clube Angels.

Clara, uma mulher forte, que se vê foragida de um casamento abusivo no qual sofreu violência por anos e dele levou apenas uma coisa boa: sua filha de cinco aninhos.

Um ano após a fuga, Clara faz curso de barwoman e começa a trabalhar na Angels, mas o que ela não imaginava era que ia sentir-se atraída por Fernando logo no primeiro olhar e o mesmo aconteceu com ele.

Entretanto, Fernando tem problemas familiares e uma vida fora da Angels, que o impede de viver o amor com Clara, causará muitas idas e vindas e fará com que ambos enfrentem muitos obstáculos em busca da felicidade.

Dedicado a João Paulo,
Larah
e a todas as Marias.



O amor pode doer, pode machucar, mas ele é muito melhor aproveitado quando cura, transforma e liberta.



Clube *Angels*

Prólogo

Clara

Lá estava eu, mais uma vez encolhida no canto do quarto, agarrada a minha filha Mayara de apenas cinco aninhos, que me encarava com olhar assustado. Do outro lado da porta trancada e escorada pela cômoda, o pai dela gritava, bêbado e violento, socava a porta com força como um louco.

A cada batida, a porta resistia firme, porém eu fechava meus olhos a cada estrondo, acreditando que não por muito tempo e o pavor me fazia apertar minha filha mais forte, tentando protegê-la do mal.

Os gritos dele em toda altura e ameaçando nos matar, ecoavam pelo quarto e eu rezava para que não conseguisse, ao mesmo tempo que com a voz trêmula eu tentava cantar uma música do desenho que minha filha gostava.

Graças aos céus, durou poucos minutos e os gritos com xingamentos foram cessando devagar. Agradei por daquela vez ele não conseguir quebrar a porta e minha costela ou me deixar com um olho roxo e lábio cortado.

Parei de sussurrar a canção e ouvi quando meu marido tirou o carro da garagem e saiu cantando pneu como um louco. Esperei por uns minutos e quando tive a certeza que ele havia partido, mais uma vez agradei a Deus por ele enfim ter desistido de nos matar... pelo menos não daquela vez.

— Mamãe, estamos salvas? — Olhinhos cheios de lágrimas e espantados me encaravam.

— Estamos sim e dessa vez vai ser para sempre. — Beije o topo de sua cabeça, ajudei-a levantar, peguei-a no colo e em seguida a coloquei sobre a cama.

Procurei o número de telefone que eu escondi como ouro e, depressa, liguei para minha melhor amiga da época de escola.

Voltei a ter contato com ela por pura sorte, há pouco mais de um ano quando a reencontrei por meio de uma rede social, desde então, conto para Laura todo sofrimento que o meu casamento virou.

Meu príncipe encantado transformou-se em um sapo horrendo e o conto de fadas para mim foi o inverso. Jeferson era um

verdadeiro príncipe no começo do nosso casamento, até que a bebida o transformou em um monstro que me traía, batia e fazia da minha vida um inferno.

O perdoei por diversas vezes quando voltava arrependido e me pedia perdão chorando. Eu não tinha para onde ir se não o perdoasse, nem a quem pedir ajuda, já que meus pais eram filhos únicos e morreram em um desastre de ônibus logo após meu casamento.

Era apenas eu e minha filha.

Dias após eu reencontrar minha amiga, sobrevivi a uma briga em que fiquei com o corpo repleto de hematomas e com as costelas quebradas. Cheia de vergonha me abri e imediatamente Laura tentou me convencer a morar com ela.

Seria em outro estado, uma cidade diferente e eu fugiria daquela vida de torturas físicas e psicológicas.

Os olhinhos assustados da minha filha observando tudo em volta, como se vivessem com medo, foram o empurrão que eu precisava para criar coragem e fugir dali para sempre.

Fui até o esconderijo secreto e peguei o pouco dinheiro das coisas que vendi e dos saques à carteira de Jeferson, quando ele me parecia um bêbado manso.

Guardei cada centavo que podia sem que ele sentisse falta, para quando o dia que eu criasse coragem de fugir ao menos teria uma economia. Enfim o dia havia chegado.

Não consegui muito dinheiro, mas seria o suficiente para um táxi, duas passagens de ônibus e um recomeço.

Peguei o telefone, liguei para Laura com pressa e tremendo de medo do Jeferson voltar. Dei graças por ela atender no primeiro toque.

— Amiga, não aguento mais. Aconteceu hoje de novo e...

— Clara, você está machucada? Quer que eu ligue para polícia? — me interrompeu assustada.

— Não, eu estou bem. Dessa vez foi só a tentativa, mas não aguento mais e preciso saber se ainda está de pé sua proposta de me salvar daqui? Posso mesmo morar com você? — falei entre soluços e tremores.

Ela suspirou parecendo aliviada.

— Já não era sem tempo. Toda vez que meu telefone toca com o código daí, penso ser um desconhecido me ligando para avisar que você morreu. — Um calafrio atravessou meu corpo e pensei nas muitas vezes que isso quase aconteceu.

— Vou hoje... agora.

— Tudo bem, apague todas as pistas que possam te ligar a mim e venha. Quando estiver chegando me liga que vou te buscar. Esse monstro não vai encontrar vocês, amiga. Chega de sofrer.

Fechei meus olhos e soltei um suspiro de alívio. As propostas dela não foram apenas palavras ao vento.

— Obrigada, Laura. Vou sair daqui antes que ele volte e quando eu estiver segura, te ligo de novo.

— Combinado. Amiga... Admiro sua coragem. Vai dar certo.
— Com a voz embargada agradei e desliguei a chamada.

O que eu tinha para levar coube em uma mala pequena acompanhada de uma mochila, nelas coloquei além de roupas, o notebook em que eu conversava com a Laura, algumas joias que ele me deu como pedido de desculpa, nos dias seguintes as surras, e meu celular.

Arrumei Mayara com a primeira roupa que vi e eu apenas vesti um moletom. Depois para acalmá-la tentei mostrar um sorriso de alegria.

— Vamos embora, filha.

— Ele nunca mais vai nos encontrar, mãe?

Doía-me toda vez que minha filha se referia ao pai como “ele”. Ficava evidente o quanto ela o desprezava com seus apenas cinco aninhos.

— Não, filha, nunca mais. Vamos viver feliz. — Lançou-me um sorriso autêntico e, com isso, percebi que estava fazendo a coisa certa.

Partimos para sempre, para um futuro incerto, em busca da felicidade que nunca tivemos e que, com certeza, iríamos encontrar.



Capítulo 1

Fernando

Via-me no casamento de um amigo, filho de um dos sócios da empresa da família e achava tudo aquilo uma baboseira sem fim.

Minha família carregava essa merda de tradição de casar japônês com japônês, para manter a linhagem e o bendito olho puxado que não ajudava em nada. Bom, na verdade ajudava sim, ajudava nos negócios da família, somente nisso e ai de quem ousasse infligir a regra.

Meu pai se casou com minha mãe, uma brasileira, e causou um enorme reboliço na família toda. Meu avô quis matá-lo e também matar minha mãe, entretanto, acabaram aceitando o casamento sob uma condição: que minha irmã mais nova e eu continuaríamos a tradição e manteríamos o sangue nipônico.

Assim, a empresa da família seria mantida na colônia japonesa, quando nos casássemos com os japoneses destinados a nós.

Uma bosta que eu aceitaria isso!

Nunca que eu me casaria com alguém que meus pais escolhessem para mim. Nada contra japonesas, até conheço umas bem gostosas que já peguei, mas estamos no século XXI e no Brasil, ninguém mais aqui aceita casamento arranjado.

Que se foda, sou livre para fazer minhas próprias escolhas.

O pobre do meu amigo nem parecia feliz, em um dia que teria de ser único na vida dele. Não sou do tipo romântico, mas pelo amor de Deus, ele nunca frequentou o templo budista em que estávamos, mal conhece a noiva e mesmo assim aceitou participar daquela palhaçada.

Ele havia acabado de me lançar um pequeno revirar de olhos e eu balancei a cabeça em negativa.

A noiva até que era bonitinha e a família devia ser muito rica, já que ela usava o segundo kimono^[1], mas nada justificava, nem todo dinheiro do mundo, ele aceitar passar por aquela humilhação de se casar por interesse.

Pensei que eu não era uma das aquisições do meu pai, nunca aceitaria aquilo.

O pior de tudo, era que meus pais já passaram pelo mesmo problema e foram contra o sistema e depois que se deram bem, ambos são a favor de tudo.

Sério, nada contra a colônia japonesa, até gostava de ter meu olho puxado, de ser um belo mestiço, mas tudo contra a tradição ridícula de manter o sangue nipônico na família e sem contar que beirava o preconceito.

Pra mim já deu!

Dei um abraço nos noivos e parti para Angels, porque já me sentia cheio de testemunhar aquilo. Me irritava em proporções que eu nem sabia descrever.

A Angels sim me acalmava. A casa noturna, da qual me tornei sócio juntamente com meus três amigos Gustavo, Rodrigo e João. Abrimos quando terminamos a faculdade de Direito, sem nunca exercer a profissão.

A melhor escolha que fiz na vida foi começar, junto com eles, a dar aquelas festas para o pessoal da faculdade e assim juntamos dinheiro para montar a melhor e mais bem frequentada balada da região.

Ouvi muita ladainha do meu pai e do meu avô, que obviamente não concordaram com minha escolha, já que gostariam que eu assumisse a presidência da empresa, mas eu tinha que fazer o que me fazia feliz e o que eu amava era a noite.

— Aonde você vai, Nando? — minha irmã Adriana me perguntou andando apressada ao meu lado.

— Para Angels.

— Mas o casamento nem acabou ainda. O pai e a mãe vão te matar.

Dei de ombros.

— Que me matem, mas sei que você, como minha irmã preferida, vai passar um pano e não vai deixar que eles me crucifiquem por abandonar o casamento.

— Irmã preferida? Sou sua única irmã. — Parou e cruzou os braços na frente do peito.

— Sim, só por isso é preferida. — Dei um beijo em sua testa e despedi-me: — Fui, irmã.

Com um sorriso divertido no rosto, virei-me e parti, ouvindo Adriana brigar comigo dizendo que não me defenderia. Eu sabia que o faria.

Clara

Um ano depois da fuga

— Rápido, filha, você vai se atrasar para escola.

— *Tô indo, mãe.* — Mayara correu ao meu encontro com a sua mochila das princesas nas costas e seguimos em direção ao nosso carro.

Carro... Bom, não era bem um carro perfeito, ele mais dava tristezas que alegrias para falar a verdade.

Meu Gol modelo quadrado, que comprei com o dinheiro da aliança que vendi junto com algumas outras joias e coisas de valor que peguei quando deixei minha casa, era mais uma lata velha do que um carro propriamente dito, mas me levava onde eu queria e era isso que valia. Bom... me levava quando não quebrava.

Todos os dias vivia uma rotina tranquila, desde que decidi morar com minha amiga Laura. Acordava cedo, levava May para escola e em seguida ia para o meu trabalho que ficava praticamente ao lado de onde minha filha estudava.

Trabalhava em um café, onde ganhava pouco, trabalhava muito e ainda aguentava uma colega de trabalho que fazia de tudo para me detonar com o chefe. Porém, desde que fugi da cidade onde eu morava, deixando para trás minha casa e um marido violento, tinha vivido feliz e não me arrependia nem por um minuto da escolha que fiz.

Podia passar por dificuldades financeiras que com Jeferson não me preocupava, mas preferia não ter dinheiro que não ter paz.

Com meu ex-marido eu não me preocupava com dinheiro, porque ele era herdeiro de uma fábrica de chocolate e sempre nos dava de tudo, menos amor. Já na casa da Laura, eu não tinha uma vida financeira abundante e todo mês sofria para fechar as contas, mas também não apanhava um dia sim e outro também.

Em mais um dia que cheguei para trabalhar, assim que abri a porta do Café, Shirley, a vaca da minha colega de trabalho, me avisou com um sorriso no rosto, que Roger, nosso chefe, me chamava no escritório. Logo pensei que se ela sorria, uma bomba grande estava por vir.

Dei duas batidinhas na porta e coloquei a cabeça para dentro, dizendo:

— Oi, Roger, bom dia, quer falar comigo?

— Sim, sente-se. É o seguinte, como sabe, estamos cortando gastos e há uns dias que estou de olho nos funcionários. Vou ser direto, Clara, sua obrigação todos os dias é limpar a máquina moedora de café e todos os dias eu chego pela manhã e ela está suja. Então por esse motivo você está demitida.

— O quê? Como assim? Eu limpo a máquina, muito bem limpa, todos os dias antes de ir embora — me defendi irritada.

— Mas quando eu chego ela está suja e isso só me faz crer que não foi limpa. Sinto muito, Clara.

— Roger, não posso ser demitida, tenho a Mayara pra cuidar.

— Como falei, sinto muito, mas você foi a única que me deu motivo para demissão e, como você sabe, ou te demito ou vamos acabar falindo.

Engoli em seco e pensei que aquilo só podia ser armação da Shirley, mas tudo bem, tinha minha dignidade e não ia me humilhar.

Pensei que algo melhor estava sendo preparado para mim.

Saí da sala do chefe e para testar minha paciência, dei de cara com uma Shirley sorridente, que simplesmente ignorei. Não valia a pena discutir, ela acabaria se ferrando por si só.

Saí do café com o papel para receber o que me era direito, respirei fundo e pensei: e agora o que vai ser de mim desempregada?

Laura conseguiu aquele emprego para mim assim que cheguei. Uma amiga dela saía do cargo e eu o peguei de imediato.

E agora? Como vai ser?

Respirei fundo e soltei o ar tentando me acalmar. Eu daria um jeito.

Voltei para casa e encontrei Laura terminando de se arrumar para ir a um curso de barwoman que começaria naquele dia.

Joguei-me no sofá, cansada e já com mil e um pensamentos de como eu me viraria a partir daquele ponto.

— Clarinha, por que você chegou cedo? — perguntou, assim que me viu.

— Fui demitida — respondi tampando o rosto com as mãos.

— Como assim? Você é uma funcionária excelente. — Dei de ombros e ela continuou: — Sei que já deve tá se desesperando, mas não se desespere, tudo vai dar certo.

— Olha, Laura, nunca vi alguém mais positiva que você. — Encarei-a e vi que me lançava um enorme sorriso.

— Claro, do que vai adiantar você ficar aí desesperada? Pensa o quanto a sua vida está melhor que há um ano e o quanto a May está feliz.

— Sim, mas preciso te ajudar com as despesas da casa e tudo mais. O pior de tudo, é que foi armação para eu ser demitida, embora eu não tenho certeza disso.

— Ah, não se apegue a isso, gente ruim se ferra sozinha. E quanto a me ajudar, enquanto você não arrumar um emprego fica com a arrumação da casa. *Afff...* detesto! — Ri do seu revirar de olhos para tarefas domésticas.

Laura não era casada, trabalhava na imobiliária do pai e era adepta da vida livre de responsabilidades e também de buscar a felicidade acima de tudo.

Lembrava-me que quando me casei, ela quis me matar, já que eu era muito nova e tanto eu, quanto ele, tínhamos apenas dezoito anos, foi assim que saímos da escola e logo engravidei.

Laura se mudou em seguida e minha vida se resumiu a ficar sozinha em casa cuidando da Mayara e cada vez mais dependente do Jeferson.

Naquele momento eu tinha vinte e quatro anos e não me arrependia de ter minha filha, mas via que se tivesse esperado para

ver quem o Jeferson realmente era, teria sido mais fácil.

Lembrar do pavor no rostinho da minha princesa todas as vezes que o traste do pai chegava bêbado, me assombrava. Ainda que tenha sido seus olhos amedrontados que me deram força para enfrentar meu medo.

— Não, espera — minha amiga disse se virando abruptamente. — Você está desempregada, certo? Sendo assim, não vai fazer nada hoje, certo? — Assenti e ela continuou: — Então você está livre, certo? — Assenti mais uma vez. — E assim você pode fazer o curso de barwoman comigo, certo? — Aplaudiu.

— Errado.

— *Ahhh...* Qual a desculpa agora, Clara?

— Dinheiro, esqueceu que fui demitida e não tenho dinheiro para pagar o curso? — Laura revirou os olhos.

— Eu pago.

— Nem pensar. Eu já moro de favor com...

— Nem começa a falar isso. Você sabe que não mora de favor coisa nenhuma e é um prazer ter você e a Mayara aqui. Eeeeeee... Eu pago a droga do seu curso se eu quiser. Bora, amiga, vai ser legal jogar umas garrafas *pra cima pra* desestressar.

Pensei... *e quer saber... Eu vou!*

— Tudo bem, eu vou — falei levantando em um pulo. —, mas você sabe que sou desastrada e vou quebrar todas as garrafas.

— Vai dar certo, desde que você não derrube nenhuma delas na minha cabeça, está tudo bem. — Aplaudiu e eu ri.

— Eu vou te pagar cada centavo.

— Combinado, senhora orgulhosa.



O curso durou uma semana, foi muito divertido e até percebi que levava jeito pra coisa. Acabou que eu mesma paguei com o dinheiro da rescisão, depois de muito brigar com Laura que não queria receber, mas não achei justo ela pagar.

Fazia um mês que me via desempregada, entreguei currículos em muitos lugares e até fiz algumas entrevistas, mas emprego estava difícil e não tive sucesso.

Então, perdendo um pouco a esperança, me via deitada na cama, agarrada com minha filha e pensando seriamente em colocar em prática a profissão de barwoman.

Sentia-me relutante em tentar aquela área, porque os horários dos serviços seriam sempre à noite e não queria deixar a Mayara.

Dona Regina, a mãe da Laura, se ofereceu para cuidar da minha filha, mas mesmo sabendo que ela tratava May como neta, minha princesinha sentiria minha falta. Só que por outro lado eu não podia escolher, porque as contas não esperavam.

— Você está triste, mãe? — Mayara me tirou dos pensamentos.

— Não, meu amor, só estou pensando na vida.

— Espera aí, mãe. — Mayara levantou rápido, foi até o outro lado do quarto onde ficava sua cama e pegou seu cofrinho. — Mãe, eu sei que você está triste, porque não tem mais trabalho. Pode ficar com o meu dinheiro, só não vamos voltar para... ele, por favor, mamãe? — Me ofereceu o cofrinho e eu comecei a chorar, depois a abracei apertado.

— Não, filha, nunca mais vamos voltar. — A soltei, enxuguei as lágrimas e forcei um sorriso. — Está tudo certo, gatinha, guarda o seu dinheirinho para comprar seu presente de Natal. Um presente bem lindo. Eu só estou um pouco... cansada, mas tudo vai ficar bem.

Enxuguei as lágrimas e dei um beijo na minha filha, pensando como eu resolveria aquela questão “sem dinheiro para nada”. No mesmo momento Laura entrou esbaforida no quarto e segurava o notebook.

— Amiga, olha isso. — Virou o notebook em minha direção.

Na tela, um e-mail com banner chamativo anunciava:

“Precisa-se de barmans”

Cheguei mais perto e li com atenção o texto que era um chamamento para trabalhar em uma das casas noturnas mais famosas da cidade.

— O que tem isso, Laura? Aí pede barmans e é obvio que a Angels vai dar prioridade para pessoas com experiência.

— Mas não custa nada tentar. Nós treinamos muito durante esses dias. Somos boas nisso. — Laura estava eufórica.

— Tenta, mamãe, você é boa em jogar garrafas. — May sorriu para mim.

Pensei na minha filha me entregando suas moedinhas e suspirei.

— Ok, não custa tentar. — Laura e Mayara aplaudiram. — Mas se não der certo não quero que vocês fiquem desanimadas. Principalmente você, Laura. — Apontei para minha amiga que sorria feito uma criança.

— Tudo bem, o teste é amanhã à noite. Precisamos de uma performance.

— Performance?

— Sim, performance. Aqui no anúncio pede que os candidatos apresentem algo diferente.

— Ah, amiga, então lascou, até amanhã não vamos conseguir montar nada. — Fiquei meio triste, pois até que estava começando a gostar da ideia.

— Já pensei em tudo, escuta. — Apertou o play de um vídeo no notebook e Rihanna, *If it's lovin' that you want* começou a tocar. Explodi em risada.

— Nunca. Nem pensar! Não vou fazer essa coreografia nunca mais.

— Amigaaa, arrasamos na escola, no último ano quando dançamos essa música, os meninos ficaram doidos com sua bunda enorme remexendo *pra* lá e *pra* cá. — Tampei os olhos com as mãos e comecei a rir freneticamente.

A lembrança de nós duas dançando no festival de talentos da escola tomou conta de mim e me lembrava até aquele momento o quanto fizemos sucesso com os meninos.

Laura e eu tínhamos mais ou menos a mesma altura, mas eu era loira de cabelos encaracolados no meio das costas e olhos verdes, enquanto ela era morena de cabelos também encaracolados, só que castanho e olhos castanhos.

Laura me puxou pelas mãos para me levantar da cama e começou a fazer a coreografia. Eu a observava rindo e em seguida olhei para Mayara que estava com um sorriso enorme no rosto.

— Vai, mamãe, dança também — minha filha me encorajou.

Balancei a cabeça em negativa, mas depois, rindo, comecei a fazer os passos.

Era incrível que mesmo depois de anos ainda lembrávamos perfeitamente cada um deles. A dança era muito sensual e mexíamos o corpo todo.

Quando acabou Mayara aplaudiu e Laura falou empolgada:

— Bom, amiga, agora é só colocarmos umas garrafas voando, uns drinks no meio da coreografia e está tudo certo.

— Simples assim?

— Sim. Simples assim! Desencana, Clara, a vida é fácil, deixa a vida te levar que vai dar tudo certo.

Ri.

— *Tá*, vamos dizer que eu... tope essa loucura. Laura, temos só até amanhã — Peguei o notebook da mesa para ver o

horário da entrevista. — Às onze horas, pouco tempo para nos prepararmos.

— Vai, dar certo. Vaaa... Diz que topa?

— Vai, mamãe, vai dar certo. — Olhei para o sorriso no rosto da minha filha e com ela pedindo daquela forma, pensei que tudo ia dar certo.

— Tudo bem. Faça a nossa inscrição.

Ambas comemoraram.

— Deus, vou rezar até amanhã. Não posso deixar nenhuma garrafa cair na cabeça do velho, dono da casa noturna.

— Velho? — Laura perguntou com uma sobrancelha arqueada.

— Sim, velho. Esses empresários ricos, donos de casas noturnas, são sempre aqueles velhos barrigudos de bigode e cabeça grisalha ou careca. Só espero que ele não seja um tarado ou vou ser obrigada a dar uma boa resposta se me assediar.

— Eles. — Me corrigiu sorrindo.

— *Afff...* Sério que é mais de um velho que terei que encarar?

— Sim, os Angels são quatro.

— Ah, e você os conhece? — falei cruzando os braços.

— Sim, todos que frequentam baladas, conhecem os Angels — respondeu como se fossem algo bom. — Mas eles não me conhecem, o que é uma pena ou já teríamos conquistado o

emprego. Mudando de assunto, vamos ensaiar ou não teremos nem chance amanhã. — Ela riu.

— Olha, ainda não sei se realmente quero isso, mas não estou em condições de escolher muita coisa, então se é para entrar, bora entrar pra ganhar.

Laura e Mayara aplaudiram como se eu tivesse dito a coisa mais empolgante do mundo e ver minha filha feliz, me enchia de força de onde não tinha e criava ânimo para enfrentar qualquer coisa que estivesse por vir.

Clube
Angels

Capítulo 2

Fernando

O dia seguia corrido, tinha sido aniversário surpresa da Livia, namorada do meu sócio, e eu tinha acabado de saber que a noite íamos comemorar o aniversário dela também na Angels.

Quando conheci a Livia e a vi pela primeira vez, sabia que meu amigo e sócio, o Gustavo, estava ferrado. Ela era prima dele, linda, e os dois iriam dividir o apartamento por anos enquanto ela fazia faculdade. Pensei que só podia dar merda.

O cara estava caidinho pela prima e eu não podia culpá-lo, no lugar dele também estaria, mas ambos viviam um impasse sobre contar ou não para família, que os viam quase como irmãos.

Família... é bom, mas tem horas... Amo a minha, mas tem horas...



Cheguei cedo à Angels, comecei a organizar a sala onde sempre fazíamos reuniões e lá íamos fazer o teste com novos barmans.

A Angels crescia a cada dia e éramos famosos pelo atendimento rápido e ali ninguém esperava por bebida.

Rodrigo chegou cedo também e encontrava-se no térreo da Angels conversando com os seguranças, enquanto João conversa com os barmans no bar.

Do nosso escritório na parte de cima, eu conseguia ver João bebendo, o que não era uma boa ideia, considerando o quanto ele também encontrava-se afim da Livia e o quanto Gustavo o encarava com olhar assassino.

Perigava meus amigos brigarem e talvez isso afetasse nossa sociedade.

Liguei no celular do João e pedi que ele subisse, que logo os candidatos chegariam, em seguida Rodrigo e Gu também apareceram e como já havíamos feito isso antes, não estávamos preocupados com a seleção, a única coisa nova, era que duas moças haviam se inscrito.

— Olha, não é querendo ser machista nem nada, é mais medo da Livia, mesmo, mas acho que colocar meninas no bar nos trariam problemas. — Gu falou franzindo a testa.

— Eu acho legal. Fazer a conferência de estoque com uma garota, vai ser muito mais divertido. — Rodrigo falou e levou um peteleco na cabeça, dado pelo João que o repreendeu:

— Melhor não mesmo ou teremos que responder por diversos processos por assédio sexual.

— É brincadeira, vocês sabem que levo o trabalho a sério — Rodrigo se defendeu.

— Bom, vamos dar uma chance para fazerem a performance que prepararam, talvez sejam um desastre e estamos pensando demais sem necessidade.

— Tem razão, Nando — Gu sentou-se ao meu lado.

Montamos um mini bar improvisado, com as bebidas que os candidatos descreveram no e-mail resposta, enviado para se candidatarem a vaga.

Colocamos quatro banquetas altas, onde ficaríamos sentados como se fôssemos clientes e eles do outro lado do balcão fariam a performance para nós.

Um a um começaram a chegar e sentavam-se mais adiante, em um sofá de couro pousado no canto.

Já estava quase no limite do horário que marcamos, quando duas moças entraram na sala e roubaram para si toda atenção. Eram muito bonitas, vestiam-se de preto e seus cabelos encontravam-se amarrados em um rabo de cavalo alto.

Exibiam mais ou menos a mesma altura, a morena era um pouco mais alta, mas bem pouco e mais magra.

Quando se aproximou, percebi que a loira era estonteante e mesmo de roupa preta, suas curvas eram bem abraçadas pela roupa justa.

Não consegui desviar o olhar da bunda da loira quando passou por mim e sentou-se em um sofá no canto. Seu perfume doce atingiu meu nariz e me enfeitiçou.

Provavelmente não sabia quem eu era, porque não me deu a mínima.

Seu rosto transmitia insegurança, enquanto a morena parecia muito confiante. Vi que a loira sussurrou algo para morena, que riu em resposta.

— Para de babar, cara. — Rodrigo falou, passando a mão no meu queixo e afastei a mão dele em um tapa de leve.

— Para de ser ridículo.

— Não tô te julgando não. As duas são gatas

— São gatas, mas precisam provar que são boas ou não levam o cargo — falei.

— Boas... Elas são, com certeza. Que a Lili não me ouça ou ela me mata — Gu se virou para João quando disse isso e continuou: — E se você contar pra ela, quem vai morrer será. — João só sorriu em resposta, mas para mim Gu falava sério, era melhor João tomar cuidado.

Observei a loira mais um pouco e realmente ela era de babar, não parecia em nada como as mulheres que eu costumava sair, que pareciam modelos de capa de revista, a loira era linda ao jeito dela. Com quadris largos, coxas grossas e um baita mulherão.

— Vamos começar? — Perguntei aos caras, na intenção de parar de pensar besteira e todos concordaram.

Eu gostava de admirar a beleza feminina, mas não no trabalho e aquela loira tinha conseguido minha atenção. Levantei-me, fiquei de frente para os candidatos e comecei a falar:

— Bom, pessoal, vamos começar. Acho que todos já chegaram. Para quem não me conhece eu sou o Fernando e sou dono da Angels junto com meus amigos, João, Gustavo e Rodrigo. — Apontei para os caras que estavam atrás de mim. —

Como vocês já sabem, pedimos uma performance e espero que tenham preparado algo legal, que possa ser um possível atrativo para nossos clientes. — Vi que enquanto eu falava, a loira me olhava com a testa franzida como se não entendesse. — Os avaliadores seremos nós mesmos, os Angels. — Apontei mais uma vez para meus sócios, que encontravam-se encostados ao balcão do bar improvisado. Carregavam os braços cruzados na frente do peito e quando os citei, sorriram em resposta.

Vi que a loira ficou boquiaberta, parecendo abismada, enquanto a amiga sorria largamente da cara de surpresa que ela exibia. As duas deviam ter alguma piada interna.

— Vamos começar a fazer a avaliação por ordem de chegada.

Virei-me peguei a ficha do primeiro candidato e passei uma para cada Angel. Chamei-o e antes de começar, fizemos uma pequena entrevista com ele, mas não conseguia deixar de me sentir tentado a olhar para loira que encontrava-se no canto da sala.

Por que será que ela parecia tão chocada?

Porra, o primeiro candidato mal havia começado e de cara derrubou uma garrafa. Assim não ia prestar. Não precisamos de malabarismos, mas de funcionários com habilidade e que fizesse seu trabalho com agilidade.

Peguei-me pensando como seria a apresentação das garotas. Eu não era um machista, mas desconfiava que ambas não conseguiriam surpreender. Além de que, no e-mail elas disseram não terem experiência na profissão. Já imaginava a porcaria.

Clara

Acordei nervosa, almocei nervosa, na verdade, nem almocei, passei o dia nervosa enquanto eu e Laura repetíamos mil vezes a coreografia, jogávamos garrafas e fazíamos drinks imaginários com água e corante para treinar e garantir que a noite não errássemos.

Íamos dançar, jogar garrafas e fazer drinks tudo de uma só vez. Só sendo mulher para conseguir. E, para ser sincera, se conseguíssemos fazer como no ensaio, o cargo era nosso, porque modéstia à parte, tinha ficado muito bom.

Isso se o nervoso e o medo de encarar os donos da Angels não me derrubassem antes de sequer ouvir os primeiros acordes da música.

Chegou o momento e me via sentada em uma sala de reuniões, aguardando os donos chegarem para nos avaliar. Meu corpo formigava de ansiedade.

Desde que Laura e eu chegamos, alguns rapazes no canto oposto da sala não paravam de nos observar e apesar de eu não estar com cabeça pra isso, não deixei de notar que eram incrivelmente lindos.

Quatro exemplares de homens, um diferente do outro e para todos os gostos. Um loiro, um negro, um moreno e um mestiço, altos com corpos definidos e sorrisos encantadores.

Pensei que ser lindo e atraente fosse um quesito essencial para trabalhar ali ou, talvez, os donos fossem gays e exigissem que

seus funcionários fossem bonitões para apreciarem.

Percebi que eram amigos e provavelmente falavam de nós, o que me deixou mais nervosa do que eu já estava.

O mestiço era muito gato, me encarava de maneira curiosa e eu começava a ficar envergonhada. Fazia muito tempo que não flertava com ninguém e nem encontrava-me com cabeça para isso.

— Amiga, cadê esses donos que não chegam? — Enxuguei minhas mãos na calça preta e social que usava, compondo o look todo preto que Laura insistiu que deveríamos usar.

— Calma, amiga. Já, já eles começam.

— Devem estar com dificuldade para subir as escadas com suas barrigas enormes, a idade avançada e os bolsos cheios de dinheiro que tiram dos jovens que vamos embebedar, se conseguirmos o cargo.

Olhei para Laura e ela segurava o riso.

— O que foi? — perguntei séria.

— Nada não.

Alguns minutos se passaram e mais ninguém chegou. Então o mestiço se levantou e até achei ia falar comigo pelo modo com que me olhou. Virei o rosto para o lado oposto e quebrei o contato visual, mas em seguida o encarei de novo quando começou falar:

— Bom, vamos começar. Para quem não me conhece, me chamo Fernando e sou dono da Angels, junto com meus amigos João, Gustavo e Rodrigo... — *O quê? Dono?*

E eu esperando um velho, barrigudo e careca.

Olhei para Laura e, claro, minha amiga ria de mim. *Vaca! Ela já sabia!*

E eu ali achando que os quatro eram mais alguns candidatos ao cargo. Bom, se eu já me sentia nervosa antes... sentia-me ainda mais.

Te acalma, Clara.

Forcei-me a pensar que era um homem, como outro qualquer, e não mudava em nada ele não ser um velho careca e barrigudo, a não ser pelo fato que ele exibia um corpo lindo, um rosto lindo, um sorriso lindo... era inteiro lindo... *Droga!*

Comecei a suar frio, as apresentações começaram e conforme se estendiam e alguns candidatos à vaga derrubavam copos, bebidas e garrafas, eu ficava mais nervosa.

Não sabia se ficar por último era bom ou ruim, porque tiveram dois que fizeram apresentações com fogo que foi perfeita e a nossa dança ficaria no chinelo.

Foi então que fomos chamadas e nossa vez chegou. Um dos Angels, o loiro e gato, nos chamou, pelo que me lembrava, se chamava Gustavo.

Ainda sentia-me em choque com a beleza dos quatro e nunca havia visto tanto homem bonito junto, isso me confundia.

— Clara e Laura só podem ser vocês, *né?* — Assentimos ao moreno, que se chamava Rodrigo e andamos em direção ao bar improvisado.

Ficamos de frente para os quatro e era difícil me concentrar no que tinha que fazer com tanta beleza nos encarando de frente.

— Então, em que trabalhavam anteriormente?

— Eu trabalho... Trabalhava, na imobiliária do meu pai e Clara em um Café.

— Vocês têm experiência em trabalhar com o público, certo?
— perguntou o negro lindo, o João.

— Muita e sempre sorridente, mesmo com os clientes malas
— Laura respondeu divertida.

— Gostei da sinceridade — falou Rodrigo apontando a caneta para ela.

— E você, Clara? Tem experiência com o público também?
— Fernando me perguntou.

— Muita, antes de trabalhar no Café trabalhei em um bar super movimentado na minha antiga cidade — menti e vi Laura me olhando com um sorriso torto, Fernando assentiu.

— Ok. Então vamos começar? — Gustavo, perguntou.

— Bora! — O quatro riram da resposta alegre da minha amiga e eu também.

Ela agia como se tivesse feito isso a vida toda. Ainda que ao menos uma de nós conseguia ficar relaxada.

Viramo-nos de costas para eles para começar nossa apresentação e me senti completamente exposta com a calça apertada que eu usava e marcava meu quadril largo, além de todas minhas gordurinhas.

Depois que fugi de todo sofrimento com Jeferson e de comer tanta rosquinha no Café, dei uma boa engordada e aquela roupa justa marcava todos os quilos a mais. No entanto, depois da rápida entrevista senti que os Angels eram muito profissionais e não fizeram nenhuma gracinha conosco.

Posicionadas esperando a música começar, Laura encontrava-se do meu lado direito e segurava uma garrafa na mão direita, já eu, uma coqueteleira na mão esquerda.

Respirei fundo, soltei o ar e em seguida depois fechei meus olhos e fiz uma oração para que desse tudo certo.

Não sabia o motivo, mas algo, que não era minha condição financeira, me dizia que eu tinha que fazer tudo certo e precisava daquele emprego.

Em minha mente enxerguei os olhinhos felizes da minha Mayara, os sorrisos dela, os aplausos que deu todas as vezes que fizemos aquela performance e acertamos todos os passos. A lembrança me encheu de autoconfiança.

Abri meus olhos, olhei para o lado para encarar minha amiga e ela me lançou uma piscada de incentivo, depois sorriu quando os primeiros acordes da música começaram a encher o ambiente.

I want to let you know

That you don't have to go

Don't wonder no more

What I think about you...

A batida mais forte entrou na música e com ela, Laura me jogou a garrafa que passou por cima da sua cabeça e eu a peguei com minha mão direita, virando a vodka na coqueteleira com gelo. Deslizei o copo pelo balcão para Laura e de uma vez só, com uma garrafa em cada mão, virou suco de laranja e licor de pêssego na coqueteleira.

Quando atingiu a quantidade de bebida que precisava, minha amiga jogou as duas garrafas para cima, as pegando novamente e pousando ambas sobre o balcão.

Começamos a fazer os passos de dança da época da escola, em que fazíamos ondinhas com o corpo sensualmente e sorríamos uma para outra.

Trocamos de lado, dançando em um passo de cada vez e batemos as mãos quando passamos lado a lado.

Peguei a coqueteleira, tampei e comecei a agitá-la, sem parar de dançar. Joguei-a para Laura que pegou com firmeza e fez os mesmos movimentos de chacoalhar.

Sorrindo, nos viramos para frente e ficamos novamente de frente para os quatro, tentei não fazer contato visual com nenhum deles, para que minha coragem não fosse embora.

Voltamos a dançar antes de finalizar a bebida e fazíamos passos iguais, em que passávamos a mão pelo corpo, ao mesmo tempo que o refrão da música traduzido dizia:

*“Se é amor que você quer
Então você devia me fazer sua garota, sua garota
Se é amor que você precisa
Então, baby, venha e compartilhe meu mundo, meu mundo”*

A música havia passado da metade, peguei uma taça que mais parecia com meu corpo, com a base mais cheia, o meio mais fino e abria na parte da boca, adicionei suco de Cranberry e me afastei dançando para que Laura colocasse a bebida que fizemos na coqueteleira.

Laura se afastou quando terminou de despejar a bebida e eu me aproximei colocando uma fatia de laranja na boca do copo, um guarda chuvinha que decorou e, por fim, um canudo em espiral que deu um charme.

Continuamos dançando, fazendo passos coreografados, até que a música entrou na estrofe final, viramos de costas e jogamos os braços para cima, rebolando e nos exibindo.

Senti-me quente e sabia que estava vermelha, era muita exposição e sempre fui um pouco tímida. Tornei-me ainda mais depois de ser podada por Jeferson.

Os últimos acordes soaram, nos viramos, oferecemos a bebida a eles e falamos juntas:

— *Sexy and beach.*

Só então me permiti levantar os olhos e encarar cada um deles que pareciam embasbacados.

Rodrigo começou a aplaudir com um sorriso animado no rosto, mas nem o olhei, meus olhos foram capturados por Fernando e eu não consegui decifrar o que o olhar dele dizia.

Clube Angels

Capítulo 3

Fernando

Isso só pode ser uma miragem, que mulheres são essas?

Elas faziam uma apresentação perfeita e se eu fosse cliente, compraria o bar todo só para vê-las dançando mais. João, que estava ao meu lado, me cutucou e disse baixo sob a música:

— Fecha a boca.

— Vai se ferrar — respondi sorrindo.

A música continuou e percebi que o tempo todo em que dançavam, Clara não me olhava e parecia com vergonha, ao mesmo

tempo dona de si, enquanto a amiga exalava autoconfiança e sorria se divertindo.

O ar inocente da loira me deixava intrigado, pois ao mesmo tempo que a amiga dançava toda sensualizando, Clara dançava contida, de modo que não deixava de ser sensual e até exalava mistério.

O melhor era que as duas além de lindas, eram muito eficientes como barwomans.

A música acabou e ambas disseram em uníssono:

— *Sexy and beach.*

Enfim Clara nos encarou com um sorriso tímido nos lábios, Rodrigo aplaudiu e eu me sentia anestesiado e encantado.

— Sexo na praia? É um convite? — Rodrigo falou, sorrindo com a sobrancelha arqueada.

— Só se for um contrato *pra* fazer o drink na praia, futuro chefe — Laura respondeu cruzando os braços.

— Exatamente disso que estou falando. — Rodrigo riu.

— Bom, meninas, agora vamos nos reunir e assim que tivermos um acordo entre nós quatro ligamos. — Gustavo falou, ambas assentiram, agradeceram e foram embora.

Antes de passar pela porta, Clara lançou-me um último olhar que fez meu corpo estremecer.

— Por mim, estão contratadas — falei erguendo as mãos em rendição.

— Por mim também — Rodrigo falou, também levantando as mãos rendido.

— Precisamos pensar nos demais candidatos, pessoal — Gu ponderou.

— Olha, de todos que passaram por aqui, nenhuma apresentação fez com que eu ficasse doido para beber quanto a das meninas — João constatou, analisando a folha com os nomes dos candidatos.

— Verdade, se elas quisessem me vender água na balada, depois daquela apresentação, eu compraria — falei.

— Tudo bem, então contrataremos as garotas? — Rodrigo perguntou com a prancheta na mão, como se analisasse os outros candidatos.

— Por mim sim — falei.

— Sim — João concordou.

— *Puts* a Lili vai arrancar meu fígado, mas tenho que concordar, elas são realmente boas e se pensarmos em performances como esta que apresentaram, para fazermos nas sextas e sábados que são os dias que a casa bomba, vai ser um diferencial e tanto. Então meu voto é sim.

Todos aplaudimos.

— Fechou então. Deixem-nas comigo, que fico responsável, pelo treinamento e no auxílio com as apresentações.

Fui encarado com curiosidade por meus amigos.

— Não vai se meter com as funcionárias, *hein*, Fernando, assédio é crime.

— Cala a boca, Rodrigo! Elas não fazem meu tipo, meu interesse é totalmente profissional e pensando no melhor para Angels.

— Sei... — Rodrigo riu e foi acompanhado pelos outros.

Pensei que ia ser interessante. Já sentia-me ansioso para ver os clientes eufóricos com as apresentações das duas.

Isso vai ser divertido!

Clara

Saí da sala dos Angels com as pernas tremendo e a mão suando frio.

— Amiga, você tá bem? Você está branca.

— Estou bem, só preciso tomar um ar.

A apresentação tinha sido intensa e quando saímos da casa noturna, a brisa da noite cortou meu rosto e só então senti que respirei de verdade.

Puxei uma lufada de ar e enchi meus pulmões, depois o soltei lentamente e de olhos fechados.

Acreditava nunca ter passado por algo tão apavorante e maravilhoso quanto aquela apresentação.

Comecei a gargalhar sem parar, ri e ri mais, fui acompanhada por Laura que riu comigo e logo estávamos as duas rindo como loucas até os olhos lacrimejarem.

Novamente respirei fundo e tentei falar enquanto enxugava o canto dos olhos.

— Laura, eu te amo!

— Ai, amiga, porque essa declaração de amor depois dessa crise de riso? — perguntou também enxugando os olhos.

— Te amo, porque, olha minha vida agora: tô aqui nervosa, após dar um show de barwoman para quatro homens lindos, que ficaram olhando para minha bunda gorda. E se fosse há um ano, se não fosse por você, eu estaria nervosa esperando o meu marido

chegar bêbado porque sabia que ia apanhar. Muito obrigada, amiga, nunca vou me cansar de te agradecer por isso. — Comecei a chorar e minha amiga também exibia os olhos cheios de lágrimas.

— Não me agradeça, eu que ganhei ao trazer você e a May para minha casa. — Ela me abraçou.

Nosso abraço foi interrompido quando o toque do seu celular começou a soar alto.

— Alô. Arran, *ok*. Tá, até amanhã. — Laura concordava e seu rosto parecia não acreditar no que ouvia e comecei a ficar tensa.

— O que foi? — perguntei quando terminou a chamada e ela me encarou como se não acreditasse. — Me fala, estou ficando preocupada.

— Estamos empregadas. Somos as novas contratadas da Angels! *Urruuhhh...* — gritou, me abraçou e começamos a dar pulinhos, rodando abraçadas.

Parecíamos duas loucas e as pessoas que aguardavam na fila para entrar na casa noturna, nos observavam sorrindo.

— Não acredito que conseguimos! — exclamei, quando nos separamos.

— Eu sempre soube que iríamos conseguir. Quando você mexe essa raba, consegue tudo. — Ela bateu o quadril dela no meu e a empurrei com o ombro.

Sorrindo felizes andamos de volta para casa e cantando a música da apresentação. Rihanna perdia feio para nós.

Quando passamos na casa da mãe da Laura para pegar May já era quase meia-noite e mesmo assim fiz questão de pegá-la para contar a novidade.

Já estava dormindo, mas quando nos ouviu chegar, abriu os olhinhos e a primeira coisa que perguntou foi:

— Como vocês se saíram?

— Nós conseguimos, filha.

Ela aplaudiu feliz e de repente tudo valeu mais a pena, só por conseguir ver aquele sorriso lindo no rosto da minha filha.



Acordamos no dia seguinte e tanto eu, quanto Laura, decidimos que vestiríamos a mesma roupa do dia anterior. Pelo menos a cor preta dava a impressão de ser mais magra e não evidenciava meus quilos a mais.

Não queria tentar a vaga, mas após termos conseguido, eu me sentia muito feliz e carregava a esperança de que tudo ia se acertar.

Eu conseguiria um rendimento para ajudar Laura nos gastos da casa, poderia levar Mayara à escola, dormir enquanto ela estudava e depois ficar a tarde toda com minha filha até a hora de sair para trabalhar.

Conversei com dona Regina, mãe da Laura, e ela concordou em ficar as noites com a May. Confiava nela de olhos fechados.

O dia passou voando e quando vi, Laura e eu já estávamos entrando na Angels novamente e como na noite anterior, senti um arrepio no corpo todo quando adentrei.

Era um arrepio diferente, que me dizia que alguma coisa na minha vida mudaria, arrepio de algo novo prestes a acontecer. Senti um frio na barriga.

O lugar estava vazio e a casa noturna ainda não funcionava.

Conversamos com o segurança simpático que nos instruiu a subirmos até a primeira sala do corredor, onde Fernando nos esperava. Quando chegamos em frente a porta, batemos e lá dentro alguém gritou:

— Entra.

Assim que entrei a primeira coisa que me chamou atenção foi a manga da camisa polo que estava agarrada ao braço forte de Fernando. Sabia que podia ser uma falta de respeito e que não deveria prestar atenção nisso, mas era mais forte que eu.

Ele tirou os olhos da tela do computador para nos olhar e sorriu.

— Sentem-se. — Sabia que ele me observava, mas sabe-se lá o motivo que me fazia sentir-me estranha perto dele que não conseguia encará-lo.

Talvez por causa da relação patrão/empregado. Pensava ser diferente do que já vivi, ele devia ter a mesma idade que eu, era muito novo para ser meu patrão.

— Como já sabem, vocês estão contratadas. E conversando com os outros Angels, pensamos que vocês poderiam fazer performances como a da entrevista, toda sexta e sábado e serão como uma atração especial da casa.

— E os outros dias? — perguntei.

— Na segunda a casa não abre, então vocês estarão de folga e os demais dias vocês irão servir o bar como os outros barmans. Haverá um pagamento diferenciado para os dias de apresentação e após cada apresentação vocês voltarão a atender no bar. *Ok?*

— *Ok.* — Laura e eu respondemos juntas.

— Preciso que vocês também trabalhem com notas fiscais e conferência de estoque nos momentos que a casa estiver mais sossegada. Tudo bem?

— Sim — respondemos mais uma vez juntas e ele nos olhou sorrindo.

Exibia um sorriso bonito, com dentes alinhados e uma pequena covinha se formava nas suas bochechas todas as vezes que sorria.

— Alguma pergunta?

— Por que aqui se chama Angels? — perguntei antes que eu pudesse pensar.

Laura soltou uma risada abafada que mais pareceu um grunhido e Fernando me olhou como se segurasse o riso quando respondeu:

— Melhor você continuar inocente. — Sorriu e balançou discretamente a cabeça em negativo.

Senti minhas bochechas quentes e vermelhas e pensei: *Por que não consigo ficar de boca fechada e faço perguntas sem pensar?*

Tinha certeza que pela cara da Laura, ela sabia o significado e teria que me contar.

Ele nos entregou papéis para assinarmos e enquanto eu lia, vi que nos observava encostado à cadeira de encosto alto e se posicionava com os braços cruzados na frente do peito.

Tentei me concentrar no que lia, mas sinceramente, assinei sem nem saber do que se tratava, se Laura concordou e assinou, eu também concordo e assino.

Após tudo acordado ele nos levou ao estoque, ao bar, nos apresentou o local onde ficaríamos e disse que começaríamos no dia seguinte, que era sexta-feira, e já faríamos nossa primeira apresentação, a mesma da entrevista.

Fiquei meio em pânico e minha amiga sussurrou um “respira” no meu ouvido.

Quando terminamos, Fernando nos levou até a saída e quando chegamos à porta, ele a abriu para nós e disse com aquele sorriso bonito:

— Sejam muito bem-vindas a Angels.

— Obrigada — Laura agradeceu e ela apertou a mão que Fernando estendia.

— Seja muito bem-vinda a Angels, Clara — disse e também me estendeu a mão.

— Obrigada — respondi sem jeito e a apertei.

Macia e na temperatura certa.

Soltei-me do cumprimento e segui porta afora, no entanto, antes de irmos de vez, ele nos chamou:

— Meninas, só por curiosidade, percebi ontem que vocês tinham alguma piada entre vocês... sobre nós. Até percebi que Clara pareceu um pouco admirada quando nos apresentei. Por quê?

Fiquei sem ar, por ter que explicar que pensei que ele e os amigos fossem velhos, carecas e barrigudos, mas se Fernando não podia me contar o significado de Angels, eu também não contaria.

— Melhor você continuar inocente. — Sorri, respondendo exatamente o que ele tinha me dito e Laura soltou um riso divertido.

— Justo.

Seguimos e não olhei para trás para ver se ele ainda nos olhava, mas quando encontrava-me a uma distância segura, agarrei a mão da minha amiga e dei um chique.

— Como assim vamos nos apresentar amanhã, Laura? Para várias pessoas? Isso é loucura!

— Acalme-se vai dar tudo certo. E vê se não surta ou os nossos chefes velhos e barrigudos vão nos mandar embora. — Gargalhou.

— Não tem graça, palhaça. E como eu ia adivinhar que eles eram tão lindos? E, meu Deus... dançar Rihanna para uma casa

cheia vai me fazer enfartar.

— Não vai, não. Você é forte e corajosa. Já provou isso para vida e não vai ser uma dancinha em que você vai balançar essa sua bundona redonda e sexy *pra* cacete, que vai te fazer enfartar.

Dei um tapa de leve nela.

— Mudando de assunto, me conta. Por que Angels?

— Eu não. O chefe disse que era melhor você continuar inocente, quem sou eu para dizer o contrário?

— Para de graça e me conta. Fiquei curiosa.

— Nada demais, mas um dia ele te conta. Falando nele... Ele é tão lindo, *né*?

— Nem reparei. — Dei de ombros.

— Ah, para de ser ridícula. Como não reparou? Você ficou mais vermelha que um tomate por diversas vezes hoje.

— É que eu sou tímida, você sabe disso.

— Sei... — Me encarou com a sobrancelha arqueada.

Não consegui dormi direito e no dia seguinte vi que nas redes sociais da Angels já haviam divulgado que haveria uma surpresa no bar aquela noite e com isso senti meu estômago revirar.

Levei May para escola, arrumei a casa, fiz as unhas, arrumei meus cabelos e coloquei a roupa toda preta que decidimos que seria o uniforme.

Na hora de sair, deixei Mayara na casa de dona Regina e assim que me despedi, minha filha me segurou pela mão e disse:

— Boa sorte no primeiro dia de trabalho, mamãe.

A beije e aquilo, aquele carinho, aquela vozinha linda, era o que eu precisava para me dar força para enfrentar meus medos.



Capítulo 4

Fernando

Ah, Clara... Então você não é tão bobinha quanto eu pensava e tem a resposta na ponta da língua. Agora que eu precisava mesmo saber o porquê da cara de espanto na entrevista.

As duas saíram porta afora e me deixaram sorrindo. Pensei que seriam um grande presente para Angels e dariam um *up grade* ao bar.

Ia ser uma renovação tê-las ali, já que nem um bar ou casa noturna da região tinham barwomans ou performances como as que elas faziam.

Trabalhei quinta durante toda a noite e cheguei em casa pela manhã, cansado e irritado por ter que trabalhar a mais, já que João fez merda quarta no aniversário da Livia a beijando a força e fez com que Gu e ela terminassem, com isso, ambos não foram trabalhar, deixando a mim e ao Rodrigo sobrecarregados.

Mas pensei ser melhor Gu e João não se encontrarem por um tempo, ou teriam outras brigas na Angels.

Deitei na cama e estava ansioso com a noite daquele dia. Pensei que queria que as horas passassem bem depressa para eu testemunhar como os clientes reagiriam as duas deusas do bar.

Lutei com o sono mais um pouco, até que por fim adormeci.

Acordei já era mais de três horas da tarde, tomei banho e fui para o Jiu jitsu. Fazia uma semana que o Gu tinha me convencido a lutar com ele e estava curtindo.

Suei, me exercitei e quando voltei para casa, passei o dia arrumando alguns papéis da Angels que era sempre Gu que arrumava, mas após lutar com feito um doido no Jiu jitsu, percebi que a história com a prima mexeu com ele mais do que deveria e meu amigo não teria cabeça para organizar nada, já que nem a sua vida ele conseguia.



O dia voou e quando dei por mim, já entrava na Angels novamente. Assim que entrei vi que Rodrigo estava lá junto com João.

— E aí? — cumprimentei-os. — O Gu não vem hoje, estive com ele e está mal.

— Não vem mesmo. Sei que ele está mal com o término, até me disse que precisa de uns dias — Rodrigo respondeu.

— Você é foda, João, tinha que beijar a Lívia e à força? Fodeu com o relacionamento dos dois e *pra* quê? Aposto que logo que conseguir o que quer, vai largar como sempre faz — falei bravo.

João era meu amigo, mas sua atitude foi errada e ele ferrou com tudo.

— Desculpa, cara, mas com a Lívia é diferente, eu acho.

— Você acha? Olha, João, eu espero mesmo que seja diferente, porque você errou muito com o Gustavo — Rodrigo falou mais compreensivo.

— Eu sei que errei. Mas o que está feito, está feito. Conversei com a Lívia, pedi desculpas e ela me desculpou, enquanto o Gu continua fazendo merda em cima de merda e magoando-a cada vez mais. Então não acho que ele seja mais merecedor da Lívia do que eu.

— Bom, espero que vocês resolvam logo isso e que isso não respingue na Angels — falei e João assentiu. — Bom, hoje temos a estreia das meninas e acho que vai ser legal — Me animei.

— Sim, estou até vendo a rapaziada pirando nas *minas* das bebidas e as garotas querendo ser como elas — Rodrigo falou animado.

— Só acho que temos que instruir muito bem os seguranças, para zelar pela integridade delas, já que sempre tem um ou dois

engraçadinhos — João falou indo em direção da vidraça que dava para pista de dança de onde conseguíamos ver tudo lá embaixo. — E falando nelas... chegaram.

João apontou para baixo e minutos depois Clara e Laura entravam no escritório, acompanhadas pelo Valmir, chefe dos seguranças.

— Valmir, pode ficar, por favor? Precisamos conversar com você sobre hoje à noite.

— Pois não, João.

— Precisamos que um segurança fique sempre de olho no bar que as meninas vão ficar, para que nenhum cuzão tente fazer qualquer graça direcionada a elas. Fique lá a noite toda.

— Entendido.

Valmir nos explicou a rotação dos seguranças e confirmou que deixaria Cassio, um segurança que já trabalhava com a gente há um ano. Após tudo acordado, ele saiu da sala.

Olhei para as duas e nos encaravam como se esperasse que disséssemos alguma coisa e então perguntei:

— Estão preparadas?

— Nasci pronta — Laura respondeu confiante e todos nós rimos enquanto Clara parecia que ia enfartar a qualquer momento.

— Você está bem, Clara? — perguntei.

— Sim, estou ótima. Só pensando se esse emprego é tão perigoso assim que precisamos de um segurança ao nosso lado por todo o tempo.

Sorri e respondi:

— Bom, não. A Angels é super tranquila e bem frequentada. Fica calma. Mas segurança nunca é demais, principalmente com o show que vocês duas vão dar. Hoje a casa vai à loucura. Se preparem.

Tive a impressão de ouvir um “ai meu Deus” da Clara quando me virei de costas e fui até a vidraça ver se lá em baixo já começava a encher, mas ainda era cedo.

— Bom, meninas, logo os clientes começam a chegar. Vamos descer, que vamos mostrar a vocês como será a entrada da apresentação — Rodrigo disse, pousando a mão no ombro da Laura e mostrando a saída a elas.

Descemos até a parte de baixo e fomos até o bar principal, que era o que ficava de frente para pista.

O bar na Angels ia de ponta a ponta da balada, mas o de frente para pista sempre era o que tinha mais visibilidade. Vi que Clara olhava tudo como se tivesse encantada.

Mostramos a elas como seria o funcionamento da apresentação que fariam, como seria o passo a passo de tudo e quando já estavam certas de como funcionaria, se puseram a ver o local onde iam trabalhar todos os dias, além de conhecer as bebidas e tudo mais.

Vi que um sorriso de felicidade e contentamento se espalhou pelo rosto da Clara e ela ficava ainda mais linda quando sorria de forma genuína.

Deixei-as à vontade, se habituando ao lugar e subi para o escritório. Lá de cima olhei o movimento, a casa enchendo e as pessoas felizes e eu também sentia-me nervoso com a estreia delas.

Na verdade, era um tiro no escuro, podia também não ser bem aceito pelos frequentadores, aí nós teríamos que acabar com o show e isso seria doloroso. Fazia apenas dois dias que as conhecia, mas para mim já faziam parte da equipe Angels.

Tentei trabalhar em algumas planilhas de gastos e investimentos, mas nada fazia com que eu me sentisse menos ansioso. Fui até o vidro observei a pista de dança e ela estava quase lotada.

Lá de cima vi que Rodrigo e João corriam de um lado para o outro organizando a apresentação. Tentei enxergar as meninas, mas nada delas.

Ouvi batidas na porta e me virei para ver que as duas estavam paradas esperando para entrar.

— Desculpa atrapalhar, Fernando, é que o João pediu para que ficássemos aqui até a hora da apresentação — Laura disse meio envergonhada.

— Não atrapalham, entrem — convidei sorrindo.

Clara entrou, sentou-se quieta no sofá, enquanto Laura perguntou se podia usar o banheiro. Assim que Laura nos deixou a sós, fiquei observando Clara, e ela parecia um filhotinho acuado, mas em contrapartida, seu jeito tímido, às vezes, a deixava extremamente sexy e se tornava um misto de inocência e mulherão.

Fui até minha mesa que dava de frente para o sofá em que ela estava sentada e de lá a observei.

— Está nervosa? — perguntei e enfim me olhou.

— Um pouco.

— Você é sempre quieta assim?

— Às vezes. Quando estou muito nervosa.

— Então você está muito nervosa? — Encostei-me à cadeira e cruzei os braços, sorrindo.

— Sim, estou. Um pouco.

Sorri.

— Não precisa ficar, vocês dançam maravilhosamente bem.

— Obrigada. — Ela sorriu tímida.

— Pensa que é como se dançasse em uma balada normal, como as que você já frequentou antes de trabalhar aqui.

— Eu não ia.

— Como assim? Não frequentava baladas?

— Não. — Pareceu sem graça e deu de ombros.

— Mas você é nova pelo que vi na sua ficha. Não costumava sair?

— Não, sempre fui mais caseira.

Vi que começava ficar mais nervosa com minhas perguntas, ao invés de se acalmar, que era o que eu pensei em fazer quando comecei a puxar assunto, então mudei de foco.

— Não vai me contar o motivo da cara de surpresa na entrevista?

Ela sorriu e vi que agora estava no caminho certo.

— Bom, eu... Achava que vocês eram velhos, carecas e barrigudos e quando falei isso para Laura ela não me contou que não eram. Achei que vocês estavam ali para disputar a vaga de barmans como nós, quando você se apresentou, fiquei surpresa.

— *Hummm...* Somos um pouco melhor do que você imaginava, *né?*

— Muito melhor! — exclamou e quando viu que exagerou, ficou vermelha.

Laura voltou do banheiro e em seguida João colocou a cabeça na porta e chamou:

— Vamos, meninas? Está na hora.

Laura deu um sorriso confiante e respondeu um “*bora*” enquanto Clara só assentiu.

Todos saíram da sala e resolvi descer também para ver novamente o espetáculo e acompanhar de perto a aceitação do público.

O Dj pediu para que as pessoas esvaziassem a pista e anunciou que teríamos uma novidade. Eu, Rodrigo e João nos sentamos de frente para onde o show seria feito.

As luzes se apagaram, ficou tudo escuro, a música da apresentação começou a tocar e com a batida alegre a multidão deu um grito.

Quando as luzes se acenderam no meio da pista, lá estavam as duas: Clara e Laura. As novas barwomans da Angels.

Clara com um sorriso tímido, enquanto Laura sorria largamente.

Com uma nova remixagem do DJ a música começava com batidas fortes e neons piscavam no ritmo, logo as batidas que elas conheciam começou e as duas deram início aos passos sensuais e dançaram indo em direção ao bar.

As pessoas voltaram a gritar e a aplaudir meio sem entender qual era a surpresa. Em seguida as luzes se apagaram e quando acenderam novamente, as duas apareceram atrás do bar.

Os primeiros acordes da música soaram, seguidos da batida e então o show começou, garrafas voaram, elas dançaram, os frequentadores da Angels gritaram e foram à loucura.

As duas eram um sucesso, as mulheres presentes sorriam orgulhosas e os caras babavam.

— Senhoras e senhores, vamos fazer muito barulho para as novas barwomans da Angels! — anunciou o Dj quando a apresentação acabou.

Gritos da galera presente encheram o lugar e as duas se cumprimentaram batendo as mãos e sorriram felizes para os frequentadores que as ovacionavam.

E nós três lá: babando para nossas novas atrações... E que atrações!

Clube
Angels

Capítulo 5

Clara

Após a estreia tudo dentro do meu estômago se acalmou, parei de ter a sensação de que ia vomitar a qualquer momento, como senti na primeira sexta que nos apresentamos.

No final, aquele nervosismo todo foi desnecessário, porque a estreia foi linda.

Fomos super bem recebidas pelos frequentadores e quando estávamos no comando das coqueteleiras, me sentia a diva das bebidas.

As mulheres nos perguntavam como fazia para conseguirem fazer igual e os homens nos faziam propostas indecentes. Cassio, o segurança, precisou tirar um ou dois que se excederam nas propostas.

Fiquei amiga do Cassio, ele era bem legal e já que diariamente ficava ali próximo ao bar nos protegendo, sempre que tínhamos uma folguinha parávamos para conversar.

Fazia duas semanas que trabalhava na Angels e seguia amando. Os Angels foram muito simpáticos e compreensivos quanto a minha falta de prática no início, mas já havia pegado o jeito e fazia tudo com maestria.

Os outros barmans eram muito prestativos e me ajudavam em tudo que precisava. Graças a Deus não tinha nenhum colega de trabalho como a Shirley ali.

Quase não via Gustavo trabalhando, fiquei sabendo que ele estava na *bad* sofrendo por amor, mas três do clube Angels, Fernando, Rodrigo e João, encontravam-se sempre por perto.

Ainda ficava tensa quando eles me olhavam trabalhar. Vez ou outra Fernando descia e ficava ali no balcão tentando puxar assunto e ainda não tinha me acostumado a ter patrões tão jovens.

Era terça-feira e a Angels ficava muito sossegada nos primeiros dias da semana, mas mesmo não sendo dia de apresentação, Laura e eu sempre tentávamos ser o mais alegres possível.

Percebemos que nossa alegria agradava os clientes, então, mesmo quando estávamos lavando copos, a gente se mantinha cantando e nos divertindo.

Mais uma vez devia meu momento feliz a minha amiga, a melhor coisa que fiz foi ter permitido que Laura fizesse nossa inscrição para aquele teste. Além de trabalhar, me divertia muito.

— Clarinha, olha aquele gato, ali no canto. — Laura indicou com o queixo. — Acho que ele está me querendo, não para de me olhar.

Sorri e balancei a cabeça em negativa.

— Amiga, desde que chegamos aqui, já perdi as contas com quantos carinhas você já foi embora depois que acaba o expediente.

— Preciso tirar o estresse, Clara, e nada melhor que sexo.

— *Afff...* Nem sei mais o que é isso. — Revirei os olhos e coloquei a garrafa plástica na boca para beber um pouco de água, no entanto, ouvi alguém perguntando atrás de mim.

— Isso o quê?

— Sexo — Laura respondeu ao Fernando e eu engasguei com a água que estava bebendo.

Lancei um olhar assassino para minha amiga e sorri sem graça para Fernando.

— Você não é casada, Clara? — me perguntou divertido.

— Sou... Não sou... Era... Sou separada — enfim consegui falar e parar de gaguejar.

— *Hummm...* E não namora?

— Não. — Eu fazia uma caipirinha para o cliente, olhava para os limões que cortava e não para o Fernando.

Ele dobrou os braços sobre o balcão e me perguntou:

— Clara, por que sempre tenho a impressão que você está com medo de mim?

— Medo? Não, de jeito nenhum! Só o respeito como meu chefe. — Senti minhas bochechas esquentarem.

— Quem tem chefe é índio, Clara, aqui sou mais como um amigo. Vocês aqui são todos nossos amigos colaboradores, precisamos mais de vocês, do que vocês da gente, sem cada um dos funcionários, a Angels não funciona. — Parecia divertido, com um sorriso faceiro no rosto.

Sem saber me fez carinho com aquelas palavras e me senti útil, como nunca na vida. O mundo precisava de mais patrões como os Angels.

— Tem razão — falei enquanto entregava a caipirinha ao cliente após registrar o pedido em seu cartão magnético. Em seguida voltei meu olhar para o Fernando e encarei seus olhos. — Vou tentar ser menos introvertida.

— Não precisa, gosto do seu jeito. Você só me parece muito desconfiada.

— Não sou desconfiada. — Pensei. — Bom, na verdade, acho que sou sim. A vida me fez ser.

— Me conta um pouco da sua vida? — pediu cruzando os braços.

— Nada demais, só um casamento que não deu certo. — Preferi deixar Mayara de fora da conversa e pensei que podiam implicar por eu ter

uma filha, horários, entre outras coisas.

Ele assentiu para minha resposta.

— Está gostando de trabalhar aqui?

— Muito. — Enquanto conversava, eu tentava atender os pedidos esporádicos que apareciam naquela terça-feira calma.

— Bom, acho que estou te atrapalhando vou subir, outra hora conversamos mais.

— Você não me atrapalha, Fernando. — Tentei sorrir para ele.

— Então converse comigo também, me faça perguntas, sei lá, você realmente é muito reservada. Estou sentindo como se eu conversasse sozinho ou estivesse em um interrogatório em que só eu pergunto — disse divertido e tive que sorrir, porque ele tinha razão.

— Bom, vamos lá então... Você tem medo de mim? Você é casado? E gosta de trabalhar aqui? — Fiz a ele as mesmas perguntas que me fez.

Sorriu.

— Medo? Não. Casado? Não. Trabalho? Amo.

— Me conta o porquê de Angels.

— Você não esqueceu essa pergunta?

— Não. Você me deixou ainda mais curiosa e a Laura, amiga da onça, também não me conta.

— Então vou pensar se conto ou não.

— Pode me contar, eu te contei o motivo de ter ficado com cara de espanto no dia da entrevista.

— Tudo bem. Justo. Vamos lá... Eu, Rodrigo, Gustavo e João, ganhamos esse apelido na faculdade e ele acabou dando origem ao nome

da Angels. Éramos conhecidos como os Anjos da noite, que levavam as mulheres ao céu. Modéstia à parte, ainda sou — falou com cara de safado que senti meu rosto quente e tive vontade de experimentar.

Muito gato!

Assim que terminou de responder, alguém o chamou e ele se levantou para ir, mas antes, falou:

— Foi bom conversar com você, Clara. Amigos?

Sorri.

— Sim, amigos.

Piscou um olho para mim e foi.

— *Uau*, que coisa linda — Laura disse do balcão ao meu lado, com um sorriso no rosto.

— O quê? — perguntei me virando para ela e tirando os olhos do Fernando.

— Essa interação, patrão/funcionário, coisa linda de ser ver. E ele ainda é um gato, o que torna a conversa muito mais especial.

— Para de ser ridícula! Eu sei o que está insinuando, mas sem chance. Nem que ele quisesse, o que não é o caso, eu não poderia.

— Por que não poderia?

— Por que tenho a Mayara.

— Que desculpa mais idiota. Não culpe a criança pelo seu medo bobo, você tem que entender que nem todo homem é um monstro como Jeferson.

— Eu sei disso. Só acho tudo muito recente.

— Já faz um ano, Clara e mesmo se fizesse um dia. Você tem que viver.

— Ah, mas nem é por isso também. Só não quero me relacionar com ninguém e outra coisa, isso nem sequer vem ao caso, já que nada está acontecendo aqui. Ele é meu chefe e ponto, no máximo estamos começando uma amizade.

— Entendi. — Sorriu e continuou fazendo uma bebida para o rapaz que a encarava antes e naquele momento estava sentado de frente para nós no balcão

Dei a volta por traz dela e sussurrei para que só ela ouvisse:

— Mas tem alguém aqui que vai se dar bem hoje, *né, miga?*

— Vou me dar ótima, miga. — Piscou para mim.

As horas passaram rápido e trabalhar na Angels era tão bom, que nem as via passar. Já eram mais de duas da manhã e a casa estava praticamente vazia.

Uma chuva torrencial caía do lado de fora e agradei a Deus por ter aceitado a proposta da dona Regina, de deixar a Mayara dormir lá todos os dias e só buscá-la na escola no dia seguinte.

Fiquei com o coração aflito de dormir longe dela, mas tirá-la da cama de madrugada me deixava mais aflita ainda, então aceitei a só pegá-la depois da aula.

O Dj anunciou o fechamento da pista, do bar e por volta das duas e meia encerramos o expediente.

— Você se importa de ir embora sozinha hoje de novo? — Laura me perguntou fazendo beicinho.

— Quem tinha que estar fazendo beicinho aqui era eu, *né*, dona Laura? Mas a resposta é não, vai se divertir. Claro que não me importo.

— Obrigada, minha amiga linda.

— Curta a vida, mas cuidado, use camisinha e não desliga o celular.

Ela riu.

— Tá bom, mãe. Pode deixar que farei isso. — Deu-me um beijo no rosto, pegou a bolsa na despensa e saiu.

Ri sozinha, pensando como ela conseguia ser tão descolada e desapegada. Eu não conseguiria ser assim. Fazer sexo sem compromisso, sair com um homem cada semana. Sempre fui o tipo romântica, mas pensei do que me adiantou ser tão romântica? Só apanhei, e muito.

Balancei a cabeça em negativa, coloquei a bolsa no ombro e me virei para sair do estoque onde guardávamos nossas coisas no armário.

Assim que me virei, dei de cara com o Fernando encostado à porta, com os braços cruzados e me olhando.

— Ai que sustooo! — gritei.

— Desculpa, não quis te assustar, é que eu ia embora, mas Valmir me informou que só esperava você sair para fechar, aí vim aqui para ver se estava tudo bem.

Respirei.

— Está tudo bem sim. Só estou terminando de arrumar minhas coisas. Desculpa não queria atrasar vocês — falei envergonhada.

— Tudo bem, não atrasa. Você está bem? Parecia bastante chateada antes de me ver.

— Sim, só lembranças desagradáveis. — Tentei sorrir, mas só de mencionar as lembranças senti um medo terrível de tudo aquilo voltar, que o sorriso saiu mais como uma careta.

— Vamos? — Fernando me indicou a saída e assenti.

Passamos pelo Valmir e o desejei bom descanso, que me retribuiu com um sorriso. Passei pela porta lateral que dava de frente para o estacionamento da Angels ainda acompanhada pelo Fernando. Já era mais de três horas da manhã.

— Bom, vou indo, Fernando. Até amanhã. — Sorri.

— Como você vai embora? Está de carro? — perguntou e olhou o estacionamento como se procurasse um carro que não fosse o dele e o do Valmir, que estavam estacionados ali.

— Não, meu carro quebrou, vou de táxi, tem um ponto bem ali. — Apontei para o outro lado da rua.

Meu carrinho estava parado na garagem e ia continuar lá por um bom tempo, ficou uma fortuna para arrumar.

— Ah, não. Vem comigo, eu te levo.

— Imagina, não precisa se incomodar, eu estou acostumada e posso ir de taxi.

— Pode mesmo, mas eu não vou deixar, além de que, não é incômodo nenhum te levar.

Ele pousou a mão nas minhas costas me indicando para seguir até seu carro e o toque repentino fez um arrepio subir pelo meu corpo.

Poucos passos depois nos aproximamos de um carro preto luxuoso e lindo. Fernando destravou o alarme e abriu a porta para eu entrar.

— Obrigada — agradei sem jeito.

Entrei e senti o cheiro que pairava no carro, um perfume tipicamente masculino, que pude sentir uma ou duas vezes, quando fiquei um pouco mais próxima dele, mas que dentro do veículo era muito presente.

Fernando deu a volta no carro, se instalou atrás do volante e me lançou um sorriso que retribuí mais uma vez tímida. Assim que ligou o veículo o expliquei rapidamente onde eu morava e ele afirmou conhecer o endereço.

Começamos a zapear pelas ruas vazias e um silêncio constrangedor pairava entre nós. No rádio, Sam Smith - *Leave Your Lover*, começou a tocar. Sorri pensando que era bem música que tocava no rádio de madrugada.

— Qual a graça? — *Como ele me viu sorrir?*

— Essas músicas românticas que tocam de madrugada — respondi.

— Você não gosta? Eu gosto. Sou um cara romântico.

— Gosto. — Pensei um pouco e olhei para fora do carro, lembrando-me de tudo pelo que passei fazendo o sorriso sair do meu rosto e continuei a falar: — Gostava. na verdade. Parei de acreditar em romance há algum tempo.

— É do tipo que não acredita no amor.

— Se ele existe, não é para mim.

— Esse seu ex-marido deve ter sido um idiota.

— Você não faz ideia.

— Mas não mude por causa de um homem que passou na sua vida.

Encarei-o e sorri.

Em silêncio andamos mais um pouco pela cidade, até que chegamos em frente à casa da Laura. Desafivelei o cinto, olhei-o para agradecer e ele me observava.

— Obrigada pela carona, Fernando. Desculpa o incômodo de fazer você sair do seu percurso para me trazer em casa.

— Incômodo nenhum. Foi um prazer ficar mais um pouco ao seu lado e tentar arrancar mais uma ou duas palavras dessa moça tão misteriosa e tímida.

Sorri.

— Tímida sim, não sei até agora como consigo me apresentar no bar, mas misteriosa não. Não tenho nada de mistério.

— Para mim parece ter. Será que você é uma feiticeira?

Ri alto.

— Estou mais para bruxa e uma daquelas que não sabe fazer feitiços.

— Ah, sabe sim. Tenho visto muitos homens enfeitiçados por você.

— Duvido. A barwoman que faz sucesso com os homens é a Laura.

— Tenho certeza de pelo menos um que você enfeitiçou. — Ele me olhou intensamente e eu retribui corando e segurando o olhar por um segundo, até que quebrei o clima.

— Bom, mais uma vez obrigada pela carona, preciso descansar porque logo mais à noite tenho que trabalhar novamente e tenho chefes que tiram meu corô.

— Olha só, ela sabe fazer graça. — Sorri largamente para ele — Gostei desse seu lado, agora estou começando a me sentir seu amigo.

— Vocês todos da Angels são. — O silêncio se fez presente entre nós. — Vou indo e mais uma vez obrigada. Até mais tarde, Fernando.

— Até mais.

Saí do carro, caminhei até o portão e o abri, quando me virei para fechá-lo, vi que Fernando ainda continuava estacionado do outro lado da rua e me olhando.

Acenei para ele e fechei o portão sorrindo feito boba.

Fernando

Deixei Clara na sua casa e no caminho de volta para minha, fiquei pensando: *o que ela esconde?*

Sempre que conversávamos percebia uma tristeza escondida em seu olhar. Sinto-a arisca e como se tentasse se esconder e se privar de alguma alegria, que acha não ter direito de sentir.

Desde a sua estreia na Angels, tento conversar, puxar papo, mas ela sempre tenta fugir, parece tensa e muito reservada.

Enfim naquela noite consegui arrancar alguns sorrisos e soube mais sobre aquela moça, que quando dançava era uma deusa e quando eu tentava me aproximar era contida e recatada.

Cheguei em casa e me joguei na cama, mas sei lá o porquê, o sorriso tímido da Clara não saía da minha cabeça. Rolei mais um pouco de um lado para o outro, até que enfim adormeci.

Acordei horas depois, no meu horário de costume, fui tomar banho e assim que saí do banheiro com a toalha amarrada na cintura, ouvi que a campainha do meu apartamento soava sem parar. Só podia ser a Adriana.

— Sabia que era você — falei para minha irmã assim que abri a porta para ela entrar.

— Tem alguém com você hoje? Se tiver eu vou embora — disse procurando alguém pelo apartamento.

— Não, mana, hoje não trouxe ninguém para casa. —
Revirei os olhos.

— *Ufa*, que bom, desde que vi aquelas duas mulheres nuas, dormindo no seu sofá na semana passada, fiquei meio traumatizada em vir aqui. Você podia pelo menos tê-las levado para o quarto.

Sorri.

— Para de ser dramática. Ninguém mandou você entrar feito um raio quando abri a porta. E no meu quarto só eu durmo e um dia a mãe dos meus filhos. Mas mudando de assunto, e aí, me diz o que veio fazer aqui?

— Vim dar um recado da nossa mãe. Ela disse que marcou um jantar hoje à noite e é para você ir.

— Sem chance.

— Sério Nando, acho melhor você ir. Parece que é um dos representantes da empresa de Minas, que vem com a família e a mãe quer nos apresentar a eles.

Bufei.

— *Tá*, avisa que vou tentar ir, porque estou cheio de trabalho na Angels. — Fui até a cozinha e voltei com um copo de água.

— Se eu disser isso, o papai vai me esganar antes de te esganar, você sabe que ele não curte que você seja sócio da Angels e o sonho dele é que você vire presidente da empresa.

— Deixa ele continuar sonhando, porque a Angels que é meu futuro.

— Bom, mas mudando de assunto, também vim aqui para passar um tempo com meu irmão. Vamos sair para comer alguma coisa? Aposto que você acabou de acordar e ainda não comeu.

— Vamos. Não comi mesmo e só vou colocar uma roupa.

Deixei minha irmã na sala, coloquei uma roupa e saí do quarto para encontrar Adriana ainda de pé onde a deixei e me esperando.

— Por que não sentou?

— Eca! — Fez uma careta de nojo — Eu não, esse seu apartamento mais parece um abatedouro.

Tive que rir.

— Quase isso. — Minha irmã fez de novo uma careta de nojo.

Sáímos para comer e claro, Adriana me fez ir com ela ao shopping. Tive que ajudá-la escolher uma roupa para o jantar e isso foi mais cansativo do que uma noite inteira de trabalho.

Estávamos saindo da loja sorrindo, minha irmã com o braço enganchado ao meu, quando dei de cara com um quadril largo, que eu já havia admirado várias vezes, virado para mim, enquanto a dona dele, estava levemente abaixada chupando uma casquinha que uma linda menininha de cachinhos dourados erguia para ela. Clara.

Fiquei paralisado vendo a cena, até que minha irmã me tirou do transe me puxando pelo braço.

— Vamos, Nando! — quando Adriana disse meu nome, Clara pareceu ouvir e se virou em nossa direção.

Olhou-me e meio que tomou um susto, como se tivesse sido surpreendida. Tirou seu olhar de mim e pousou na minha irmã e pareceu assumir um ar mais sério que o normal.

Puxei minha irmã até ela e abri um sorriso para cumprimentá-la:

— Oi, Clara.

— Como vai, Fernando? — Virou para minha irmã e sorriu.

— Vou bem. Essa é minha irmã, Adriana.

— Ah, irmã... é... Tudo bem, Adriana? — Clara pareceu meio confusa.

— Oi, tudo e você? — minha irmã respondeu com um sorriso enorme no rosto e simpática demais para o meu gosto.

— Estou bem também.

— Passeando? — perguntei.

— Ééé... Sim, vim trazer minha ... minha filha para passear um pouco. — Passou o braço pelo ombro da linda garotinha.

— Filha? Você tem filha?

— Sim. — Parecia envergonhada ou como se tivesse sido pega mentindo.

Abaixei-me em frente à menina e perguntei:

— Olá, sou amigo da sua mãe. Qual o seu nome?

— Eu me chamo Mayara. E você como se chama?

— Fernando.

A menina pareceu pensar um pouco e em seguida abriu um sorriso como se tivesse lembrado de algo.

— Mãe, ele é o Fernando que você e tia Laura estavam falando que é um gatão?

— Mayara! — Levantei o olhar da menina para mãe e Clara parecia que ia desmaiar de vergonha.

Juro que ouvi Clara dizer baixinho um “ai meu Deus”.

— Não, filha, você deve ter se confundido, nós dissemos que ele era nosso patrão. Foi isso, patrão. — Eu mordia o lábio tentando não rir do desconforto da Clara e minha irmã ria largamente.

— Ah, mas meu irmão além de patrão é realmente um gatão, não é, Clara?

— *Hum...* sim, é... digo... claro, Fernando é muito bonito, assim como todos os Angels. Gente, desculpa tenho que ir ao banco antes que feche. Vamos, Mayara. Tchau, Adriana, foi um prazer conhecê-la. Até à noite, Fernando.

Virou-se sem esperar a resposta e seguiu para o lado errado, então tive que alertá-la.

— Clara. — Olhou-me e eu continuei: — Você está indo para o lado errado, tem um banco aqui atrás, ó. — Apontei para o banco.

— Ah, claro que cabeça. Obrigada.

Ela passou por nós, nos lançou um sorriso tímido em meio as faces vermelhas e seguiu para o banco.

— Você é ruim, Nando, se divertindo com o constrangimento alheio — minha irmã disse rindo.

— Não sabia que ela me achava um gatão, mas foi bom saber. Já amo essa menina.

— Ah, os Angels... Sempre destruindo corações!

— Que nada, irmã, ela é só minha funcionária e a última coisa que quero é quebrar o coração dela. Parece que já foi destruído.

— Então você gostaria de reconstruí-lo? — Adriana perguntou com uma sobrancelha arqueada.

— Para de tentar adivinhar as coisas e de fazer perguntas sem sentido. Anda, vamos embora que logo mais tenho um jantar super legal para ir. — Revirei os olhos.

— E vê se você se comporta, Fernando.

— Sempre.

Continuamos com as compras mais um tempo, mas não conseguia tirar Clara da cabeça e nem o sorriso do rosto.



Depois do shopping fui para casa e me preparei para o jantar na casa dos meus pais. Não sentia-me com a mínima vontade de ir, mas era melhor que ouvir outro sermão do meu pai.

Saí de casa já eram quase sete horas da noite, o jantar estava marcado às oito. Assim que estacionei o carro na casa dos meus pais, minha mãe foi ao meu encontro.

— Filho, que bom que você veio. — Deu-me um beijo no rosto.

— Eu tinha que vir, *né*? Ou você e o pai não me dariam sossego.

— Já que você falou assim, além da família da representante da empresa de Minas, vão estar aqui os Nagasaki.

— Ah, mãe, sério? — Fabiana Nagasaki era minha ex-namorada. Namoramos por dois anos e os pais dela eram sócios da empresa da família também. O sonho dos nossos pais era que nos casássemos, mas Fabiana também era contra a baboseira de casar japonês com japonês e decidimos terminar o namoro quando o amor acabou.

— Filho, eles são nossos amigos, além de sócios. Queríamos aproveitar que vamos fazer um jantar para convidá-los também.

— Tudo bem, mãe, desde que não tentem me casar com a Fabiana de novo.

— Não vamos fazer isso.

— Espero que não mesmo, porque você tinha que ser a primeira a querer acabar com essa tradição ridícula.

— Filho, tenho um acordo com o seu avô. Ele aceitou meu casamento com seu pai, porque prometi que vocês seguiriam a

tradição. Cumpro com minha palavra.

— Não faça promessa que não pode cumprir.

— Faço sim, porque se não fosse essa promessa, você e sua irmã não estariam aqui.

— Seria melhor se não estivéssemos. — Vi que quando falei isso, minha mãe ficou com os olhos tristes e me senti culpado. Amava minha mãe e não queria vê-la chateada comigo. — Desculpa, mãe, mas tenta entender, você já passou por isso.

— Vamos entrar e deixar este assunto para outro dia — disse séria.

— Vamos.

Entrei na casa dos meus pais e poucos minutos depois os convidados chegaram. Fabiana cumprimentou a todos e andou imediatamente até mim.

— Fernando, você está bem? — Me deu um beijo no rosto demorando um pouco demais.

— Estou sim e você?

— Ótima. Quanto tempo não te vejo! Você está mais... Bonito.

Sorri.

— Você continua linda. — E realmente continuava. Fabiana tinha rosto bonito, era alta magra, com cabelos pretos, compridos e lisos.

A noite prosseguiu, Adriana se juntou a mim e a Fabiana para conversar, mas depois acabou ficando no sofá conversando com os demais, me deixando a sós com minha ex por muito tempo, com isso, acabamos conversando mais do que deveríamos.

Bebi uma, duas, ou dez doses de whisky com meu pai.

Meu avô acabou indo ao jantar também e os homens falavam de negócios. Meu pai e avô volta e meia insinuavam que em breve eu assumiria a presidência da empresa.

Não sabia qual a parte que eles não entendiam que não era isso que eu desejava para mim.

A educação que recebi, dizia que eu tinha que obedecê-los, mas nesse caso não ia dar. Para os orientais a velhice era sinônimo de sabedoria e respeito, mas estava difícil respeitar aquela decisão.

Deixar a Angels e assumir a empresa, seria como se eu assumisse minha infelicidade.

Afastei-me do grupo e fui rumo à janela, que dava para o jardim. Fiquei olhando a leve garoa que caía sobre o gramado e pensei que se deixar a Angels fosse uma hipótese na minha vida, eu não trabalharia mais com os caras, não me divertiria ouvindo as músicas e curtindo as festas temáticas que fazíamos e não veria meus amigos de trabalho todos os dias. Não veria Clara...

Sem que eu pudesse controlar ela me veio à cabeça e me lembrei do embaraço dela naquele dia mais cedo e sorri com a memória da Mayara me dizendo que a mãe me achava um gato.

Filha... Ela tem uma filha.

Será que meus pais aceitariam que eu namorasse uma pessoa com filho? Eu não via problema nenhum.

O que eu estou pensando? Devo ter bebido demais, Clara é minha funcionária, nada mais que isso.

Percebi que eu pensava muito nela nos últimos dias e entendi que era aquela beleza e jeito de menina acanhada que ela carregava, que despertava em mim algo novo.

Todas as vezes que eu a via sentia vontade de ser seu amigo e mesmo com da sua timidez, pensava que estava conseguindo.

— Que sorriso faceiro é esse no seu rosto? — Fabiana interrompeu meus pensamentos e jogou o cabelo de lado.

Caralho! Ela tá gata.

— Nada demais, bobeira. E aí, me conta o que anda fazendo de bom da vida?

Começou a contar sobre a agência de viagem da qual ela era dona e sinceramente não ouvi mais nada, comecei a reparar no seu corpo e ela estava malhada, gostosa, o tipo de mulher que sempre me chamou atenção.

— A gente podia esticar depois do jantar e darmos uma volta, o que acha? — sugeriu.

— Acho ótimo. — Sorri.

Fomos interrompidos com o anúncio de que o jantar estava servido.

Jantamos e após um tempo nos despedimos e dissemos a todos que íamos sair mais cedo e tanto os meus pais quanto os dela pareceram extremamente felizes com o nosso comunicado.

Deixamos a casa e só foi o tempo de fecharmos a porta atrás de nós e ela me puxou para um beijo.

Prensou-me contra parede e apertei sua cintura a puxando para perto do meu pau.

— Você sabe que agora, eles lá dentro, vão começar a organizar nosso casamento, não sabe? — perguntou após se afastar um pouco de mim.

— Sei, e depois desse beijo eu até caso. — Ela sorriu e eu me animei com a ideia de a noite começar com um *remember* com a ex.

Clube *Angels*

Capítulo 5

Clara

— Que tanto você olha para portaria, mulher? — Laura me perguntou e eu tentei disfarçar.

— Nada, só estou tentando ver o movimento de hoje. Será que a casa vai lotar?

— Sei... em plena quarta-feira? Duvido! Ainda mais que essa semana resolveu chover toda a chuva do ano.

— *Hummm...* — respondi de cabeça baixa, mas em seguida dei mais uma olhada para portaria.

— Clara, desde a hora que você chegou com a May do shopping, que estou achando você tensa.

— Você acha pouco, Laura? minha filha disse ao meu chefe, que eu acho *e/le* um gatão. — Soprei exasperada. — Como vou encará-lo?

— Ah, então é isso: como vai encará-lo? Vai encará-lo como sempre encarou, com esses olhinhos lindos que Deus te deu e pare de ficar ansiosa querendo vê-lo, daqui a pouco ele chega.

— Não estou ansiosa para vê-lo, na verdade, estou rezando para não vê-lo, hoje. — Voltei a mexer no balcão, de cabeça baixa.

— Amiga, sinto muito, porque ele acabou de entrar e já está vindo *pra cá*. — Minha amiga ria do meu desconforto.

Senti meu corpo formigar e minhas bochechas corarem. Já passava de uma da madrugada e pensei que ele não iria trabalhar aquela noite, mas para meu desespero e vergonha, ele foi.

Para ser sincera, eu estava sentindo um misto de tristeza e uma alegria estranha por ele ter ido.

— Você pelo menos podia disfarçar.

— Cala a boca, Laura!

— Oi, meninas. Como está a noite? — Sentou-se e já chegou perguntando, sorrindo e usando uma jaqueta preta que o deixava lindo demais.

Tá, ele é meu chefe, mas não posso deixar de notar o quanto ele é bonito.

— Bem, um pouco fraco por conta da chuva, mas por ser uma quarta-feira chuvosa, até que está rendendo — Laura respondeu e continuei quieta.

Ele deu uma olhada em volta e concordou:

— Verdade. Clara, sua filha é uma graça. — Claro que ele tinha que tocar no assunto.

Tirei os olhos da bebida que eu preparava, até que a entreguei para o cliente, enfim o encarei e sorri sem graça.

— Sim, ela é, fala mais que o necessário, mas é uma graça.

— Ao contrário da mãe que quase não fala, mas na beleza é totalmente igual a você.

Tive a impressão de ouvir Laura dizer um “uau” e olhei para ela, séria. Voltei a olhar para Fernando sentindo as bochechas corarem.

— Você veio mais tarde hoje, está tudo bem? — perguntei tentando mudar de assunto.

— Sim, tudo. Só tive uma distração.

— *Hum...* — Pensei se a distração seria uma mulher.

— Bom, meninas, vou subir e ver se está tudo bem. Bom trabalho pra vocês.

— Obrigada — Laura e eu respondemos juntas.

— Você vê que ele nem conversa comigo? Só tem olhos para você — Laura disse após o Fernando sair.

— Deixa de ser boba, é que você já se tornou amiga deles, enquanto eu, ele ainda está tentando conhecer.

— Não acredito. Ele veio de novo!

Olhei na direção em que Laura encarava fixamente e, vi parado na entrada, olhando em nossa direção, o gatinho que minha amiga tinha ido embora na noite anterior.

Assim que ele a viu, piscou um olho para ela e abriu um sorriso de contentamento.

— Olha só, vai sair com ele de novo?

— Acho que sim.

— Você repetindo *peguete*? É de se estranhar.

— Esse vale a pena.

Ela sorriu e em seguida vi o rapaz chegar mais perto, sentar-se de frente para ela e os dois começaram uma conversa calorosa. Logo vi que mais uma vez ia embora sozinha, ou talvez, eu conseguisse uma carona de novo com Fernando.

O que eu estou pensando? Não! Tenho que parar com isso.

Foquei no trabalho, até que Cassio aproveitou o pouco movimento e se aproximou para conversar um comigo no bar, porém, logo dois rapazes começaram a se estranhar e ele teve que resolver.

Cassio era bem bonito, careca, forte, moreno e tinha um sorriso simpático. Exibia cara de mau, mas pelo pouco que conversei com ele, percebi o quanto carregava um coração mole.

A hora passou voando como sempre e depois de fecharmos tudo, Laura me sorriu, soprou um beijo e foi embora correndo com o

novo *ficante*.

Após ela sair, peguei minha bolsa no armário do estoque e fui correndo em direção à saída, para que não houvesse tempo de Fernando me ver saindo ou qualquer um que fosse dos Angels, que quisesse me oferecer carona.

Fiz uma nota mental de juntar um dinheirinho e levar meu carro para arrumar.

Passei por Valmir, sorrindo desejei boa noite e me dirigi para o ponto de táxi. Cheguei lá e vi que não havia nenhum parado no ponto.

Como assim? Droga!

Deve ser toda aquela chuva.

Mesmo com medo de andar sozinha, segui em direção ao ponto de ônibus, aproveitando que a chuva havia dado uma trégua.

Eu conseguiria chegar em casa mais rápido se fosse de ônibus do que se ficasse esperando um táxi chegar.

O medo de Jeferson me achar ainda me assombrava, não como no começo, como quando me mudei, que eu vivia refém do meu medo, naquele momento eu já conseguia ao menos andar sozinha.

Só consegui me estabilizar psicologicamente de novo, depois de fazer um pequeno tratamento com a mãe da Laura, psicóloga. Não queria aquela vida do passado nunca mais.

Atravessei a rua, dei alguns passos e vi que faltavam menos de duzentos metros para eu chegar ao ponto de ônibus. Graças a

Deus eu já conseguia avistar um casal que a pouco estava bebendo na Angels.

Dei mais alguns passos até que ouvi um leve zumbido de motor de carro se aproximando. Imediatamente o medo me atingiu e apertei o passo sem olhar para o lado.

Sentia meu coração acelerado quando o carro chegou bem próximo ao meio fio da calçada, diminuindo a velocidade até quase parar, enquanto eu andava rapidamente, quase correndo, com um calafrio de medo e o coração pulando tanto, que o sentia pulsar no meu ouvido.

Vi que o vidro escuro do carro começou a baixar e virei-me para frente a fim de a qualquer movimento mais brusco da pessoa dentro do veículo, eu começaria a gritar.

— Fugindo de algo, Clara? — Uma voz que eu conhecia bem, falou em alto e bom som, como se estivesse se divertindo.

Fernando

Assim que desliguei o computador desci para ir embora. Eu estava sozinho, João e Rodrigo já tinham ido mais cedo e como cheguei mais tarde, falei para eles irem, que eu fechava.

Segui para portaria e como sempre perguntei ao Valmir se todos já haviam saído, ele confirmou dizendo que só faltava ele e o Cassio e que ele já ia embora, apenas Cassio ficaria de plantão naquela noite.

Fiquei meio desapontado, esperava que Clara ainda estivesse por ali, que eu pudesse lhe oferecer carona e conversar com ela até sua casa novamente.

Sempre me divertia muito quando conversávamos e eu tentava tirar um pouco de informação, daquela moça tão reservada.

Comecei a andar em direção ao meu carro quando Valmir me gritou e disse:

— Fernando, se você for para o lado do ponto de ônibus, dá uma olhada para ver se você vê a Clara por lá. Ela foi embora sozinha de novo e não tinha nem um táxi no ponto, por conta da chuva.

— Deixa comigo, que vou exatamente para aquele lado, Valmir. — Abri um sorriso largo e Valmir me retribuiu, talvez notando a alegria que senti.

Fui a passos rápidos até meu carro e torcendo para que Clara não tivesse conseguido pegar o ônibus até eu passar.

Fiz o retorno no estacionamento e saí pela portaria que dava para o ponto de ônibus mais próximo.

Assim que segui alguns metros, a avistei e mesmo a noite ela parecia desfilar. Clara era muito bonita e era extremamente perigoso andar sozinha de madrugada.

Desacelerei o carro e devagar tentei parear ao seu lado. Percebi que ela agiu com um misto de medo e desespero e começou a andar muito rápido. Abri o vidro e sorrindo, perguntei a ela:

— Fugindo de algo, Clara? — Quando se virou para mim, parecia em pânico e prestes a desmaiar.

Arrependi-me de não ter sido rápido e feito com que ela me visse assim que me aproximei.

Parei, desci e fui ao seu lado, mas ela parecia não estar em si. Rompi a distância e sem pensar a abracei, senti que estava tremendo e notei que tentava respirar e se acalmar, mas não conseguia.

— Clara, você está bem? Não tive a intenção de te assustar.

Ela começou a chorar compulsivamente e eu começava a ficar em pânico também.

Passei o braço na sua cintura para apoiá-la ou ela desabaria.

— Você está tremendo muito, meu Deus... Me desculpa, Clara, me desculpa? — A abracei forte e ela chorava demais.

Mantive-a apertada em meu abraço, definitivamente eu não sabia como agir e aos poucos o choro foi cessando.

Eu me sentia tão culpado, mas ao mesmo tempo tive a impressão de que ela carregava o medo de algo específico e não apenas de um ataque qualquer.

Clara apoiava a cabeça no meu peito e quando parou de chorar, nem sei quanto tempo depois, falou:

— Me desculpa, Fernando. — Ainda tinha a testa encostada no meu peito e eu ainda a abraçava, parecia cheia de vergonha.

— Não, eu que tenho que pedir desculpas, não devia ter chegado como cheguei e te assustado tanto a ponto de ficar assim.

Ela se afastou de mim, enxugou os olhos e não me olhou. Coloquei o indicador no seu queixo e levemente o puxei devagar para cima, para que ela me encarasse.

— Não tem do que ficar envergonhada. Somos amigos e amigos dividem momentos como este. Quer que eu te leve para casa? Além de que, eu que fui um idiota. — Assentiu e não disse mais nada.

Peguei-a pela mão, a levei até o carro e a acomodei no banco do carona. Dei a volta e rapidamente e assumi o volante. Dirigi até onde ela morava em silêncio, dando a ela um tempo para se recuperar e quando estacionei em frente ao seu portão, virei-me para encará-la, mas antes que eu dissesse qualquer coisa, Clara falou:

— Estou tão envergonhada, minha reação foi extremamente exagerada. — Olhando para as mãos.

— Não deveria estar, todo mundo tem o direito de sentir medo.

Ela assentiu e enxugou uma lágrima solitária que escorreu por seu rosto e eu continuei:

— Mas notei que não era exatamente de mim que você estava com medo.

Clara ficou em silêncio por um minuto e enfim falou:

— Eu já passei por algumas coisas na minha vida, que me fazem sentir medo... excessivo. — Ainda não me olhava.

— Quer conversar sobre isso? Falar com amigos, às vezes, ajuda a afastar o medo. Isso é, se eu for seu amigo.

Enfim ela sorriu e me senti a melhor pessoa por conseguir colocar um sorriso em seu rosto.

— Depois de encharcar sua camisa de tanto choro, acho que você com certeza, tem que ser meu amigo. — Lançou-me um sorriso sem graça e enfim me olhou.

— Encharque quando precisar, na verdade, espero que você não precise nunca mais. Entrei em pânico em ver você chorando.

Quis acrescentar que ela ficava linda mesmo chorando, mas achei melhor não, pelo menos não naquele momento.

Clara soltou o ar e achei que como sempre, não me contaria nada e seria calada e reservada, mas ela contou:

— Faz um ano que estou morando com a Laura, que me salvou de um... inferno. — Parou de falar, mas eu não disse nada e esperei que continuasse: — Eu morava em outro estado e saí de lá

fugida, porque... me casei com um monstro que me batia dia sim e outro também, toda vez que ele bebia.

Senti a cor deixar meu rosto e apertei com força o volante. Pensei em como um homem, ou melhor, um lixo covarde que diz ser homem, teria coragem de bater em uma mulher tão meiga e delicada igual a Clara?

— O deixei, saí escondida da minha casa, fugida da minha cidade e tentei apagar meu rastro, porque sei que se ele souber onde eu estou, virá me matar, ou pior, tirar minha filha de mim e isso seria meu fim. Eu não sei viver sem minha Mayara. E desde então, sofro com medo, já tive algumas crises de pânico, mas fiz tratamento e melhorei. — Engoli em seco e sentindo raiva. — Hoje o que você viu, foi uma pequena crise e fiquei com muita vergonha disso ter acontecido na sua frente. Queria realmente que você esquecesse.

Enquanto ela me contava, eu só pensava que se eu pegasse o filho da puta que fez aquilo com ela, o mataria, no entanto, por ela tentei me manter calmo, soltei o ar que segurava e respondi.

— Não vou esquecer nada do que vivi ao seu lado hoje. E sabe por quê? Porque você me contar isso, só me fez te admirar ainda mais. Nem todas as mulheres têm a força e a coragem que você teve quando fugiu daquele desgraçado. E olha, Clara, no que você precisar, eu estarei aqui, pode me considerar de verdade um amigo.

Ela me olhou e engoliu em seco, parecia feliz como se não esperasse que minha resposta fosse ser aquela.

— Obrigada, Fernando. — Olhou intensamente por uns segundos e continuou: — Bem, agora vou ter que entrar.

— Eu te acompanho até o portão.

Antes que ela pudesse me afastar e dizer que eu não precisava descer, eu já estava do seu lado do carro.

Clara desceu, eu apoiei minha mão nas suas costas e a acompanhei.

— Entregue, senhorita — falei, sorrindo e tirando um sorriso tímido dos seus lábios.

— Mais uma vez, obrigada. Você é um excelente amigo.

— Ganhei a noite, passei de chefe ou patrão, para amigo. Já é um grande passo para humanidade. — Sorriu, com os olhos ainda inchados pelo choro.

Ficamos mais uns segundos sem dizer nada, apenas nos olhando, e senti dentro de mim algo mudar, um sentimento estranho, que era como se eu tivesse o dever de protegê-la de qualquer perigo que pudesse correr.

Queria passar a noite ao seu lado, a acomodar em meus braços e a certificar de que nunca mais precisaria ter medo, mas era óbvio que eu não podia.

Percebi que eu teria de dizer alguma coisa, limpei a garganta e falei:

— Fica bem, tá? — Não me contive e passei a mão delicadamente em seu rosto. — Até mais tarde.

— Até mais tarde — respondeu e dei um beijo em seu rosto.

Andei em direção ao meu carro e quando me virei para entrar, ela ainda me olhava do portão, acenei para ela que acenou de volta e entrou, depois parti para casa.

Clube
Angels

Capítulo 7

Fernando

Acordei e só conseguia pensar na noite anterior. Primeiro tive uma recaída com minha ex e depois vivi aquele momento tão intenso com a Clara.

Que noite!

Encontrava-me deitado de costas na minha cama, com as mãos apoiando a cabeça e olhando para o teto, enquanto pensava que minha ex estava bem gata e o sexo foi incrível, até marcamos de nos ver naquele dia de novo, no entanto, quando eu comparava com o momento que vivi com Clara...

Nunca senti algo tão grande por alguém, como o tamanho da vontade de cuidar dela, de protegê-la de todos os perigos do mundo e nunca mais vê-la chorar daquele modo.

Meu telefone começou a tocar, me tirando dos pensamentos e vi no identificador de chamada que era minha mãe.

— Bom dia, mãe.

— Boa tarde, *né*, Fernando? Já são duas horas da tarde.

— Ah, mãe, para mim é bom dia, acabei de acordar.

— Filho, seu pai e eu precisamos falar com você. Você poderia vir até a nossa casa hoje? — Percebi que mudou o tom de voz e parecia tensa.

— Sobre o que vocês precisam falar?

— Venha e conversamos pessoalmente.

— Tudo bem, em uma hora estarei aí.

Desliguei, me arrumei e fui até a casa dos meus pais, não sabia o que queriam falar comigo, mas pelo tom de voz da minha mãe, não devia ser coisa boa.



Ri em desdém, não acreditando no que ouvia.

— Pai, isso não pode ser verdade, você não pode estar falando sério.

— Estou falando seríssimo, Fernando. Já decidimos.

Meu pai encontrava-se sentado de frente para mim, no sofá da sala da casa deles, com minha mãe ao seu lado.

Tinha certeza de que minha irmã já sabia dos planos que os dois confabularam para mim e decidiu sair para não me ver surtar.

— Eu não posso me casar com a Fabiana, pai.

— Você pode e vai. Seu avô está me pressionando e você sabe o quanto ele é a favor das tradições. Eu e sua mãe a quebramos uma vez, mas com você vai ter que ser como sempre foi. Precisamos de você na presidência da empresa.

Ri sem vontade, achando aquela conversa ridícula.

— Pai, eu não posso.

— Por que não pode, Fernando? Você nem sequer tem namorada e namorou por tanto tempo a Fabiana, não custa nada fazer a vontade do seu avô. Além de que, ele está idoso, podemos perdê-lo a qualquer momento e para ele seria uma alegria ver você casado com a Fabiana e mantendo as raízes da família — minha mãe disse calmamente.

— Vocês poderiam ter feito a vontade do meu avô e não terem se casado — falei me levantando.

— Não fale assim com a sua mãe, Fernando — meu pai disse um pouco mais alto.

— Desculpa — falei e voltei a me sentar. — Tentem entender meu lado, vocês já passaram por isso. Eu não amo a Fabiana.

— Se você estivesse apaixonado por alguém até entenderíamos, mas não é o caso, pelo contrário, até está saindo com a Fabiana e só não aceita o combinado para ser rebelde e nem tem mais idade para isso — meu pai constatou.

— Sim, saí como amigo, mas não por isso tenho que me casar com ela.

— Bom, filho, a realidade é que a empresa tem que ficar entre as famílias sócias e no caso, o próximo casamento é entre você e a Fabiana — bateu o martelo sobre a sua decisão, se recostando no sofá e deixando claro que eu não tinha escolha.

— Pai, o senhor está ouvindo o absurdo que está dizendo?

— Não vejo absurdo, vejo praticidade.

— Vocês dois deveriam ter sido práticos e não terem se casado.

Não dei tempo para que respondessem ou me repreendessem, levantei-me e saí da sala indo em direção a porta da frente.

Não fui criado assim, nunca deixei meus pais falando sozinhos, mas nem toda a sabedoria e paciência oriental me fariam ficar calmo em uma situação como aquela.

Não conseguia entender a ideia ridícula que insistiam em manter, duvidava que ao menos tinham perguntado a opinião da Fabiana sobre o casamento.

Entrei no meu carro, bati a porta irritado e fui direto para Angels.
Precisava trabalhar para esfriar a cabeça.

Clara

Busquei Mayara na escola e passamos no mercado a caminho de casa. Ela comprou muitas guloseimas e continuamos o caminho conversando.

— Mãe, aquele moço, o seu patrão, ele gosta de você, *né?*

— Gosta, somos amigos, filha. — Tentei não sorrir para carinha de decepção que ela fez.

— Mãe, acho que você deveria ser namorada dele.

— Não posso, Mayara.

— Por quê?

— Porque ele é meu patrão.

Ela pensou um pouquinho.

— Mas aí seria mais fácil, pelo menos você trabalha com ele de noite e não vou precisar te dividir com ele de dia.

Tive que rir da carinha dela, de quem tinha arrumado um jeito para acabar com a guerra no mundo.

— Mas acontece, mocinha, que não estou procurando namorado e nem o Fernando iria querer ser meu namorado se fosse o caso.

— Você não sabe o que está perdendo, *mamis*. Fernando é muito bonito.

— E o que você entende de homem bonito?

— Eu entendo de tudo.

Seguimos o caminho rindo e comendo doces como duas amigas, entretanto, em um momento em que íamos atravessar um semáforo, tive a impressão de ver o rosto do Jeferson em um dos carros, mas ficou verde os veículos andaram e o perdi no meio do trânsito.

— Mamãe, você está apertando minha mão muito forte.

— Desculpa, filha.

Imaginei que fosse apenas o susto da noite passada me fazendo imaginar coisas, então respirei e continuei conversando com minha filha para esquecer e manter-me sã.

Chegamos em casa e encontramos Laura jogada no sofá, com cara de quem comeu e não gostou.

— O que foi, amiga? — perguntei.

— Ah, nada. Só uma noite mal dormida, se é que me entende.

— Entendo. E é assuntos impróprios para menores — falei tampando os ouvidos da Mayara.

— E você, está bem? Veio para casa com o Fernando de novo?

— Tia Laura, não é verdade que a mamãe deve namorar com o tio Fernando?

— Tio? — perguntei.

— Sim, tio. Já tô treinando pra quando ele virar seu namorado, mãe.

Mayara sorria e eu sorri também.

— Filha, para de criar expectativa em cima de uma coisa que não pode acontecer.

— Estou com você, May. Eu também acho que sua mãe deve namorar o Fernando e ele é lindo, não é?

— Sim, ele é lindo. Tem o olho puxado igual o príncipe da princesa Mulan.

Rimos da carinha de encantada dela.

— Masss... Sinto acabar com o sonho de vocês e dizer que não será possível.

— Duvido — Laura disse.

— Eu também, tia.

— Oras... Vocês duas parem de se juntar, para fazer conspiração sobre minha vida?

— Se você ficar enrolando, vai aparecer outra loira gata como você e vai pegar o bonitão — Laura disse com a sobrancelha arqueada.

— Tia, nenhuma loira é tão gata quanto minha mãe.

— Tem razão, gatinha, toca aqui. — Laura ergueu a mão espalmada e a May bateu com a mãozinha dela.

Eu sorria.

— Muito obrigada. Não tem como minha autoestima ficar baixa estando ao lado de vocês duas. Mas, e se Fernando tiver uma namorada? Já pensaram nisso?

— Ele não tem que eu sei.

— Vai que você não sabe.

— Eu sei — Laura disse com certeza e eu ri.

— Mãe, ele não tem. Você é a princesa dele e se tiver outra, ela vai ser a bruxa má.

Laura e eu rimos.

— Desde quando minha vida amorosa é pauta para conversas aqui nesta casa? Podem parar as duas de confabular coisas que nunca vão acontecer.

— Nunca, diga nunca, querida Clarinha — Laura disse sorrindo para mim acompanhada por minha filha. — E como eu disse, para de enrolar e pega o Boy, antes que alguém pegue.

Revirei os olhos para ela ainda rindo e fui em direção a cozinha pensando naquele diálogo doido que acabamos de ter.

Será que Fernando tem alguém?

Será que eu conseguiria começar algo com ele?

Será que realmente existe uma química entre nós, como Laura diz ou é só fruto da imaginação da minha amiga?

Balancei a cabeça para dissipar os pensamentos e parei de pensar, porque Fernando era meu patrão e eu não devia pensar nele daquele jeito. Não devia imaginar coisas que não podiam acontecer e pior, que até podem acontecer, mas podem me ferir e machucar mais do que já fui machucada pela vida.

Era melhor eu parar de imaginar o impossível e voltar para minha vida estável e sossegada, com minha filha sonhadora e minha amiga louca.

Clube
Angels

Capítulo 8

Fernando

Acordei na sexta pela manhã, meio estressado por vários motivos. O primeiro de todos era que não voltei a falar com os meus pais depois da conversa sobre o casamento, o segundo era que acabei não indo a Angels, porque me encontrei com a Fabi no caminho, saímos para conversar sobre a história maluca de nos casarmos e acabamos emendando a noite.

O terceiro motivo era que precisava parar de ter recaídas com minha ex, o sexo era bom, ela era gostosa, mas nossos pais queriam nos casar e pelo o que percebi ela também parecia não estar a fim desse combinado. O que era ótimo.

E o quarto motivo pelo qual me via irritado, era um que eu não conseguia entender: não ter visto Clara.

Acordei com a impressão de que me faltava algo e que eu devia ter ido a Angels, para levá-la em casa. Não saber o que aconteceu com ela depois que foi embora do trabalho, estava me deixando preocupado.

Tive uma ideia e levantei da cama em um pulo. Peguei meu celular e liguei para Angels. Sempre ficava um segurança durante o dia e por sorte, o segurança que atendeu foi o Valmir, que era totalmente de confiança.

Eu não devia pedir para que outra pessoa, que não fosse Gustavo, João e Rodrigo, abrisse os arquivos confidenciais dos funcionários, mas me via tão preocupado, que passei por cima das regras para saber notícias dela.

Pedi que Valmir fosse até minha mesa, pegasse a pasta com o nome da Clara e procurasse seu número do telefone. Não demorou e ele me enviou.

Pensei por um minuto se deveria ou não, ligar para ela e, claro, o sim prevaleceu.

O telefone deu dois toques, até que ouvi sua voz mansa invadir meus ouvidos:

— Alô.

— Oi, Clara.

— Oi, com quem eu falo?

— É... Aqui é o Fernando. — Limpei a garganta e continuei: — Estou ligando para saber se está tudo bem.

— Sim, está sim. — Vi que parecia surpresa.

— É que ontem eu não pude trabalhar e fiquei preocupado em deixá-la voltar sozinha para casa.

Ouvi sua risada baixa, como um sopro.

— Não voltei sozinha. Ontem voltei acompanhada.

Imediatamente senti-me incomodado. Será que ela saiu com alguém?

Xinguei-me mentalmente, porque ela era solteira e era mais que compreensível que saísse com alguém.

— Arrumou companhia, ontem? Legal, fico feliz... só toma cuidado com esses carinhas que frequentam a Angels — perguntei sem vontade de ouvir a resposta.

— Não. — Ela riu. — Minha companhia foi a Laura, até que enfim aquela doida voltou comigo para casa, mas muito obrigada por se preocupar.

Respirei aliviado.

— Sempre me preocupo com minhas amigas.

Ela sorriu e um silêncio se formou na linha.

— Fernando, desculpa, preciso desligar. É que a Mayara está aqui, louca me pedindo para levá-la até o Parque dos Pássaros. Quer usar os patins novos que ganhou dos pais da Laura.

— Que legal, adoro patinar, sempre fui ótimo nisso.

— Eu sou um zero à esquerda, tropeço até andando, quem dirá em cima de rodinhas, mas ser mãe é isso, vou me virar para fazer as vontades desta pequena.

— Olha, se você não se importar eu posso fazer companhia a vocês e ensinar umas técnicas para Mayara. — Me ofereci para o passeio mãe e filha. Inacreditável.

— Seria ótimo, mas não precisa se for te atrapalhar. — Ela parecia sorrir.

— De jeito nenhum. Estou livre hoje e até entediado. Pego vocês aí em dez minutos.

Clara ficou em silêncio e tinha certeza, pelo pouco que a conhecia que estava pensando em recusar minha companhia.

— Tudo bem. — Por fim, respondeu.

Desliguei surpreso e feliz por ela ter concordado, depois corri me arrumar para encontrar com duas gatas.

Já estava quase saindo quando tive uma ideia.

— Dri — falei quando minha irmã atendeu ao telefone. — Me empresta seus patins?

— Claro, mas você não tem o seu?

— Sim, mas é que vou emprestar um pra Clara.

— Clara? A barwoman que te acha um gatão?

Ri.

— Essa. Vou levar *ela* e a filha ao parque dos pássaros para aprender a andar de patins.

— *Uauuu!* Que passeio família, quem te viu, quem te vê, hein, irmão?

— Cala boca, Adriana! É que estou sem fazer nada, ela me disse que iria e resolvi relembrar os velhos tempos me oferecendo para ir junto.

— Tudo bem, não precisa se explicar, maninho. Divirta-se. Ah! E ela é uma gata, viu.

— Dri, não tem nada a ver, somos só amigos, para de imaginar coisa onde não tem.

— Sei, maninho...

— Olha, já estou passando aí para pegar, leva para mim no portão, por favor? Porque não quero ver nossos pais.

— Tudo bem, mas eles ainda insistem com a história do casamento?

— Sim — respondi exasperado. — Estão irredutíveis e agem como se isso fosse completamente normal.

— Não se estressa, tudo vai se resolver, eles vão cair em si e ver o quanto é uma ideia idiota.

— Tomara, não quero ser o renegado da família, mas também não quero me casar por obrigação. Bom, vou esquecer isso por hora e estou passando aí para pegar os patins.

— Tudo bem.

Passei na casa dos meus pais, peguei os patins com a Adriana e uma cesta de comes e bebes que do caminho pedi para ela preparar.

Já estava estacionando o carro em frente à casa da Clara, quando a vi sair no portão com a filha. As duas eram bem parecidas e lindas.

— E aí, meninas, vamos nos divertir? — perguntei descendo do carro.

— Simmm... — Mayara gritou e eu sorri enquanto olhava para mãe dela, que me olhava com um sorriso tímido nos lábios.

— Oi — cumprimentou sem graça.

— Oi — respondi sorrindo e pegando as coisas delas para guardar no banco de trás.

— Tem mesmo certeza que quer fazer isso? — me perguntou lançando-me uma careta tímida.

— Claro que tenho. Amo patinar.

Logo nos acomodamos no carro e enquanto seguíamos o sorriso tomava conta do meu rosto.

Quando chegamos lá, estacionei embaixo de uma árvore e abri o portamalas para tirar tudo que eu havia preparado.

— Nem pensar! — Clara reclamou com um pânico evidente no rosto ao ver os patins que eu oferecia a ela.

— É fácil. Vou te mostrar o quanto é simples. — Eu exibia um sorriso divertido.

— Nem pensar! Eu não nasci para isso. Eu sou tão desastrada que vou me quebrar inteira e pensa: hoje é sexta-feira, tem apresentação na Angels. Você não quer perder uma das suas atrações, não é?

— Veremos. Até a hora de irmos, eu vou te convencer a pelo menos tentar andar um pouco.

— Duvido que consiga.

— Eu sempre consigo tudo que quero. — Pisquei para ela e ela sorriu.

— Tudo bem, senhor mimado, até a hora de irmos veremos.

Sorri e segurei o olhar até sermos interrompidos por uma vizinha:

— Mãe, antes de começarmos a patinar, podemos comer? Eu estou com uma fominha.

— Princesa Mayara, eu penso em tudo — falei indo até o porta-malas e tirando a cesta de piquenique que pedi para minha irmã preparar. — *Tcharammm*.

— O que é isso? — Mayara perguntou.

— Cesta de Piquenique. — Pisquei um olho para ela.

— Nunca fiz piquenique — May falou com os olhinhos brilhando e notei que Clara se fechou como se tivesse uma lembrança ruim. — Ele nunca nos deixava sair, *né*, mãe?

— Sim, filha, mas esqueça isso, é passado e hoje estamos aqui para nos divertirmos, não é? — Um turbilhão de emoções passava no olhar que as duas trocaram.

— Olha... Vocês duas vão ficar aí, tristes? Ou vão sentar comigo ali debaixo daquela árvore e comer este monte de coisa gostosa que eu trouxe?

— Coisa gostosaaaa... — a pequena gritou e foi correndo em direção à árvore.

— Obrigada — Clara sussurrou me olhando agradecida e senti um arrepio subir pelo meu corpo, um arrepio acompanhado por um sentimento bom.

Comemos e depois que Mayara estava de barriga cheia, logo começou a correr atrás dos pombos e nos deixou a sós.

Clara me contou um pouco do que viveu com o marido e a cada história, eu sentia uma raiva enorme me atingir e uma vontade gigante de socar a cara do maldito homem até que ele não respirasse mais.

— Ela sofreu bastante, e eu, tive que ser forte por mim e por ela.

— Entendo e te admiro.

— O que me deixava um pouco mais tranquila enquanto estava internada com alguma coisa quebrada, era que ele ficava um doce por conta da consciência pesada, mas aí era só eu sair e ficar bem, que ele voltava a beber, aí a bebida o transformava e ele ficava agressivo outra vez.

Engoli em seco, olhei para criança que corria feliz a minha frente e tentei imaginar o tanto de medo que ela passou. Voltei a olhar para mulher delicada, que encontrava-se sentada ao meu lado, de cabeça baixa, me contando a pior parte da sua vida e pensei: Tão delicada e tão forte.

— Foi assim. — Ela ergueu o olhar e me olhou, com um sorriso tranquilo nos lábios, depois que acabou de me contar como enfim teve coragem de sair do inferno em que vivia.

— Você foi muito corajosa e forte. Para mim, você é a mulher mais forte que conheci na vida.

— Ah, para.

— Sério! Foi preciso muita força para fugir de tudo que você vivia, mas acho que você deveria ter ido à polícia antes e denunciado ele.

— Se eu fizesse isso ele nunca me deixaria em paz, então a melhor saída foi fugir. Ele nem imagina onde estou. — Deu de ombros sem graça.

— A melhor coisa que você fez foi vir para cá.

— Sim, foi.

— E a segunda melhor, foi trabalhar na Angels. — Eu sorri e ela me sorriu de volta.

— Vocês dois. — A menininha linda e com sorriso no rosto nos interrompeu. — Vamos ou não andar de patins?

— Vocês vão, eu não — Clara respondeu erguendo as mãos em rendição.

— Ah, mamãe, você não vai fazer essa desfeita com o Fernando, vai?

— Verdade, muita desfeita — concordei, depois de receber um sinal de positivo da May. Aquela menina era tão linda.

— Vão vocês, enquanto isso fico aqui criando coragem.

Clara encheu Mayara de apetrechos de segurança, em seguida colocamos nossos patins e comecei a ensinar a ela tudo que eu sabia de como patinar com facilidade.

A mãe nos acompanhava com atenção, sorrindo de longe e nos vigiando como uma leoa.

— Sabe, queria te chamar de tio, você se importa? — Mayara me perguntou exibindo seu sorrisinho angelical.

— Claro que não.

— Pode ser tio Nando, então?

— Tio Nando, ficou ótimo. — Eu sorria. Mesmo que eu não tivesse nenhum contato com crianças anteriormente, pensei que estava me saindo bem.

— Tio Nando, você quer namorar minha mãe?

Engasguei.

— Não... bom, não... Somos só amigos. — Enfim consegui falar e a menina pareceu triste.

— Que pena. Você não sabe o que está perdendo, ela é muito legal sabe.
— Se desequilibrou, eu a segurei e logo fez um sinal para que eu a deixasse

continuar sozinha.

— Sim, ela é muito legal. — Olhei para frente e já estávamos quase perto de onde Clara nos olhava.

— Você tem os olhos puxadinhos iguais aos do príncipe da princesa Mulan.
Ri.

— É porque sou descendente de japoneses.

Ela pareceu pensar um pouco enquanto dava breves passinhos deslizando com as rodinhas dos patins.

— E você é muito bonito e altão.

— Obrigado. Você também é muito bonita e parece a princesa... — Pensei um pouco e não sabia o nome de nenhuma princesa, ela percebeu.

— Você não conhece as princesas?

— *Hummm...* Você me pegou, realmente não as conheço.

— Meninos... — revirou os olhinhos. — Eu sou loira, mas queria mesmo ser a princesa Merida, a valente. Ela tem o cabelo todo enrolado, selvagem e solto, é forte e corajosa e protegeu a mãe dela quando correu perigo.

A pequena pareceu reviver lembranças tristes, fez uma carinha que doeu meu coração.

— Pois eu digo que você é igual a essa princesa aí. Tenho certeza que é você, que sempre protege sua mãe. Eeee... se soltar o cabelo e bagunçar assim...
— Passei a mão nos cabelos dela deixando-os bagunçados. — Vai ficar como os da tal princesa.

E então ela voltou a sorrir.

— Você bagunçou meu cabelo, vou te pegar! — Tentou correr em minha direção parecendo um robzinho sobre rodinhas e eu simulei fugir dela. Ambos ríamos até que chegamos próximos da Clara.

— Mamãe, o tio Nando bagunçou meu cabelo para ficar igual ao da Merida.

— Mas isso é inadmissível! É um pecado bagunçar os cachos de uma princesa. E desde quando somos “tio Nando”? — Clara me perguntou cruzando os braços.

— Nós conversamos e chegamos a um acordo, agora sou Tio Nando. E mudando de assunto, agora que a May é uma profissional nos patins. — Pisquei para Mayara — É a sua vez de aprender.

— Ai, meu Deus, nem pensar, Fernando.

— Mãe, chama ele de Nando também, combina muito mais com ele. E, mãe, vai patinar é muito legal — Tentei segurar o sorriso ao ver o desconforto da Clara com as tentativas da filha de nos aproximar, mas foi em vão, ri largamente.

— Tudo bem... Nando. — Fez uma pausa sorrindo. — Eu vou, mas se eu cair e me quebrar toda, vou pedir indenização a você.

— Feito.

Clara colocou os patins da minha irmã e me fez tirar o meu, segundo ela, eu não conseguiria segurá-la se estivesse usando patins também.

Começou a patinar devagar e sorria como criança, fomos até o final do corredor arborizado e voltamos. Ela segurava minha mão e a pequena Mayara nos observava sentada na grama a alguns metros de distância.

Quando estávamos voltando, um pombo passou voando na frente da Clara e a desequilibrou, fazendo com que quase caísse, e eu para impedir, a segurei pela cintura e a puxei para mim, firmando o seu corpo ao meu.

No momento em que ela se equilibrou novamente, estava com o corpo colado ao meu e a mão sobre o meu peito. Seus olhos pararam fixos nos meus e senti minha respiração acelerar.

Olhei para seus lábios e percebi que ela também respirava aceleradamente.

— Respira! Eu te peguei. — Após alguns segundos Clara assentiu, se afastou de mim, mas não disse nada.

Tentei me controlar, enquanto meu coração batia acelerado, descompassado e meu corpo reagia de maneira estranha.

Eu não conseguia entender aquela sensação, mas cheguei à conclusão que, com certeza, era apenas reação ao movimento brusco que fiz para segurá-la, só isso.

Clara

Meu coração estava a mil por hora.

Eu nunca tinha sentindo algo tão forte assim.

— Respira! Eu te peguei. — A sua voz fez com que eu acordasse do transe, que seu corpo colado ao meu e seus braços fortes me segurando me deixaram

— Obrigada — consegui falar e me afastei. — Eu disse que isso não daria certo, sou um desastre ambulante.

— Eu acho que nunca deu tão certo. — Encarei-o, mas desviei o olhar e fui até o banco mais próximo. Tirei os patins e voltei até onde tínhamos deixado a Mayara.

Quando me aproximei nem dei tempo a ela de abrir a torneirinha de palavras e logo falei:

— May, amor, vamos embora? Já está ficando tarde e tenho que me arrumar para trabalhar.

— Tio Nando poderia te deixar faltar hoje e ficaríamos mais um pouco.

— Não posso deixá-la faltar, porque eu sentiria muita falta dela lá na Angels, baixinha — ele falou sorrindo para minha filha.

— Então você também fica e não sentirá saudade de nós. — Minha pequena estava destinada a me matar de vergonha naquele dia.

— Mayara, por favor, filha nós temos responsabilidades que devemos cumprir. Outro dia a gente volta.

— Amanhã?

— Não!

— Sim!

Eu e Fernando dissemos juntos.

— Vocês dois decidam-se. Eu tô com o tio Nando, voto pelo sim para amanhã.

— Nesse caso, Clara, você é voto vencido, May e eu votamos e ganhamos, então amanhã estaremos aqui novamente.

Bufei, sentindo-me feliz e ao mesmo tempo preocupada com aquela aproximação.

Queria ficar perto dele, mas não sabia se era boa ideia a contar pela forma como meu corpo reagiu apenas por ficar por segundos mais perto do dele.

Entretanto, sem que eu conseguisse negar e me afastar, assim foi: fomos ao parque no dia seguinte e no final de semana, a amizade entre Mayara e Fernando ficou mais forte, enquanto eu tentava me manter mais discreta e até mesmo arredia a sua amizade.

Sem que eu pudesse controlar, me peguei o admirando por diversas vezes e o pior, o imaginando nu e o desejando ao mesmo tempo que pensava o quanto ele seria um pai excelente.

Era muito atencioso com a minha pequena e era inegável o quanto ela se sentia protegida perto dele.

Certa noite de segunda, estávamos deitadas e abraçadas na cama e ela disse que adorava quando o tio Nando saía com a

gente, porque ela sabia que ele nos protegeria se “e/e” viesse nos procurar.

Sempre que ela se referia ao pai como “e/e” meu coração se apertava e ainda mais naquela ocasião, quando ela sentia-se mais protegida com alguém que conheceu há pouco tempo, do que com o pai que a colocou no mundo.

Eu e Fernando, continuávamos somente amigos. Eu sentia um frenesi sempre que ficava perto dele, porém, tentava disfarçar e, às vezes, achava que ele sentia o mesmo.

Não passamos do estágio amigos, mesmo saindo tantas vezes em passeios família, não demos nem um beijo, nem sequer chegamos perto disso e eu estava quase chegando à conclusão de que, na verdade, ele só queria ser meu amigo mesmo.



Sexta-feira, dia de apresentação, e Laura e eu montamos uma nova coreografia. Decidimos dançar a música Bom da Ludmilla.

Como sempre na minha vida, quando eu precisava fazer algo novo, sentia-me nervosa e suava frio.

Naquele dia tinha passado a coreografia com Laura milhares de vezes em casa e na Angels, mas mesmo assim, eu só ficaria tranquila depois de nos apresentarmos, de ouvir o público aplaudindo e após todos indo comprar muitas bebidas no bar.

Eu encontrava-me sentada no sofá para descanso no estoque, sozinha, porque Laura tinha ficado nervosa, de tanto ver meu nervoso e saiu de perto de mim me xingando.

Meu rosto já exibia-se maquiado e produzido para começar o show.

Comecei a estalar os dedos, minha cabeça estava baixa e meu olhar fixo no meu salto alto.

— Meu Deus, me ajude a não cair de cabeça no chão — falei baixinho.

— Não vai. Quando você dança, se transforma.

Saí do meu transe em um susto, quando ouvi a voz do Fernando invadir o espaço.

— Ai, você me assustou.

Ele sorriu, andou até mim e acomodou-se ao meu lado.

— Desculpa. Acho que tenho o dom de te assustar. — Ele riu e continuou: — Mas sabe, já te conheço o bastante para saber que você estaria aqui, surtando de medo de enfrentar uma apresentação nova.

— Não estou surtando, só estou um pouquinho nervosa.

— Me deixe ver...

Ele pegou minha mão e entrelaçou os dedos nos meus, fazendo com que um arrepio me tomasse. Encarei-o para ver se também sentia o mesmo e quando ergui meus olhos para conferir, vi que os seus fitavam meus lábios.

Engoli em seco e direcionei meus olhos instintivamente para seus lábios também.

De imediato um calor difícil de controlar subiu pelo meu corpo e o aperto que a mão dele dava na minha era acolhedor e tranquilizador.

Tirei depressa minha mão da dele, quando o barulho do Cassio abrindo a porta invadiu a sala.

— Fernando, João pediu para que eu viesse te chamar.

— Ok, já estou indo.

Vi que Cassio me olhou e sorriu, talvez cúmplice por notar que acontecia algo intenso naquela sala antes que ele chegasse. Senti-me envergonhada.

Fernando fechou o cenho ao testemunhar o sorriso que Cassio me lançou e sem se despedir nem olhar para trás, saiu pisando duro.

Cassio o observou e deu de ombros como se não entendesse.

— Deve estar nervoso com o trabalho. — Sorriu e depois perguntou-me mudando de assunto: — Como você está se sentindo para apresentação de hoje, colega? — Andou até mim.

— Infartando — respondi, fiz uma careta e ele sorriu ainda mais.

— Fica calma, vocês vão arrasar, como sempre.

Lancei-o um sorriso, ia agradecer, entretanto, fui interrompida por Valmir, que apareceu na porta do estoque e disse:

— Cassio, Fernando pediu para você assumir seu posto, que a casa está enchendo.

Cassio me olhou meio sem entender.

— Te vejo daqui a pouco.

— Até daqui a pouco — despedi-me.

Antes de sair lançou-me um sorriso e me deixou sozinha com o nervoso da apresentação e uma sensação de ansiedade por algo bom que ia acontecer, causada pela mão do Fernando na minha e os olhos dele na minha boca.

Clube
Angels

Capítulo 9

Fernando

Saí mais algumas vezes com a Fabiana, mas sinceramente, não consegui me concentrar nela. Minha cabeça voltava para o sorriso da Clara, nos passeios que dividimos e em tudo relacionado a ela.

Saí com Clara e a filha por dias seguidos e isso me fez muito bem. Depois da primeira vez, todas as tardes seguintes arrumei algum pretexto ou programa para ficar com as duas.

A princípio ela relutou um pouco, como sempre muito fechada, também não a culpo depois daquele marido filho da puta, mas se acostumou a sair comigo.

Sentia-me encantado com Mayara, uma menina, educada, alegre apesar de tudo o que passou e muito carinhosa.

Nunca tive contato com criança nenhuma, mas passar um tempo com Mayara e Clara era como se eu me completasse... inteiro como nunca estive.

Minha mãe, meu pai e meu avô, ainda insistiam naquela história de casamento com a Fabiana e eu me esquivava o quanto podia.

Não queria contrariá-los nem brigar com minha família, mas também não via como aquilo podia ser possível se eles continuassem com aquela bendita ideia fixa de casamento por conveniência.

A única, fora minha irmã, que me defendia era minha avó que concordava comigo sobre casar por amor e não por convenções. A verdade era que nem por amor eu pensava em me casar.

Ainda que eu andasse repensando a ideia de não ter filhos depois de conviver mais com Clara e Mayara e testemunhar o quanto ambas eram cúmplices.

Dois dias sem me ver e Fabiana me ligou, dizendo que também estava sofrendo pressão dos pais e que por ela marcaríamos logo o casamento só para deixar de ouvir tanta aporrinhação.

Bufei ao ouvi-la e respondi que nós dois não tínhamos mais nada a ver.

Ela também está passando para o outro lado.

Com nossa última conversa tive certeza de que realmente precisava parar de ver a Fabiana.

Estava quase na hora de abrir a Angels e eu caminhava por meu empreendimento que era minha paixão, antes que as portas se abrissem e tudo ali lotasse de gente. Como sempre, já tínhamos fila na porta.

O Show das meninas com as garrafas era sucesso, elas até foram apelidadas de anjas, e toda sexta era daquele modo: filas gigantes para vê-las. Ainda naquela noite, em que anunciamos apresentação nova.

Enquanto caminhava pela Angels, meus olhos varriam o lugar procurando por Clara.

Por mais que eu tentasse ficar longe, não consegui, porque meu instinto protetor ficava sempre em alerta quando me via próximo dela. Principalmente em dia de apresentação... E apresentação nova, que eu tinha certeza que ela devia se encontrar em algum canto surtando.

— Laura, onde está Clara? — perguntei quando me aproximei de Laura que conversava com um dos nossos seguranças.

— Ela está no estoque, surtando como sempre, mas nem me abalo, sei que quando tiver de ser, ela vai dançar e arrasar.

— Disso não tenho dúvida.

— Vai lá no estoque, ela deve estar querendo conversar, principalmente conversar com você.

Ergui uma sobrancelha, meio confuso e tentando entender o teor da fala da Laura:

— Vou lá — falei sorrindo.

Sabia que a amiga torcia para acontecer algo entre Clara e eu. Ultimamente eu pensava tanto nela, que era bem provável que acontecesse.

Segui para o estoque e assim que entrei, a vi sentada no sofá com os ombros tensos e de cabeça baixa.

Como é linda!

A assustei sem querer quando interrompi uma oração que ela fazia em voz alta.

Sorri me aproximei dela e peguei sua mão na tentativa de acalmá-la, mas só o que eu consegui fazer com que meu coração saltasse disparado, apenas por sentir o toque da mão macia dela na minha.

Fitei seus lábios e a vontade de beijá-la que me atingia todas as vezes que ficava ao seu lado, me atingiu novamente com força.

Das outras vezes, eu não pude beijá-la, já que estava na frente da sua filha, mas naquele momento... Nada me impedia.

Ela também parecia afetada e senti nossa respiração acelerar, até que no instante seguinte, quando eu ia beijá-la, fomos interrompidos por Cassio que me passou um recado do João.

Cacete!

Afastei-me e vi um largo sorriso que o tal do segurança, lançou para ela. Aquilo não me agradou, porque a vi retribuir e cogitei se eles tinham alguma coisa.

Senti-me bobo por estar ali, aquele tempo todo de idiota, achando que ela não tinha ninguém. Claro que ela teria diversas opções considerando o quanto era linda.

Lá do escritório notei algumas vezes os dois conversando quando a Angels estava vazia.

Não podia ser.

Saí do estoque, passei bufando pelo Valmir e pedi para buscar Cassio para o posto dele. Não queria aceitar, mas senti ciúme e não queria-o sozinho com Clara.

Subi para o escritório bufando e encontrei os outros Angels me esperando.

— Qual é? — perguntei.

— Eita! Está irritadinho, hoje? — Rodrigo perguntou.

— Não, quero agilizar. E você está bem? — perguntei para o Gu.

— Melhorando.

— Bom tê-lo de volta — Ele me respondeu com um meneio de cabeça e deu uma encarada no João.

Gu estava abatido e parecia miserável. Ele realmente amava Livia, nunca o vi sofrer por mulher nenhuma.

Fizemos uma reunião rápida, decidimos o que cada um faria para manter a ordem da Angels e em seguida desci para esperar a apresentação. Posicionei-me no balcão do bar principal e vi nossa casa noturna encher enquanto eu esperava.

Logo o Dj anunciou as anjas, fez a contagem regressiva junto com todos os presentes e as luzes se apagaram. Quando se acenderam novamente, lá estavam as duas: lindas, uma de costa para outra e entre fumaça e nuances de luzes brilhantes.

Clara exibia-se maravilhosa.

Gritos romperam o espaço entre muitas palmas, assobios e os acordes da música que começavam a soar nos autofalantes.

Eu sentia-me hipnotizado olhando o desenho do corpo cheio de curvas da Clara e o quadril que mais parecia uma das curvas do Oscar Niemayer, de tão perfeito e perfeitamente abraçado pela calça preta e justa.

As duas andaram até o balcão, pegaram cada uma, uma garrafa de *Chandon*, como dizia a música, e começaram a fazer passos, jogar garrafas e usar a coqueteleira.

Eu só faltava babar, assim como todos os outros homens ali.

Relaxa que eu quero você

Relaxa que eu quero prazer

Relaxa que a noite promete e naturalmente vai acontecer

Eu tô ficando louca, arrepiando toda

Eu tô querendo te pegar gostoso

Fazer você pirar daquele jeito

Bom, bom, bom, bom, bom...

Ela dançava provocante, passava a mão pelo corpo e eu tive certeza que era ela que eu queria naquele momento.

Olhou-me várias vezes durante a apresentação e isso me deixou louco.

Clara nunca tinha me olhado antes enquanto dançava.

Brindaram ao final da música e ofereceram a bebida que tinham acabado de fazer para o público.

O olhar da Clara permanecia em mim.

Clara

Ovacionadas deixamos o público e logo o bar começou a encher. Os outros barmans se colocaram à disposição e rapidamente serviam diversas bebidas que os frequentadores pediam.

Como sempre Laura e eu seguimos para o estoque, para nos recuperarmos e voltarmos para o atendimento. Assim que me aproximei do sofá me joguei nele e sentia-me aliviada por ter conseguido concluir a apresentação sem erros. Era como se tivesse tirado das minhas costas um peso enorme.

— Pensei que não fosse conseguir. Amiga, eu estava muito nervosa — falei e Laura se jogou ao meu lado.

— Eu tinha certeza que você ia arrasar como sempre. Mas falando sobre o Fernando, você viu como ele parecia babar muito por você durante toda a apresentação?

— Não pira, Laura, ele só estava lá olhando para ver se estávamos nos saindo bem. E do mesmo jeito que ele olhou para mim, ele te olhou também.

— Não, senhora. Ele só te olhou. Até porque, se ele me olhasse daquela forma, eu já o teria arrastado para esse sofá e só Deus me faria largar daquele gato.

Ri e quando ia dizer algo, um movimento na porta chamou minha atenção e quando olhei, lá estava o gato do meu patrão nos observando.

— Já estou recuperada, vou lá ajudar os meninos no bar. — Laura falou saltando em um pulo. — Mas fica aí mais um pouco descansando o pé, Clara, você me disse que estava doendo. — Minha amiga mentiu em meio a uma piscada.

Meu pé não estava doendo coisa nenhuma, da onde ela tirou isso?

— Você se machucou na dança, Clara? — Fernando se aproximou de mim e parecia preocupado.

— É... não, estou bem, não se preocupe.

— Crianças... Não se comportem. E, Clara, lembre-se do sofá. — Laura saiu sorrindo.

— O que ela quis dizer? — Fernando perguntou.

— Não faço ideia. — Me fiz de desentendida.

Ele sentou-se ao meu lado, pegou meu pé e colocou sobre seu colo, enquanto eu só aceitava, um pouco tensa, mas afim.

— Não faça essa cara de espanto, Clara. Laura disse que seu pé está doendo e como um bom patrão e amigo, vou fazer uma massagem para que você fique melhor.

— Não precisa, Fernando. — Tentei tirar o pé do colo dele.

— Claro que precisa. Eu insisto.

Ai, Deus, eu não ia resistir.

Fernando apertou meu pé e graças a Deus eu tinha ido à pedicure. Fiquei tensa a princípio, mas logo comecei a aproveitar e relaxei.

— Está melhor?

— Ham? Ah, sim, claro, está melhor. — Como eu era ridícula, meu pé nem estava doendo. — Muito obrigada, Fernando. — Tirei pé do seu colo.

— Fernando? Achei que tínhamos deixado claro que eu seria Nando.

Sorri.

— Nando... Ainda não tive oportunidade de te agradecer pelos passeios, por você tratar minha filha com tanto carinho esses dias. Ela está muito feliz em ser sua amiga.

— E eu estou muito feliz em ser amigo dela. Não precisa agradecer, eu é que agradeço.

Ele ficou me olhando por um tempo, mas quebrei o olhar e coloquei meus sapatos.

— Bom, me deixe voltar para o bar que deve estar fervendo. — Me levantei.

— Se não estiver se sentindo bem, tire a noite de folga. Tenho certeza que o pessoal vai dar conta do bar.

— Estou bem, mas obrigada por oferecer. — Que vergonha de ficar mentindo que estou bem, quando nunca estive mal.

Dei um sorriso sem graça a ele e me virei para sair.

— Espera! — Segurou minha mão. — Quero dizer que adorei a performance de hoje, você estava incrível.

Pensei que fosse fazer algo mais, mas apenas me olhou e sorriu receoso. Sorri para ele em resposta.

— Obrigada.

Virei-me e evitando a tentação antes que eu o beijasse, fui para o bar deixando-o lá me olhando.

Cheguei ao bar, que parecia uma loucura, mas Laura e os outros barmans não deixaram a peteca cair e mesmo corrido davam conta.

As horas voaram com tanta correria que quando dei por mim já era hora de fechar.

O *peguete* da Laura estava lá mais uma noite, esperando-a terminar o expediente para saírem. Há dias que eles não saíam, na verdade, desde o dia que tive um princípio de crise de pânico, Laura evitou me deixar ir embora sozinha.

Naquela noite, ela depois de me fazer garantir mil vezes que eu ficaria bem, minha amiga disse ao *peguete*, que descobri que se chama Mateus, que poderia sair com ele.

Apressei Laura a mandando ir de uma vez, que eu terminaria de ajeitar o nosso balcão. Ela saiu me mandando beijos e dizendo que me amava, enquanto eu sorria da minha amiga louca.

Assim que terminei, fui para o estoque e todos já tinham ido. Comecei a ajeitar minhas coisas, cantando baixinho a música da apresentação e balançava o corpo devagar.

Fechei o armário, coloquei a bolsa no ombro, virei-me para sair e tomei um susto:

— Meu Deus! De novo você me assustando, Fernando! — Coloquei a mão no peito.

— Desculpa. — Riu e andou até mim. — Estava indo embora, porque pensei que Laura iria embora com você, mas daí, ela me perguntou se eu poderia te levar, porque ela tinha um compromisso e aqui estou eu.

— Não precisa se preocupar...

— Eu faço questão — me interrompeu, deu um sorriso de lado e completou: — Fiquei te olhando cantar e dançar ali da porta.

— Ai, que vergonha!

— Estou pensando seriamente em colocar você cantando nas próximas apresentações.

— Quer espantar todos os clientes? — Ele sorria largamente da minha vergonha e eu tampei os olhos.

Com passos rápidos andou até mim, puxou as mãos do meu rosto e quando ergui o olhar, ele encontrava-se muito perto e sorria.

Era a própria tentação e se eu não me afastasse faria uma besteira.

Tentei dar um passo para trás, mas foi em vão, assim que percebeu que me afastaria, Fernando me segurou pela cintura, me puxou para perto e sussurrou no meu ouvido:

— Não se afasta.

— Não sei se é uma boa ideia ficarmos tão próximos.

— Por quê? — Ergueu meu rosto para que eu o encarasse.

— Fernando... — sibilei com a respiração acelerada.

— Não fala meu nome assim... porque... desde que te vi dançando, que estou com tanta vontade de...

— O quê? — consegui perguntar com a respiração ofegante.

Ele sorriu sabendo o efeito que me causava e me encarando apertou meu corpo contra o seu, depois desceu com o nariz até meu pescoço e o esfregou de

leve.

— Seu cheiro é tão bom, Clara. Todos esses dias que passamos juntos, eu queria te ter assim nos meus braços. Não sei o que acontece comigo quando estou perto de você. Fico assim, só querendo ficar mais perto e mais perto e mais perto. — Apertou-me mais.

Colou seu rosto ao meu e meus olhos encontravam-se fechados, absorvendo cada palavra que ele dizia.

Eu não devia deixar aquilo acontecer. Eu não devia. Precisava ter autocontrole e o afastar como sempre fiz, mas eu simplesmente não conseguia.

Fernando passou o nariz pela minha bochecha e eu sentia meu peito subir e descer acompanhando minha respiração acelerada, assim como a dele.

Passou o rosto devagar na lateral do meu, até que ficamos frente a frente, nariz com nariz, com uma distância mínima separando minha boca da dele e foi então que os seus lábios romperam o espaço, encostaram-se aos meus e ele me beijou.

Um beijo de início casto e calmo, mas que assim que viu que não o afastei, intensificou.

Eu não conseguia pará-lo, simplesmente não conseguia pará-lo.

Sentia meu corpo formigando de prazer apenas com o beijo que ele me dava. E já fazia tanto tempo que eu não me sentia daquela maneira, por que não aproveitar?

Coloquei meus braços em volta do seu corpo e o apertei, cravei minhas unhas em suas costas. E eu o queria.

Era como se o desejasse desde a primeira vez que o vi ali. Fernando me agarrou pela cintura, me ergueu sentando-me sobre a mesa que encontrava-se ao nosso lado e pude sentir que ele parecia muito afim de tudo isso e eu não estava diferente.

Fiquei consumida de prazer e já não era mais dona do meu corpo nem das minhas ações. Foram muitos dias de tesão reprimido e de desejo abafado, por

querer e pensar que eu não poderia começar um novo relacionamento, mas decidi que naquele momento eu não pensaria no futuro e me entregaria.

Eu me entregaria e faria uma loucura... pela primeira vez na vida.

Sem tirar minha boca da dele, peguei a bainha da camisa que vestia e a puxei para cima, indicando que a tirasse. Imediatamente Fernando ergueu os braços e em seguida pude ter um rápido vislumbre daquela barriga cheia de gominhos, sexy *pra* caramba e disponível para mim.

Enquanto eu ainda admirava a sua barriga, ele foi rápido e fez a mesma coisa que eu, tirando minha blusa e deixando-me apenas de sutiã.

Enrolou a mão no meu rabo de cavalo o puxando para baixo, liberando meu pescoço onde pousou beijos e chupões que me deixaram molhada. Ao mesmo tempo suas mãos deslizaram por minhas costas e me acariciaram lentamente.

Estávamos perdidos um no outro arfando e loucos para ficarmos nus o mais rápido que pudéssemos, mas interrompemos o momento quando ouvimos uma batida leve na porta.

Fernando separou-se de mim e pareceu com raiva por ter que fazer isso.

— Só um minuto! — pediu sério, pegou a camisa do chão e a vestiu enquanto ia ver quem era, depois o ouvi falando com alguém, que me pareceu ser Valmir.

Enquanto isso eu continuava ali, parada com o rosto pegando fogo de desejo e vergonha... na verdade, falta de vergonha.

Tentando recuperar minha compostura, peguei minha blusa do chão e arrumei para colocá-la de volta, porém, antes que eu concluísse, ele voltou.

— Era o Valmir e o mandei embora.

Senti-me instantaneamente envergonhada por ter me deixado levar tão fácil, também com o meu corpo fora do peso e depressa me vesti e não respondi ou o encarei.

Percebi que ele me observava sem dizer nada, como se procurasse as palavras e decidi quebrar o silêncio:

— Preciso ir.

Com um passo largo se aproximou.

— Por favor, não. Podemos continuar de onde paramos. — Enfim o encarei e ele exibia a melhor carinha de cachorro abandonado.

Fechei os olhos, soltei o ar e quando voltei a abri-los, o vi ali, lindo na minha frente e pensei: Por que não?

Acabei com a distância e coleí minha boca na dele novamente recomeçando de onde paramos.

Em minutos estávamos sem as partes de cima das roupas de novo e no instante seguinte Fernando me acomodou no sofá. Beijava-me como se eu fosse o que ele mais queria e o desejo que sentia era claro, assim como o meu.

Eu o apertava e arranhava suas costas musculosas com minhas unhas o puxava para mim e o chupava. Há muito tempo que eu não sentia tanto tesão ou nunca senti tão avassalador daquela maneira.

Suas mãos subiam e desciam acariciando meu corpo, até que separou-se de mim, desabotoou minha calça e a escorregou por minhas pernas. Deixando-me apenas de lingerie.

Encarou-me com desejo, passando seu olhar por minhas coxas, barriga, seios, até que chegou aos meus olhos.

Senti-me com vergonha, afinal, eu não exibia a boa forma das mulheres que ele devia se relacionar.

— Você é linda — falou, como se adivinhasse meu pensamento. Desabotoou sua calça e a tirou junto com a cueca, deixando seu membro livre.

Engoli em seco, era grande, ereto, me mostrava que Fernando encontrava-se tão excitado quanto eu.

Senti-me tão molhada que provavelmente ele notaria ao escorregar para dentro de mim e eu desejava ardentemente aquele momento.

Com habilidade colocou o preservativo, pousou um joelho no sofá, entre minhas pernas, colocou uma mão de cada lado do meu quadril, apertou e me

puxou para ele, deitando-se sobre mim.

Tentei não pensar em nada que não fosse seu corpo gostoso sobre o meu e deixei-me levar, até por que era impossível pensar em qualquer outra coisa que não fosse aquele homem lindo me beijando.

Ele puxou minha perna pela coxa, colocou-a apoiada no quadril e se mexeu entre minhas pernas, para frente e para trás, até que sem precisar segurar seu pênis, ele me preencheu e me fez fechar os olhos e soltar um gemido de prazer.

— Faz muito tempo que eu não faço isso — sussurrei envergonhada.

— Você está perfeita. Molhada e deliciosa. — Arremeteu para dentro de mim e fechou os olhos. — Deliciosamente molhada.

Fechei os meus para senti-lo e ele pediu:

— Olhe para mim. Seus olhos são lindos. — Encarei-o e ele fez o mesmo, sem parar de me penetrar.

A cada estocada dele eu me via mais excitada e ele sabia como se mexer para me deixar louca.

Ergui a outra perna para abraçar seu quadril e ele desceu com as duas mãos, apertando cada lado da minha bunda e me abrindo para entrar e sair.

— Fernando...

— Pede... me fala o que quer que eu faço. — Sua voz era grossa, atraente e me deixava mais envolvida. Tudo nele me deixava excitada.

— Ah... — gemi.

— Isso, me aperta — pedi e sendo ousada como nunca fui, ergui minha boca até sua orelha e sussurrei: — Me fode como nunca fui.

Fernando pareceu se acender com meu pedido, voltou a me beijar com vontade e sua língua explorava fundo a minha boca.

Eu não me reconhecia, encontrava-me uma Clara livre e cheia de desejo, uma Clara que pede ao seu patrão que a foda no ambiente de trabalho e aquilo era libertador.

Entreguei-me.

Uma das mãos de Fernando subiu para o meu cabelo e ele embrenhou seus dedos, puxando minha cabeça para trás e mais uma vez chupando meu pescoço.

Sua outra mão manteve-se na minha bunda e me prendendo perto do seu corpo, tão perto que a única distância era a dele saindo e entrando para dentro de mim.

— Fernando, eu... — Tentei falar o que meu corpo sentia, mas acabei me perdendo em tremores e não consegui explicar, apenas sentir e me dissolver em seu pênis ao mesmo tempo que ele continuava a estocar, segurando-se para não gozar comigo e me deixar ter a melhor experiência.

Minutos depois o vi estremecer, soltar um gemido atraente e gozar intensamente como eu.

Recebi seu corpo e o apertei ao meu encontro.

Nunca estive tão entregue, fui tomada de corpo alma e também, porque não dizer... de coração.



Capítulo 10

Fernando

Meu Deus, eu não acredito nisso!

Via-me no estoque da Angels com a Clara. Havia enfim saciado o meu desejo de dias e transado com a minha funcionária maravilhosa.

E ela era linda, irresistível e muito melhor do que eu imaginei. Muito melhor.

Deitados, saciados e ofegantes no sofá, ela encontrava-se com a cabeça no meu braço e parecia com vergonha, preocupada e

até mesmo inquieta, ainda que não tivesse dito uma única palavra desde que terminamos.

— Você está bem? — perguntei erguendo seu queixo com o indicador, para que me olhasse.

— Depende, você vai me demitir?

Sorri.

— Não posso demitir uma funcionária tão boa. Literalmente boa, ótima, maravilhosa, gost... — Clara me deu um tapa me interrompendo, se levantou e disse:

— Estou falando sério. Como vai ser nossa relação patrão e funcionária?

— Somos bem mais que patrão e funcionária agora, Clara. Na verdade, já éramos, *né*? Éramos amigos.

Ela me olhou sorrindo e o cabelo loiro, encaracolado, pousava-se jogado de lado, meio bagunçado e a deixava ainda mais linda.

— Sim, somos. — Ficou séria e continuou: — Mas isso... nos dois, não pode se repetir.

Fiquei sério também.

— Por que não? Foi tão ruim assim?

— Foi ótimo, como nunca foi. — Abaixou a cabeça envergonhada. — Mas tenho uma filha.

— E em que parte isso é um empecilho? — Franzi a testa sem realmente entender.

— A parte que tenho que manter os pés no chão e não sair do meu foco, que é ela.

— Justo e pelo pouco tempo que te conheço, não espero nada menos que isso.

— Fernando, não sei se será uma boa ideia. — Desviou o olhar dos meus. — E eu realmente preciso desse emprego.

— Eu sei, mas sejamos francos, a gente se curte desde o início, desde o primeiro dia que nos vimos que rola uma atração forte entre nós e não adianta negar, porque mesmo você tendo se feito de durona, eu senti.

— Sim, confesso, mas...

— Clara, olha para mim. — Seus olhos focaram nos meus. — Não vou te cobrar nada e nem te tirar nada. Vamos só deixar rolar e quando estivermos a fim, se você me quiser, porque eu sempre vou querer você, a gente continua.

Segurou o riso, pareceu pensar e sentir-se em conflito, mas por fim disse:

— Tudo bem, então seremos amigos... com benefícios?

— Se é isso que você quer. Seremos o que você quiser. Faremos do seu jeito.

— Isso é estranho. Não tenho essa experiência, você sabe do meu passado e nunca foi do meu jeito, sempre fui obrigada a aceitar o que me era imposto.

Ficou com olhar triste e eu só consegui pensar: *onde eu acho o filho da puta do ex-marido para socar a cara dele?*

— Não comigo, quando estivermos juntos, sempre será você que manda, farei do seu jeito.

Apertou a boca segurando o riso e suspirou, antes de dizer:

— Tudo bem. Mas a Mayara não pode saber.

— Mas você sabe que ela ficaria feliz em eu ser seu namorado, não é?

— Não seremos namorados, seremos amigos com benefícios.

— Ai. — Coloquei a mão no peito simulando dor. — Assim você quebra meu coração.

— Deixa de ser bobo.

Ela era durona, mas eu sabia que estava tentando se preservar e eu não a julgava. Até preferia levar nossa relação de forma leve e sem compromissos maiores. Não era o que eu desejava naquele momento, em contrapartida queria mais sexo com Clara, então o acordo que ela me sugeria era perfeito.

Levantei meu corpo ao seu encontro, coloquei minhas mãos uma de cada lado do rosto dela e a puxei para um beijo.

— Preciso ir, já deve estar amanhecendo — falou quando a soltei.

— Eu vou te levar.

Colocamos a roupa e a beijei com vontade mais algumas vezes, depois a levei em casa e no momento em que ela se virou para entrar, sorriu para mim um sorriso que me atingiu em cheio.

Com o cheiro dela em mim e com Clara no pensamento segui para casa e caí na cama sorrindo feito um bobo.

Clara mexeu comigo, e enfim eu a tive inteira, cada pedacinho. Embaixo daquele rosto meigo e jeitinho de menina, ela era um furacão que me deixou louco.

Percebi em cada toque que ela me queria tanto quanto eu a desejava, em cada passeio da mão dela no meu corpo e beijos cheios de vontade que deu na minha boca.

Ela era maravilhosa.

Com Clara no meu pensamento, adormeci rapidamente e acordei já era tarde no dia seguinte, com meu telefone tocando.

Bati a mão até o encontrá-lo na mesa de cabeceira e revirei os olhos quando vi que a chamada era da casa da minha mãe.

— Fala, mãe.

— Não é a mamãe, sou eu.

— Oi, Dri.

— Maninho, mais uma vez fui designada a te dar um recado.

— Manda.

— Nossos pais vão dar um jantar hoje e pediram para eu te convidar, querem selar a paz e batian^[2] e ditian^[3] também estarão aqui.

— Tudo bem, avise a eles que vou. Estou com saudade da batian. — Como toda a colônia japonesa, chamamos nossos avós assim, de batian e ditian e minha batian era maravilhosa, a melhor avó que eu poderia ter.

— Impressão minha ou estou sentindo você com uma voz bem calma? Nem reclamou de ter que vir na reunião de família. — Ri.

Minha irmã me conhecia tão bem que percebia meu estado de espírito até por telefone.

— Ah, Adriana, coisas boas acontecem.

— E essas coisas boas tem algo a ver com a loira?

— Tudo a ver com a loira.

Ela riu.

— Sabia! Eu vi que você estava caidinho por ela.

— Caidinho também não, irmã.

— Caidinho, sim. Você foi andar de patins com ela e a filha. Isso é coisa de namorado, e namorado apaixonadinho.

Apaixonado?

— Não pira, Adriana.

— Não estou pirando, estou constatando.

— Tá bom, olha, vou levantar e tomar banho e logo mais à noite nos vemos no jantar.

— Combinado. Vai trazer a namorada?

Minha irmã não tinha jeito.

— Não tenho namorada e vê se me erra, Dri. Nos vemos mais tarde.

— Beijoss — gritou e desligou rindo.

Passei o dia todo pensando no que aconteceu entre Clara e eu e só conseguia pensar que a queria de novo nos meus braços, o mais rápido possível, e no que dependesse de mim isso iria acontecer.

Levantei-me e comi alguma coisa, me joguei no sofá e Clara não saía de jeito nenhum dos meus pensamentos, então decidi ligar e ouvir sua voz.

— Alô. — Atendeu meio sem jeito.

— Oi, Clara, liguei para saber se está tudo bem.

— Sim — respondeu e ouvi um pequeno riso. — E você?

— Desde hoje mais cedo, estou muito melhor e contando os minutos para chegar à noite para te ver.

— Eu igual.

Senti um calafrio no estômago e uma alegria em ouvir que assim como eu, ela também tinha gostado do que aconteceu entre nós. Porém, senti-me me abrindo demais. Nunca foi assim.

— Fernando, queria que você soubesse que não sou assim. Não saio fazendo sexo logo na primeira vez que beijo um homem, na real, eu só tinha feito sexo com o meu marido. Não sei o que aconteceu comigo. — Ela parecia envergonhada.

— Não se preocupe, sei exatamente o que aconteceu com você. O mesmo aconteceu comigo. Atração. Me sinto completamente atraído por você desde o dia que te vi na entrevista. Achei até que demorou a acontecer.

Houve um silêncio e enfim ela respondeu:

— Sim.

Sorri.

— Fico feliz que se sinta atraída por mim.

— Eu também fico feliz que se sinta atraído por mim.

O sorriso no meu rosto era tão largo que eu mal conseguia falar. Parecia um idiota.

— Clara, eu tenho que desligar, só liguei para saber se você estava bem.

— Tudo bem.

— Nos falamos à noite. Vou chegar um pouco mais tarde, mas estarei lá.

— Combinado.

— Até mais tarde, linda.

— Até mais tarde, lindo.

Ficamos os dois em silêncio, mas nem um dos dois desligava. Ouvi a respiração dela acompanhada por um suspiro que pareceu uma risadinha e por fim desligou.

Mantive-me olhando para o celular e sorrindo feito um bobo.

Balancei a cabeça de um lado para o outro em negativa e me perguntei em voz alta:

— O que essa mulher está fazendo comigo?

Esfreguei o rosto, decidi me levantar para fazer algumas ligações relacionadas à Angels e então me preparar para o jantar em família.

Andava pela sala quando tive uma ideia meio brega, mas que me fez sorrir.

Precisava ligar para um certo lugar e fazer uma surpresa, para uma certa pessoa.



Cheguei à casa dos meus pais atrasado e todos já estavam lá. Assim que entrei vi meus avós e sorri. Eu os amava, ambos tinham a cabeça branquinha e rugas de sabedoria.

Meu vô carregava um olhar carrancudo e minha vó uma aparência simpática e sorridente. Seus olhinhos puxados quase se fechavam por completo quando ela sorria.

Cumprimentei a todos e sem demora meu avô começou a conversar comigo:

— Como você está, Nando?

— Estou bem, ditian. E o senhor?

— Estou bem, mas sigo trabalhando muito. Não vejo a hora de você assumir o cargo de presidente da empresa, para seu pai e eu descansarmos.

Fiquei em silêncio e só assenti para não o contrariar.

— Mas o menino ainda é muito novo para assumir a empresa e, além do mais, ele já tem o trabalho dele — minha vó intercedeu por mim e pisquei um olho para ela em cumplicidade por sempre me defender.

— Aquilo nem pode ser chamado de trabalho é mais um passatempo, mas nada que um bom casamento não o faça crescer e mudar de vida.

— Verdade, pai — meu pai concordou com o vovô.

— E falando nisso, Fernando, como anda a Fabiana?

Meu vô não sabia ser nada sutil.

— Acho que está bem, ditian.

— Acha? O pai dela disse que vocês têm saído muito juntos nos últimos dias. — Sentia-me pressionado e estava começando a não gostar daquilo.

— Saímos como amigos e nem foi tanto assim.

— Deixa o menino, Seji. Os jovens não são como nós, que não nos conhecíamos e nos casávamos. Hoje o mundo é diferente.

— Mas pelo bem da tradição não deveria ser.

Revirei os olhos para minha irmã que encontrava-se do outro lado do sofá, mas fui pego em flagrante por meu pai, que viu gesto e balançou a cabeça em negativa.

Jantamos e durante todo o jantar o assunto que prevaleceu foi minha solteirice, dividindo espaço com assuntos sobre a empresa da família que eu tinha que tomar conta e terminando com meu casamento que precisava sair o mais rápido possível.

Eram os assuntos sobre os quais eu não queria falar nem com meus pais ou com os meus avós, nem com ninguém.

Tentei mudar de assunto o quanto pude, mas os quatro insistiam, então para não ser eu a pauta, só sendo grosso e minha

educação não permitia que eu desrespeitasse os mais velhos.

Quando voltamos para sala e estávamos tomando chá depois do jantar, eis que meu avô solta o verdadeiro motivo daquele jantar:

— Fernando, a real é que pedi para seu pai providenciar essa reunião em família, para decidirmos o seu futuro.

— E como seria essa decisão?

— Decidimos que você vai se casar com a Fabiana. Todos seus antepassados seguiram a linhagem e se casaram em benefício da família e com você não será diferente.

— Então decidir meu futuro é me contar a decisão que vocês já tomaram para mim sem me consultar? — perguntei tentando manter a calma.

— Sei que pode parecer um pouco retrógrado, mas é a nossa tradição.

Ri sem vontade.

— Vô, meus pais não se casaram segundo a tradição.

— Filho, isso não está em questão — minha mãe se intrometeu.

— Quando a história é com vocês não está em questão, mas o que não está em questão aqui é a decisão da minha vida e ponto. Eu não vou me casar com ninguém a não ser que eu a ame. O que não é o caso da Fabiana.

— Mas Fabiana já está de acordo, só falta você dizer sim e enfim aceitar o seu futuro.

O quê?

— Ela não pode ter aceitado. E ditian, o meu futuro está mais do que decidido, eu tenho a Angels. E é lá que vou ficar, porque ao contrário do que pensam, é sim um trabalho. O meu trabalho — falei alto e grosseiro com meu avô.

Meu pai fechou o cenho e falou:

— Fernando, você não pode falar assim com seu ditian.

— Deixem o menino vocês todos — minha avó tentou interceder por mim, mas eu já estava possesso.

— Eu posso. Vocês estão tentando decidir minha vida, sem pensar em mim e só pensando no benefício de vocês e da empresa.

Levantei-me para sair e quando me via quase chegando à porta, ouvi meu avô dar um grito abafado e ao me virar vi minha mãe, minha vó, minha irmã e meu pai em cima dele.

Ditian tinha a mão no peito, tentava respirar e olhava diretamente para mim enquanto perdia a consciência.

Clara

Não acredito no que eu fiz. Eu transei com meu chefe!

Eu era uma pervertida, mas foi tão bom que não me importava de ser uma, até gostava de ser.

Nunca beijei um homem e transei com ele em seguida, só que com o Fernando era tudo diferente, desde o início foi uma atração inexplicável.

— Que sorriso é esse no seu rosto, dona Clara? — Laura entrou no quarto e me tirou dos pensamentos pervertidos.

Sentei-me com as pernas cruzadas e olhei para ela, com o rosto iluminado com o maior sorriso do mundo.

— Eu transei com o Fernando. — Tampei os olhos de vergonha.

— Mentiraaa... Conte-me tudo agora. Espera, vocês já estavam saindo e você não me contou?

Tirei a mão do rosto, encarei-a com vergonha e comecei a contar:

— Não, nem tínhamos nos beijado, mas todas as vezes que ficávamos juntos, um clima quente pairava entre nós e tínhamos que nos separar. Para ser sincera, eu sempre colocava a distância, mas hoje mais cedo, estávamos sozinhos e o clima esquentou e eu não me reconheci, o ataquei e aconteceu.

— E foi bom?

— Se foi bom? Foi ótimo, nunca senti algo assim. Esse frio na barriga, essa impulsividade de não conseguir me controlar, esse frenesi todo que sinto desde a primeira vez que o vi.

— *Arraaahhh...* e você me dizia que não sentia nada, não é, sua louca?

— É que é louco. Não sei o que sinto, amiga, estou confusa. Ainda sofro com medo do Jeferson voltar e tem a Mayara e...

— Ei, espera aí, o que tem a Mayara e o que tem o Jeferson? É uma coisa de vocês dois e só. May não vai poder impedir de fazer nada. E pelo que posso ver, ela e o Fernando se dão super bem.

— Sim, eles se dão, mas...

— Mas nada, vai ser feliz e para de ficar caçando assunto onde não tem.

Sorri para ela.

— *Tá bom, Tá bom, mandona!*

— E hoje tem repeteco? — Apoiou o queixo no punho e riu feliz.

— Não sei, não deixamos nada certo, mas acho que ele gostou também, porque me ligou hoje.

— Ele te ligou? — Laura perguntou com as sobrancelhas arqueadas.

— Sim — respondi sem entender o espanto.

— Pois, amiga, ele deve estar caidinho mesmo. Os Angels não são assim. Eles não são do tipo que ligam, são do tipo que pegam e já era. O mais romântico deles era o Gustavo e já sabemos que ele está fora de circulação e sofrendo pela prima.

— Bom, o Fernando me ligou, não sei o que isso quer dizer, só sei que ele me ligou.

— Isso quer dizer tanta coisa. — Os olhos da Laura até brilhavam.

Fomos interrompidas pela Mayara que entrou no quarto correndo e com os olhinhos arregalados.

— Mamãe, tem um rapaz lá fora segurando um buquê enorme e *tá* perguntando por você.

Juntei as sobrancelhas sem entender, saí em direção ao portão e chegando lá dei de cara com um entregador sorridente.

— Boa tarde, você é Clara Siqueira?

— Sim, sou eu.

— Tenho uma entrega para você o cartão está no buquê. Assina aqui, por favor?

Ele me entregou uma prancheta e assinei o recebimento da entrega. Eu encontrava-me meio sem jeito, mas o sorriso não saía do meu rosto.

— Obrigado — agradeceu e me entregou o buquê gigantesco de rosas vermelhas.

Virei-me para entrar e da porta, Mayara e Laura me lançavam o maior sorriso do mundo.

— Tá namorando! Tá namorando! Tá namorando!

As duas começaram a cantar e bater palmas. Passei por elas, entrei em casa, coloquei o buquê sobre a mesa e tirei o envelope. Dentro dele ao invés de um cartão tinha uma folha dobrada. Abri e comecei a ler.

Querida Clara,

“Quando as palavras fogem, as flores falam”

Bruce W. Currie

Obs: Fiquei um bom tempo olhando para o cartão pensando no que escrever, enfim achei esse trecho na internet e achei perfeito, mas agora pensei em algo.

“Flores para aquela que ilumina minhas noites e é mais quente que o sol da manhã!”

Obs 2: Tentei fazer um poema, mas ficou horrível. Então, em poucas palavras o que quero dizer é que desde que você apareceu na Angels, faz das minhas noites mais iluminadas e essa manhã foi a melhor e mais quente de toda minha vida.

Um grande beijo

Fernando

Encarei por alguns segundos a letra bem escrita com uma caligrafia masculina. Pensei que até a letra dele era encantadora.

Dobrei a folha rindo feito uma boba, ergui o olhar e encontrei dois pares de olhos me encarando.

— O que foi? — perguntei para Laura e Mayara.

— Quem enviou, mamãe?

— O tio Nando — respondi meio sem jeito.

— Mamãe *tá* namorando com tio Nando? — May perguntou para Laura, como se ela fosse responder a verdade e eu não.

— Mamãe *tá* namorando com tio Nando — Laura afirmou sorrindo.

Logo ambas começaram a cantar: “*A mamãe tá namorando, a mamãe tá namorando...*”.

— Parem as duas, não estou namorando, o Fernando só me enviou essas flores, porque... somos amigos.

— Só se for amigos de foda — Laura disse baixo, para que só eu a ouvisse.

— O que é *amigos* de foda, mamãe? — Claro que May ouviu.

Engasguei, Laura soltou uma sonora gargalhada e a lancei uma careta.

— Explica você agora — falei rangendo os dentes e tentando não rir.

— São amigos que brincam juntos, sabe, May? Porque as focas são muito brincalhonas.

— Ah, entendi — minha filha desfez a carinha de dúvida e abriu um sorriso. — A mamãe e o tio Nando têm brincado bastante.

— Ô se tem... você não faz ideia, Mayzinha, o quanto eles brincaram hoje.

— Cala a boca, Laura!

— Mãe, vocês brincaram hoje e nem me levaram?

Laura deu outra gargalhada e riu sem parar até lágrimas saírem dos seus olhos. Olhei feio para ela, mas falhei completamente na minha falsa irritação, começando a rir e May, com sua inocência, riu também mesmo sem entender nada.

Quando o ataque de riso cessou, Laura nos olhou e disse:

— Eu amo vocês, amo ter vocês aqui.

— Nós também te amamos, tia Laura. — May deu um beijo na Laura.

— E eu amo você, por ter me salvado — falei substituindo as lágrimas da gargalhada por lágrimas de agradecimento, mas ainda assim sorrindo.

— Bom, amiga, agora coloca essas rosas lindas em um vaso. E, May, eles não te levaram, porque eles brincaram no trabalho e lá não pode entrar criança.

— Ah, *tá*, tia, entendi.

— Você me faz passar por tanta vergonha... — falei para Laura e fui em direção à cozinha pegar um vaso para colocar as rosas.

Peguei meu celular e enviei uma mensagem para o Fernando:

“Obrigada pelas rosas e pela... Carta? Adorei, poeta. E quanto a nossa manhã... Também foi a mais quente da minha vida!”

Ele me respondeu quase que imediatamente:

“Aguardando ansiosamente pela próxima;)”

Senti um calafrio subir pelo meu corpo e mais uma vez lá estava eu: com um sorriso bobo no rosto e sendo flagrada por Mayara e Laura que me olhavam de longe e sorriam comigo.

Clube
Angels

Capítulo 11

Fernando

Estávamos os membros da família, sentados na sala de espera do hospital e todos me olhavam como se eu fosse o culpado por estarmos ali. Apenas Adriana me encarava com compaixão e tentava passar com o olhar a calma e o sentimento de que nada daquilo era culpa minha.

Já estava quase desistindo de esperar, quando o médico chegou e anunciou que meu avô teve um princípio de infarto, que encontrava-se bem, mas que todo e qualquer aborrecimento deveria ser evitado. Mais uma vez todos os olhares se voltaram contra mim.

Respirei aliviado e virei-me para ir embora sem nem ao menos dizer tchau para ninguém.

Sentia-me péssimo, não queria fazer mal ao meu avô, mas me recusava a aceitar aquele combinado que eles me propunham, porque além de mudar minha vida profissional eles queriam que eu mudasse minha vida pessoal.

Fui para casa frustrado e com raiva, já eram mais de meia-noite e decidi ligar para os caras e avisar que não iria a Angels.

Deitei-me na minha cama e pensei na merda que foi aquela noite. Preocupado mandei uma mensagem para minha irmã, perguntei como nosso avô estava e ela me respondeu que bem, que nem parecia ter acontecido nada com ele.

Que bom!

Voltei a me deitar e me peguei pensando em Clara, nele nos meus braços e de repente era aquilo que eu desejava naquele momento.

Lembrei-me o quanto ela parecia frágil e forte ao mesmo tempo, repensei seu rosto delicado, sua voz doce e ficar sempre ao seu lado para protegê-la era uma ideia muito atraente.

Sorri ao reviver a visão do seu corpo nu, deitado de lado e encostando-se ao meu. Uma deusa. Suas curvas eram perfeitas. Muito linda.

Pensar nela tirou de mim toda a tensão que vivi há pouco com meu avô e me mantive nas lembranças do nosso momento.

Clara tentou esconder o corpo de mim diversas vezes, por vergonha ou falta de costume... não sabia. Só sabia que ela não tinha noção de que não deveria ter vergonha daquele corpo perfeito.

Só de pensar fiquei excitado e decidi que iria para Angels sim. Precisava vê-la.

Depressa arrumei-me e saí, quando dei por mim já estava sentado em um banco alto, em frente ao balcão dela e encarando-a com atenção, enquanto Clara fazia uma bebida e conversava simpática com um cliente.

Clara ainda não tinha me visto e isso me dava alguns minutos de liberdade para admirá-la, sem que ela se fechasse como sempre fazia e ficasse toda tímida. No entanto, fui tirado do transe que Clara me causava, quando uma mão passou por meu queixo, me fazendo olhar para o lado.

— Cara, segura a baba, porque está molhando todo o balcão — Rodrigo falou.

— Ah, cuida da sua vida. — Ri.

— Cuidado, porque sinto que você vai se apaixonar pela Clara. E vê se não vai transar com ela ou depois vamos ter que responder um processo por assédio.

Fiquei em silêncio e só sorri olhando para ela.

— Não! Não vai me dizer que vocês dois já...

Sorri ainda mais.

— Porra, Fernando!

— Mantém a matraca fechada. Ela é muito tímida e não vai querer que todos saibam.

Ele deu uma gargalhada.

— Não acredito, cara, faz tão pouco tempo que ela está aqui e você já está assim, babando?

— E quem pode me culpar? Olha pra ela. Clara é uma deusa!

No instante em que falei, ela jogou a coqueteleira para cima e a pegou.

— Tem razão, ela é uma deusa!

Dei um tapa de leve na cabeça do Rodrigo.

— Tira o olho — falei sério. — E pensar que minha família quer que eu case por convenções e tradições e eu posso perder tudo isso — continuei sem tirar os olhos dela.

— Casar? Como assim?

— Ah. — Dei de ombros e balancei a cabeça em negativa. — Longa história, cara, mas resumindo, tenho que casar com alguém da colônia japonesa e me tornar o presidente da empresa da família. E no caso, esse alguém da colônia japonesa é a Fabiana, minha ex.

— Eita, porra! Parece coisa de novela mexicana isso aí, ou melhor, novela japonesa. — Riu da própria piada e tive que rir do palhaço.

— Nem me fale...

No mesmo momento, Clara me olhou e lançou-me um sorriso lindo que me fez esquecer todo o resto. Pisquei para ela em resposta.

Quando terminou de atender o cliente, andou em nossa direção parecendo sem jeito.

— Olá, querem beber algo?

— Quero Beijo na boca — Rodrigo pediu o nome da bebida para me provocar e eu o fuzilei com o olhar.

— Com *Halls* e morango? — perguntou tímida.

— Sim, completo.

Clara se afastou para fazer o drink e me deixou a sós com Rodrigo novamente.

— Você só pode estar querendo morrer — esbravejei.

— Mano, vocês ficam muito idiotas quando estão apaixonados, primeiro o Gu e agora você.

— Olha, vou ser bem sincero com você, nunca senti por mulher nenhuma o que sinto pela Clara, não tenho certeza se estou apaixonado, ainda, mas já a considero minha. Então para de pedir beijo na boca *pra* ela.

— Era só uma bebida. — Gargalhou.

— Acho bom e acho melhor você nem pensar em chegar perto dela.

— *Xiii*, está apaixonado mesmo.

— E você, não? Pensa que não sei do seu rolo com a Samira?

— Deixa quieto isso aí.

Nesse momento Clara voltou e entregou o drink do Rodrigo.

— Prontinho. — *Que sorriso lindo!*

— Clara, não quero fazer desfeita, mas vou ter que deixar a bebida aqui para o Fernando, que ele estava aqui me falando o quanto está louco pelo seu beijo na boca.

Rodrigo deu dois tapas de leve no balcão e saiu dando risada e nos deixando a sós.

— Está mesmo? — me perguntou sem jeito.

— Sim, minha boca está seca. — Olhei para os lábios dela e Clara ficou vermelha.

Ela olhou em volta e limpou a garganta para dizer:

— Preciso te agradecer pessoalmente pelas rosas. Nunca tinha ganhado rosas antes. Obrigada.

— Não há do que agradecer. Desculpa pela carta, não sou bom com palavras.

— Eu te achei ótimo. Adorei cada palavra.

Manteve seu olhar no meu e vi um sorriso tímido em seu rosto.

— Clara, você podia me ensinar a ser barman, ainda fico admirado quando vejo o que você pode fazer com a coqueteleira. — Mudei de assunto para que ela não ficasse tão tímida.

— E eu sou tão desastrada, que também fico boba quando me vejo fazendo essas coisas. É como dizem: a necessidade faz o sapo pular. — Deu de ombros.

— Fico feliz que sua necessidade te trouxe aqui ou eu nunca teria te conhecido.

— Verdade. — Um cliente interrompeu nossa conversa e ela parou de me olhar para tendê-lo.

Minutos depois quando a bebida já estava pronta, entregou ao homem, mas antes de pegar, ele segurou a mão dela por tempo demais, sorriu e entregou um cartão, depois se virou indo em direção a pista de dança.

Aquilo me irritou, principalmente quando Clara olhou o cartão e me mostrou, sorrindo e com a sobrancelha arqueada.

No cartão foi escrito um número de telefone e a mensagem:

“Posso te levar para casa, hoje?”

— O que eu respondo?

— Posso responder por você? — Ela sorriu e me entregou o bilhete.

Pedi uma caneta, peguei o cartão e escrevi:

Nem fodendo!

Encarou-me com a boca aberta, parecendo não acreditar.

— Posso? — perguntei apontando para o dono do cartão e no automático ela assentiu.

Levantei-me e me dirigi até o cara, o cutuquei no ombro e entreguei o cartão.

Dei uns tapinhas nas suas costas e o deixei me olhando sem entender, enquanto me dirigia de volta para o balcão.

— Você é louco? — Sorria abismada. — Ele é cliente e você é dono da Angels, não pode fazer isso.

— Exatamente por eu ser dono, é que eu posso fazer o que eu quiser.

Ela sorria.

— Você realmente é louco!

— Sou, e você não faz ideia do quanto estou louco.

Encarei-a com admiração e me pegando de surpresa, colocou os cotovelos sobre o balcão, apoiou o queixo sobre o punho e pediu:

— Ah, é? Então me conta.

— Contar? Não. Logo mais vou te mostrar. — Dei um beijo em sua testa, lancei-lhe uma piscada sexy e subi para o escritório, enquanto ela me observava com um sorriso feliz no rosto.

Passei o resto das horas lá em cima e até a Angels fechar, por diversas vezes me peguei olhando pelo vidro do escritório, em que eu a via e ela não me via.

Tomei conta de cada movimento dela e novamente admirei o quanto era linda.

Clara

Já era quase na hora de ir para casa e eu ainda exibia um sorriso no rosto que não conseguia controlar, desde que Fernando fez uma pequena cena de ciúme no bar.

Não sabia se foi realmente ciúme ou ele estava apenas garantindo que ninguém mais desse em cima da amiga e funcionária de foga dele, como dizia Mayara.

— Achei fofo, ele com ciúme — Laura disse com as mãos espalmadas na bochecha.

— Ele não estava com ciúme e também não deveria ter feito aquilo. Aquele rapaz é cliente e ele é o dono.

— Como ele mesmo disse: exatamente por ser dono, que pode fazer isso sim. — Piscou um olho para mim. — Vou embora com o Mateus, o Fernando vai te levar hoje?

— Não sei, ele não me...

— Claro que vou. Posso? — Fernando apareceu do nada atrás de mim e me interrompeu.

— Ah, claro... é... por favor, se não for te atrapalhar — gaguejei um pouco, por ter sido pega de surpresa e continuei: — Porque acho que Laura vai embora acompanhada hoje de novo. — Apontei com o queixo para o outro lado do balcão, onde Laura conversava com Mateus.

— Será um prazer te levar. — Sorri e sempre me sentia tímida quando Fernando me dizia coisas fofas.

Comecei a organizar meu balcão, enquanto ele me observava e aqueles lindos olhos sobre mim, me deixavam tímida e ao mesmo tempo excitada.

Respirei da intensidade quando João o chamou e ele foi até o estoque.

O Dj tocou a última música e a casa se esvaziou, logo Laura me deu um beijo e foi embora depois de arrumar tudo e certificar-se mais uma vez que Fernando me levaria. Amava aquela amiga doidinha.

Quando não restava mais ninguém, fui até meu armário peguei minha bolsa e no momento em que me virei, lá estava ele novamente: lindo, com os braços cruzados na frente do peito e me esperando encostado ao batente da porta.

— Vamos? — Fernando perguntou com seu sorriso perfeito, que fez meu corpo estremecer.

— Vamos.

Passei por ele e segui para saída. Passamos pela porta da Angels e quem cuidava aquela noite era Cassio e me despedi sorrindo:

— Boa noite, Cassio. Bom resto de trabalho.

— Obrigado, Clarinha, bom descanso. Boa noite, Fernando.

— Boa noite — Fernando respondeu sério e com uma cara nada amigável que ainda não tinha o visto exibir.

Em seguida pegou minha mão e entrelaçou nossos dedos como se quisesse mostrar para o Cassio que eu estava com ele.

Seguimos para o carro e evitei olhar para trás, sentindo-me com vergonha. Cassio saberia que eu transava com o chefe.

Entramos no carro, ele se virou de frente para mim e me perguntou:

— Tenho reparado que Cassio vive tentando te agradar e conversar com você. Vocês têm ou tiveram alguma coisa?

— O Cassio? Não. — Fiz uma careta como se ele estivesse dizendo uma grande bobeira. Cassio e eu éramos amigos, mas nunca

tivemos nada.

— Que bom.

Colocou as mãos uma de cada lado do meu rosto e me puxou para um beijo que tirou meu fôlego. A língua dele invadiu minha boca, enquanto a mão desceu do meu rosto para minha cintura, me apertou e não consegui reprimir um gemido que saiu por minha boca.

— Por que pegou minha mão na frente dele?

Pareceu com vergonha.

— Não sei... foi instinto.

— Não foi e você sabe. Tínhamos combinado de não contar para ninguém.

— Desculpa... agi sem pensar, mas para ser sincero, acho que gostaria que Cassio soubesse de nós.

— Soubesse o quê? Não temos nada, Fernando. Lembra que combinamos? Você disse que faria do meu jeito.

Desviou o olhar do meu e parecia arrependido.

— Tem razão. Tem toda razão. Me desculpa?

— Está tudo bem.

Fernando deu-me um beijo casto e depois o aprofundou me deixando sem ar.

— Vamos? — perguntou, assenti e depois olhei janela afora tentando respirar. — Porque se eu continuar te beijando no carro, eu não respondo por mim.

Olhei para ele reprimi um suspiro e lembrei-me de algo importante que eu precisava perguntá-lo.

— Fernando, acho que é meio tarde para conversarmos sobre isso, mas também preciso saber. Você tem alguém?

— Não, ninguém, tô sozinho na pista. — Piscou um olho para mim e exibiu um sorriso sem jeito.

— Que bom.

Fernando ligou o carro e seguimos para casa da Laura, até que ele pegou a estrada contrária de onde eu morava.

— Para onde estamos indo? — perguntei.

— Surpresa. — Pegou minha mão, levou até a boca e deu um beijo.

Novamente reprimi um suspiro.

Continuamos seguindo com o carro e logo comecei a ver as curvas da serra do mar. Andamos mais alguns quilômetros e chegamos ao topo, onde ficava um recuo com um monumento que lembrava um pingo d'água.

Fernando parou o carro, descemos e fomos andando até pararmos de frente para uma ribanceira protegida por guarda-corpos de madeira e que ao longe víamos o mar e o sol que começava nascer.

Ele me puxou para frente e colocou os braços em volta dos meus. Eu não sabia o que ele tinha em mente, mas era muito reconfortante.

Fernando era mais alto que eu, então sua boca ficava na altura da minha orelha. O sol dava seu espetáculo ao longe, enquanto nós continuávamos ali, abraçados.

Fechei meus olhos e senti a brisa fresca do início da primavera cortar meu rosto. Meu coração batia acelerado pelo contato do corpo dele no meu. E ele sussurrou no meu ouvido, me apertando ainda mais.

— Você me faz ficar em paz.

— E você faz com que eu me sinta protegida.

— O que eu mais quero desde que te conheci, além de beijar a sua boca, é te proteger.

Sorri e senti o peito dele trepidar, o que me dizia que ele sorria também.

— Você sabe que devemos parar com isso antes que um de nós possa sair machucado, *né?*

— Não pretendo e não quero acabar com a gente. Isso só vai acontecer se você quiser.

— Não quero, mas deveríamos. Sou muito complicada *pra* você, tenho um passado complicado que você não merece ter que lidar.

Fernando me virou de frente para ele.

— Seu passado não me interessa, na verdade, só me interessa se for para eu dar um soco bem no meio da cara do seu ex. O que me interessa é o futuro que quero construir com você.

Ai, meu Deus!

— Eu sou sua funcionária.

— Sei separar bem as coisas.

— Eu tenho uma filha.

— Que não é empecilho nenhum e eu adoro e tenho certeza que ela me adora também.

Sorri.

— Sim, ela é sua fã número um. Por culpa da Laura, ela já acha que estamos namorando. — Revirei os olhos. — Mas tentei não confirmar nada, até porque não tem nada acontecendo entre nós. Bom, nada sério pelo menos, *né?* — falei sem jeito.

Fernando encarou-me e olhou bem dentro dos meus olhos, ao mesmo tempo que eu estava presa nos braços dele.

— Eu quero você, Clara, do jeito que é e com tudo que tem. — O vi engolir em seco.

— Fernando... — Me beijou.

— Para de colocar empecilhos entre nós.

— Não é empecilho é só que...

— Quer namorar comigo? — perguntou sério e eu quase acreditei.

Desvencilhei-me dos seus braços e dei alguns passos para longe.

— Não brinca assim, Fernando. Combinamos que seríamos somente amigos com benefícios.

— Sei que prometi fazer do seu jeito e assim sermos somente amigos com benefícios, mas ver outros caras te querendo, me mostrou que esse negócio de amigos não vai rolar.

Virei-me para ele.

— Mas nós ainda estamos nos conhecendo e nos conhecemos tão pouco para já começarmos um namoro.

— Mas eu ficaria mais feliz se te conhecesse enquanto namorássemos. Não é isso que dizem? Que o namoro é a fase em que os casais se conhecem? Então, quero te conhecer. Diz que aceita namorar comigo.

— Mesmo com todos os contras que eu coloquei?

— Sim. Quer namorar comigo?

— E nos beijamos pela primeira vez ontem, ainda assim você quer me namorar?

— Sim, você tem muito mais a seu favor, você é totalmente pró. Além de que o nosso primeiro beijo ontem, foi o primeiro beijo mais completo, mais intenso, mais perfeito que já dei. Quer namorar comigo?

Sorri com vergonha e fiquei em silêncio olhando para o chão, mas ele ergueu meu queixo com o indicador e me fez encarar seus olhos.

— Quer namorar comigo?

— Você tem certeza?

— Absoluta!

Pensei, olhei dentro dos seus olhos e depois de soltar um suspiro seguido de um sorriso, falei:

— Sim.

Fernando me ergueu pela cintura, me beijou intensamente e disse quando nos separamos:

— Meu Deus, como é difícil arrancar um sim de você. Achei que iria me fazer implorar.

— Estava esperando que você se ajoelhasse e fizesse como nos contos de fadas.

— No pedido de namoro ainda não, estou guardando esse trunfo para o pedido de casamento. — Arregalei os olhos, pensei em dizer algo, mas perdi a fala e ele continuou: — Não surta, Clara, só estou brincando.

Abri um enorme sorriso e o beijei.

No fundo, bem que eu queria que fosse verdade.

Clube
Angels

Capítulo 12

Fernando

Eu estava namorando e tinha jurado para mim mesmo, que depois da Fabiana eu não pensaria em namorar mais ninguém, mas aí Clara apareceu e tornou difícil a promessa.

Levei-a até em casa e segui para minha com um sorriso bobo no rosto. Por mim, ficaria com ela o resto do dia, mas eu entendia que por ser domingo, ela passaria o dia com a filha.

Caí na cama feliz e dormi de imediato, entretanto, resolvi acordar um pouco mais cedo e ir almoçar na casa dos meus pais. Precisava saber como estava a saúde do meu avô.

Quando cheguei lá, meu avô e avó também encontravam-se para o almoço e tentei ser o mais amável possível, tratei-os com carinho e decidi não estressar minha família.

Diferente da última vez que nos encontramos, o almoço correu perfeitamente bem, ninguém parecia se lembrar que o mal-estar do meu avô aconteceu por minha causa.

Já estávamos no meio da tarde e eu feliz por ninguém tocar no assunto casamento, no entanto, eu conversava com minha irmã quando para o meu desespero meu pai me chamou no escritório.

— Entre, Fernando — disse assim que coloquei a cabeça porta adentro. — Te chamei aqui para conversar sério com você, de homem para homem.

Sentei-me na cadeira de frente para ele e o encarei já esperando passar raiva.

— Pode falar, pai, mas se for sobre...

— Sim, é sobre o casamento e agora mais do que nunca, você vai ter que aceitar. Seu avô enfartou por conta dessas suas rebeldias — me interrompeu.

— Não é rebeldia, pai, é minha vida e o meu futuro.

— Você precisa deixar de ser egoísta e parar de pensar só em você, Fernando.

— E se eu não pensar em mim, quem vai pensar?

— Seu avô pode morrer de desgosto e a culpa vai ser completamente sua — falou alto, mas depois assumiu novamente a calma oriental e continuou: — Filho, eu amava sua mãe quando me casei, meu pai não aceitou o casamento de início e eu quase fui deserdado, mesmo ainda amando sua mãe, hoje me arrependo de ter sido tão impulsivo e agido de forma negligente com a empresa da família, então conto com você para assumir o papel que era para ter sido meu.

— Pai, o senhor está vendo como tudo isso é ridículo?

— Não tem nada de ridículo em tradições.

— Mas o senhor não cumpriu.

— E me arrependo disso. Não quero que passe pelo mesmo arrependimento. Case e pelo menos tente. Dê esse orgulho ao seu avô. Ou você quer ser responsável pela morte dele por desgosto? A sua última malcriação já deu a ele um infarto de presente.

Fiquei em silêncio, passei a mão pelo cabelo e esfreguei os olhos. Eu estava em um beco sem saída.

Perguntei-me: *e se eu continuar negando o casamento e isso fizer com que meu avô morra?*

Eu nunca iria me perdoar.

E se eu aceitasse... teria que terminar com Clara. Engoli em seco. Eu não queria. Não fazia nem um dia que estávamos namorando.

— A Fabiana não vai querer esse casamento — falei de cabeça baixa.

— Como eu te disse, os pais dela já a convenceram. Ela está de perfeito acordo.

Mantive-me de cabeça baixa. Eu não podia aceitar aquilo, não podia aceitar jogar minha vida na lata do lixo por conta de uma tradição ou de dinheiro.

Eu queria ser feliz e construir algo bom com Clara, mas também não podia permitir que por minha causa meu avô morresse.

Meu ditian... que sempre me pegou no colo e cuidou de mim, desde bebê.

No momento em que eu estava de cabeça baixa pensando, meu avô abriu a porta do escritório e entrou me tirando do meu conflito.

— Filho, você pode me levar até meu médico de novo, estou sentindo uma dor no peito... um pouco estranha.

— Claro. Vamos depressa.

Meu pai se levantou rapidamente e se dirigiu para saída, guiando meu avô pelo braço.

Meu coração se apertou e me senti péssimo, ao mesmo tempo pressionado, mas antes que saíssem, falei:

— Ditian, aguenta as pontas, que quero o senhor no meu casamento com a Fabiana. — Uma bola se formou na minha garganta.

Tanto meu pai, quanto o meu avô abriram sorrisos enormes e me felicitaram pela escolha, chamaram o resto da família, que entraram no

escritório em seguida e ouviram a novidade contada pelo meu avô, que já não sentia mais nada.

Minha irmã e avó me olhavam com tristeza, já minha mãe me encarou como se enfim tivesse tirado um peso das costas.

— Vou me casar e assumir a empresa, mas isso durante o dia, à noite continuo na Angels. — Vi as feições mudarem.

— Vamos precisar de você em tempo integral, Fernando — meu pai disse sério.

— Sem chance, pai, não abro mão da Angels. Eu me viro e faço os dois serviços, mas a Angels eu não largo.

— Deixem o menino. Ele já vai fazer duas coisas que vocês querem, se contentem com isso — batian me defendeu e sorri sem vontade para.

— Tudo bem, mas vamos acelerar esse casamento, então — meu pai disse e eu tinha certeza que a pressa era por medo de eu desistir de aceitar aquela ideia idiota.

— Podemos esperar — sugeri.

— Acho melhor ser o mais rápido possível, porque pode ser que eu não esteja aqui para ver.

Assenti, mas por dentro a raiva borbulhava e eu sentia vontade de gritar com todos eles, entretanto, o que fiz foi me certificar de que meu avô estava bem, dei tchau a todos e fui embora.

Durante o caminho pensei em como contaria aquilo para Clara. Como contaria para mulher que pedi em namoro pela manhã, que eu não poderia namorá-la porque ia me casar com outra?

Caralho! Se eu soubesse que me chantageariam assim, teria esperado. Eu não queria magoá-la, mas como não ceder à chantagem do

meu pai e avô?

Soquei o volante com raiva até sentir o pulso latejar e foi é bom, pelo menos a dor ia me dar outra coisa para pensar que não aquela situação ridícula.

Precisava resolver. Mas não queria terminar com Clara, gostava tanto dela, como nunca gostei de ninguém, só que pela saúde do meu avô eu precisava.

Clara

Depois do pedido de namoro, já passavam das sete horas da manhã quando Fernando me deixou em frente à casa da Laura.

Assim que ele sumiu do meu campo de visão, fechei o portão, saí correndo, abri a porta da sala e encontrei Mayara sentada no sofá e dona Regina fazendo café na cozinha.

A mãe da Laura era tão anjo na minha vida que ainda me fazia o favor de trazer Mayara cedo no sábado e no domingo, já que ela não tinha escola. Dizia aproveitar para pegar o melhor da feira.

Tentei por diversas vezes pagá-la para cuidar da minha filha, mas ela se negava e dizia que para ela, minha May era como neta.

Assim que ambas me viram, o sorriso enorme que eu tinha no rosto entregou a felicidade que eu sentia. Meu sorriso refletiu nos rostos delas e assim me sorriram em resposta.

— Parece que alguém viu o passarinho verde — dona Regina disse colocando o café sobre a mesa.

— Mamãe, você *tá* feliz?

Corri para o sofá e me joguei ao lado da minha filha.

— Sim, estou feliz, muito feliz, como nunca estive — falei e comecei a fazer cócegas na May, que ria como um anjinho e era o som mais lindo da minha vida. — E não vi passarinho verde, não, dona Regina.

Dona Regina me sorriu em resposta.

— Aposto que o sorriso é por causa do amigo de foca dela, vó Regina — Mayara falou e a mãe da minha amiga me olhou questionando.

— Coisa da Laura, nem queira saber.

— Minha filha Laura e sua boca aberta, acho que já entendi tudo.
— Fiquei vermelha e tentei disfarçar, mas ela continuou: — Não se envergonhe, minha filha, você é jovem e já passou por sofrimentos demais na vida. Merece ser feliz. — Sorri e a porta se abriu, deixando uma Laura destruída entrar.

— Eita, amiga, um trem passou em cima de você? — perguntei.

— Não, mas você já viu o tamanho do Mateus? Ele pesa e só posso dizer que o meu início de dia foi produtivo.

— Informação demais, filha, não se esqueça que para mim você ainda é uma bebê — dona Regina gritou da cozinha e Laura revirou os olhos.

— E você? Teve repeteco?

— Repeteco, não. Mas eu fui pedida em namoro.

— O quê? Que *pepeca* doce é essa que um Angel prova uma vez e já te pede em namoro?

— Cala a boca, Laura. — falei rindo e apontei para Mayara que estava vendo TV, alheia a nossa conversa. — Bom, na verdade, vamos nos conhecer enquanto namoramos, tentei de todo jeito fazê-lo mudar de ideia, mas ele foi muito persuasivo.

— Imagino o quanto.

— Não tem nada a ver com sexo, mas ele foi muito romântico. Nunca me trataram como ele. Nem o Jeferson na nossa época de namoro, antes de virar sapo.

— Você está feliz?

— Nunca estive tão feliz.

— Você está apaixonada por ele, *né*?

— Ai, amiga, há muito tempo não sei o que é me sentir assim... acho que... estou. Não tenho por que esconder isso de você, mas estou com medo. Muito medo.

Laura pegou minha mão, apertou e sorriu.

— Clarinha, pode ser que não dê certo, pode ser que você sofra, mas você não vai saber se não tentar. Seja feliz e assuma os riscos. Se você sofrer estarei aqui para enxugar suas lágrimas e te ajudar a dar um chute na bunda dele. E se der certo, serei sua madrinha e estarei lá, linda no altar.

Pisquei para não chorar.

— Posso viver mil vidas e nunca agradecerei o bastante por tudo que você fez e faz por mim e minha filha. Obrigada.

— Deixa de ser boba, sei que faria o mesmo por mim. E olha só... Ela está namorando.

— Mamãe *tá* mesmo namorando com o tio Nando? — Mayara se voltou para nossa conversa, com um sorriso enorme.

— Sim, filha, estou. — Eu não queria contar para ela, mas May me perguntou tão feliz que resolvi que contaria.

— Ebaaa... Mamãe *tá* namorando... Mamãe *tá* namorando... — E ela e Laura começaram de novo com a cantiga característica.

Eu sorria e dona Regina também, me observando.

— *Tá bom, Tá bom...* Já podem parar — pedi indo para cozinha.

As duas vieram atrás de mim e juntas continuaram com a cantoria até terminarmos em risos e um brinde com café.

Não sei se estava fazendo certo ou errado, mas era arriscando errar que podia acertar. E espero de coração que Fernando seja um acerto em minha vida, sentia-me cansada de sofrer por escolhas erradas.

Clube
Angels

Capítulo 13

Fernando

Marcamos uma reunião na Angels com todos os sócios, já que a situação entre o Gu e João parecia cada vez mais difícil. Ambos não conseguiam mais trabalhar juntos sem brigar.

Fui o primeiro a chegar e estava somente eu e Cassio, o segurança. Ele me olhava estranho e tentei não reparar muito no olhar que me lançava. Pode parecer neurose, mas esperava que aquele olhar não tivesse nada a ver com Clara.

O tempo que passei sozinho tentei mexer em alguns papéis dos fornecedores, mas só conseguia pensar que eu teria de contar para ela, naquela noite, sobre o casamento e apertava meu peito.

Pensei ser como Rodrigo disse, realmente estava apaixonado. Tudo me lembrava Clara e o medo de perdê-la me consumia desde o momento em que prometi para minha família que me casaria.

Não acredito que isso esteja acontecendo comigo!

Apenas alguns minutos se passaram e Gustavo chegou. Nem me cumprimentou direito e foi logo falando:

— E aí, mano, deixa *eu* te perguntar. João e Livia ainda estão juntos?

Dei uns tapas nas costas dele para tentar acalmá-lo e falei:

— Esquece, cara, deixa *pra* lá.

— Fernando, escreve o que eu estou falando, se o João magoar a Livia eu mato *e/e*.

— Eu ajudo você a matar.

Comecei a olhar novamente e em silêncio para os papéis que eu segurava, tentando tirar da minha cabeça o pensamento que martelava em minha mente, dizendo para eu contar logo para Clara sobre o casamento

— E você está bem? Parece triste.

Gustavo me tirou dos meus pensamentos me trazendo de volta ao momento.

— Problemas, cara. Meus pais e essa mania que eles têm de controlar minha vida. Minha avó tenta me ajudar, mas *tá* difícil.

— Ainda aquele lance do casamento? Rodrigo me contou.

— Ainda e cada vez me enrolo mais. Acho que estou apaixonado. Mas deixa isso *pra* lá, outro dia enchemos a cara e te conto tudo.

Ele sorriu, me deu uns tapas de macho e falou:

— Se precisar desabafar, *tô* aqui, cara.

— Tudo bem, obrigado.

Algun tempo depois, os outros chegaram e demos início à reunião que foi tensa e resultou em João sendo afastado para filial que abríamos no interior dali a alguns meses e Gu pediu um afastamento, para dar um tempo de tudo e se recuperar do estrago que o término com a Livia o causou.

Fiquei no escritório esperando a hora da Angels abrir e nem fui embora após a reunião.

Do vidro panorâmico do escritório, vi os funcionários chegarem e quando Clara e Laura passaram pela portaria. Notei Cassio segurando-a pelo braço, tirando algo do seu rosto e disse algo, que Clara retribuiu com um sorriso.

Fechei os olhos deixando a raiva e o ciúme se espalharem por meu corpo. Tentei me controlar, mas pensar em outro homem tocando Clara me

deixava louco.

Virei-me para sair e bati a porta do escritório ao passar por ela, desci as escadas correndo e encontrei Clara no caminho do estoque.

— O que ele te disse? — Parei de frente para ela.

— Ele quem? Do que você está falando? — Parecia não entender.

— Cassio, eu sei que ele está dando em cima de você.

— Ele só tirou um cisco do meu rosto, não está dando em cima de mim.

— Ele te quer que eu sei.

— Fernando, não é esse o tipo de relacionamento que procuro. Você sabe o que passei e não admito desconfiança.

— Desculpa, estou sendo idiota, você tem razão. Não tô desconfiando de você, mas é que nunca me senti assim. Clara, se você ficar sozinha, jura que não vai ficar com ele?

— Ficar sozinha? — Engoliu em seco.

— Sim. — Eu precisava contar para ela.

— Já está pensando em terminar comigo? — Deu um sorriso sarcástico, ficou séria e parecia triste.

Pensei e pensei, tentei criar coragem, mas não respondi.

Eu precisava contar para ela, precisava contar que ia me casar, mas não conseguia. Simplesmente não conseguia deixá-la solteira e sozinha para ficar com outro.

— Anda, Fernando, fala. O que quis dizer com isso, está arrependido? Não faz nem vinte e quatro horas que estamos juntos e já se arrependeu? — Os olhos dela pareciam perder o brilho.

Ela se virou para ir ao estoque, eu segurei o seu braço e a trouxe para perto de mim a prendendo em um abraço sem me importar se os outros funcionários estavam olhando.

— Me desculpa? Não é nada disso. É só que... — Engoli em seco. Eu precisava contar para ela. Eu precisava. — É só que tenho medo de te perder e fiquei com ciúme. — Bom, não era mentira. Eu realmente sentia medo de perdê-la.

— Se você tiver dúvida do que quer, por favor, me fala agora, Fernando, que assim nem continuamos.

— Eu não tenho dúvidas, Clara, e ver você sorrindo para o Cassio daquele jeito, com ele perto de você, só me deixou com certezas. Certeza de que não quero que você seja de mais ninguém. — Eu tinha que contar, mas não conseguia, não com ela envolvida nos meus braços.

Afastei-a com delicadeza, segurei seu rosto com as duas mãos e a beijei. Quando me separei dela, vi que deixamos todos nos olhando embasbacados e com um sorriso no rosto. Inclusive Laura que acompanhava a conversa toda, não muito longe de nós.

Sorri de voltar para todos e brinquei:

— Que todos aqui saibam, principalmente os homens, que Clara é minha namorada, então fiquem longe se quiserem manter seus empregos. — Voltei a beijá-la e dessa vez estava com um sorriso tímido e as bochechas coradas. Ao fundo ouvimos funcionários aplaudindo e assobiando.

Separei-me dela e dei mais um último beijo.

— Nando, já posso começar meu expediente ou teremos mais algum show ou quase briga antes de começar?

— Adorei o “Nando”. — Sorri e ela também. — Pode começar. Show, mais tarde daremos mais um, mas será só entre nós dois. E brigas,

não mais. — Dei mais um beijo nela e me virei para voltar ao escritório.

O sorriso da Clara me acalmava e pensar em não vê-lo mais, era o que me deixava em estado de pânico, quando ela soubesse que eu estava praticamente noivo de outra, seria o fim.

Perguntava-me como fui me meter naquela confusão? De solteiro e na pista, passei para namorado e noivo... de duas mulheres diferentes.



A noite de domingo foi calma na Angels, era segunda-feira e saímos de lá direto para minha casa.

Estávamos deitados, os dois nus, ela dormindo no meu braço com a coxa por cima do meu corpo e ambos cobertos com um lençol fino, branco, que mostrava todas as curvas da minha Clara.

Minha... Até quando?

Sentia-me um canalha. Nunca pensei que passaria por algo parecido.

Para não acordá-la tirei o braço devagar debaixo do pescoço dela, vesti uma cueca e fui até a cozinha preparar café da manhã para nós.

Fiquei parado alguns minutos olhando para geladeira e alguns outros para o armário. Eu não fazia ideia do que ela gostava de comer. Apoiei as mãos na pia esperando ter uma intervenção divina de como agradar minha namorada no café.

— Precisa de ajuda? — A voz da Clara que preencheu o ambiente.

Olhei para ela que vestia minha camiseta e estava descalça. Tinha o cabelo loiro encaracolado jogado de lado e exibia-se incrivelmente gata.

— Tenho algumas perguntas sérias para te fazer. — Ficou séria.

— Quais?

— Você prefere leite, café ou chá? Pão, bolacha ou bolo? Adoçante ou açúcar?

Sorriu, sentou-se no banco que ficava na ilha na minha cozinha e pareceu aliviada.

— Café, sempre café. Não sou muito de comer de manhã e açúcar.

Ela se serviu do café que eu tinha colocado para fazer na cafeteira e tomou um gole generoso.

— *Ufa*, que bom, porque esse foi o dilema mais difícil de resolver. Ia te levar café na cama. — Dei de ombros.

— Que fofo! — Parecia feliz.

— Mas como você está aqui, que tal tomarmos café na padaria e depois irmos buscar a Mayara na escola?

Ela me olhou surpresa.

— Você vai comigo buscá-la na escola?

— Sim. Não é isso que você faz todo dia quando acorda?

— Sim. — Abriu um sorriso radiante. — Ela vai ficar feliz em te ver lá. Minha filha assim como eu, está encantada com você. — Assim que se tocou do que disse, me olhou assustada, como se tivesse falado demais. — Bom, é... eu... posso tomar um banho antes de irmos?

— Você está encantada por mim? — falei segurando para não rir.

Corou, pegou um morango na fruteira e o mordeu tentando disfarçar vergonha, mas conseguiu fazer meu pau acordar.

Aquela mulher era sensual até quando não queria ser. Mastigou o morango e disse:

— Difícil não se encantar por qualquer um dos Angels. — Fechei a cara e ia brigar com ela, mas ela completou: — E impossível não ficar encantada por você. — Mordeu o lábio para conter o sorriso, dei a volta, a beijei e a ergui pousando-a sentada na ilha.

— Olha, vou te beijar mais um pouco para você ter certeza se realmente está encantada por mim.

Acomodei-me entre as suas coxas grossas e Clara me abraçou com elas, até que foi ousada e disse:

— Beijei-me quando e onde quiser.

— Onde... você diz parte do corpo ou lugar.

— Aí você decide. — Deu de ombros, sorrindo.

Beijei sua boca com vontade e tirei a camiseta que ela usava, para ver que estava nua embaixo dela.

Abocanhei seus seios amparados por minhas mãos e passei levemente a língua em cada um deles. Empurrei Clara sobre a ilha, fazendo-a deitar nela e continuei beijando sua barriga e o baixo ventre.

Coloquei-me de pé e passei o dedo indicador na sua barriga e fui descendo, troquei pelo dedo médio e cheguei a sua abertura que já estava molhada e pronta para mim.

Entrei e saí e Clara gemia se torcendo em cima da pedra fria da ilha da minha cozinha. Fiz um V com meus dedos, abri seus lábios e abaixei minha boca até seu clitóris, chupando seu ponto mais sensível e fazendo-a se contorcer.

Ouvi-a gemer e arreganhada para mim, me deixava excitado e duro como pedra. Nunca mais veria minha cozinha com outros olhos depois de ver aquele monumento, minha Clara, com as pernas abertas e disponível para mim.

Seus cabelos loiros esparramados e seus olhos fechados ao mesmo tempo que seus dedos puxavam meu cabelo, indicando que eu a chupasse mais.

Coloquei meus dedos para dá-la mais prazer e continuei com minha língua fazendo-a gemer até estremecer de desejo pedindo por meu pau.

Após fazê-la gozar com o sexo oral que, modéstia à parte, eu era bom, queria experimentar mais dela e fazê-la gozar a comendo naquela posição.

Puxei-a para a beirada da ilha, segurei meu pênis na base e passei em toda sua entrada melada, enquanto ela pedia por ele. Sem aviso arremeti e a preenchi.

Ela gemeu alto e seu tesão era minha música preferida.

Espalmei minha mão na sua barriga, escorreguei até seus seios e com os dedos em pinça os apertei enquanto socava fundo na sua boceta gostosa.

— Você me deixa louco, mulher.

— Não para — pediu e quase me fez gozar antes dela.

Não podia, queria vê-la tremer de novo, queria ser dono dos seus desejos e fazê-la gozar mais uma vez para que só eu ficasse em seu pensamento quando estivéssemos longe.

Arremeti mais algumas vezes sentindo arrepios de tesão até que ela estremeceu e se libertou, aí como um menino não aguentei segurar, tirei meu pênis de dentro dela e como se marcasse território gozei em sua barriga ao mesmo tempo que encarava seus olhos.

Com os cabelos espalhados, a respiração ofegante e o olhar de quem estava satisfeita, Clara me encarou ao perguntar:

— Marcando território?

— Tipo isso. — A limpei com a camiseta e a ajudei a levantar. —
Você é maravilhosa.

— Você também. Agora preciso mesmo do banho.

— Eu também.

— Vamos juntos?

Aceitei seu convite, seguimos para o banheiro entre beijos, risos e carícias e o que Clara tinha de rostinho inocente, tinha igual de mulher fatal quando estávamos a sós. Só escondia a mulher cheia de desejo que ela era.

Clara

Estávamos no carro seguindo para escola da May, e abrimos mão do café já que era próximo da hora do almoço. Eu não me sentia tão feliz há muito tempo.

Acho que nunca nem me senti. Olhei para o lindo mestiço dirigindo o carro ao meu lado e dei um sorriso. Para ter a certeza que nunca, nunca mesmo.

— Está rindo de mim ou para mim? — perguntou já sorrindo.

— Com certeza para você.

— Me conta o motivo que te faz rir para mim e me deixa rir com você.

— Estou rindo, porque estou feliz.

— E eu sou o motivo dessa felicidade?

— Sim.

Fernando entrelaçou nossos dedos, suspirou e eu fiz o mesmo.

Fomos em direção ao portão da escola da May e quando ela ergueu a cabecinha e me viu, sorriu, mas assim que notou a presença do Fernando ao meu lado, abriu um sorriso radiante e correu em nossa direção.

A mochila saltitava nas suas costas e o rabo de cavalo loiro balançava de um lado para o outro.

— *Mamis*. — Me abraçou. — Oi, tio Nando — Ela fechou a mão em punho, deu um soquinho no punho fechado do Fernando e ele só sabia sorrir.

— Como está, gatinha?

— Ganhei estrelinha hoje, de melhor aluna.

— Juraaa? Que linda, filha, parabéns!

— Parabéns, May. Isso aí, garota esperta — Fernando a parabenizou.

— *Mayyy* — Uma amiguinha da escola gritou quando a viu, e em seguida disse: — Nunca tinha visto seu pai. — A menina olhava para o Fernando e sorria inocentemente.

Senti vontade de fazer um buraco no chão e me enfiar nele. Olhei sem graça para o Fernando, dei de ombros e não sabia o que dizer.

— Ele não é meu pai — Mayara falou triste e aquilo cortou meu coração.

Fernando se abaixou na altura das meninas e contou em cumplicidade:

— Não mesmo, eu sou o melhor amigo dela, o que é muito mais legal, porque a gente pode fazer muita bagunça e nem preciso chamar sua atenção, né, May?

Minha filha assentiu já com os olhinhos brilhando.

— Que legal, May, você tem um melhor amigo adulto. Isso é irado!

No mesmo instante minha filha abriu um sorriso enorme e concordou com a amiga, depois começou a contar todos os passeios que fizemos juntos e que Fernando era um excelente patinador.

Vi Mayara falando do Fernando com tanto orgulho, como ela deveria falar do pai e isso fez meus olhos se encherem de lágrimas, mas eram mais de alegria do que por qualquer outro motivo.

Aquele homem conseguia ser perfeito. Ele salvou minha filha de um constrangimento e a fez sentir-se especial.

Naquele momento, caiu em mim a constatação de algo que estava claro há algum tempo, mas que precisou aquele ato para me fazer ter certeza.

Eu amava o Fernando

Uma lágrima teimosa rolou pelo meu rosto sem que eu quisesse e senti o polegar dele a secar.

— Você está bem? — ele perguntou baixo.

— Graças a você. Nunca estive melhor. Obrigada. — Nando piscou para mim e passou a mão pelo meu rosto.

As crianças estavam alheias ao nosso momento e se despediram assim que a mãe da amiguinha a chamou.

Seguimos para o carro e logo que entramos, minha pequena que não perdia a chance de me fazer passar vergonha na frente do Fernando, falou:

— Tio Nando, já que agora você é namorado da minha mãe, vocês não são mais amigos de foca?

— Ai, meu Deus — Fechei os olhos.

— Amigos de foca? — Antes de sair com o carro da vaga, me encarou e arqueou uma sobrancelha sem entender.

— É, tia Laura disse que você e mamãe eram amigos de foca.

— Acho que entendi. — Riu se divertindo com minha vergonha. — Bom, nós somos sim, May, e espero que sejamos para sempre. Sua mãe é muito boa em ser amiga de foca.

— Queria ter um amigo de foca também. — Mayara falou pensativa.

— E só piora — pensei alto e Fernando ria mais alto que meu pensamento — Filha, você só pode ter amigos de foca, quando for adulta, no seu caso só depois dos trinta anos.

— Ah, que pena.

— Fica tranquila, Clarinha, quando ela estiver com trinta anos ainda estarei aqui para dizer se ela já pode ou não escolher um amigo de foca. — Fernando sorriu para mim e senti um frio passar por minha barriga.

O que ele quis dizer com isso? Nada, Clara! Não pira! Ele só está dizendo que vai estar por aqui sendo amigo da May.

Fernando nos levou para almoçar e em seguida para assistir um filme infantil que estava em cartaz.

Ele ria junto com May e eu sentia-me apaixonada vendo os dois juntos.

Não deveria ter me apegado tão rápido, mas era inevitável.

Passamos uma tarde de segunda-feira, maravilhosa e quando ele me deixou em casa à noite, eu só pensava que queria mais dele, ficar mais com ele e ser toda e completamente dele.

Clube
Angels

Capítulo 14

Fernando

Assim que deixei minhas meninas em casa, decidi resolver o inevitável e liguei para Fabiana.

Já que ela ainda não tinha me procurado para conversar sobre o bendito casamento, eu faria isso.

Só de pensar em enganar Clara eu sentia-me enjoado e um canalha. Eu desejava contar, mas a felicidade que sentimos naquele dia não me deixou.

— Alô — Fabiana atendeu no primeiro toque.

— Precisamos conversar.

— Estava esperando mesmo você me ligar e imaginando quanto tempo isso ia levar.

— Já sabe que vamos nos casar?

— Sim, e até que estou feliz com isso.

— Fabiana, eu não estou nada feliz com isso. Estou apaixonado por outra pessoa.

Ela ficou em silêncio por alguns segundos.

— Você o quê?

— Isso mesmo, estou apaixonado e ela ainda não sabe de tudo o que está acontecendo, nem minha família sabe da existência e simplesmente não sei o que fazer. Não quero perdê-la.

— Você sabe que não está sendo nada romântico com a sua futura esposa, né?

— Para de levar na brincadeira, porque estou falando sério, Fabiana.

— Conta que você vai casar comigo e termina com ela. Não quero ser traída.

— Eu tentei contar e não consegui. Eu não consigo. E por isso quero que, por favor, sejamos discretos até eu tentar tirar essa ideia da cabeça dos nossos pais.

— Sinto muito, mas isso vai ser impossível. Eles estão irredutíveis.

— Mas eu preciso tentar. Preciso de tempo para tentar sem que isso cause estresse no meu avô a ponto de ele parar no hospital.

Ficou em silêncio por alguns segundos e por fim disse:

— Tudo bem, vamos tapeá-los enquanto pudermos.

— Obrigada, Fabi.

— Por nada — respondeu sem vontade.

Encerramos a conversa de maneira fria e sem graça, mas pelo menos consegui uma aliada para enrolar nossos pais quanto ao casamento.

A noite caiu e fiquei zanzando pela casa, pensando na Clara e em um jeito de resolver aquele rolo que era minha vida.

Pensei em como tudo mudou desde que Clara apareceu e me fez mais feliz. Queria tanto tê-la ali comigo agora.

Como se adivinhasse que eu estava pensando nela, o meu celular acendeu avisando que uma mensagem da Clara chegou.

“Obrigada pelo dia de hoje! <3 ”

Como sempre, ela era sucinta, mas eu amava seu jeito.

“Eu que agradeço cada minuto com vocês.”

Fiquei esperando-a responder, mas ela não fez isso, então liguei.

— Oi — atendeu no primeiro toque.

— Estou parecendo muito desesperado te ligando horas depois de ter passado à tarde com você?

— Não, e eu? Estou parecendo desesperada te mandando mensagem? Desculpa se te atralhei em algo.

— Você nunca atrapalha e foi bom ter enviado. Eu estava pensando em você.

— Pensando coisa boa?

Lembrei-me do meu casamento com a Fabiana, que um dia eu teria que contar para Clara, mas não era hora e omitir dela doía no meu peito.

Fechei meus olhos e respirei fundo me segurando para não contar nada... não por enquanto.

— Coisa boa — menti. — Mas, Clara, eu queria te pedir... que mesmo que eu não mereça, mesmo que, às vezes, as coisas compliquem, peço para que você não desista de mim.

Ela ficou em silêncio e eu não consegui interromper o silêncio dela.

— Fernando, tem alguma coisa que você gostaria de me contar?

E foi minha vez de ficar em silêncio.

— Não.

— Tem certeza?

— Na verdade, tenho que te dizer uma coisa, mas preciso conversar com você pessoalmente.

— Pessoalmente? É sério assim?

— A coisa mais séria da minha vida.

— Entendi. Conversamos amanhã na Angels, então?

Fiquei em silêncio juntando coragem para resolver minha vida. Eu não podia me casar. Não com Fabiana, não depois de conhecer Clara.

— Sim, nos vemos amanhã — concordei.

— Mais uma vez obrigada pelo dia.

— Eu que agradeço.

Ficamos em silêncio e ela desligou. Meu peito estava apertado.

Eu não queria perdê-la, eu não podia perdê-la.

Eu a amo.

Fechei meus olhos e assumir para mim mesmo, foi mais fácil do que imaginei. Eu a amava e era por isso que doía muito pensar em perdê-la.

Levantei-me da cama, troquei de roupa, peguei a chave do carro e eu precisava que ela soubesse de tudo.

Clara

Desliguei o telefone e fiquei pensando na conversa que acabei de ter com Fernando, enquanto encarava o aparelho em minhas mãos.

O que está acontecendo entre nós dois?

Fui até a cozinha beber água, evitando fazer barulho, porque já passava das dez e Mayara dormia.

Quando cheguei lá, encontrei minha amiga com um copo de água na mão, encostada à pia e olhando fixamente para o celular que estava pousado na mesa a sua frente.

Peguei um copo d'água e me encostei ao lado dela assumindo a mesma posição.

— Estamos sem sono? — perguntei.

— Estamos.

— Falei com Fernando há pouco e ele estava estranho, mas ao mesmo tempo carinhoso e agindo como um namorado.

— Ele é seu namorado — falou ainda olhando para o mesmo ponto. — E eu saí para jantar com o Mateus e ele me pediu em namoro.

— E você?

— Eu disse que precisava ir embora, não respondi e agora estou aqui pensando nele.

— Por que não aceitou? Não gosta dele? — Olhei para ela.

— Gosto, mas tenho medo.

— Medo do quê?

— De dar certo.

— E isso não é bom? — Ergui uma sobrancelha e ri.

— Não sei. Tenho medo de me envolver.

— Essa é a ideia de um namoro, se envolver. Deixa rolar, amiga, se der certo ótimo, se não, você parte para o próximo gato que te der mole na Angels. — Fui até à mesa peguei o celular e a entreguei. — Liga *pra* ele.

— E se ele não me atender? Acho que ficou magoado.

— Se ele não te atender é um idiota. Liga! — Entreguei o celular e Laura me encarou hesitante, mas enfim pegou.

— Vou ligar, mas primeiro me conta, o que de estranho tem no Fernando?

— Não sei. Disse que tem algo a me dizer, mas tem que ser pessoalmente e vai me falar amanhã. Na verdade, ele parece me esconder algo, mas quando estamos juntos é tão perfeito. Ele é tão maravilhoso com a Mayara...

— Então deixa que ele continue perfeito. Se estiver te escondendo algo, não vai conseguir esconder por muito tempo... Se ele estiver, não quer dizer que esteja.

— Tem razão, pode ser só paranoia da minha cabeça.

— Pode ser.

Voltamos as duas a olhar para o nada, até que quebrei o instante de silêncio.

— Amiga?

— O quê?

— Eu estou apaixonada pelo Fernando. Eu o amo e não queria amar, mas em tão pouco tempo, ele com todos os gestos e palavras me fez amá-lo.

— Amiga? — foi sua vez de perguntar.

— Diga.

— Eu amo o Mateus. E não queria amar, mas em tão pouco tempo, ele com todos os gestos e palavras me fez amá-lo.

Nos olhamos e começamos a rir como duas loucas, até uma buzina nos fazer parar. Corremos para janela da sala e lá estava o carro preto do Fernando.

Encarei minha amiga com surpresa e dei de ombros.

— Não era amanhã? — perguntou.

— Era — respondi sorrindo.

— *Humm...* Ele está tão apaixonado que não consegue aguardar. Vai lá ver o que o gato quer, amiga.

Assenti, fui até meu quarto, olhei o celular e tinham chamadas perdidas dele. Enviei uma mensagem avisando que já iria sair.

Tirei o pijama, coloquei um vestido soltinho de mangas e fui ao seu encontro.

Aproximei-me do portão e logo o avistei, lindo como sempre. Encontrava-se encostado ao carro, com os braços cruzados na frente do peito. Braços fortes abraçados pela camisa fina e parecia tenso.

Lançou-me um sorriso bonito ao me ver e retribui.

Segui andando até ele e quando cheguei à sua frente, eu não sabia se o beijava ou se só o cumprimentava, mas ele foi mais rápido se desencostou do carro, passou o braço pela minha cintura e me beijou. Um beijo forte com a língua passeando por minha boca, que acendeu todas as partes do meu corpo.

— Oi — falou.

— Oi.

— Não aguentei esperar até amanhã, preciso te dizer agora.

— Você está me deixando preocupada.

— É *pra* ficar.

— O que é, Fernando? Por que você...

— Eu te amo — me interrompeu e fiquei o olhando sem saber o que dizer. *Ele não deve ter dito o que achei que disse.* — Eu te amo, amo muito. Te amo por ser essa mulher forte e frágil ao mesmo tempo. Te amo por não ter sido fácil comigo como todas as outras. — Riu. — Te amo por ter a Mayara que me ensina tanto quando estou com ela. Enfim... — Ele segurou meu rosto com as duas mãos e encostou a testa na minha — Eu te amo como nunca amei mulher nenhuma na minha vida. — Soltou um suspiro e fechou os olhos. — Não precisa me amar, eu nem mereço isso e sei que estou indo muito rápido, mas é que com você foi assim: você chegou e meu coração se apaixonou. Rápido, muito rápido. Tão rápido que nem pude escolher.

Eu não sabia o que falar eu estava em estado de choque, mas era um estado de choque bom. Eu... sabia que ele também sentia algo por mim. Mas não imaginei que fosse tanto. *Ele me ama?*

— Só me fala alguma coisa, qualquer coisa. Como eu te disse, não precisa me amar também, mas... — o interrompi e o beijei. Beijei com voracidade.

Em seguida separei-me dele e abri a porta do carro empurrando-o de encontro ao banco.

Sem titubear ele entrou, eu sentei em seu colo com uma perna de cada lado e continuei beijando enquanto sua mão subia por dentro do meu vestido e chegava até meus seios.

Eu não sabia o que acontecia comigo quando eu estava ao seu lado, mas eu me tornava outra mulher, tão ousada e excitada que não conseguia me controlar.

Comecei a me esfregar nele, roçando minha boceta na sua ereção e senti o tanto quanto ele me queria.

Abri o zíper da sua calça, pedindo exatamente o que eu precisava naquele momento e sem pensar, em questão de segundos ele puxou a calça para baixo junto com a cueca, deixando seu membro exposto e rijo livre para mim.

Encontrava-me de joelhos no banco do carro e Fernando colocou a mão entre minhas pernas, puxou minha calcinha para o lado e testou o quanto eu estava excitada enfiando dois dedos para dentro de mim e me fazendo fechar os olhos e gemer.

Entrou e saiu com seus dedos, foi com eles até meu clitóris e esfregou para frente e para trás, me fazendo vacilar e pousar minha testa sobre a sua.

Tirou seus dedos e com a mão na minha cintura me guiou para que me sentasse sobre seu pau, que ele nem precisava segurar e exibia-se de pé e duro, pronto para me receber.

Devagar, centímetro a centímetro deslizei sobre ele que me preencheu até o fundo, fazendo com que eu jogasse a cabeça para trás e me deliciasse com a sensação.

— Tão gostosa e apertada. Perfeita.

Deixei meu pescoço livre e Fernando o beijou, mordeu, enquanto eu o cavalgava em seu colo, primeiro lenta e calmamente e depois intensifiquei o ritmo em busca do meu prazer e de dá-lo prazer.

— Isso, gostosa, senta... — gemeu.

Estávamos presos em um transe de prazer. Suas mãos apertavam minha bunda e passeavam pelo meu corpo me deixando completamente louca.

Fernando alcançou meus peitos, os tirou para fora e abocanhou um depois o outro. Passou a língua de leve no bico e eu arfei e continuei subindo e descendo no seu pau.

Eu sabia que tínhamos que ser rápidos por estarmos no carro, mas eu queria postergar a sensação. O ápice surgia esquentando meu corpo e eu queria senti-lo.

Até que não mais aguentássemos, nos deixamos levar e juntos nos entregamos à sensação de êxtase que nossos corpos se deleitavam e expondo em espasmos de prazer.

Quando enfim nossa respiração se acalmou, eu encostei minha testa na dele e consegui responder sua declaração de amor.

— Eu também te amo.

Ele sorriu satisfeito, me beijou e disse:

— Adorei sua forma de demonstrar.

Passei meu nariz no dele lentamente, ainda estava sentada em seu colo e minha mão passeava por seus braços fortes.

— Você é tão príncipe. — Passei o dedo levemente em seu rosto o admirando. — Sempre sonhei em fazer sexo no carro — falei.

— Estarei aqui com você, para realizar todos seus sonhos, minha Clara. E o que fizemos não foi sexo, foi amor — falou de olho fechado aproveitando o carinho que eu fazia.

— Eu não sei se vamos dar certo, Nando, mas ouvir que você me ama, me deu esperança de que enfim eu possa ser feliz. — Eu o beijei.

— Sim, vou te fazer feliz e passar por cima do que for que possa me impedir. — Percebi que ficou tenso e se referindo a algo específico quando disse isso. — Você vai ser minha para sempre, Clara.

— Sim, sua, meu Nando.

Puxou-me para um beijo, pegando-me pelo pescoço e emaranhando os dedos nos meus cabelos. Senti que o que estava adormecido começou a acordar e sorri contra a sua boca.

— Dorme comigo hoje? Juro que te trago de volta antes da Mayara acordar. — Sua boca ainda permanecia colada à minha.

— Não sei, porque...

Voltou a me beijar e passou a mão nos meus seios, fazendo com que fosse impossível dizer não.

— Preciso avisar a Laura. — Ele sorriu satisfeito.

— Usa meu celular, mas vamos agora, porque estou pronto para o segundo *round* e não vou te deixar dormir longe de mim por nada nesse mundo.

Sorri e ele continuou:

— E vamos rápido, porque não quero um policial batendo no vidro do carro.

Saí do seu colo pulando para o banco de trás, enquanto ele assumia o volante e em seguida voltei para o banco do carona.

Avisei minha amiga sobre dormir fora e ela me incentivou. Disse que eu não me preocupasse em voltar cedo, que ela cuidaria da Mayara, não iria sair e que Mateus estava indo até nossa casa.

Enquanto conversava com Laura, ergui o polegar em sinal de positivo para o Fernando que dirigiu rapidamente para sua casa.

Quando o fogo passou, pensei que eu não tinha levado absolutamente nada para passar a noite, nem uma peça de roupa, escova de dente ou uma calcinha, já que a minha encontrava-se enxarcada.

Chegamos e assim que entrei na sua sala, novamente espantei-me como tudo era limpo e bonito. Muito bonito e aparentemente caro.

Na primeira vez que estive ali, cheguei tão cansada e cheia de tesão que não vi tudo com calma, depois saí para buscar a Mayara e não pude admirar a riqueza que era aquele lugar.

Imaginei que a Angels dava muito dinheiro ou Fernando era muito rico antes dela.

Só a sala provavelmente tinha o tamanho de toda a casa da Laura. Senti-me um nada e mais uma vez perguntei-me o que um homem igual a ele, que podia ter qualquer mulher, queria comigo.

— Você está calada.

— Só pensando que não trouxe nada para passar a noite.

— Você não precisa de nada.

— Ainda bem que não encontramos ninguém do carro até aqui, estou tão simples. Olha para mim. — Senti-me uma mendiga naquele ambiente.

Na sala mesmo Fernando abaixou-se, ergueu meu vestido pela barra, o tirou passando por minha cabeça e me deixou só de calcinha e chinelos, porque não usava sutiã.

— Se você vestir panos de chão fica estonteante, mas assim, fica quase perfeita. — Com os olhos nos meus, abaixou-se e tirou minha calcinha a escorregando por minhas pernas. — Agora sim perfeita.

— Você me deixa tímida.

— Não tem motivo para isso. Agora vem que quero te dar um banho.

Fernando me levou até o seu quarto onde ligou a grande banheira no seu banheiro. Enquanto a água jorrava e a enchia, Fernando me prensou contra parede e me beijou com fervor.

Tirei sua roupa já que me sentia em desvantagem, também queria ver seu corpo e admirar cada pedacinho dele.

Quando a banheira estava pronta, entramos nela, Fernando se posicionou atrás de mim e de leve massageou minhas costas fazendo com que eu fechasse os olhos para aproveitar.

Desceu com as mãos pelos meus braços e chegou aos meus seios. Encostei minha cabeça em seu ombro e fechei os olhos para aproveitar o carinho.

Com delicadeza Fernando me puxou para seu colo e me fez abrir as pernas onde ele alisou meu clitóris lentamente, para trás e para frente e não demorou até que me fez gozar no seu dedo e me perder em tremores.

Virou seu corpo sobre o meu rolando na grande banheira e me penetrou observando meu rosto como se quisesse registrar cada expressão de prazer que eu exibia.

Arremeteu com vontade, apoiado na banheira ao mesmo tempo que eu tinha a cabeça apoiada na borda e recebia cada estocada querendo mais.

Mantinha meus olhos fechados para sentir com mais intensidade.

Eu sabia que ele gostava de admirar meu prazer, então, sem amarras como sempre era no sexo com ele, me libertei em gemidos e junto comigo Fernando gozou.

Foi intenso e delicioso.

— Eu te amo, nunca esqueça disso.

— Eu também te amo, não esqueça disso.

Após muitas carícias na banheira, Fernando me levou para sua cama, onde ouvi repetidos eu te amo e aquela foi a noite em que me senti mais amada na vida. E entrou para o cantinho na minha cabeça, em que eu guardava meus momentos felizes.

De tão feliz me sentia nas nuvens, o que eu não sabia se era algo bom, já que a queda das nuvens parecia alta demais.

Clube
Angels

Capítulo 15

Fernando

Acordei cedo, preparei um café preto, servi duas xícaras e fui até o quarto onde a mulher da minha vida me esperava.

Depois de uma noite regada a muito sexo... sexo não, amor. Fizemos amor a noite toda, apaixonados e felizes.

Porra!

Eu parecia uma mulherzinha. *Mas que se foda!* Eu estava apaixonado, feliz e pensei que ninguém ia me separar dela.

Aquela noite serviu para me dar força para lutar contra minha família. Decidi que eles não me obrigariam a fazer nada que eu não quisesse, principalmente depois daquela noite.

Entrei no quarto e a vi deitada, nua, abraçando um travesseiro e com os cachos loiros espalhados nas suas costas.

Coloquei as duas canecas de café sobre a mesa de cabeceira e comecei a beijar lentamente suas costas, até fazer com que ela acordasse.

— Acorda, dorminhoca! O dia já está amanhecendo e foi você quem pediu para eu te acordar e te levar para casa, antes que a May acordasse.

— *Hummm...* Quero dormir.

— Acorda, gata. — Dei um beijo no pescoço dela e Clara abriu um olho e depois colocou o travesseiro em cima da cabeça. — Sente o cheirinho de café e pensa no sorriso da May assim que ela acordar e te ver lá.

Levantou devagar, jogou o cabelo para o lado e sorriu para mim meio hesitante, depois saiu correndo em direção ao banheiro enrolada ao lençol.

Voltou minutos depois com o dente escovado e o cabelo em um coque.

— Achei algumas escovas de dentes novas no banheiro. Usei, depois compro outra nova para você. — Parecendo irritada pegou a xícara de café e sentou-se na cama com as pernas dobradas.

— Nada aqui tem dona, ou melhor, tudo aqui tem dona e a dona é você. Você é a dona de tudo, inclusive do meu coração. — Dei um beijo na sua bochecha e ela retribuiu com um sorriso tímido, parecendo mais calma.

— Isso foi brega.

— Mas te fez sorrir, isso que importa, ciumenta.

— Te imaginar com outras mulheres não é algo que me deixa feliz.

— Viu, agora entende o que eu sinto.

Ela sorriu.

— Estou cansada e hoje tenho que trabalhar, vou passar o dia inteiro dormindo.

— Não, senhora, você pode dormir até duas horas da tarde, umas três, passo lá *pra* pegar vocês duas. Prometi para May ontem, que hoje iríamos ao Fliperama, aquela casa de jogos que tem perto da sua casa.

— Fliperama?

— Sim, ontem a hora que você foi ao banheiro, ela disse que os amigos vão lá com os pais. — Dei de ombros e continuei: — Prometi que a levaria.

— Ela não me pediu isso. E você não precisa fazer isso também, Fernando.

— Não preciso, mas eu quero. — Peguei a caneca vazia que ela segurava e coloquei sobre a mesa de cabeceira.

— Obrigada! — Suspirou e sorriu.

— Eu que agradeço.

E então a agarrei, joguei de volta na cama e a acordei como realmente eu queria acordá-la



Deixei Clara na casa dela e fui para casa dos meus avós, eles acordavam cedo e eu precisava ver como o meu avô estava se sentindo. No entanto, quando cheguei lá, ele tinha ido para empresa e só minha avó me recebeu.

— Como você está, meu amor? — Já me pegando pela mão, me levando para o sofá e se sentando ao meu lado.

— Estou bem, batian. Só essa história de casamento que não está me fazendo nada bem e também tenho alguém...

— Você está apaixonado por outra mulher, não é, meu filho? — Ergui os olhos para olhá-la e não precisei contar nada que ela já sabia de tudo.

— Estou e ela tem uma filha. Uma filha linda e educada. Ela já sofreu muito na vida e não quero ser o causador de mais sofrimento, batian, mas quanto mais eu tento desenrolar essa história, mais eu me enrolo nela.

— O amor é uma armadilha, é preciso ter sabedoria para cair nela sem se machucar. Na verdade, a paixão que os ocidentais têm é uma armadilha. Por isso, nós orientais, pensamos em um casamento calmo e sereno, em que podemos pensar e agir com calma, em que a paixão surge só depois com o tempo. Sabe, Nando, desde criança, que vejo casamentos

arranjados, nunca os noivos demonstravam afeto ou falavam de amor. Aprendi com meus pais que a euforia da paixão é colocada em segundo plano e se privilegia sentimentos como devoção, respeito, compromisso e cordialidade. Mas isso só com o tempo.

— Mas não quero isso para mim, batian.

— Eu sei filho. Você foi criado aqui, em outro tempo. Eu te entendo completamente, mas seu ditian é um tradicional oriental e pensa como tal. Não quero que se sacrifique pela empresa ou pelas vontades de seu pai e avô. Mas é que desde que seu avô passou mal, eu estou meio preocupada e não sei o que fazer. Quero te apoiar, mas não quero contrariá-lo.

— Entendo, e não quero que faça isso — falei olhando para minhas mãos.

Minha avó notou minha tristeza e falou:

— Mas me fale, meu neto, ela é bonita?

— Ela é linda. — Peguei meu celular e mostrei uma foto em que Clara e eu estávamos sorrindo. Eu havia tirado em um dos nossos dias no parque.

— *Utsukushi* — chamou de linda em japonês e sorriu. — Entendo agora por que você está apaixonado.

— Não conte para minha mãe, ela não vai entender.

— Não vou contar, mas você precisa resolver sua vida, meu neto.

— Vou resolver, batian, vou resolver. Mas acho que o casamento não será minha escolha. Quero ficar com Clara. — Minha avó apenas sorriu dividida.

Eu entendia que ela estivesse preocupada com meu avô e por isso não me apoiasse como antes, mas era Clara que eu queria e com ela que ia ficar.

Dormi no meu antigo quarto, no que eu passava finais de semana, almocei com minha avó e até a hora que saí, meu avô ainda não estava em casa.

Não consegui conversar com ele e dizer exatamente como eu me sentia, mas tinha esperança de que se eu falasse calmamente e mostrasse meus pontos, ele ia me entender e me deixar livre do bendito casamento.

No horário marcado estacionei o carro em frente à casa das minhas meninas e ambas andaram em minha direção com seus sorrisos lindos.

— Oi, tio Nando. Você realmente cumpre o que promete, *né?*

— Cumpro sim. Pode sempre esperar quando eu disser que estarei aqui. Porque eu sempre vou estar. — Clara sorriu, um sorriso de gratidão.

Seguimos para o Fliperama e passamos mais de três horas entre jogos e sorrisos.

Mayara parecia feliz e Clara nos olhava de longe com amor, já que ficou fora da maioria das brincadeiras, pois segundo ela, não sabia jogar ou tinha medo dos brinquedos maiores, como o carrinho de bate-bate, por exemplo.

Mayara e eu disputamos em todos os jogos disponíveis, desde uma pequena montanha russa a um simulador de zumbi e foi uma tarde maravilhosa. Nunca vi uma criança tão feliz e que sorria com tanta facilidade como Mayara.

Quando estávamos saindo do Fliperama, eu entrelacei meus dedos aos da Clara e May pegou a mão da mãe. Parecíamos uma família feliz e me senti bem em fazer parte daquela família.

Sem contar, que nada do que vivi até aquele momento, fez com que me sentisse tão completo como me sentia. Nenhuma das noitadas, com mulheres diferentes a cada noite, nem as melhores viagens ou as melhores festas e até me pareciam sem graças e sem sentido.

Naquele momento, o que eu mais queria para mim era aquela vida, com Clara, Mayara e uma família me fazendo sorrir.

Eu sorria feito bobo quando o encanto foi quebrado, assim que viramos uma esquina, para irmos até onde o carro estava estacionado, demos de cara com minha mãe e irmã.

— Nando — minha irmã falou feliz quando me viu e olhou para Clara, depois para Mayara e as cumprimentou com beijos no rosto. — Oi, meninas, como estão? Lembro-me de vocês, se lembram de mim?

— Estamos bem — Clara respondeu contida e parecia que ia desmaiar a qualquer momento. Já tinha percebido que aquela a sua frente era minha mãe.

Minha mãe as olhava como se as duas fossem algum tipo de criatura extraterrestre e, lógico, que Clara percebeu.

— Eu também me lembro de você, é a irmã do tio Nando — Mayara falou sorrindo, enquanto eu não sabia o que falar e só queria que o chão me engolisse naquele momento.

O medo dela falar algo sobre o casamento me atingiu e era certo que eu devia estar branco como papel. Pensei que minha mãe sabendo da Clara, contaria ao meu pai, que arrancaria meu fígado e, pior que isso, tentaria acelerar o casamento usando a saúde do meu avô.

— Olha, tenho uma pergunta de primeira necessidade para fazer *pra* você, Clara. Você já dormiu na cama do Fernando?

— Adriana! Por favor... — falei e Clara parecia querer abrir um buraco no chão.

— Me responde você então, Nando, ela já dormiu?

Segurei o sorriso e assenti.

— *Ahhh...* É ela então, não é? Sabia! Desde a primeira vez que te vi, Clara, eu sabia que era você. — Minha namorada nos olhava sem entender e eu ria para minha irmã indiscreta.

Minha mãe revirou os olhos impaciente.

— Tudo bom, Fernando? — enfim ela perguntou .

— Tudo. Mãe, essa é Clara — Apontei para ela que estava ao meu lado, calada e vermelha como um pimentão. — E essa menina linda é a filha da Clara. — Apontei para Mayara que estendeu a mão para minha mãe e disse:

— Prazer dona...

— Lúcia — minha mãe respondeu e pegou a mão da menina.

— Eu gosto muito do tio Nando, sabe, dona Lúcia? Seu filho é muito bonzinho. — Minha mãe sorriu para ela e voltou o olhar novamente para Clara.

Antes que minha mãe dissesse algo, apressei-me em apresentar:

— Mãe, a Clara, ela é... — Limpei a garganta. — Trabalha na Angels e... — Neste momento, Clara soltou minha mão, nitidamente chateada e me interrompeu:

— Sou funcionária da Angels. Olha... desculpem, mas está quase na hora do trabalho e preciso levar Mayara até em casa. — Deu um sorriso forçado e notei em seu olhar que estava muito magoada. — Até logo, dona Lúcia e Adriana. — Se virou para ir, mas segurei sua mão e falei:

— Eu te levo.

— Não precisa, é aqui perto e vamos andando. Nos vemos na Angels — Ela se soltou da minha pegada, não olhou mais nos meus olhos e foi.

— Tchau. — Mayara acenou sorrindo e foi com a mãe que não olhou para trás.

— Você está namorando uma mulher que tem uma filha, Fernando?

— Mãe! — Adriana repreendeu nossa mãe.

— Mãe...

— Mãe, nada! E a Fabiana como fica nessa história? Ela sabe disso?

Olhei para ver se Clara estava longe o suficiente para não ouvir e concluí que sim.

— Não me importo com a Fabiana. Só ainda não joguei esse casamento para o alto por causa da saúde do meu avô e eu amo a Clara.

Minha mãe riu de mim e Adriana ria para mim.

— Sempre quis ter uma sobrinha e a Mayara é perfeita.

— Cala a boca, Adriana! Você tem noção que seu pai vai te matar, não é, Fernando?

Dei de ombros e não respondi. Olhei para o lado tentando achar uma saída para aquela situação, mas nada me veio à cabeça.

— Eu vou ficar com ela, quer vocês queiram, quer não. E agora vou indo, porque preciso levá-las em casa e se eu correr, ainda as pego aqui perto. Tchau.

Dei um beijo na minha irmã que estava sorrindo, fui até o estacionamento, peguei meu carro e fui em direção a elas.

Encontrei ambas andando na calçada a alguns metros da casa em que moravam. Mayara contava algo gesticulando com a vida e Clara parecia pensativa.

Buzinei e Mayara me acenou feliz, enquanto Clara continuou andando e olhando para frente. Fui seguindo-as devagar até que estacionei em frente ao portão da casa da Laura.

Desci do carro a tempo de interceptá-las antes que entrassem. Quando atravessava a rua vi Clara pedindo para que Mayara entrasse e a menina me deu tchau sorrindo e obedeceu.

Clara me esperou no portão de cabeça baixa e com olhar magoado. Sabia que nossa conversa não seria fácil.

Aproximei-me e meu coração palpitava, não queria brigar, ou pior, não queria que ela terminasse comigo.

— Clara...

— Você me apresentou para sua mãe como se eu fosse uma funcionária qualquer da Angels. É só isso que eu sou para você?

— Não! Claro que não, você é...

— Não foi o que pareceu.

— Não, eu...

— Você tem vergonha de mim? — Estava com os olhos lacrimejando, mas tinha seu orgulho e lutava para não deixar as lágrimas caírem.

— Não tenho vergonha de você. Só fiquei nervoso. Faz tempo que não apresento uma mulher para minha mãe e... ela é tão exigente que...

— Uma mulher com uma filha ia chocá-la.

— Clara, não é nada disso. — Respirou fundo. — Por favor, me deixa explicar?

— Eu ouvi sua mãe, Fernando. Eu a ouvi dizer que tenho uma filha, como se isso fosse uma doença. — As lágrimas enfim escorreram por seu rosto.

— Por favor, não chora, Clara. Eu não me importo em você ter uma filha, muito pelo contrário, amo a Mayara.

— Se importa e se envergonha, porque não me apresentou como namorada. Sou sua namorada apenas nos ambientes em que se sente confortável — falou baixo.

Meu peito doía por vê-la chorar.

— Olha, minha família é complicada e tudo é muito mais enrolado do que parece ser. Acredite, não te apresentei como namorada para te poupar, mas peço que você tenha paciência comigo e com minha família, porque eu te amo e no momento certo todos saberão sobre nós.

Ela riu e enxugou uma lágrima, seu riso de dor, doeu em mim.

— Claro que não tenho vergonha de vocês e nem nada parecido com isso, só fiquei nervoso por ter que apresentar a mulher que amo para minha mãe em uma esquina qualquer. Eu queria te apresentar a todos, em um jantar, que é o que você merece. — Vi que ela balançou a cabeça em negativa, suspirou e fechou os olhos. Ergui o seu rosto para que seus olhos se encontrassem com os meus. — Me perdoa por ter sido um idiota?

Encarou-me, mas não respondeu.

— Por favor? — implorei e ela se manteve me olhando em silêncio. — Por favor... — Meu peito estava em chamas.

Respirou fundo e me encarou como se fosse se arrepender de sua decisão, fechou os olhos e quando voltou a abri-los me beijou, eu a agarrei pela cintura e a apertei forte trazendo-a de volta para mim.

— Não me deixa. Por mais que eu mereça, você jura que não vai me deixar? — perguntei cheio de medo.

Clara só me beijou mais uma vez, sem responder e me deixando preocupado.

Rezei para resolver logo aquela questão do casamento com Fabiana e ficar livre.

Era só ela que eu queria para vida.

Clara

Meu coração estava apertado desde a hora que encontrei com a mãe do Fernando.

Encontrava-me na Angels e ele já havia passado no meu balcão, tentando me agradar de todas as maneiras.

Era difícil ficar brava com o homem que me tratava como se fosse a melhor coisa da sua vida, mas algo me dizia que a história com a mãe dele estava muito mal contada.

— Estou te achando tão quietinha, amiga. — Laura me tirou dos meus pensamentos.

— Só pensando na vida.

— Ainda a história da mãe do Fernando te incomodando?

— Um pouco sim.

— Olha, amiga, sogra nunca é legal mesmo, então abstrai isso aí e bola para frente.

Ri.

— Estou com a impressão de que algo ainda está por vir.

— Só se for uma transa quente, com seu boy, no estoque mais tarde — minha amiga falou pertinho, para que só eu ouvisse, e conseguiu me fazer rir.

— Obrigada por me animar.

— Não há de que. E falando em transa quente, estou para te perguntar uma coisa faz tempo.

— Ai, pergunta, mas tenho a impressão que lá vem merda.

— Você que já pegou o Fernando, me conta: é verdade o que dizem sobre os Angels? Ele é tudo isso mesmo?

— Ele é mais, muito mais. Me leva muito além do céu.

— E outra pergunta... — continuou e a doida sorria. — E quanto ao que dizem de japonês?

Fiquei sem entender e franzi a testa semicerrando os olhos em desentendimento. Em resposta juntou o polegar e o indicador mostrando algo pequeno

— Sabe, amiga... o... você sabe o que, dele... — Apontou para baixo e enfim entendi e comecei a rir sem parar.

— Como você é ridícula, Laura!

— *Tá*, eu sou o que você quiser, mas me conta que estou curiosa.

— Não, não é verdade. Estou muito bem servida.

— *Uauuu*. Me deixa ver? Nunca fiquei com japonês.

— Laura! — Gargalhei e ela me acompanhou.

— Pode ser por foto, você não tem nenhuma, aí?

— Não, sua pervertida! E eu não fico tirando foto das intimidades do meu namorado.

— Não sou pervertida, sou curiosa.

— Então deixa de ser curiosa! Eu não estou com esse tipo de curiosidade quanto ao Mateus, estou?

— Não, mas se você quiser, ele me mandou uma foto ontem, eu posso te mostrar — falou já pegando o celular.

— Não! — gritei espalmando as duas mãos interrompendo-a — Pelo amor de Deus, não quero ver nada. — Eu estava rindo largamente e minha amiga louca me acompanhava.

— Adoro te ver assim, sorrindo e feliz. Não deixe que nada tire seu sorriso, amiga.

la respondê-la, mas como alegria na minha vida não durava muito, fui tirada do momento descontração com minha amiga, por uma voz feminina que fez meu mundo desabar.

— Por favor, mocinhas.

Mocinhas?

Tanto eu quanto Laura olhamos para dona da voz e era uma linda japonesa. Tinha o cabelo comprido e cílios enormes. Pensei serem postiços. Estava acompanhada por uma loira, que devia ser amiga dela.

— Pois não? — Laura perguntou.

— Você sabe onde eu consigo encontrar o Fernando?

— Fernando? O Angels?

— Detesto esse apelido idiota, mas sim. O Fernando, meu noivo.

— Noivo? — Eu e Laura perguntamos juntas.

— Sim, vamos nos casar em breve.

Laura me olhou sem entender e tentando ver se eu estava bem, não deu mais atenção para noiva e se virou para mim esperando que eu dissesse alguma coisa.

Eu me sentia paralisada, o ar pareceu sumir do lugar e precisei segurar no balcão, para que a confusão não me derrubasse. O som pareceu emudecer e tudo ter ficado em câmera lenta.

Eu não tinha ouvido aquilo. Não pode ser verdade. O meu Fernando, aquele que me ama, que faz tudo para me agradar, não pode ter me enganado assim e ser noivo.

Olhei para Laura pedindo ajuda e ela parecia tão em choque quanto eu.

Tudo em questão de segundos, cada movimento parecia acontecer em questão de segundos e no seguinte olhei para o lado e lá estava ele: Com os olhos arregalados, branco como papel e em choque.

Fernando apareceu logo atrás da japonesa, mas não disse nada, simplesmente permaneceu parado me olhando e esperando minha reação.

— Ah, aí está você, gato — a mulher disse, se virando e dando um beijo na boca do Fernando que não reagiu.

— Noivo? — eu consegui enfim perguntar para ele, já não aguentando sustentar as lágrimas por muito tempo. — Você é noivo? — Engoli em seco.

Ele deu a volta na mulher, que olhava dele para mim e de mim para ele, e foi até bem próximo ao balcão.

— A gente precisa conversar, Clara. É tudo mais complicado do que você imagina.

Engoli as lágrimas para não chorar como um bebê. Sentia-me tão enganada.

— Você está noivo dela?

Ele parecia procurar coragem.

— Estou, mas não do jeito que você está pensando — respondeu e soltou o ar que segurava.

Sacudi a cabeça em negativa e saí do meu balcão indo em direção ao estoque. Percebi que ficou onde estava e mais um pequeno instante que os olhei antes de me virar, ele parecia discutir com a mulher.

Laura foi atrás de mim, mas eu não a esperei, entrei correndo no banheiro do estoque e fiquei lá trancada chorando.

Nunca serei feliz. Nunca serei feliz. Nunca serei feliz.

— Clarinha, abre a porta e conversa comigo — Laura pediu.

— Por favor, Laura, só me deixa sozinha agora.

— Não posso te deixar sozinha.

— Ela não vai ficar sozinha, pode voltar para lá, Laura, eu fico com ela. — Ouvi voz do Fernando.

— Acho bom você arrumar a merda que você fez — Laura disse e pela voz parecia muito brava.

Eu não queria falar com ele. Eu não ia sair dali.

— Clara, por favor, sai daí e vamos conversar.

Eu não respondi.

Ele está noivo? Como pôde não ter me contado? Como pôde ter mentido para mim?

— Tudo bem, você não precisa sair daí, mas eu também não vou sair daqui. Vou te contar tudo que está acontecendo. — Sua voz estava baixa e triste e meu coração aos pedaços ao ouvi-la.

Chorei, me mantive trancada e em silêncio, porém, eu tinha que voltar ao trabalho. Eu precisava trabalhar, não podia perder aquele emprego, já sentia-me perdendo demais.

Olhei-me no espelho, enxuguei as lágrimas e ajeitei meu cabelo. Respirei fundo e mais uma vez me tornei a Clara que enfrentava os problemas e não a que vivia neles.

Abri a porta do banheiro e o vi sentado no sofá que já fizemos amor uma vez. Estava de cabeça baixa e com o rosto triste. Assim que me viu se levantou rapidamente e andou até mim.

— Não é o que você está pensando, Clara — disse baixo e calmo, como se estivesse testando minha reação.

Ri sem vontade.

— Você me enganou, mentiu para mim quando perguntei se você tinha alguém e você disse que não.

— Eu não tinha. Até esses dias eu não tinha.

— Esses dias? Esses dias são os dias que estamos juntos, que me pediu em namoro e disse que me amava.

— Eu não tenho ninguém, na verdade. Só você.

— E como você explica essa noiva, Fernando? Me fala que ela está mentindo... Ela está mentindo? — perguntei já sentindo as lágrimas surgirem de novo.

— Ela não está mentindo, eu realmente estou noivo — falou de cabeça baixa.

— Então não tenho mais nada para falar com você. — Passei por ele e ia em direção à saída do estoque.

— Espera, não é assim como você pensa — falou segurando o meu braço.

— Preciso trabalhar. — Tentei me soltar, mas foi em vão e então falei: — Não estou aqui para me divertir, preciso desse emprego. Então, se ao menos com isso eu puder ficar, me deixa trabalhar.

Ele engoliu em seco.

— Claro, mas só quero conversar com calma e explicar tudo.

O analisei e falei calmamente e cheia de mágoa.

— Você mentiu para mim. O que mais que você me disse é mentira? Você realmente me ama?

— Eu não menti, eu só omiti e você não pode duvidar do meu amor por você. Nada na minha vida é tão verdadeiro quanto o que eu sinto por você — Fernando falou alto.

Respirei fundo e soltei o ar.

— Preciso trabalhar. — Me soltei dele e enxuguei meu rosto com as duas mãos.

Virei-me para sair, mas parecendo decidido ele deu dois passos entrou na minha frente e me impediu.

— Você não vai a lugar nenhum até me ouvir. Não vou ficar em paz se não te explicar. Eu não estava noivo quando te conheci e eu estou sendo forçado pela minha família a me casar, para assumir a empresa da família. — Ele sorriu em desdém ao falar a história ridícula em voz alta.

Ri sem vontade.

— E você vai me dizer que se chama Luiz Fernando e faz parte de uma novela mexicana também? — Tentei me soltar, mas ele me segurou.

— Sei que é inacreditável, mas, por favor, acredite em mim, Clara. Minha família é uma tradicional família japonesa, que segue tradições e o casamento tem que ficar entre famílias japonesas, meus pais quebraram essa tradição e juraram ao meu avô que os filhos deles dariam prosseguimento a ela. Eu tentei quebrar a tradição de novo, mas meu avô teve um quase infarto quando me rebelei e depois disso assumi esse compromisso, por causa da saúde dele. Não quero ser responsável pela morte do meu avô.

Parei para pensar e enxuguei uma lágrima.

— Clara, acredita em mim. Eu não quero a Fabiana, eu quero você, mas não posso colocar a saúde do meu avô em risco.

Encarei seus olhos e pareciam tão tristes quanto os meus.

— Me perdoa por não ter te contado antes, mas eu só não sabia como contar. Eu não tenho absolutamente nada com a

Fabiana. Nada. A não ser o acordo idiota. Não vou me casar, mas aceitei para ganhar tempo e tentar um jeito de me livrar de tudo isso.

Eu apenas o encarei.

— Não te contei, porque fiquei com medo disso acontecer... De eu te perder. Achei que conseguiria dar um jeito em tudo antes que você soubesse.

Fechei meus olhos e respirei fundo.

— Preciso voltar a trabalhar. — Dei a volta nele e sai do estoque, sem olhar para trás e sem nem me importar se eu parecia apresentável ou toda borrada de maquiagem.

Quando cheguei ao meu balcão encontrei Laura, com um olhar preocupado.

— Resolveram?

Balancei a cabeça em negativo para minha amiga e preferi não falar nada, para não começar a chorar novamente.

Forcei um sorriso, peguei o pedido de um cliente e comecei a fazer a bebida focando apenas nela e tentando não pensar em nada.

Quando terminei de atender, olhei para o lado e vi Fernando conversando exaltado, com a japonesa que ainda encontrava-se lá. Ambos faziam gestos com as mãos e pareciam discutir.

Tirei o olhar de onde estavam e voltei-me para próxima bebida. Sorri fingindo estar alegre troquei duas palavras com o cliente e alguns minutos depois quando entreguei o pedido, vi Cassio se aproximar do balcão.

— Você está bem, Clara?

Balancei a cabeça afirmando e sorri como se nada tivesse acontecido.

— Se precisar de algo, é só me chamar. Se precisar de carona para ir embora, sei lá.

— Ela não vai precisar. — Olhei para o lado e Fernando estava lá com os braços cruzados e com cara de mau para Cassio.

— Obrigada, Cassio, se eu precisar te chamo — falei e voltei a arrumar as bebidas.

— Você não vai precisar. E me espera que vou te levar para casa. Não vou desistir de você. Eu, o seu namorado, vou te levar. Porque para mim ainda não acabou. — Ele se virou e foi em direção ao escritório me deixando olhando para suas costas e com o coração palpitando.

As horas passaram rapidamente e acabei contando para Laura tudo que Fernando tinha me contado no estoque. Ela me aconselhou a escutá-lo e dar a ele uma chance de se explicar com calma e me mostrar o que realmente está acontecendo.

A Angels esvaziou, o Dj tocou a saideira e quando menos percebi, já estava na hora de ir para casa.

Olhei para minha amiga e ela deu de ombros apontando com a cabeça para o Mateus que a esperava para levá-la. Balancei a cabeça afirmativamente indicando que ela poderia ir sem problemas e Laura me respondeu com um sorriso apagado.

Eu e Laura éramos assim, desde adolescentes, um olhar e já dizíamos tudo uma para outra.

Encerrei o meu trabalho e fui para o estoque pegar minhas coisas. Todos os outros barmans já tinham saído, eu estava sozinha, mas mesmo de costas para porta senti que alguém me observava.

Senti o perfume que eu já conhecia tão bem invadir a sala e eu já não mais me assustava com a sua presença repentina.

Virei-me e lá estava ele. Fernando me observava encostado ao batente da porta.

— Está pronta? Vamos?

— Você não precisa me levar — falei sem olhar para ele e fechando o armário.

— Eu não preciso, mas eu quero.

— Prefiro ir sozinha.

Peguei minha bolsa e quando ia passar no espaço entre ele e o outro lado do batente, Fernando me segurou pelo braço, me virou e me prensou contra porta, me beijando com vontade e de início me deixei levar, mas no meio do beijo comecei a chorar e ele percebeu.

— Não chora. Estou me odiando por te fazer sofrer, mas eu preciso que entenda que não depende só de mim. — Eu não disse nada, sentia-me tão confusa e apenas mantive-me olhando para o chão. — Vem comigo.

Ele pegou minha mão, me levou em direção à saída e eu o segui meio no piloto automático. Me colocou no banco do carona e assumiu o volante dirigindo até a casa dele.

Chegamos lá, eu desci e fomos os dois sem dizer uma só palavra até chegarmos à sala. Ele pediu para que eu me sentasse no sofá, sentou-se de frente para mim e pegou minha mão.

— Eu pensei bastante nas últimas horas e desde o primeiro minuto que comecei a pensar, você é única certeza que tenho na minha vida. Você e a Mayara. — Sorriu triste. — Mas eu não posso deixar de me preocupar com o meu avô e tenho certeza que você entende meu lado. — Apenas assenti. — E o que quero te propor, é que você... — Ele hesitou e soltou o ar que estava prendendo enquanto eu olhava direto para ele. — Fique comigo.

— Ficar com você? — O encarei.

— Sim, vou resolver isso, eu juro. Não vou me casar com a Fabiana. É com você que eu quero me casar. Mas eu preciso de tempo, pelo menos até eu ver que meu avô não corre risco de vida.

— E enquanto isso? — perguntei.

— Eu sou seu, completamente seu, mas sem que meu avô saiba.

— Eu serei um segredo?

— Não vai ser por muito tempo, eu juro.

— E depois?

— Depois você será minha, para sempre e para quem quiser ver, só preciso convencer minha família de que não serei feliz

com a Fabiana. Que só serei feliz com você. — Ele passou a mão no meu rosto e eu me levantei.

— E você acha que sua família sendo tão tradicional, vão me aceitar? Você acha que mesmo que você não se case com essa tal de Fabiana, eles vão aceitar que você namore uma mulher que já tem uma filha?

— Sim, eu acho. Impossível eles te conhecerem e não te amarem. E a Mayara nunca vai ser um empecilho. Eu já amo vocês duas e sei que quando eles as conhecerem também vão amar.

Como continuar com raiva de um homem que me fala essas coisas?

Andei até próximo a ele e me mantive séria. Aquela história ainda me magoava.

— Você teve algo com essa mulher enquanto estávamos juntos?

— Claro que não. Nosso noivado é uma mentira, uma farsa para que meu avô não fique mal.

— E por que ela te beijou quando te viu?

— Eu não sei. Ainda estou sem entender. Ela nunca fez isso e também nem queria esse casamento.

Fiquei de cabeça baixa ainda pensando no que faria com minha vida. Eu o amava tanto.

— Clara, por favor... Só pensa que eu te amo e o resto... Nós vamos ajeitando devagar.

Pensei mais um pouco, até que por fim falei, séria:

— Se eu aceitar, como vai ser? — Ele sorriu e fechou os olhos em contentamento. — Falei... se eu aceitar, não quer dizer que aceitei.

— Se você aceitar, vou tentar te fazer a mulher mais feliz do mundo e a Mayara a garotinha mais feliz do mundo. Vou tentar resolver essa situação com minha família o mais rápido possível e o meu noivado com a Fabiana vai continuar sendo só de fachada.

Eu o amava e não conseguia viver sem ele. Fernando me queria e eu a ele, não podia deixar sua família nos separar. Isso não era justo comigo e menos ainda com ele.

Mas, e se ele estiver mentindo para mim? E se realmente estiver noivo da japa linda?

— Como vou saber que sua história é verdadeira?

— Falei com a Fabiana e ela aceitou confirmar e contar tudo que você quiser saber. Por favor, Clara, vamos tentar?

Pensei.

— Tudo bem.

— O quê? — ele perguntou sem acreditar.

— Vamos tentar, mas não quero ser culpada por brigas que você terá com a sua família e...

Ele me agarrou interrompendo o que eu ia dizer e me beijou. Quando a boca dele tocou a minha, nada mais importou e toda a tensão daquele dia se esvaiu e éramos só nós dois.

Eu podia estar fazendo errado e talvez eu devesse ter me afastado, mas não conseguia, era mais forte que eu. O amor que eu

sentia por ele era mais forte.

Clube
Angels

Capítulo 16

Fernando

Quando vi Fabiana na frente da Clara, senti o maior desespero do mundo. Vi no olhar da Clara que ela tinha descoberto o bendito casamento e aquilo me quebrou ao meio.

Achei que estava tudo perdido, mas eu não permitiria que acabasse.

Por fim eu encontrava-me com ela, Clara dormia deitada em meu braço e a sensação era a melhor do mundo.

Olhei para minha namorada, dei um beijo em sua testa e falei baixo:

— Eu te amo.

Achei que estivesse dormindo, mas ela respondeu baixinho.

— Eu também te amo.

Dei outro beijo.

— Clara, vamos fazer dar certo. Eu preciso que dê certo, porque ficar sem você vai ser a pior coisa que pode me acontecer. Estamos há pouco tempo juntos, eu sei, mas não vivo sem seu cheiro — Apertei-a e cheirei seu cabelo. — Sem seu gosto — Dei um beijo casto na sua boca. — Não vivo sem você.

— Para de falar assim.

— Só estou dizendo a verdade.

— Às vezes, gostaria que você mentisse. Não me dissesse coisas tão lindas, que daí quem sabe assim, eu não estaria tão apaixonada por

você.

Abri um sorriso e fiquei olhando para o teto, feito um bobo apaixonado, que era o que me tornei depois que conheci aquela bendita mulher.

Levei Clara para casa, depois de pegarmos a Mayara na escola e mais uma vez o sorriso da menina ao me ver ali com a mãe, foi o maior sorriso do mundo e isso encheu meu coração e me fez ter cada vez mais vontade de fazer as duas felizes, só para ver seus sorrisos.

Após me despedir delas, depois de prometer para Mayara que na próxima segunda passaríamos mais tempo juntos, segui para casa do meu avô para saber como ele estava, mesmo não aprovando o que fazia comigo, eu o amava e precisava saber como ele se sentia.

E era por amá-lo que me via naquela confusão toda, por enquanto, porque ia sair dela o mais rápido possível.

Estava no caminho para casa do meu avô, quando avistei uma floricultura e me lembrei do quanto Clara gostou de receber flores na primeira vez que as enviei, e se era para vê-la feliz, por que não enviar de novo?

Comprei um enorme buquê de rosas vermelhas e novamente tentei me inspirar para escrever um cartão, mas o poeta em mim tinha ido dar um passeio mais uma vez.

Fiquei olhando para o papelzinho em branco e resolvi procurar na internet algo que tivesse a ver com o nosso momento. Achei uma citação e escrevi.

“Ah o amor...

Que nasce não sei onde,

vem não sei como,

e dói não sei porquê.”

Luiz Vaz de Camões

TE AMO, MEU AMOR!

Seu Fernando

Anexei o cartão ao buquê e sorri feliz por pensar no enorme sorriso que ela daria ao receber as flores.

Segui para casa do meu avô, mas antes não tivesse ido. Ao chegar lá, toda a felicidade de uma manhã de reconciliação com Clara, passou.

— Eu não vou a esse jantar — falei.

— Fernando, você como futuro presidente da empresa tem que estar presente com sua noiva.

— Ditian, eu tenho que trabalhar, hoje a Angels funciona e precisa de mim.

— Ela funciona tarde da noite, dá para você fazer as duas coisas.
— Meu avô estava deitado no sofá e no momento que terminou a frase colocou a mão no coração e fez uma careta. Que me lembrou de que eu tinha que poupá-lo de todo aborrecimento.

— Tudo bem eu vou, mas vou ficar pouco.

— Tudo bem. Só durante o jantar — falou sorrindo.

Minha avó estava sentada no outro sofá e deu de ombros para mim, como se pedisse desculpa por ter que me ver passar por isso.

— Ditian, gostaria de conversar com o senhor. Sei que as tradições são importantes, sei que eu deveria segui-las para que vocês fiquem felizes. Mas se eu segui-las eu não serei feliz, eu não estou feliz. Eu não amo a Fabiana, eu não gosto de trabalhar na empresa. Isso vai me deixar

infeliz. Só peço para que você pense por um minuto, você prefere me ver triste e seguindo tradições ou feliz vivendo a vida que eu amo?

— Fernando, infelizmente nossas vontades não podem ser colocadas acima das nossas obrigações. E você pode se sentir infeliz agora, mas com o casamento, quando você assumir seu cargo, vai ver como isso era o certo. É o que nossos antepassados fizeram e o que você tem que fazer.

Respirei fundo para não brigar com meu avô e piorar a situação da saúde dele

— Tudo bem — concordei com o maxilar tensionado. — Vou indo. Nos vemos a noite. — Levantei, dei um beijo na minha avó e fui para casa.

Dirigi pensando se deveria ou não contar para Clara sobre o jantar. Se eu contasse, ela ia fingir estar tudo bem, por causa do nosso combinado, mas eu sabia que no fundo ia ficar sofrendo e pensando que eu estaria lá com a Fabiana e não com ela.

Decidi mais uma vez não contar. Ia ser rápido e não ia ter como ela saber. Não vou fazê-la sofrer por nada. O que eu puder poupá-la, farei.

Cheguei em casa e no meu celular chegou uma foto da Clara com o buquê nos braços e agradecendo, respondi que a amava mais que a mim mesmo e ela respondeu com um “Eu também te amo”, me fazendo rir.

A noite caiu rapidamente e comecei a me arrumar. A ocasião era formal e pedia terno e gravata, mas como não sentia-me com vontade de impressionar ninguém lá e ia para Angels direto depois, coloquei uma calça jeans, uma camisa social e um terno.

Quando saí rumo ao jantar, peguei o celular mais uma vez, antes de ligar o carro pensei em ligar para Clara e contar, mas o rosto triste dela me veio à mente e desisti.

Liguei para Fabiana e avisei que passaria para pegá-la em dez minutos e ela respondeu que já estava pronta.

Parei o carro em frente à casa da Fabiana e ela andou em minha direção. Eu não desci para encontrá-la nem nada, mas precisava dizer que ela exibia-se linda em um vestido dourado e longo. Nada que se comparasse a beleza da minha Clara.

Imediatamente a imaginei comigo, linda em um vestido longo e me acompanhando naquele jantar. Com ela eu até aceitaria ser presidente da empresa sem reclamar.

Senti uma tristeza em pensar que Clara não estaria ao meu lado, que nem notei Fabiana falando comigo.

— Vamos, Fernando. — Olhei para ela, enfim a notando e só assenti sem vontade.

Seguimos para o jantar em silêncio e Clara não saía da minha cabeça. Pensei que eu deveria contar para ela onde e com quem eu estava naquele momento, mas o medo dela terminar tudo comigo de novo falava mais alto.

Entramos no salão e fomos seguidos por diversos olhares e meneios de cabeça em cumprimentos.

Fomos em direção a nossa mesa, que era marcada e dividiríamos com meus pais, os pais dela e meus avós. Minha irmã, como ainda podia fugir, fazia de tudo para não participar daquelas baboseiras e não compareceu.

Quem me olhasse com mais atenção, conseguiria ver que eu não estava ali e que eu não me sentia feliz.

O jantar seguiu um saco e eu permaneci só para cumprir minha obrigação perante minha família. A Fabiana tentou puxar assunto, mas foi em vão e eu continuei calado o quanto pude.

Sentia todos os olhares em cima de mim e tentei desviar de todos eles mexendo na minha comida e pensando na minha Clara.

— Como você está bonita, Fabi, cada vez mais bonita, na verdade. Você não acha, Fernando? — Minha mãe tentou chamar minha atenção.

— Sim, está — falei sem vontade e Fabiana pareceu se iluminar com meu comentário, me lançando um sorriso enorme.

— Vão me dar netos lindos, esses dois — a mãe da Fabiana se meteu na conversa.

Pensar em filhos com a Fabiana fez meu estômago revirar e eu não queria mais ficar naquela mesa.

Pedi licença e fui até a frente do salão que dava para um gramado e no meio tinha um pequeno jardim cheio de rosas.

Rosas... Como não me lembrar da minha Clara quando via rosas?

Fechei meus olhos e pensei que estava sendo demais para mim. Eu não queria aquela vida.

Peguei meu celular do bolso, liguei para Clara e imediatamente ela atendeu.

— Olá, meu anjo nipônico. — A voz que me acalmava.

— Anjo nipônico? — E só com as suas primeiras palavras, ela já conseguiu me tirar um sorriso.

— Sim, meu anjo. E espero que só meu — mudou de assunto: — Nando, foi bom você ligar, May e eu estávamos falando de você agora.

— Ah, é? O que falavam? — perguntei com um sorriso bobo no rosto.

— Sim, acabamos de ver na TV, um parque aquático que tem na cidade vizinha e eu disse que poderíamos ir qualquer dia desses e adivinha?

— O quê? — Eu ainda sorria.

— Ela disse que só vai se você, o melhor amigo dela, for. Segundo ela, se você for vai ser muito mais legal. Você realmente conquistou minha filha.

— Fala para ela que nós vamos sim, e o passeio vai ser o melhor de todos. — Ouvi Clara dando o recado e a menina gritando de alegria ao fundo.

— Ouviu a alegria? Você faz muito bem para minha filha.

— E a mãe dela, eu faço bem?

Deu uma risadinha no telefone, que fez um arrepio de contentamento passar pelo meu corpo.

— Sim, você me faz maravilhosamente bem.

Uma tristeza me tomou ao pensar no que eu estava fazendo. Eu não podia continuar omitindo as coisas dela. Tinha que contar onde eu encontrava-me naquele exato momento.

— Eu te amo — falou.

Soltei o ar que segurava e o medo de perdê-la surgiu.

— Eu também te amo. Nunca se esqueça disso.

— Não vou esquecer. Bem, meu amor, vou terminar de me arrumar para Angels e nos falamos mais tarde.

— Tudo bem. Até mais tarde.

Desligou e mais uma vez eu não tinha contado a ela a verdade e olhava para o celular em minha mão.

— Fernando. — Virei-me e vi a Fabiana atrás de mim. — Estão te chamando na mesa. Seu avô e seu pai precisam de você lá para contar algo sobre a empresa.

— Vamos. — Passei por ela, mas ela segurou meu braço.

— Olha, sei que você ama aquela moça, mas eu estou aqui. No início não queria estar, mas a proximidade me trouxe sentimentos do passado e eu gosto de você, Fernando. — Ela parecia triste.

— Desculpa, Fabiana, o que vivemos foi bom, mas eu amo a Clara. Aqui não era onde eu queria estar e esse noivado falso não era o que eu queria para minha vida. Consegue entender o quanto eu estou puto com isso?

— Consigo, mas tenta esquecê-la só um pouco e tenta pensar que somos só nós dois, só por hoje.

— Não consigo esquecê-la nem por um segundo.

Fez uma cara de brava e me olhou com um olhar rígido.

— Você vai mesmo me trocar por uma mulher que já tem uma filha?

— Fabiana, não vamos por esse caminho. Eu amo a filha dela tanto quanto a amo. E se quer continuar ao menos sendo minha amiga, espero respeito

— Não está mais aqui quem falou. — Ergueu as mãos em rendição com o olhar triste.

— Vamos entrar — falei ríspido, ela assentiu e quando estávamos entrando no salão, um fotógrafo nos parou e pediu para que parássemos rapidamente para uma foto.

Todos nos fitavam... vários pares de olhos exigindo de mim mais do que eu podia oferecer, inclusive meu pai, que praticamente gritava com o olhar para que eu tirasse aquela bendita foto. Eu não podia fugir. Então me coloquei ao lado da Fabiana.

— Podem ficar mais próximos, por favor? — o fotógrafo pediu, Fabiana pegou minha mão e colocou em volta da sua cintura, assumindo um enorme sorriso, enquanto o meu rosto exibia uma enorme carranca de raiva por estar passando por aquilo.

Fomos em direção à mesa e após terminarmos o jantar nos levantamos para acompanhar a apresentação de música.

Eu queria ir embora, mas como minha avó era a atração e pediu para que eu ficasse mais alguns minutos para vê-la cantar, eu fiquei.

Batian era uma cantora maravilhosa de karaokê e subiu no palco usando um lindo kimono. Começou a cantar uma canção japonesa que falava sobre ancestrais e tradição. Sua voz era linda e acalmou meus pensamentos e pelos minutos que a canção soou pelos autôfalantes do salão, me permiti esquecer tudo que eu estava vivendo.

Não por muito tempo, já que olhando em volta vi toda uma colônia japonesa, em que apenas uma ou duas pessoas ali não eram orientais ou descendentes. Minha mãe era uma delas. Percebi vagamente a música acabar e meu pai assumir o microfone começando a falar sobre diversas metas cumpridas e a cumprir da empresa.

Minha cabeça estava na Clara e era com ela que eu queria estar naquele momento, não sabia como pude me meter naquela confusão, aliás, pensando melhor, como pude deixar que me metessem nela.

Fui tirado dos meus pensamentos quando a luz da máquina do fotógrafo me chamou atenção e ouvi que meu pai anunciava o meu casamento.

Todos aplaudiam e com o copo para o alto gritavam “*kampai*”^[4] em celebração aos noivos.

Olhei para o lado e Fabiana sorria radiante ao mesmo tempo que eu só queria fechar os olhos e sumir dali. Talvez o pânico naquele

momento estivesse tão estampado no meu rosto, que quando olhei para minha avó, ela me encarava com pena.

Esperei que o foco das pessoas do salão mudasse de mim para o telão, onde gráficos de evolução da empresa nos últimos anos eram exibidos e tentei sair escondido sem ter que ouvir mais uma palavra sobre o maldito casamento, mas foi em vão, quando eu quase chegava à porta encontrei minha mãe.

Tentei passar por ela sem ter que dizer nada, mas ela me interceptou:

— Sei que você está infeliz, mas, por favor, pensa na nossa família, seu avô está doente e seu pai está tão feliz com esse casamento.

— Eu penso em todos, mas ninguém parece pensar em mim. E a senhora como minha mãe deveria ser a primeira a pensar na minha felicidade e não apoiar essa loucura.

Ela pareceu ficar triste.

— Não posso ficar contra seu pai.

— Então prefere ficar contra mim?

— Ela tem uma filha, Fernando, nunca vai dar certo.

— Isso quem tem que decidir sou eu. E para mim, a filha dela só faz somar.

Saí do salão sem olhar para trás e deixei minha mãe lá me olhando ir embora.

Precisava ver minha Clara e beijá-la muito, para esquecer todo estresse que minha família me fez passar naquela noite.

Clara

Já passava da meia-noite e Fernando ainda não tinha chegado à Angels, tentei ligar no celular dele depois que cheguei, mas dava caixa postal.

Eu estava ficando preocupada com seu sumiço, mas olhei novamente para porta principal e o vi entrando, aí meu coração se acalmou.

Ele andou em minha direção, lindo, usando terno e jeans, entrou para parte de dentro do balcão, me pegou pela cintura, me virou para ele e me deu um beijo que me tirou o ar.

Os clientes a nossa volta, sentados nos bancos altos sorriram e assobiaram divertidos, mas Fernando não se importou.

— Senti saudade. Não vejo a hora de irmos embora — disse próximo da minha orelha quando o beijo terminou e arrepiou todos os pelos do meu corpo.

— Também estava com saudade, agora me deixa trabalhar que você me mata de vergonha. — Sorriu para mim, me deu uma piscada e saiu em direção ao escritório, me deixando sem ar e com um sorriso no rosto.

Trabalhei como uma louca, a Angels bombava e quase no final do expediente, comecei a prestar atenção nos sócios. Percebi que algo estava acontecendo. Vi o Rodrigo com a mão na cabeça e parecia desesperado, o João chorava e Fernando parecia em pânico. Notei que pediram para o Dj encerrar a pista e esvaziar a casa o mais rápido possível.

— Sabe o que está acontecendo? — perguntei para Laura que ao meu lado também acompanhava tudo.

— Não faço ideia. — Deu de ombros.

— Parece que a Livia, namorada do Gustavo sofreu um acidente na serra do mar — Cassio disse se aproximando de nós.

— O Gu deve estar arrasado, parece que foi bem grave — Valmir disse também se juntando a nós.

Olhei para porta e uma moça negra com os cabelos encaracolados entrou voando como vento e Rodrigo foi a passos largos ao seu encontro, abraçando-a e tentando acalmá-la.

Ela chorava copiosamente e falava mexendo com as mãos. Eu já a tinha visto por ali, vivia junto com o Rodrigo, mas eu não sabia o que eles tinham afinal.

Rodrigo parecia se preocupar com ela e a cada gesto era o mais puro carinho. Outro rapaz que também sempre estava junto com a amiga do Rodrigo, entrou chorando e com os olhos inchados.

Todos pareciam puro desespero e quando olhei para Fernando vi que ele também estava preocupado e eu queria acalmá-lo, mas preferi esperar antes de me intrometer.

A casa esvaziou rapidamente e notei quando João pegou uma garrafa de vodca e virou de uma vez só. Seu desespero era evidente e vi também quando Fernando foi até ele para tentar tirar a garrafa de suas mãos.

João chorava como um bebê.

— Aquilo é culpa. Sabemos que Livia terminou com o Gustavo por culpa dele. — Valmir falou para nós.

— Coitado — Laura falou.

Fernando se aproximou de nós e em poucos passos parou a nossa frente.

— Clara, a Livia do Gu, sofreu um acidente e vamos até o hospital, saber notícias. Quer ir comigo? — Parecia tão preocupado.

— Sim, eu te acompanho. — Não conhecia a Livia, na noite que eu entrei, ela e o Gu terminaram e o rolo entre eles não deixou que ela fosse mais a Angels, mas pelo pouco que ouvi dela, era uma boa pessoa.

Fechamos a Angels e depois com os nervos mais calmos, todos decidiram ir ao hospital no dia seguinte, não fariam nada lá de madrugada e precisavam dormir. Assim estariam fortes caso precisassem apoiar o amigo, se o pior acontecesse.

Fui para casa do Fernando, dormi com ele poucas horas e quando acordei liguei para dona Regina, contei a história toda e ela se prontificou a ficar com Mayara para mim.

Um pouco mais tarde fui para o hospital junto com ele e os demais amigos para dar o apoio que Gustavo precisava. Estavam todos os Angels, exceto o João que achou melhor não ir, por estar se sentindo muito culpado e para não irritar o Gustavo.

Descobri que a companhia do Rodrigo se chamava Samira e o rapaz que chorava, Igor. Ambos eram os melhores amigos da Livia. Samira parecia devastada, chorava sem parar e era consolada vezes por Igor e vezes por Rodrigo.

No hospital graças a Deus as notícias eram boas, Livia estava bem. Teria de ficar em observação, mas não era nada grave. Todos ficamos mais calmos, menos Gustavo, que mesmo nos dando a notícia de que ela ia se recuperar, ainda parecia em pânico.

Todos foram entrando em pares para vê-la e quando chegou a vez do Fernando, achei melhor ficar na sala de espera, já que não a conhecia.

A sala de espera estava cheia de pessoas da família da Livia e tinha também uma amiga dela meio japonesa, que me lançou um sorriso sem jeito quando comecei a encará-la.

Eu a observava lembrando-me de toda a bagagem que os olhos puxados como os dela tinham na minha vida.

Retribui o sorriso com as bochechas coradas por estar encarando-a e para me distrair peguei um jornal pousado sobre a mesa ao meu lado.

Mas antes eu não tivesse feito isso, assim que abri as páginas, meus olhos foram como um ímã para uma foto em que o Fernando aparecia com a mesma roupa que chegou à Angels na noite anterior e encontrava-se ao lado da tal Fabiana, que por sinal apresentava-se deslumbrante e exibia um enorme sorriso. A mão dele abraçava sua cintura os fazendo parecer um lindo casal.

Meu coração começou a disparar e a legenda da foto foi para dilacerar meu coração de vez:

“Feliz casal herdeiro da Nippon S/A, anuncia casamento em jantar de sócios, na noite de ontem”.

Li rapidamente a notícia que dizia que o casal celebrou com alegria o noivado, em família e que Fernando tinha sido anunciado como o próximo presidente a assumir a cadeira no topo da empresa.

Engoli em seco lutando para não chorar, fechei o jornal e me levantei para sair dali antes que ele voltasse. Coloquei minha bolsa no ombro e fui em direção a saída, dando sorrisos sem jeito para os parentes da Livia que pareciam notar que algo de errado estava acontecendo comigo.

Assim que saí e senti a brisa do lado de fora do hospital, desabei a chorar e jurei para mim mesma que acabaria com aquela história. Me fazia mal.

Eu não conseguia seguir e precisava ser feliz. Queria que fosse com o Fernando, mas percebi que com ele não ia ser possível.

Ele não me contou, foi a um jantar com ela e não me contou. Ia se casar com outra e anunciou para todos, fazendo a família dele feliz, sem nem ao menos lembrar que eu existia.

O casamento podia mesmo ser de mentira, mas a dor que eu sentia era de verdade.

Saí desnorteada e andei até uma praça que ficava em frente ao hospital. Sentei em um dos bancos em baixo de uma árvore e parei para pensar no quão rápido desencadeei o amor pelo Fernando. Repensei se não foi apenas carência e desejei que sim e que eu pudesse esquecê-lo tão rápido quanto me apaixonei.

Comecei a chorar e tentei não sentir o quanto doía pensar em deixá-lo.

Doía tanto que eu só queria que parasse de doer. As pessoas passavam por mim e me olhavam com piedade, talvez pensando que eu estava perdendo alguém naquele hospital. E estava mesmo, decidi abrir mão do amor do Fernando, porque não podia e não conseguia mais continuar.

Tentei controlar minha respiração, fechei os olhos e respirei fundo e por fim parei de chorar. Coloquei a bolsa no ombro, juntei forças para levantar dali e voltar para minha casa, mas quando me virei, ele estava atrás de mim, apreensivo.

— Fiquei te esperando voltar para sala de espera e aí abri o jornal. Vi a notícia. Perguntei de você e me disseram que você tinha saído um tanto transtornada e então entendi que você também tinha visto. Olha, eu preciso explicar, só preciso...

— Você não precisa.

— Sei que parece tão errado, mas não é nada disso, Clara...

Ele deu dois passos e tentou chegar perto de mim, mas eu o parei.

— Não. Fernando, eu acreditei em você, abri meu coração e minha vida para você entrar. Eu te amei tão fácil, mas não consigo lidar com isso. Se o noivado é de verdade ou de mentira, se você está sendo ou não obrigado, não me importa, o que importa é que eu não consigo lidar com a falta da verdade.

— E eu te amo, Clara.

— Não, não ama. Não a ponto de enfrentar a sua família, me levar a um maldito jantar e me apresentar como sua namorada.

Claro que não. Apresentou a noiva perfeita, a que se encaixa aos padrões que sua família exige.

— Eu ia te contar... — ele tentou chegar perto mais uma vez e eu me afastei.

— Você não ia.

— Eu só não contei para não te magoar. O jantar foi horrível e uma grande mentira.

Soltei o ar me sentindo tão insignificante.

— O que eu sou para você afinal, Fernando?

— Você é a mulher que eu amo.

— Não ama — falei alto sem me importar com as pessoas que passavam a nossa volta. Fechei os olhos tentando me controlar.
— Fernando, não funciona para mim... acabou.

— Não. — Tinha os olhos marejados, engoliu em seco como se lutasse para não chorar. — Não acabou. Eu amo você e isso tudo foi um mal entendido. Minha família pediu para que eu fosse naquele jantar, mas eu não sabia que iam falar sobre o casamento, eu só fui para que meu avô não se estressasse.

— Eu entendo e você tem o direito de proteger seu avô. Assim como tenho o direito de me proteger e eu escolho isso.

— Clara... — Notei que segurava para não chorar.

— Não me interessa mais, Fernando — falei calmamente, engoli em seco e sequei as lágrimas — Você teve a oportunidade de me contar e não me contou, preferiu que eu soubesse lendo uma

notícia no jornal, de um casal feliz e perfeito. Para mim não dá mais.
— Virei-me para ir, mas ele pegou meu braço e me parou.

— Por favor, Clara, não faz isso. Eu amo você. Vou me livrar desse maldito compromisso que minha família arrumou.

— Não consigo. Não consigo te dividir com outra, Fernando e não quero ser a outra, o seu segredo. Já sofri muito em relacionamento e não quero sofrer de novo.

— Clara... você é... por favor... — Parecia acabado, mas ainda assim, soltei-me da sua mão e parti para longe dali.

Sentia-me destruída, doía muito e nem todas as surras que levei do Jeferson me fizeram sentir uma dor igual, porém, mesmo completamente acabada preferi terminar com tudo. Ia doer, mas ia passar.

Clube
Angels

Capítulo 17

Fernando

Meus dias seguiam miseráveis, tentei de todo jeito falar com Clara mais de uma vez, mas ela não queria saber de mim, fazia quase uma semana que terminamos e ela não falava comigo, não atendia meus telefonemas e não ia trabalhar na Angels.

Tentei conversar com a Laura, mas fiquei com medo, já que ela só faltou espumar pela boca de raiva quando cheguei perto. O máximo que consegui tirar da Laura foi que Clara estava bem e tentando seguir.

Não fui mais ver meus pais e nem meus avós. Desliguei diversas vezes ligações da Fabiana e só atendi uma vez minha irmã, para dizer que eu estava bem, mas ela notou na minha voz que era mentira, então tive que contar a ela que terminei com Clara e ela ficou mais desapontada que eu.

Fui trabalhar no piloto automático, porque não podia deixar a Angels só com o João e Rodrigo, eles precisavam de mim lá, pelo menos por enquanto, enquanto o Gu fazia companhia a Livia que se recuperava perfeitamente.

Pedi para Laura avisar Clara que o emprego dela não tinha nada a ver com o nosso relacionamento e que ela poderia voltar quando quisesse, mas a resposta foi que ela já procurava outro emprego e isso acabou comigo.

Tentei manter contato com Mayara e liguei algumas vezes para falar com ela, mas me doía demais ouvir a menina dizer que a mãe estava tão triste ou que queria ir passear comigo e com a mãe, que achei melhor me afastar dela.

A distância doeu demais, amava Mayara e não ter contato com ela acabou me deixando péssimo, então insisti em ligar.

Já que não me afastei, Clara e Laura me afastaram da May e nas últimas vezes que liguei, Laura ou dizia que ela não estava ou dizia que não podia atender. Entendi o recado para me afastar da menina e decidi que tentaria esquecer Clara e a vida tão boa que ela me apresentou.

Quanto mais eu tentava não pensar, mais eu pensava nela, no sorriso dela, no seu jeito sereno e contido e no quanto eu a amava. Em uma das tentativas de contato, mandei uma mensagem com uma citação de Mário Quintana que dizia:

***“Eu agora – que desfecho!
Já nem penso mais em ti...
Mas será que nunca deixo
de lembrar que te esqueci?”
Ainda te amo.
Seu Fernando.***

Ela não respondeu.

Comecei a ler poesias à procura de citações que eu pudesse mandar para ela e assim a trouxesse de volta.

Sentia tanta saudade que meus dias eram sem graça e sem sentido sem elas. Desejei até voltar a ser o Fernando, Angel, pegador de antes de me apaixonar.

Em uma tarde de segunda, pouco mais de uma semana após terminarmos, recebi uma ligação do Rodrigo.

— Fala, cara — atendi.

— Fernando, tô ligando para visar que você ferrou minha vida!

Dei risada.

— Em que parte que eu ferrei a sua vida que já era ferrada?

— Na parte que eu tinha acabado de transar com a Samira, meu celular tocou e na tela apareceu o nome da Laura. Samira ficou puta e foi embora, depois que ela saiu liguei de volta para Laura e ela me ligou para pedir o emprego da Clara de volta.

— Ah, e o que eu tenho a ver com isso? — Senti um sorriso se abrir no meu rosto. Clara queria voltar.

— Tem a ver que por sua causa, ela ligou para mim e não para você. Disse que volta para as apresentações com a condição de que não tenha que interagir com você.

Que bosta! Pronto, balde de água fria.

— E o que você disse?

— Eu disse que tudo bem. Os frequentadores da Angels têm pedido insistentemente para as anjas voltarem com as apresentações e isso por que só não teve apresentação por algumas vezes. Tô atrás da Clara por todos esses dias.

— Que bom que ela vai voltar. — Tentei disfarçar minha alegria.

Meu coração sentia um fio de esperança de tê-la de volta.

— Vê se não estraga tudo e põe ela pra correr de novo. Sabe como ela é arredia.

— E como sei, mas pode deixar vou mantê-la por perto.

— Tá mesmo apaixonado? — Ele riu do outro lado da linha.

— Estou, e você devia parar de ser frouxo, pegar de vez a Samira e experimentar esse sentimento. Tenho certeza que sua mina é ela, cara.

— Acho que ainda não, somos só amigos.

— É impressão minha ou ouvi você começar a conversa dizendo que eu ferrei com sua vida por empatar sua segunda foda com a Samira? Ah, não né, vocês são só amigos.

— Vai se fuder, Fernando! — Me xingou, mas ria. — Vou desligar, nos falamos depois e vê se fica na sua em relação à Clara.

— Tudo bem, vou tentar.

— E cara, tá você tem razão. Tô meio que de quatro pela Samira.

— Ah! Eu sabia.

Desligamos e fiquei pensando sobre tentar ficar longe da Clara. Tentar... duvidava muito que eu conseguisse me manter longe dela.

Clara

Terminar com o Fernando acabou comigo, fiquei destruída e tentei ser forte para não deixar Mayara ver o quanto eu parecia acabada, mas foi em vão. Diversas vezes ela foi quem me consolou e me vi chorando deitada no colo da minha filha de cinco anos, enquanto ela afagava meus cabelos e me dizia que tudo ia ficar bem.

Fernando tentou falar com Mayara algumas vezes no telefone, mas para evitar que minha filha sofresse mais no futuro, decidi pedir para Laura dizer que May não estava, mas sabia que minha pequena sentia falta do melhor amigo.

Fora que terminar com o Fernando significava mais coisas que só um término de namoro. Decidi sair do meu emprego também e isso me deixava ainda mais triste, porque mesmo Laura me dizendo que estava tudo bem, que ela dava conta dos gastos e eu não precisava me preocupar, me sentia péssima em pensar que era novamente uma desempregada e serei um estorvo na casa dela.

Dias depois que saí da Angels, não consegui nada além de portas na cara e milhares de currículos entregues, mas eu era persistente e não ia desanimar.

Cheguei em casa depois de um dia inteiro em busca de um emprego e assim que abri a porta encontrei Laura e Mayara sentadas cada uma em um sofá, comendo pipoca e assistindo Valente, o desenho preferido da minha filha.

— Oi, mamãe.

— Oi, filhotinha. Você está bem? — perguntei porque minha filha parecia desanimada.

— Sim, só estou cansada — disse meio dengosa.

Coloquei a mão na testa dela e não estava com febre. Graças a Deus. Devia só ter brincado muito na escola.

— Como foi sua procura, amiga?

— Péssima, Laura. Ou dizem que não tenho experiência ou nem sequer deixam me apresentar.

— Se eu fosse você voltava para Angels, uma coisa não tem nada a ver com a outra e eles estão loucos atrás de você. Tanto os donos, quanto os clientes.

Parei para pensar e cheguei à conclusão que talvez eu pudesse fazer dar certo e voltar a trabalhar lá, sem ter nada com o Fernando. Éramos adultos.

— E se eu voltar? Será que vai dar certo?

— Vai sim amiga, se você quiser, eu ligo para o Rodrigo. Eu também estou muito triste sem minha parceira.

— Tomara que eu não me arrependa, mas *ok*, pode ligar, por favor. Só diz que não quero ter que interagir com Fernando.

Laura ligou para Rodrigo e foi até a cozinha beber água. Minutos depois voltou e disse:

— Contratada de novo. Rodrigo deu graças a Deus e me prometeu que Fernando nem vai chegar perto de você.

Pensei que eu queria que ele chegasse perto de mim, que eu o queria bem perto de mim, mas infelizmente nem tudo o que a gente quer a gente tem.



Sexta-feira e me via me preparando para iniciar a apresentação na Angels.

Desde que voltei não tinha visto o Fernando e nem queria. Na verdade, eu queria, estava louca para vê-lo, mas tinha medo dos sentimentos que aflorariam em mim.

A ansiedade para apresentação batia forte, íamos dançar *Buttons* do The Pussicat Dolls, uma música com uma batida incrivelmente sexy, que dançaríamos com passos super sensuais e, claro, que me deixavam nervosa e tensa como sempre antes das danças novas.

Via-me à espera da hora de entrar e sentada no sofá do estoque, que me trazia tantas lembranças. Fechei meus olhos para absorver cada uma delas e parar de pensar em tudo que podia ter sido, mas não deu pra ser.

Na última apresentação com uma música nova, Fernando esteve ali comigo me acalmando e ainda de olhos fechados pude sentir as mãos dele nas minhas, o sorriso dele me iluminando e sua fala doce me seduzindo. *Que ódio!*

Precisava parar de pensar nele e esquecer de vez que um dia isso aconteceu entre nós. Ainda mantinha-me com a cabeça baixa olhando para os saltos do meu sapato, com rabo de cavalo

comprido caindo de lado pelo meu pescoço e tentando acalmar minha respiração, quando a porta do estoque se abriu e o Cassio entrou.

Por um minuto, um pequeno minuto desejei que fosse Fernando.

— Oi, bonita.

— E, aí? — perguntei sorrindo.

— Pronta pra hoje?

— Nasci pronta. — Ele me deu um sorriso e sentou-se ao meu lado.

— Bom, Clara, sei que não conversamos muito nos últimos tempos, até porque nem temos tempo para isso e também, Fernando deixou bem claro que não queria ninguém perto de você. — Ele sorriu, mas meu sorriso vacilou. — Mas quero que saiba que estou aqui e se precisar de um amigo...

— Ah, que gracinha. — Passei a mão na careca dele. — Obrigada. E quer dizer que você não chegava perto de mim por causa do Fernando?

— Sim, eu e todos os outros. Ele deixou bem claro desde o início, que tinha interesse em você.

Parei de sorrir e ele continuou:

— Mas isso é passado, você pode passar o rodo geral nos barmans, que todos vão ficar mais que felizes. Todos aqui babam em você, sabia?

— Dispenso — respondi e gargalhei alto.

Nesse instante a porta se abriu e Fernando entrou com uma porção de papel e notas nas mãos e nos olhou parecendo surpreso. Pensei que ele não sabia que estávamos ali e com um semblante irritado interrompeu minha gargalhada e fez meu rosto assumir um olhar sério.

— Vou indo ver a porta, te vejo no bar — Cassio disse percebendo a tensão.

— Também já vou com você, vou procurar por Laura — falei imediatamente.

Passei com meu amigo segurança ao lado do Fernando e ele nos observou com atenção. Por seu olhar pensei que fosse voar no pescoço do Cassio a qualquer momento.

— Boa noite — cumprimentei.

— Boa noite. — Ouvi sua voz grossa responder.

Segui para fora do estoque rapidamente, evitando olhá-lo mais uma vez e segurando a respiração, enquanto o coração batia descompassado dentro do peito, como se eu fosse ter um ataque cardíaco.

Fiz uma oração pedindo ajuda a passar por mais aquela fase difícil e arrancar do meu peito o sentimento que me machucava.

Algum tempo depois a casa lotou, escondi tudo que me fazia vacilar, engoli meu choro e depois de conversar com minha amiga, que me acalmou e me fez rir, fiquei mais tranquila e pronta para dançar.

Quando dei por mim, já estava no centro do bar principal, me preparando para arrasar com a música *Buttons*.

A batida da música começou e com uma garrafa em cada mão Laura e eu também começamos. Jogamos as quatro garrafas para cima e as pegamos em seguida completamente em sincronia, fazendo a galera gritar. Rebolamos e fizemos passos sensuais que deixaram os homens ali babando. Na parte em que a voz do homem invade a música nós assumimos as coqueteleiras balançando gelo e vodca para lá e para cá entre passos e reboladas.

Terminamos a apresentação, gritos e palmas invadiram o lugar e na sequência o bar lotou deixando os barmans malucos.

Olhei sorrindo para minha amiga, que me retribuiu também com um sorriso enorme no rosto e me sentia feliz por voltar à Angels. Eu amava a casa noturna. E como se uma força puxasse meu olhar, eu olhei em direção aos clientes e em uma mesa próxima ao meu balcão, Fernando me fitava com um olhar sério e intenso que fez meu corpo se arrepiar.

Tirei meu olhar do dele e fui até o estoque tomar uma água e me recuperar para voltar a trabalhar, entretanto, aqueles lindos olhos me encarando não me saíam da cabeça.

Clube
Angels

Capítulo 18

Fernando

Não sabia se devia rir ou se chorar, vendo o bando de macho olhando e babando por minha Clara. Tudo bem que ela não era mais minha, mas eu ainda a amava e ver outros homens a desejando me deixava muito puto.

Fora o Cassio que vivia de graça para cima dela. Eu piscava e lá estava ele: todo amigo.

Filho da puta!

Já pedi para os caras mandá-lo embora, mas eles não aceitavam, porque, afinal de contas, ele trabalhava muito bem e era um bom funcionário.

Quando o vi mais cedo com Clara no estoque, quis voar no pescoço dele e socar sua cara até ele entender que Clara era minha e ele tinha que se manter longe, mas usei todo o meu autocontrole e me mantive no meu lugar de patrão.

Vi a apresentação das duas e antes não tivesse visto. Foi sensual e maravilhosa como sempre e Clara tinha o dom de me deixar cada vez mais apaixonado por ela, cada vez mais encantado e triste por ela não ser minha.

A apresentação acabou e subi para o escritório ficando lá até a hora de ir embora. Algumas vezes fiquei no vidro panorâmico, que dava de frente para onde ela atendia aos clientes e me permiti admirá-la trabalhando. *Tão linda!* A vi sorrindo, concentrada, conversando com clientes, com Laura e por duas vezes com o Cassio.

Vi ele e Laura tocarem os punhos em cumprimento como se combinassem algo e em seguida fez o mesmo com Clara. O que estavam combinando?

Mais tarde já tínhamos encerrado o expediente e ainda lá de cima, eu os observava. Vi quando Laura saiu com o namorado, mandou um beijo para amiga e colocou o dedo médio e o indicador no olho e apontou os dois para o Cassio, como se dissesse que estava de olho nele. Ele sorriu em resposta e fez sinal de positivo. E foi aí que eu entendi, ele ia levá-la para casa.

Ah, mas não ia mesmo!

Peguei a chave do carro e virei-me para sair, mas assim que ia passar pela porta João estava lá, me parou e disse:

— Já sei o que vai fazer e o Rodrigo me deixou responsável de te impedir.

— Eu não vou fazer nada. — Me fiz de desentendido.

— Sei que está indo atrás dela. Tô de olho em você, Fernando, e você não vai fazer isso.

— Porra! — Voltei para dentro da sala e joguei a chave na mesa com raiva.

— Fica calmo, cara, tudo vai se resolver, mas você precisa dar espaço *pra* ela.

— Se eu der espaço, aquele filho da puta do Cassio, vai ocupá-lo e ficar com Clara.

— Se isso acontecer é porque era pra ser, cara. — Ele colocou a mão no meu ombro e tentou me acalmar, mas só conseguiu me deixar com mais raiva.

— Você sabe o que é amar alguém? Você já amou alguém na sua vida, João?

— Já amei. — Fechou a cara e vi uma escuridão passar por seus olhos, como se uma lembrança ruim passasse por eles. — E não deu certo, depois disso tirei o amor da minha vida e toda vez que penso em me apaixonar saio correndo e você sabe disso.

— *Tá*, mas eu não quero correr para lugar nenhum, a não ser que seja para ela e é isso que vou fazer. — Peguei de novo a chave do carro e passei correndo por ele, que ficou me gritando.

Desci as escadas, passei pela portaria e Valmir me olhou compreensivo quando perguntei se Clara já tinha ido.

— O Cassio a levou, Fernando, mas não se preocupe, eles são só amigos.

Dei dois tapinhas de agradecimento no ombro dele e fui rapidamente em direção ao meu carro. Segui pelas ruas desertas, já passava das cinco da manhã e o dia estava amanhecendo. Assim que cheguei em frente à casa da Clara, vi o carro do Cassio parado e ela descendo dele.

Cassio desceu do carro e foi até ela, cheio de sorriso. Desci também do meu e quando ele foi dar um beijo de despedida eu cheguei ao lado dos dois.

— Clara? — falei e ela me olhou assustada, como se esperasse qualquer pessoa ali menos eu. Cassio também me encarou e não parecia afetado com minha presença.

— O que você quer aqui? — perguntou friamente e o babaca ao lado dela só me encarava.

— Preciso falar com você, pode me dar um minuto?

— Não é hora para isso.

— Só um minuto. E só eu e você de preferência — falei encarando o idiota do Cassio que não tinha dado um passo.

— Quer que eu fique, Clara?

— Não, tudo bem, pode ir, nos vemos a noite. — Ela sorriu para ele, que deu um beijo no rosto e se virou para mim.

— Até mais, Fernando. — Deu-me uma encarada e o respondi apenas com um meneio de cabeça.

— O que você quer? — Clara me perguntou quando ele partiu.

— Quero você.

— Se o assunto é esse, vou entrar. — Virou-se para abrir o portão e eu segurei levemente o braço dela.

— Espera. Não sei o que vim fazer aqui, só vim. Fiquei louco quando vi você saindo com o Cassio e não quero você com ele.

— Não temos mais nada e eu saio com quem eu quiser.

Irritei-me.

— Vocês têm alguma coisa?

— Fernando, isso não te diz respeito.

— Você não pode sair com ele — falei alto e ergui uma mão para passar no cabelo, exasperado, mas nesse instante Clara ergueu o braço na frente do rosto por puro instinto, como se esperasse que eu fosse agredi-la.

Olhei para ela com o rosto perplexo, abaixou a mão do rosto parecendo com vergonha e eu tinha certeza que meu semblante mostrava o quanto aquela situação me deixou com um misto de raiva do ex-marido e vontade de abraçá-la e protegê-la.

— Eu não ia... Eu nunca faria... Me desculpa.

— Eu sei, foi só o costume. — Estava de cabeça baixa e começou a chorar.

Aquilo apertou meu peito e minha vontade era achar o ex-marido e bater nele até que não respirasse mais.

— Me desculpa! Não foi minha intenção. — Mas por dentro eu estava com raiva, em pensar que Clara por um instante imaginou que eu pudesse ser como o crápula do ex-marido. A raiva era dele que desenvolveu nela esse tipo de medo.

— Tudo bem, eu que peço desculpa — disse chorando muito.

— Não chora.

Eu prometi ficar longe, prometi me afastar, mas que se foda todas essas promessas. Dei um passo em direção a ela e vi que continuou no mesmo lugar. Então rompi a distância que separava meu corpo do dela e a abracei, colocando meus braços por cima dos dela e a prendendo no meu abraço, enquanto com as duas mãos Clara tampava os olhos envergonhada e chorava compulsivamente.

— Ele não vai mais fazer isso com você. Eu estou aqui e vou te proteger sempre, mesmo quando você não me quiser. — Não respondeu e continuou chorando.

Alguns minutos se passaram e o choro foi cessando cada vez mais, até que parou de chorar, encostou a cabeça no meu peito e em seguida passou os braços pela minha cintura e me abraçou.

Isso era tão bom. Fechei meus olhos em contentamento.

Abaixei minha cabeça na altura do rosto dela e fui puxando com o meu o seu rosto. Devagar vi que ela se deixou levar e no instante seguinte estávamos nos beijando.

Um beijo tão bom, tão doce e cheio de amor, um beijo que começou devagar, mas se intensificou depois, e a peguei pela cintura a

prendendo no meu corpo e enfiando minha língua na sua boca como se eu precisasse disso para respirar.

Os dias que passei sem ela, foram como se eu estivesse vivendo na escuridão e com aquele beijo tudo mudou e tornou tudo mais claro e mais feliz.

Meu coração estava a mil por hora e meu corpo todo aceso ao encostar-se ao dela.

Separei-me da sua boca sem vontade e enchi todo seu rosto com beijos por todas as partes.

— Tão bom tê-la nos meus braços de novo. Me perdoa por tudo e fica comigo? Eu não queria mentir para você, eu só não queria te preservar — falei baixo.

— Não dá. — Deu-me um banho de água fria. — Não aguento te dividir com outra.

— Você não vai precisar. Eu sou todo seu.

— Então vamos agora à casa do seu avô e contamos para ele que estamos juntos. — Ela me colocou contra parede e eu não podia fazer isso.

— Eu não posso, Clara. Esse desgosto mataria meu avô.

— Eu sou um desgosto?

— Não! Eu sou. Você é tudo na minha vida e sei que eles vão te aceitar só te peço um pouco de paciência.

— Tudo bem.

— Tudo bem? — perguntei já com uma faísca de felicidade se acendendo dentro de mim.

— Sim, mas enquanto você não me apresentar para sua família e estiver noivo da tal Fabiana, eu vou ficar com o Cassio e vou apresentá-lo a todos como namorado.

— Porra, Clara! Isso não se compara. Eu não tenho nada com a Fabiana e você e o Cassio... Não brinca assim comigo.

— Não estou brincando com você. E eu e o Cassio não temos nada além de amizade, mas quero que entenda o quanto isso que você está me propondo é ridículo.

Fiquei olhando-a com o peito subindo e descendo com minha respiração ofegante. Ela não pode insinuar que vai ficar com o Cassio. Coloquei a mão na cintura e abaixei a cabeça olhando para o chão, procurando um jeito dela me aceitar de volta.

— Pelo menos me diz que vai esperar eu resolver isso? Que não vai ficar com mais ninguém?

— Não sei. Você me machucou, Fernando, e se aparecer alguém menos complicado que você, que faça com que eu te esqueça, então é o que eu vou fazer e vai ser melhor para nós dois. Só quero que você me deixe em paz até resolver a sua vida.

— Eu não te dou paz?

Ela suspirou.

— E só quero trabalhar e voltar para minha filha sem... isso. A intensidade de... nós dois.

Mordi o canto da boca e balancei a cabeça em negativa. Ela não podia fazer aquilo comigo. Não podia ser tão fácil assim me trocar por outro.

Voltei a olhá-la e Clara me encarava com os olhos cheios de lágrimas, mas com um rosto tomado de decisão.

Pensei que se era assim que ela queria. Se acabar com nosso amor vai ser melhor para nós dois como ela havia dito, então era isso que ela ia ter.

Avancei para cima dela e a beijei com vontade, com as mãos uma de cada lado do seu rosto e quando me separei, falei encarando seus olhos:

— Se é o melhor para você segue sua vida.

Fui para o meu carro sem olhar para trás, com o coração partido e doendo como se fosse sair do peito.

Maldita tradição.

Precisava por um fim e tomar de volta as rédeas da minha vida. Não podia deixar que eles me fizessem infeliz.

Clara

Ouvir Fernando me dizendo para seguir minha vida doeu, doeu tanto que minha vontade era sair correndo atrás dele e dizer que eu o aceito de qualquer jeito, mas minha dignidade, meu ciúme e meu instinto de autopreservação não deixaram. Além de que meu amor por ele era grande demais para aceitar dividi-lo com outra pessoa.

Era segunda-feira e minha folga. Não vi Fernando sábado nem domingo, ele definitivamente estava me dando o espaço que pedi e evitando me ver. Talvez tivesse decidido de vez firmar compromisso com a Fabiana e me deixar.

Levei May na escola, dormi um pouco e naquele momento seguia para buscá-la.

Sempre ia andando, porque vendi minha lata velha na semana em que fiquei desempregada, precisava levantar um dinheiro e meu carro quebrado na garagem não me levava a lugar algum ou me ajudava.

Como não tinha mais meu carro ou Fernando o que me restava era andar, mas o bom que além de fazer um exercício para perder as gordurinhas extras, ainda aproveitava para pensar.

Quando deixei minha filha na escola, percebi que ela parecia um pouco febril, mas quando a perguntei, disse sentir-se bem e queria ver a melhor amiga, então a deixei ficar, mas enquanto a esperava no portão sentia-me preocupada pensando se ela estava mesmo bem.

Quando a vi, acenei sorrindo e ela me lançou um sorriso sem graça e apagado e andou devagar em minha direção.

— O que você tem, princesa? — perguntei quando ela chegou perto de mim com o rostinho triste.

— Estava esperando que por ser segunda-feira, o tio Nando pudesse estar aqui me esperando com você, mamãe.

— Sinto muito, meu amor, mas o tio Nando eu não estamos mais namorando e ele tem os compromissos dele.

Coloquei a mão na testa dela e ela estava com febre.

— Sinto falta. Ele é meu melhor amigo.

No mesmo instante me senti culpada por ter feito com que ele parasse de ligar para ela.

— Vou tentar ligar para ele, *tá*?

Ela assentiu e me lançou um pequeno sorriso. Peguei o celular do bolso e liguei. Eu faria de tudo para ver minha filha feliz.

O celular chamou, chamou e ele não atendeu. Tentei de novo e caiu na caixa postal. Pensei que devia ter desligado para não falar comigo.

Um nó se formou na minha garganta e me segurei para não chorar.

— Filha, ele deve estar ocupado, depois a mamãe tenta de novo, *tá* bom?

— Tenta só mais uma vez, *mami*, se ele atender falo rapidinho e digo que só liguei para falar oi.

Respirei fundo e para ver minha filha sorrir tentei novamente, no segundo toque ele atendeu.

— O que foi, Clara? Se arrependeu e me quer de volta? Ou cansou de ficar em paz? — falava alto e irritado, meus olhos se encheram de lágrimas, pisquei para contê-las respirei fundo e respondi:

— É a Mayara... Ela quer falar...

Ele riu em desdém.

— Quer falar comigo e vai jogar a culpa na criança?

— Desculpa, foi engano. — Desliguei, tentei conter o choro que estava fechando minha garganta e me sufocando.

— Filha... é... o telefone deve estar errado, vamos para casa lá eu ligo para ele, *tá*, meu amor?

Minha filha assentiu e fomos para casa depois de comprar alguns doces para animá-la, além de passar na farmácia e comprar um antitérmico.

Quando chegamos, logo Laura percebeu em meu olhar que eu não estava bem, mas fiz sinal para conversarmos depois e ela assentiu.

Dei almoço para minha filha e ela dormiu em seguida, assim contei tudo para Laura e chorei como uma criança no colo da minha amiga.

Sentia-me culpada por ter colocado Fernando na vida da Mayara e por ela estar sofrendo com a falta dele.

— Eu vou matar ele — Laura gritou e eu pedi silêncio para não acordar a May.

— Mas eu não entendo, Laura, ele nunca me tratou assim com tanta grosseria.

— Se bem, que pode ser que você ligou em uma hora ruim, não sei. Alguma explicação deve ter para Fernando ter te tratado assim. Não faz o jeito dele, ele é um doce com todos, principalmente com a May e com você.

— Ou simplesmente ele não me ama mais.

— Duvido que seja isso, ele é muito apaixonado por você.

Chorei encostada no ombro da Laura quando ouvi gemidos da May e fui correndo ver o que ela tinha. Quando cheguei ao quarto, coloquei a mão na sua testa e estava queimando em febre. *Meu Deus!*

Laura me ajudou a tirar a roupa dela e dar um banho para ajudar a baixar a temperatura. Coloquei minha filha no colo e estava levando para o banheiro quando ela ergueu a cabecinha e disse:

— Mamãe, ele disse que sempre estaria aqui e ele cumpre com a promessa, porque o tio Nando não vem?

Não consegui responder minha filha e me odiei por fazê-la amar Fernando e sofrer comigo por ele ter ido embora.

Coloquei-a embaixo do chuveiro no banho morno quase frio e a deixei lá por alguns minutos. Ela tremia e meu coração estava partido em vê-la daquele jeito. A tirei do banho, a sequei e a febre baixou, mas alguns minutos depois voltou a subir.

— Vamos ter que levá-la ao médico, Clara. — Laura falou preocupada e eu concordei quase entrando em pânico:

— Vamos.

Peguei minha bolsa, celular e partimos no carro da Laura até o hospital público mais próximo. Demorou uma vida até sermos atendidas e minha filha mantinha-se deitada no meu colo, com as bochechas vermelhas e os olhinhos murchos.

Coloquei mais uma vez o termômetro nela e a febre ainda estava alta. O medidor acusava trinta e nove graus e Laura vendo o meu desespero, fez um pequeno barraco para minha May ser atendida.

Dei um beijo na testa da minha filha tentando tirar dela o que quer que fosse que estivesse a fazendo ficar com febre.

Após o escândalo da Laura, enfim a médica chamou e então entramos para sermos atendidas.

Após a consulta foram feitos exames que demoraram ainda mais para ficar prontos e depois ainda mais para mostrá-los para médica que disse não ser nada que indicasse aquela febre alta, o que me preocupou ainda mais.

Como Mayara estava desidratada por não ter se alimentado a médica receitou soro e medicamento na veia.

— Mamãe, quando eu estiver boa, vamos naquele parque aquático que você me prometeu? — minha May me perguntou com um fiozinho de voz.

— Claro que sim, nós vamos sim, amor.

— E o tio Nando vai também? Tô com tanta saudade dele.
— Olhei para Laura ao meu lado e ela me encarou com compaixão.

— Sim, filha, ele vai.

— Liga para ele mais uma vez, Clara, estou achando que essa febre toda é emocional.

— Eu também acho — falei com os olhos cheios de lágrimas. — Me sinto tão culpada.

— Você não tem culpa. Liga.

Peguei meu celular e disquei mais uma vez para ele, que desligou a ligação no segundo toque. Fechei meus olhos e soltei o ar com raiva.

— Laura, você pode ficar aqui com ela? Vou resolver isso.

Minha amiga me apoiou, disse que ficaria com a May o tempo que precisasse e me emprestou a chave do seu carro para que eu fosse mais rápido.

Dei um beijo na minha filha prometendo voltar logo e quando eu estava saindo ela me chamou:

— Mamãe, se você ver o tio Nando, pergunta o que eu fiz para ele parar de gostar de mim? — Aquilo quebrou meu coração e tive que usar toda minha força para não chorar.

— Você não fez nada, filha, é impossível não te amar. Ele só anda muito ocupado no trabalho, mas ele vai vir te ver.

— Ele vai? — Os olhinhos brilharam. — Se você encontrar com ele, fala que se vier me ver, eu compro pipoca para ele com

minhas moedas que guardo para o presente de Natal. Para brincar com o meu melhor amigo eu abro mão do presente.

Pisquei muito para não chorar, sorri para ela, dei um beijo em sua testa e saí do quarto onde estava a maca em que colocaram minha filha com o soro.

— Clara — minha amiga me gritou e andou em minha direção — Vou ficar aqui tentando ligar para os outros Angels, tentando saber onde ele está. Fica com o celular que eu te aviso.

Abracei minha amiga, informei que ia até a casa dele e parti para procurá-lo.

Clube
Angels

Capítulo 19

Fernando

Acabei de sair da casa dos meus pais. Estava respirando com dificuldade, após ter uma briga feia com eles em que eu disse que não conseguiria continuar com a farsa e eles me pressionaram a continuar com ela pela saúde do meu avô.

Nunca briguei com meus pais, sempre os respeitei, nem sequer ergui a voz quando brigavam comigo, nem respondi para falar a verdade e desde que conheci Clara, têm me irritado tanto com a história de casamento que me exalto, os respondo e viro as costas os deixando falando sozinhos.

Era tão difícil assim respeitarem minha vontade e superarem a tradição?

Entrei no meu carro com ódio. Ódio de toda situação, dos meus pais, do meu avô e ódio da Clara. Sim, dela, que não conseguia entender o que eu passava e ao invés de me apoiar e ficar do meu lado, me abandonava.

Droga!

Fui ligar o carro para sair e meu celular começou a tocar e era ela.

O que ela quer agora? Não tinha me dito que queria paz?

Enquanto isso me colocava no inferno e acabava com minha paz ao terminar comigo.

— O que foi, Clara? Se arrependeu e me quer de volta? Ou cansou de ficar em paz? — Atendi expressando toda minha raiva dessa situação.

— É a Mayara... Ela quer falar...

— Quer falar comigo e vai jogar a culpa na criança? — falei e na mesma hora me arrependi.

— Desculpa, foi engano — Desligou.

Porra!

Soquei o volante com raiva e pensei que podia ser a May que queria mesmo falar comigo ou talvez tivesse acontecido algo com a menina.

Como eu sou burro!

Clara não me quer, faz com que eu deixe de ligar para filha, que eu aprendi a amar e depois me liga do nada. Não conseguia entender.

Liguei o carro e fui a um bar próximo de onde meus pais moravam e fiquei lá o resto da tarde.

Não queria ir para minha casa, porque tudo nele me lembrava Clara, ainda que eu não precisasse de nada que me fizesse lembrar dela, porque mesmo ali onde nunca a havia levado, a mulher não saía da minha cabeça.

Joguei uns dardos para desestressar e bebi.

Quando me sentia ligeiramente tonto resolvi ir para casa com minha raiva do mundo e de mim também.

Por que não deixei-a falar o que May queria? Por que não a escutei?

Estava próximo da minha casa e assim que virei na minha rua, avistei o carro da Laura parado em frente ao meu portão.

Estacionei meu carro na frente do dela e quando desci, vi que Clara quem encontrava-se lá dentro com o celular no ouvido.

— Achei e/e. — Ouvi-a quando cheguei do lado da sua janela.

Clara desligou o celular e desceu do carro em um misto de raiva e preocupação.

— Eu estava atrás de você. — Foi a primeira coisa que disse e senti uma alegria dentro de mim.

— Desculpa, fui um idiota no telefone quando você me ligou, mas é que eu tinha acabado de brigar com meus pais e...

— Sinceramente não me interessa, o que me interessa agora, é minha filha que está no hospital com uma febre, que eu não sei de onde veio, e chama pelo melhor amigo dela. — Franzi a testa sem entender e ela continuou: — E eu, eu te liguei para você ir até lá, só dizer um oi, para ver se ela melhorava e você me tratou como lixo. — Clara começou a chorar e eu estava sem entender e mesmo sem entender, tentei abraçá-la.

— Me larga! — gritou — Me arrependo por ter feito isso com minha filha. Ter feito ela te amar a ponto de sofrer com o seu sumiço. Só preciso que você vá até a porcaria do hospital vê-la. Você pode fazer isso?

— Meu Deus! — Exclamei me sentindo muito mal.

— Você não podia ter abandonado ela! — gritou.

— O quê? Eu não a abandonei, vocês me afastaram dela — também gritei.

— Ela é só uma criança — falou baixo e chorando.

— Essa culpa eu não vou carregar, eu quis tanto manter contato, mas Laura nunca passou minhas ligações.

Ela passou as mãos no rosto parecendo culpada.

— Clara, eu tentei falar com ela e percebi que você não queria que eu continuasse, só por isso parei. O que está acontecendo com ela? — Enxugou as lágrimas, mas ainda demonstrava raiva e preocupação.

— May está com febre e desanimada há dias, hoje ela desencadeou uma febre alta e começou a falar de você a cada duas palavras. Por isso te liguei, eu não ligaria se não fosse pela minha filha e nunca usaria ela para falar com você. Já estou me sentindo péssima por ela passar por isso por minha causa.

— Eu sei que você não usaria, me desculpa por ter te acusado assim, é que eu estava nervoso e...

— Você pode ir comigo vê-la agora, por favor? — me interrompeu ríspida e com frieza. — E rápido.

— Claro. Vamos. Vem comigo no meu carro depois a gente vem buscar o da Laura.

— Não, você vai no seu e eu no da Laura.

— Tudo bem.

Clara se virou, entrou no carro e deu partida. Nunca a vi tão fria.

Apressei-me para entrar no meu carro e a segui até o hospital onde Mayara estava.

Sentia péssimo por ter falado com ela como falei, mas Clara tinha que me entender, foi na hora da raiva. Também me senti muito mal por ter deixado a May. Nunca devia ter desistido dela. Nunca!

Chegamos ao hospital, fui andando às pressas com ela até a sala em que Mayara tomava medicação e assim que entrei, Laura me fuzilou com olhar, de modo que quase voltei correndo para o lugar de onde eu saí, mas a visão daquela coisinha pequenina, com um acesso no braço e dormindo naquela maca, me deixou com o coração partido e me sentindo um bosta por ela estar sentindo minha falta.

Sentei-me na cadeira ao lado dela, assumindo o lugar onde antes Laura estava e passei a mão nos seus cabelos. Senti meu peito apertar e meus olhos se encheram de lágrimas.

— Como eu estava com saudade de você, pequena — falei baixo com a voz embargada, mas assim que me ouviu ela abriu os olhinhos e sorriu para mim.

— Tio Nando, é você mesmo?

— Sim, sou eu princesa. — Tentou se sentar e eu a ajudei com calma, achando que queria ir ao banheiro ou coisa assim, mas assim que se sentou, a menina jogou os braços sobre mim e me deu um abraço apertado.

— Mamãe te contou? Se você ficar comigo um pouquinho, quando eu melhorar eu pego meu dinheiro do cofrinho e te compro aquela pipoca que você gosta.

Eu estava me segurando para não chorar, mas meus olhos marejados me entregavam.

— Vamos fazer assim — falei, me separando dela e encarando seus olhinhos lindos. —, se você melhorar logo, e você vai, aí eu levo você e sua mãe naquele parque aquático que a gente tinha combinado. O que você acha? — Evitei olhar para Clara, não queria saber o que ela achava sobre isso e tinha certeza, pela frieza com que estava me tratando, que ela não devia ter gostado.

— Você não esqueceu? — Os olhinhos da May brilharam.

— Claro que não. Lembra que eu sempre cumprio minhas promessas?

— Sim, lembro, mas achei que você não gostava mais de mim e queria te pedir desculpas, tio Nando — disse triste.

— Desculpas pelo que, princesa?

— Porque fiz alguma coisa que te deixou bravo, parou de gostar de mim e não me ligou mais. — Olhei para Clara que chorava e pisquei lutando firmemente para não chorar.

— Você não fez nada, minha linda, é só que eu estava tão ocupado e não tive tempo de ligar. Mas olha, isso nunca mais vai acontecer, mesmo que o mundo acabe ou que uma bruxa me jogue um feitiço e me diga que você está ocupada e não pode falar comigo. — Olhei para Laura que revirou os olhos para mim — Eu ainda assim vou te ligar.

— Jura? — Sorrii feliz e eu sorri de volta.

— Juro!

— Jurando e dando o mindinho? — falou e ergueu o dedinho mindinho para que eu entrelaçasse o meu ao dela.

— Jurando e dando o mindinho — respondi fazendo o que ela queria.

— Jurando, dando o mindinho e dando três pulinhos?

— Mayara, já está bom, ele já jurou — Clara disse sorrindo e eu a acompanhei.

— Tio Nando, eu te amo, você é meu melhor amigo.

— Eu também te amo, pequena. — Ela me abraçou de novo e aí não consegui me segurar e uma lágrima caiu do meu rosto.

Fomos interrompidos por uma médica que entrou na sala com resultados de exame de sangue, urina e um ultrassom do abdômen, que Laura disse que ela fez enquanto Clara me procurava. E todos eles estavam perfeitos, sem nenhuma alteração.

A médica deu alta para May, disse para ficarmos de olho e qualquer febre ou algo diferente que ela sentisse, que a trouxéssemos de volta.

Seguimos para casa delas. Laura foi em seu carro e May insistiu para que ela e a mãe fossem comigo. Claro, que curti isso. A menina era o máximo.

Precisava reconquistar Clara e me desculpar por tê-la feito sofrer tanto.

— Tio Nando.

— Oi — respondi Mayara olhando pelo retrovisor.

— Eu fiquei muito brava com você, sabe? Não gosto de ver minha mãe chorar e ela chorou muito, porque você não era mais namorado dela.

Olhei para Clara que permaneceu olhando janela afora.

— Ah, May, eu amo vocês e nunca quis fazer você ficar brava e a sua mãe chorar, mas se quer saber, eu também chorei e senti muita saudade. Fiquei muito triste esses dias.

— Tadinho de você, tio Nando.

Ouvi Clara bufar baixinho e eu não segurei o riso.

— Filha, fica quietinha, você não estava se sentindo bem há pouco.

— Agora tô bem, mamãe. Então, tio Nando, eu quis dar um chute na sua canela.

Tive que rir.

— Desculpa, May, por te deixar tão brava assim, mas foi a sua mãe que não quis mais ser minha namorada e como eu disse, também chorei muito e fiquei muito triste.

Nesse momento, Clara me olhou e foi tão intensamente que foi uma pena eu estar dirigindo, senão eu a teria beijado.

— E quando vamos ao parque? Porque estou com tanta vontade de brincar na água, chupar sorvete e brincar com meu melhor amigo.

A menina parecia estar ligada nos duzentos e vinte e não parava de falar, nem parecia ter saído de um hospital. Nunca imaginei que alguém

pudesse ficar doente por falta de uma pessoa e sentir esse amor tão inocente por mim, aqueceu meu coração e me deixou muito feliz.

— Quando a sua mãe quiser.

— Quando vamos, *mami*?

Clara me olhou séria, como se me pedisse ajuda para dizer não e eu dei de ombros e sorri.

— Quando você quiser. Eu não vou me afastar mais.

Ela soltou o ar, se virou para trás e sorrindo para filha, disse:

— Em breve, filha.

Bruno Mars, *Just The Way You Are*, começou a tocar na estação do rádio que estávamos ouvindo e a música de amor preencheu o carro.

Clara voltou a olhar janela afora nitidamente tocada e eu não resisti, sem pensar duas vezes soltei uma mão do volante e peguei a dela que estava apoiada em sua perna, entrelacei nossos dedos e sorri feliz para sua cara de surpresa.

Olhei pelo retrovisor e vi uma Mayara feliz ao ver meu gesto e pisquei para ela em cumplicidade.

— Em breve mesmo. Eu sou persistente não desisto do que quero — falei e ela voltou a olhar para fora do carro, mas não tirou a mão da minha, o que me fez ter esperança.

Parei o carro em frente à casa delas e desci para tirar May do banco de trás. A peguei pela mão, demos a volta no carro e nos encontramos com Clara do outro lado.

— Princesas, entregues.

— Obrigada, por ter ido — Clara me disse, séria.

— Não queria que isso tivesse acontecido e que eu tivesse precisado ir. — Ela apenas assentiu.

Abaixei da altura da Mayara e falei olhando nos olhos da menina:

— E você, mocinha, tem que ficar boa logo para irmos ao parque e sempre que estiver com saudade de mim, não guarde só para você, é só me ligar que estarei por perto.

— Eu já estou boa, podemos ir amanhã? — E ela parecia mesmo que nem tinha saído do hospital há pouco, o que só comprovava que o mal-estar da menina era saudade.

— Bom, precisamos ver com sua mãe, se ela quiser... — Olhei para Clara que lutava uma batalha interna entre sim e não.

— Amanhã você tem aula, May.

— Por favor, mamãe?

Ela mordeu o canto da boca, pensou, me olhou, retribui seu olhar indeciso com um sorriso e por fim, Clara disse:

— Ok. Mas só ser for para irmos cedo e voltarmos cedo, porque amanhã eu trabalho.

— Por mim, tudo bem.

— E por mim também — Mayara concordou exibindo uma carinha travessa.

— Filha, agora se despeça do Fernando e entra, que vou resolver com ele sobre amanhã e já entro também.

A menina andou até mim, me abraçou, me deu um beijo e disse que estava muito feliz que voltei, em seguida entrou correndo para casa, forte como um touro, me deixando sorrindo feito bobo.

— Não pense que isso muda alguma coisa. — Clara tirou meu sorriso. — Sou grata por você ter feito minha filha melhorar, mas isso não

muda o fato que ela estava doente por sentir sua falta.

— Eu não planejei me afastar dela, foi você quem quis assim. E se fui grosso com você quando me ligou, é porque naquele instante eu tinha acabado de brigar com meus pais por sua causa. Para que eles te aceitem, porque eu não quero brigar com eles para ficar com você, quero que eles te aceitem e te respeitem como minha namorada.

— Mas não quero mais isso.

— Eu sei que você me quer sim, sei que você me ama como eu te amo e não vou deixar que essa tradição acabe como o nosso amor. Eu só preciso de tempo. Tempo para fazer meu avô se acostumar com a ideia e tempo para fazer você me perdoar pelo tanto que tenho te feito chorar.

Ela desviou o olhar e continuei:

— Não está fácil para mim também, não está fácil ficar entre minha família e o amor da minha vida. Porque eu amo você, Clara, amo muito, mas não consigo simplesmente virar as costas e matar meu avô de desgosto, porque eu o amo também e me sentiria um egoísta fazendo isso. Mas por outro lado me sinto um lixo por você estar sofrendo e hoje descobri que eu amo a sua filha, tanto quanto se fosse minha, porque me senti a pior pessoa por ela estar naquele hospital por minha causa.

Clara me encarou séria.

— Vou entrar e se você não quiser ir amanhã não se sinta forçado a nada, eu invento uma desculpa para Mayara. Com tempo ela vai ter que acostumar a não ter você por perto.

— Porra, Clara! Você não ouviu nada do que eu te disse? Eu disse que te amo e amo a Mayara. Você pode estar tentando me esquecer e eu sei que mereço isso, mas eu não vou te deixar. Amanhã eu vou estar aqui às sete horas da manhã, vou pegar as duas donas do meu coração, eu vou

à droga daquele parque tirar melhores sorrisos do rosto da sua filha, quer você aceite isso ou não. Eu não vou abrir mão de vocês entendeu?

Ela enfim me olhou e senti naquele instante, talvez tenha entendido que eu não ia embora mesmo que me pedisse.

Assentiu e quase vi um sorriso. Quase.

— E quanto a amanhã, vou sair com você como o melhor amigo da May, e só. Não vou fazer nada que você não queira. A não ser que você me peça. — Segurei o olhar dela no meu, mas como sempre, muito arredia, disse mais uma vez que ia entrar, se virou de costas para mim e se foi.

Fiquei olhando-a e minha vontade era correr atrás dela e dar um beijo naquela boca linda, mas me contive segui para o meu carro e para minha casa sentindo meu corpo formigando de eletricidade. Precisava reconquistar aquela mulher.

Clara

Entrei sem olhar para trás ou eu teria desistido de me fazer de forte e teria fraquejado e beijado aquela boca linda que estava ali na frente dizendo que me amava.

Em casa minhas duas melhores amigas me esperavam. May deitada em um sofá com a maior carinha de feliz do mundo e isso me deixou feliz também, e Laura no outro me olhando com uma sobrancelha arqueada, me esperando dizer alguma coisa.

Sentei-me no sofá que May estava e coloquei as perninhas dela em cima das minhas. As duas continuavam me olhando.

— O que foi? — perguntei.

— Você está namorando com o tio Nando de novo?

— Não, Mayara, e não vou. — Ela fez uma carinha triste.

— E amanhã vocês vão ao parque aquático? — Laura perguntou.

— Sim, vamos. — Ela continuou me olhando — Fiz errado?

— Não, só acho que vocês poderiam dar um foda-se bem grande para tudo que os separam e parar logo com essa palhaçada de vai e volta.

— Olha a boca, Laura — falei apontando para May e Laura deu de ombros. — Acho que não dá mais para fazer isso. Acabou mesmo.

— Vamos ver.

— É, vamos ver — May acompanhou Laura nos fazendo rir.



Acordamos cedo, como combinado May faltou à aula, troquei sua roupa e preparei uma mochila com suas coisinhas e roupas para levar ao parque.

Vesti um short jeans desfiado, uma baby look preta e chinelos. Graças a Deus estava um dia espetacular e um sol lindo brilhava no céu, logo cedo.

Mayara ria muito empolgada e conversava com sua boneca contando que ia levá-la para passear e eu sorri para cena. Sorriso esse que vacilou quando pensei que eu ficaria de novo perto do Fernando. Pensar nisso me dava um arrepio no corpo todo e me dava também um medo horrível dessa intensidade que nos cercava.

— Mamãe, hoje vai ser legal, né?

— Vai sim, meu amor. E como você está se sentindo?

— Estou muito bem e muito feliz. Mamãe, hoje você não vai brigar com o tio Nando, né?

— Ah, e sou eu que brigo com ele?

— Sim, ele é bonzinho e você não tem dó dele. Não briga com ele.

— Não, Mayara, eu não vou. — Sorri e pensei que Fernando conseguiu uma grande defensora.

Logo ouvimos uma buzina e saímos ao encontro dele que nos esperava no carro. Assim que o vi perdi uma batida do meu

coração, exibia-se lindo usando bermuda Jeans e camisa polo branca, como sempre agarrada ao músculo do seu braço.

Andei até ele enquanto Mayara já tinha corrido e pulado no seu colo.

— Como está se sentindo, pequena?

— Eu estou muito bem — Mayara respondeu já no chão e de mãos dadas a ele.

— Bom dia, Clara — me cumprimentou e me deu um confere me olhando de cima a baixo, com aquele maldito sorriso lindo, perfeito e alinhado.

— Bom dia. Vamos? — falei, sentindo minhas bochechas pegarem fogo.

— Vamos — concordou sorrindo.

Entramos no carro, fomos em direção ao parque e durante o caminho evitei conversar. Fiquei olhando para o lado de fora da janela.

No rádio do carro tocava Adele, *One and Only*, amava aquela música e ouvindo pensei que eu gostaria de dizer tanta coisa para o Fernando... Queria gritar com ele, estapeá-lo e depois dizer o quanto o amava e o quanto eu gostaria que ele mandasse a família dele à merda e ficasse comigo.

Mesmo achando isso tão errado, porque família é família e ele não devia cortar relações com ela. Toda história de tradição me fazia sofrer, e mesmo sofrendo, me pegava o admirando por ser tão fiel a família a ponto de aceitar ser infeliz para mantê-los bem.

Isso era lindo nele.

Adele parou de cantar e a música que tocou na noite anterior do Bruno Mars, *Just The Way You Are* soava nos autofalantes do carro e no mesmo instante lembrei-me da mão do Fernando na minha e o quanto eu tive que me segurar para não agarrá-lo.

— Sabe o que diz essa música, May? — Fernando me tirou dos pensamentos.

— Não sei, tio Nando.

— Essa música fala o quanto o cara acha a moça bonita, linda, o quanto ama os olhos dela, o sorriso dela e que não a mudaria em nada, porque ela é incrível.

— Ela deve ser igual a mamãe, então.

Ele não respondeu, mas sabia que estava sorrindo, sentia seus olhos em mim e não conseguia conter o sorriso, mas continuo olhando para fora do carro.

Minha filha e Fernando eram cúmplices perfeitos e ia ser difícil me manter brava por muito tempo.

Chegamos ao parque e era lindo, minha filha estava encantada com tudo, assim como eu.

Coloquei meu maiô preto com um recorte mais moderno, em que tampava a barriga, mas mostrava a cintura. Assim que Fernando me viu, percebi que ele perdeu alguns segundos me olhando e segurei os lábios para não rir.

Tinha levado um livro que eu adorava e sentei-me em uma espreguiçadeira, usando óculos de sol, de onde eu conseguia ver perfeitamente os dois na água brincando feito duas crianças.

Um jogava água no outro e Fernando ajudava May escorregar no tobogã infantil, no qual ele também escorregava em seguida e era muito engraçado.

Fechei o livro sem conseguir me concentrar nele e apreciei aquela cena linda. Fernando daria um excelente pai. Um excelente pai de coração para minha filha.

Suspirei. Ele me conquistava com tanta facilidade.

Resolvi me juntar a eles e quando cheguei perto, minha filha ria muito enquanto Fernando corria atrás dela e eu não pude conter meu sorriso feliz.

— Mamãe, vem brincar com a gente?

— Só vou ficar olhando de longe.

— Ah, não. Veio ao parque tem que se molhar. — Fernando andou até mim, me segurou e disse para May jogar água, claro que ela fez.

Ele me abraçava por trás, enquanto minha filha me molhava, eu ria e foquei na brincadeira, mas as mãos dele em mim, fez com que uma eletricidade percorresse meu corpo.

Tentei me desvencilhar, mas já era tarde, estava toda molhada e não era molhada de água. Queria que ele não tivesse esse efeito no meu corpo, mas era impossível não reagir ao toque dele.

Separei-me de Fernando sorrindo e assim que o encarei, vi que também tinha sentido o quanto nossa proximidade nos afeta.

As horas passaram e já era uma hora da tarde. May já tinha comido um lanche e estava começando a ficar com fome de novo, então decidimos ir embora e almoçar no caminho de volta para casa.

Ela relutou um pouquinho para ir, minha peixinha adorava água, mas com a promessa de comer sobremesa e depois de eu dizer que precisava descansar para trabalhar, ela aceitou ir sem reclamar mais.

Almoçamos em um restaurante bem próximo da minha casa e estávamos felizes. Ele me fazia feliz, minha filha parecia radiante.

Assim que terminamos o almoço, tentei pegar a conta para pagar e Fernando brigou comigo.

— Você já pagou o parque, o lanche, agora quer pagar o almoço? Não. Pode deixar que eu pago.

— Nem pensar, eu pago.

— Vamos dividir isso, então. Eu não serei justa se te deixar pagar. — Revirou os olhos — Por que você quer pagar tudo?

— Porque eu posso.

— Ah, tá achando que é o Christian Grey^[5]? — falei cruzando os braços e foi minha vez de revirar os olhos.

— O quê? — Pareceu não entender.

— Deixa, acho que você não leu o livro. — Ri.

— Mas sei quem é. E te digo que sou bem melhor que esse tal de Grey — falou bravo.

Ri. Ele não conhece o Christian Grey. Pensando melhor, Fernando era bem melhor que dez Greys juntos.

— Rindo de mim? Não cuspa no prato que comeu, dona Clara — disse com a sobancelha arqueada.

— Longe de mim. — Espalmadas em sinal de rendição.

Mayara estava alheia a nossa conversa louca e eu olhei para boca dele com muita vontade de beijá-lo.

Fernando teve mais de uma chance de me agarrar no parque, mas não fez e eu amei isso. Sinal de que seguia levando a sério a história de respeitar meu tempo e sermos somente amigos. Mas, para ser sincera, rezei para que me beijasse daquele jeito possessivo que só ele sabia, por mais de uma vez naquele dia.

Pagamos a conta e quando estávamos saindo Fernando deu uma rápida paralisada. Olhei na direção em que ele olhava e vi a sua irmã e mãe andando em nossa direção.

Ah, não, de novo não!

— Se quiser posso ir para o carro e te esperar lá. Não quero te obrigar a estar comigo e sua família. Posso simplesmente pegar a May e fingir que não estamos juntos — falei já me sentindo triste.

— Não fala isso. — Ele pareceu chateado e triste com o que eu disse, mas não tive tempo de me afastar, já que a irmã dele correu até nós.

— Mayyy... — Adriana se apressou em cumprimentar minha filha com carinho da mesma forma que o Fernando fazia e isso aqueceu meu coração.

May retribuiu o cumprimento indo até ela, a abraçou, começou a contar tudo sobre o parque e Adriana ouviu como se fosse a conversa mais interessante da sua vida. Eu gostava da irmã dele.

— Como vão? — a Mãe dele perguntou chegando próximo a nós e me olhando de cima a baixo mais uma vez.

— Bem. Vamos, Clara — Fernando respondeu sem me dar a chance de responder também. E dessa vez, entrelaçou meus dedos aos dele, como se estivéssemos juntos. E ele não tinha feito isso o dia todo.

— Fernando, espera. Você pelo jeito, não entendeu o que seu pai e eu te dissemos ontem, não é? Vai continuar com isso e matar o seu avô?

— Isso que você se refere... É o amor da minha vida e eu não vou abandoná-la e ser infeliz. — Me mantive quieta e estava começando a querer sair correndo e chorando.

— Você vai virar as costas para sua família, por causa de uma mulher, mãe solteira que vem com... — Ela olhou para Mayara que mais ao longe conversava com Adriana e não ouvia a nossa conversa. — Que vem com um rabo.

— Vem com o quê? — perguntei irada. — Olha aqui, sou mãe solo sim. E faço de tudo para sustentar minha filha sozinha, sem ajuda do pai. E, além disso, a amo tanto que a crio para ser

feliz acima de tudo e não a sacrifico pelos outros. Prefiro ser uma mãe solo, sem família, que mora com a amiga e trabalha duro para sustentar a filha, do que ser uma dondoca sem sal, que coloca empresa, dinheiro e status social acima da felicidade do filho.

— Olha aqui...

— Olha aqui você. No seu lugar eu teria vergonha por tem a cara de pau de me julgar não ser merecedora do amor do seu filho, simplesmente por ter uma filha. Ah! E quer saber... Vai à merda! — Virei-me para ir em direção ao carro, deixando Fernando pensar de que lado queria ficar.

Sem pensar nem por um segundo ele andou rapidamente até mim, entrelaçou nossos dedos deixando a mãe dele com cara de tacho, nos olhando de onde estava.

Despedi-me da Adriana com carinho e peguei Mayara pela mão, indo embora dali de cabeça erguida e alma lavada.

Clube
Angels

Capítulo 20

Fernando

Minha mãe é inacreditável!

E é incrível que ela parece descobrir qual a hora mais inoportuna para parecer. Meu dia com Clara e May foi tão bom, nos divertimos tanto e eu estava conseguindo fazer Clara se soltar comigo de novo, no entanto, mais uma vez minha mãe estragou tudo.

Estávamos no carro em silêncio enquanto no DVD passava o desenho show da Luna, um desenho que May adorava e a musiquinha irritante era o único barulho entre nós. Eu dirigia em silêncio, Clara parou de sorrir e olhava de novo para fora do carro, pensativa.

— Me desculpa? — falei baixo, mas ela me ouviu e me olhou. — Você não merecia passar por isso.

— Tudo bem. Preciso que me desculpe também por gritar com sua mãe. Eu não deveria ter feito isso.

— É tudo culpa minha.

— Não é culpa sua. — Pegou minha mão e sorriu.

Pronto, meu coração acelerou.

Estacionei em frente à casa delas e desci para tirar a May, como sempre.

— Quer entrar um pouquinho? — Clara convidou e me surpreendeu

— Quero — respondi com um enorme sorriso no rosto.

Entramos e logo vimos, escrito com letra grande em um bloco de notas, um bilhete de Laura, em que dizia ter ido para casa do Mateus.

Clara riu para o bilhete que também dizia para ela voltar logo para mim. Consegui ler sem que ela visse e sorri discretamente.

Afinal, Laura não me odiava tanto assim, era só fachada para me fazer ter medo. E fiquei com muito medo dos olhares macabros que ela me lançou algumas vezes.

Clara foi dar banho na May e meia hora depois ela voltou.

— May estava tão cansada que dormiu assim que saiu do banho e mandou um beijo para você de agradecimento.

Olhei para ela sorrindo e cantei:

— Esse é o Show da Luna, Luna, Luna... — E ela retribuiu minha canção com um enorme sorriso ao perceber que eu cantava a canção do desenho da May.

— Essa música não sai da minha cabeça, também.

— Pena que ela dormiu ou podíamos assistir mais um pouco — falei arqueando uma sobrancelha.

— Nem pensar. Graças a Deus que ela dormiu. — Falávamos da May e ríamos tão leves. Até parecíamos dois pais orgulhosos.

— Olha, eu nunca vi uma criança brincar tanto quanto a May brincou hoje.

— É, nem eu, ela quase dormiu no banho tadinha. Muito obrigada por cumprir suas promessas — Clara sorriu e arrastou seu olhar do meu direto para minha boca, claramente me pedindo um beijo, mas reuni todo meu autocontrole e não a agarrei.

— Quer beber alguma coisa? — perguntou indo até a geladeira e fui atrás dela.

Pegou uma cerveja e se virou para me entregar, mas encontrava-me tão perto dela, que deu de cara comigo e ficamos a poucos centímetros

um do outro.

Vi-a engolir em seco e olhou para minha boca como se esperasse que eu a beijasse, mas de novo eu não a beijei.

Eu disse a ela que seria somente seu amigo e só faria alguma coisa se me pedisse, então era assim que ia ser. Cumpria minhas promessas, ainda que estivesse sofrendo muito para cumprir aquela.

Dei um passo para trás abri minha cerveja e Clara pegou um copo de *Coca-Cola* para ela. Estava visivelmente afetada assim como eu. Ambos ficamos em silêncio, mas um sorriso bobo tomava meu rosto.

— Uma pena hoje não ser segunda.

— Nem me fale. Ter que trabalhar hoje, vai ser cansativo, mas tenho que ir. Já te disse que tenho chefes que arrancam meu coroa?

Sorri.

— Você sabe que se não quiser ir, tem um dos donos que é apaixonado por você e não vai se importar se faltar.

Vi que ela respirou fundo e soltou o ar olhando para o chão e em seguida voltou a me olhar.

— Apaixonado? — perguntou me olhando tão intensamente que estremei.

— Sim, muito, completamente apaixonado e louco por você.

— Fernando, nós dois precisamos conversar.

— Faço o que você quiser, quando quiser a hora que quiser.

Ela mordeu o canto do lábio inferior, fechou os olhos como se lutasse uma batalha interna e como um raio, rompeu a pequena distância que nos mantinha separados, colocou uma mão em cada lado do meu rosto e me beijou.

Ela me beijou!

E caralho!

Que sensação maravilhosa.

Essa é minha garota, ela não pede nada, ela faz.

Eu a agarrei pela cintura e a beijei, beijei com gosto, matando a vontade que eu sentia de beijá-la todo aquele tempo. Nos separamos e encostei minha testa na dela tentando controlar minha respiração.

— Eu senti tanta saudade de você — falei e beijei-a no rosto.

— Nando... Eu também sou apaixonada e louca por você. Ver como trata minha filha me deixa ainda mais, mas sabemos que nós não vamos dar certo, não é?

— *Shiuuuu*, por favor, não vamos falar sobre isso agora.

A beijei, a ergui em meu colo, a levei até o sofá colocando-a sobre ele e deitei em cima dela beijando e passando a mão por todo o seu corpo. Que saudade que eu estava disso tudo.

Era com ela onde eu queria estar naquele momento e o resto da vida.

Clara se virou até ficar por cima começou a tirar minha roupa, mas a parei.

— E a May? — perguntei.

— Ela tem sono pesado e pelo cansaço vai demorar a acordar. — Sorri e voltei a beijá-la. — Vem comigo, preciso de um banho.

Sorri e depois de trancar a casa ela pegou-me pela mão, me levou para o banheiro que ficava perto da sala.

Rapidamente tiramos nossas roupas e começamos a fazer amor sem pressa e aproveitando cada pedaço um do outro.

Beijeí sua boca, seus seios e seu corpo e quando a penetrei foi lentamente e desfrutando o momento, arremeti com amor, ao mesmo tempo que a beijava. Passeei com minhas mãos por todos os lugares como se para decorar cada parte dela.

Era o nosso retorno, eu a tinha de volta e eu amava aquela mulher.

Após o banho eu encontrava-me abraçado com Clara na cozinha da casa, quando a porta da sala se abriu e Laura entrou com um rapaz, que acreditei ser o namorado dela.

— Ah, até que enfim. Vocês se entenderam? De vez agora ou tenho que esperar cenas dos próximos capítulos? — Laura brincou quando nos viu.

— Ainda não conversamos, vamos viver um dia de cada vez e ver o que dá. — Clara olhou para mim e concordei beijando sua testa.

— Sim, mas para mim é de vez. Estou pronto para enfrentar o que for para ficar com Clara. — Laura me olhou sorrindo como se aprovasse o que falei.

— Que bom.

— E vocês? — Clara perguntou para amiga.

— Bom, me deixa enfim te apresentar formalmente. Esse é meu namorado, o Mateus. — Clara foi até ele e deu um beijo em seu rosto sorrindo. — E esse é o Fernando, amor, meu chefe e namorado da minha melhor amiga. — Ele apertou minha mão sorrindo e eu fiz o mesmo.

— Fernando eu já conhecia como dono da Angels e a Clara, quem não a conhece? Todo mundo conhece as anjas da Angels.

— Nem me fale, morro de ciúme daqueles marmanjos olhando minha gata e babando por ela — falei.

Laura revirou os olhos e pegou uma cerveja para cada um na geladeira. Assim que abri a minha, meu celular começou a tocar e o peguei para ver quem era. Na tela aparecia o nome da minha irmã.

— Oi, Dri.

— Nando, o vovô está passando mal. — Estava desesperada.

— O que está acontecendo?

— A mamãe estava contando sobre você e sua namorada e ele começou a passar mal. Levaram *e/e* para o hospital.

— Estou indo, te encontro lá.

— O que houve? — Clara perguntou preocupada.

— Meu avô está no hospital. Vem comigo?

— Fernando, se eu for, vou piorar as coisas.

— Você é minha namorada, não é?

Ela pareceu pensar.

— Tudo bem, eu vou, mas se eu ver que as coisas estão complicando eu venho embora.

— Tudo bem.

Clara se arrumou e arrumou as coisas da Mayara para levá-la para casa da mãe da Laura. Acordou a menina que ainda sentia-se cansada e foi reclamando.

Clara parecia tensa e não falava comigo e eu mais tenso ainda.

Onde eu estava com a cabeça em levar Clara ao hospital?

Isso vai dar briga e pode piorar a saúde do meu avô. Mas também, já estava mais que na hora de todos entenderem que ela era a mulher da minha vida.

— Se você quiser desistir de me levar, eu entendo.

— Não. Você é minha namorada, eles têm que entender isso. Além do mais, meu avô vai melhorar e te aceitar. — Tentei parecer convincente, mas sei que nem eu mesmo acreditei no que disse.

Deixamos Mayara na casa da mãe da Laura e alguns minutos depois, estávamos no hospital, desci do carro com pressa e Clara apressou o passo para me acompanhar. Assim que entrei, vi Adriana na portaria, ela me olhou e deu um sorriso.

— Como ele está? — perguntei.

— Pelo o que vimos, foi só mais um susto e ele está bem. Tudo bom, Clara?

Minha irmã e minha namorada se cumprimentaram com um beijo no rosto e Clara voltou a entrelaçar nossos dedos. Avisei para minha irmã que ia entrar para saber notícias, mas antes ela me alertou:

— A Fabiana está lá dentro e nossos pais e a batian também. — Ela parecia pedir desculpa com os olhos.

— Tudo bem. — Passei por ela e continuei andando.

— Não, Fernando, espera. — Clara segurou minha mão com as duas e me parou.

— O que foi?

— Não acho uma boa ideia.

— Eu decidi que eles vão ter que te aceitar. A partir de hoje você é minha namorada e em breve esposa. — Sorri e ela sorriu nervosamente em troca.

— Tudo bem, vamos.

Seguimos para sala de espera e assim que passamos as portas de vidro, vi que minha mãe notou que Clara estava comigo e torceu a boca.

— Olá — cumprimentei — Para quem ainda não conhece essa é minha namorada, Clara. Todos me olhavam com os olhos arregalados, como se não esperassem isso de mim.

— E eu sou sua noiva, que saiu do seu lado em uma foto no jornal, você podia ao menos, me respeitar. Já pensou se tem algum repórter por aqui e tira uma foto sua com ela? Como eu ficaria? — Fabiana me olhava com raiva e ainda mais raiva para Clara

Clara apertou minha mão e senti ali que ela estava muito nervosa. Minha avó levantou-se e andou até nós.

— Como vai querida? Muito prazer em conhecê-la. — Clara sorriu sem graça e retribuiu o abraço que minha avó lhe ofereceu.

— Inacreditável você trazer essa mulher aqui, Fernando. Seu avô está lá naquela cama de hospital por sua causa. Porque sua mãe contou para ele que você começou a namorar e não se casaria mais. Saiba que se ele morrer a culpa é sua. Sua e *dessazinha* aí — Meu pai falou exaltado.

Clara começou a soltar minha mão para sair. Olhei para ela e seus olhos estavam assustados.

— Só preciso que a respeitem. É pedir demais? — falei olhando para meu pai. — E só estou aqui, porque estou preocupado com meu avô.

— Então não precisa continuar aqui e para mim, você não faz mais parte dessa família. Você nem sequer respeita sua noiva, não foi esse o filho que eu criei.

— Ela não é minha noiva e se para fazer parte da família eu precise abrir mão da minha felicidade então eu dispenso. Vamos embora daqui, Clara.

Saímos do Hospital, eu puxando Clara pela mão e ela parecia triste ao meu lado.

— Fernando.

Olhei para trás e minha mãe me chamava.

— É isso que você quer para você? Brigar com toda sua família?

— Mãe, eu amo a Clara e é com ela que vou ficar. Se for preciso brigar com minha família que não pensa na minha felicidade é isso que vou fazer. — Clara enxugou uma lágrima que escorreu pelo seu rosto.

— Mas seu avô está muito doente, já está velho, você podia fazer a vontade dele e se casar com a Fabiana, depois veríamos isso.

— Fernando — Clara falou, mas eu não a deixei continuar.

— Não, eu não vou — gritei. — É a Clara que eu amo.

— Nada contra você, Clara, até te peço desculpa pelo nosso último encontro, mas Fernando precisa cumprir a tradição, nós precisamos dele.

Minha mãe falou e vi uma tristeza evidente passando por seu rosto e algo a mais ali que a preocupava além da saúde do meu avô. Minha mãe virou-se e entrou de volta ao hospital sem dizer mais nada.

Peguei novamente a mão da Clara e entramos no carro em silêncio. Fomos em silêncio até a Angels e quando parei no estacionamento, Clara se virou no banco do carro, sentando-se de frente para mim, e disse o que eu não esperava que dissesse:

— Te entendo perfeitamente agora. Vim o caminho todo pensando nessa história e é muita bagagem para mim Fernando e ainda mais para você.

— Clara, por favor, não diga o que eu acho que vai dizer.

— Espera, me deixa falar. Eu te amo muito, mas nós nunca seremos felizes nessas condições. Quero que sejamos somente amigos — Olhava para as próprias mãos e aquelas palavras doeram dentro de mim.

— Não. Você não vai me deixar.

— Fernando, não quero ser responsável por te afastar da sua família.

— Você não será. Eu sou responsável por minhas escolhas e eu estou escolhendo você.

Clara tinha a voz calma e triste.

— As palavras da sua mãe dizendo que sua família precisa de você, estão martelando na minha cabeça.

Enxuguei uma lágrima que escorreu no rosto dela e dei um beijo na sua boca.

— Por favor, Clara, eu enfrento o que for para ficar com você. Eu demorei, mas agora eu sei que consigo enfrentar tudo para ficar com você.
— Encostei minha testa na dela — Eu te amo tanto, por favor, não termina comigo.

— Não dá, Fernando, você sabe do meu passado, sabe o quanto eu sofri e se Deus nos livre, algo acontecer com seu avô, eu nunca vou me perdoar e sei que para sempre vou te lembrar a morte dele. Só quero ser vida e coisa boa para você.

Fechei meus olhos e respirei fundo. Ela tinha um pouco de razão.

— Por favor, Clara.

— Case-se com a Fabiana e se no futuro for para ser, nós ficaremos juntos. Eu entendo agora por que tem que aceitar a tradição, é a saúde do seu avô. Case-se com ela.

Afastei-me dela, encostei minha cabeça ao encosto do banco do carro e fechei meus olhos controlando minha respiração para não chorar feito um bebê.

Apertei os lábios segurando as lágrimas, mas uma rolou pelo canto externo do meu olho e Clara enxugou. Ela beijou meu rosto e depois minha

boca e quando vi eu estava chorando e a beijando descontroladamente.

Ela subiu no meu colo.

— Eu nunca amei ninguém assim — falei e desci beijando o seu pescoço. — Não vou deixar de te amar. Você ainda vai ser minha para sempre. Sem empecilhos, sem nada nem ninguém que nos separe.

Clara, assim como eu, chorava e me beijava enquanto ouvia todas as minhas juras de amor.

E aquela foi a nossa despedida.

Clara

Saímos do carro depois de fazer amor pela última vez e meus olhos estavam inchados de chorar e minha boca inchada de tão intensos que foram os beijos de despedida.

Andávamos em direção à Angels. Um longe do outro de cabeça baixa e em silêncio.

— Não quero me afastar da Mayara de novo — Fernando falou baixo e com uma voz triste.

— Também não quero que ela perca o melhor amigo dela.
— Em resposta ele sorriu sem vontade.

— Me promete que não vai sair da Angels.

— Não vou.

Ainda estava cedo e a Angels encontrava-se vazia. Passamos pela portaria e quando chegamos ao pé da escada que dava para o escritório, ele parou de frente para mim e fitou meus olhos tão intensamente que achei que fosse me beijar de novo, mas ele disse:

— Você tem certeza disso? — Ele exibia-se tão triste.

— Não tenho certeza de nada, mas no momento, sua família precisa mais de você do que eu.

— Eu preciso de você.

— E eu de você, mas já conversamos. — Suspirei e forcei um sorriso. — O que tiver de ser será. Quando for o momento recomeçamos.

— Tudo bem. — Ele serrava o maxilar. Vê-lo chorar me quebrou, me doeu. — Se precisar de mim, sempre estarei pronto para você. — Passou a mão pelo meu rosto, virou as costas e subiu para o escritório.

Fiquei no estoque até Laura chegar, me abraçar e me dizer que tudo ficaria bem.

Tentei convencer a mim mesma que o que eu fazia era o certo, mesmo me doendo muito. Não achava justo fazê-lo escolher entre mim e sua família e se ficar juntos fosse nosso destino, ia acontecer.

Juntei meus cacos e quando a casa começou a encher, assumi meu posto e me ocupei em servir bebidas no piloto automático.

Alguns clientes já conhecidos, pediram para que eu jogasse umas garrafas e isso fez com que eu sorrisse um pouco e me sentisse menos destruída.

Olhei diversas vezes na direção da escada que dava para o escritório, na esperança de ver Fernando, mas não o vi.

Laura tentou me alegrar também, me mostrando diversos gatinhos que nos olhavam do outro lado do balcão, nenhum me interessava, mas pelo menos me fez sorrir e me tirar um pouco da minha tristeza.

Continuei com o meu trabalho, tentando fazê-lo da melhor maneira possível e pensando que pior do que estava, não poderia ficar. Trabalhar ao menos podia me distrair. Mas... era aí que me enganava.

Joguei uma garrafa para cima em meio a um sorriso e quando fui pegá-la, um vulto sentando-se bem na minha frente do balcão tirou minha concentração e quando vi quem era que me olhava com um sorriso nos lábios, paralisei.

Meu coração parou, todos os meus pesadelos se tornaram reais e o que eu mais temia nos últimos tempos aconteceu. Jeferson estava ali.

Não ouvi o barulho da garrafa se estilhaçando no chão, só conseguia sentir meu medo tomando conta de mim, meu coração tão acelerado que o sentia pulsar nos meus ouvidos.

Gritos meus, dele e da minha May vinham na minha memória, socos, ameaças, as mãos dele no meu pescoço e o ar fugindo dos meus pulmões.

Eu vou te matar, vadia.

Você é uma imprestável.

Vou te quebrar inteira.

Dor... física e mental.

Medo.

Tudo foi voltando na minha mente como se estivessem acontecendo naquele instante e fizeram minhas pernas titubear e a cor fugir do meu rosto. No instante seguinte tudo era escuridão.

Ele me achou. E tudo que está ruim, pode piorar.

E aí eu desmaiei.

Acordei alguns segundos depois, com Laura dando tapinhas no meu rosto e Fernando entrando feito um louco na parte de dentro do balcão e tudo parecia em câmera lenta.

Olhei para o lado do balcão em que anteriormente vi Jeferson e ele não estava mais lá.

— Ele voltou, eu vi. Preciso ver a Mayara, preciso protegê-la — falei desesperada e tentando me levantar.

— O que aconteceu, Clara? — O pânico no rosto do Fernando era evidente.

Senti uma ardência na mão, olhei-a e vi que estava sangrando, pensei ter cortado quando caí em cima dos cacos de vidro.

— Meu Deus, você está sangrando. — Fernando me pegou no colo e saiu comigo dali.

Subiu as escadas para o escritório, como se eu não pesasse nada e era seguido por uma Laura muito preocupada. Quando entramos na sala ele me levou direto para o banheiro que tinha lá e colocou minha mão debaixo da água corrente.

Eu não conseguia falar, meu pensamento vagava para o passado e o presente que vivi com meu ex-marido.

Era ele.

Tenho certeza que era ele.

— Ele está aqui.

— Ele quem, Clara? — Laura perguntou, da porta do banheiro, enquanto Fernando lavava o sangue que estava na minha

mão.

O corte não era tão grande, então ele pegou uma maleta de primeiros socorros no armário do banheiro e fez um curativo.

Levou-me para o sofá com todo o cuidado e eu comecei a chorar de novo.

Rodrigo, João e Gustavo entraram na sala com olhares preocupados e eram seguidos por Valmir e Cassio. Fiquei morta de vergonha quando caí em mim e percebi a cena que eu tinha feito.

— Me desculpem, por favor. Eu não queria fazer essa cena há pouco e eu pago todo estrago que causei lá.

Vi Fernando balançar a cabeça em negativa enquanto fazia o curativo, mas não disse nada.

— Não se preocupe com isso, Clara, mas precisamos saber o que aconteceu. — Rodrigo parecia preocupado.

— Eu vi meu ex-marido — falei de cabeça baixa e um arrepio passou por meu corpo, como se dizer isso em voz alta, pudesse trazê-lo de volta novamente.

— Puta que pariu. Onde aquele filho da puta, está? Não acredito que ele veio atrás de você, aqui. Vou matá-lo.

— Não, Fernando. — Comecei a chorar de novo, de medo que o Jeferson fizesse alguma coisa com ele e Laura me abraçou.

— Fica calma, amiga. Você não está mais sozinha, aqui ele não pode fazer nada com vocês.

Todos os outros me olhavam sem entender.

— Fica calmo você também, Fernando, você está assustando-a ainda mais — Gustavo disse e Fernando passou a mão no rosto e sentou-se ao meu lado.

— Clara, vamos dar uma olhada nas câmeras de segurança e ver todos que passaram pelo seu balcão. Pode ficar tranquila que ele não vai chegar perto de você de novo — João disse com firmeza e me acalmou.

Revisei as imagens da câmera de segurança do meu balcão. Todos os Angels ao meu lado e minha amiga segurando minha mão.

Valmir acelerou a imagem e todos esperavam que eu dissesse se realmente era Jeferson que estava lá.

Rezei para não ser, mas em determinado momento eu o reconheci.

— Para. Ali é ele. — Eu tremia e meu corpo foi tomado por um arrepio de medo.

Fernando alisou minhas costas e disse que tudo ficaria bem e Laura ligou para os pais pedindo que trancassem tudo e ficassem em segurança.

Fui embora mais cedo, não tinha cabeça para trabalhar e minha amiga foi embora comigo. Fernando insistiu em me levar, mas insisti que não precisava, o deixando muito nervoso.

Deitei ainda assustada e minha amiga, que era a melhor que alguém podia ter, deitou na cama da Mayara e dormiu no mesmo quarto que eu.

Acordei no dia seguinte, conversei um pouco com Laura e contei para ela algumas das surras que tomei e como Jeferson era um bom pai e bom marido no dia seguinte a cada uma delas.

Evitei conversar sobre ele por todo o tempo, mas naquele momento em que eu sabia que o monstro estava de volta, era indispensável mantê-lo só na memória, já que se fez presente de volta na minha vida. O pesadelo se tornou real.

No dia seguinte, precisei me recuperar do susto e ser forte para buscar Mayara na escola. Estava com o carro da Laura, que insistiu para que eu fosse com ele e não a pé.

Fiquei esperando minha filha sair no portão da escola, até que todos os pelos do meu corpo se arrepiaram de medo ao ouvir a voz que há algum tempo eu não ouvia.

— Clara.

Virei-me devagar para o lado de onde a voz vinha e Jeferson me olhava.

— Não queria te assustar ontem, me desculpa?

Lutei contra o medo e o caroço na minha garganta que me impedia de responder. Foram anos de submissão e pavor até me livrar dele, não acreditava que havia me encontrado.

Você está segura, Clara. Você está segura.

Repeti para mim, respirei fundo e busquei força para perguntar:

— O que você quer aqui? — Minha voz saiu fina e agradei por estar em meio a muitas pessoas.

Se veio para me matar ele não faria aqui.

Meu coração batia tão rápido que o sentia novamente nos meus ouvidos.

— Clara, não fique com essa cara de medo. Eu não vou te fazer mal.

— Você já me fez mal, no momento em que veio atrás de mim. — Ele parecia calmo. Calmo demais.

— Eu sou o pai da Mayara, eu quero contato com minha filha.

— Você não pensava isso antes, quando enchia a cara de álcool, me batia e traumatizava minha filha.

— Nossa filha.

— Minha filha — falei alto, mas logo mantive a voz baixa e perguntei: — Como você me achou?

— Eu sei exatamente onde você está desde quando matriculou Mayara na escola. Você sabe que tenho como pagar e como descobrir tudo que eu quiser.

— Sei... Me lembro de como você teve que pagar alguns médicos para se calarem quando quebrou minha costela ou quando deslocou o meu ombro e fez parecer que era uma queda da escada. — O medo começou a passar e a raiva me dava coragem para enfrentá-lo.

— Abaixa suas armas, Clara, estou aqui em missão de paz. Só quero minha filha.

— Minha filha. E por que só agora?

— Quando vi que vocês tinham ido embora e eu não sabia para onde, bebi e bati o carro. Fiquei internado e nesse tempo decidi que iria melhorar e procurar vocês. Eu fiz um tratamento psicológico e toxicológico, parei de beber e agora me sinto preparado, estou aqui e quero vocês de volta. Estou curado, não sou mais aquele louco. Estou arrependido.

Ri com raiva.

— Essa frase foi a que mais ouvi você dizer, depois de me deixar com algum roxo ou corte pelo corpo.

Meu corpo formigava com um misto de coragem e medo.

— Mais uma vez, me desculpa? Só posso te pedir desculpa.

— Por favor, volte para o lugar de onde você veio e me deixe em paz com minha filha.

— Não posso. Quero vocês de volta.

— Não — falei alto. — Vai embora, por favor. Preciso preparar May antes de ver você de novo.

Nesse momento o portão se abriu para as crianças saírem e eu tentei me afastar do Jeferson para que ela não o visse, mas foi em vão. Logo ela saiu e me viu, me presenteando com um sorriso, mas em seguida olhou ao meu lado, como sempre na esperança de ver Fernando, mas assim que viu o pai e o reconheceu, arregalou os olhos e parou abruptamente com o medo estampado em seu rostinho.

Fui até ela entendendo perfeitamente o medo que ela revivia. Eu senti o mesmo.

Quando cheguei em sua frente, abaixei-me a sua altura e falei:

— Filha, olha para mamãe. Vai ficar tudo bem. Ele está aqui e mudou, ele não é aquele monstro. — Minha filha ainda estava paralisada de medo e eu tinha que fazer algo para tirá-la daquele transe. — Olha, pensa na Fera, do desenho a Bela e a Fera, ele era um monstro, mas depois se tornou um príncipe. — Olhava para o pai ainda com os olhos arregalados e não me respondeu. — Filha, fala com a mamãe, olha, eu estou aqui e ele não vai te fazer mal.

— Cadê o tio Nando? — Graças a Deus ela falou.

Fechei os olhos e respirei aliviada.

— Ele está trabalhando, mas logo vai vir te ver tudo bem? — Assentiu.

— Quer ir falar com seu pai? — perguntei e ela o encarou e Jeferson sorriu em resposta. — Se você não quiser está tudo bem. Querida, ele não vai nos fazer mal, ele disse que mudou.

— Tudo bem, eu quero falar com ele. — Minha Valente.

Andamos em direção ao Jeferson e o medo que eu estava sentindo passou e a raiva prevaleceu por ele deixar minha filha naquele estado.

Apresentava-se diferente, tinha o cabelo cortado e penteado, seus olhos verdes pareciam de alguém de bem e não como o monstro que antes se transformava. Alguém que não conhece seu passado pode achá-lo bonito.

— Oi, minha filha — cumprimentou se aproximando da Mayara e ela não respondeu. — Olha, estou aqui para te pedir desculpas e dizer que estou arrependido de tudo que fiz. — Mayara continuava quieta o olhando. — Eu sei que não mereço o perdão de vocês, mas o papai mudou e nunca mais vou fazer aquelas coisas de novo. Vou cuidar de vocês.

— Não precisa, volta para lá e deixa a gente aqui. O tio Nando cuida da gente.

Jeferson me olhou e vi uma fagulha de raiva em seu olhar.

— É aquele que te pegou no colo ontem, não é?

— Minha vida não te interessa mais — falei calmamente. — Filha, se despeça e vamos embora que logo a mamãe vai ter que trabalhar.

— Tchau — Mayara disse secamente, mas ele abaixou e deu um beijo na minha filha.

Sem me despedir segui em direção ao carro.

Meu coração já estava mais calmo, mas eu ainda tinha o pé atrás e não acreditava na sua mudança.

Aquele reencontro foi muito mais calmo, do que imaginei que seria quando o temia, mas não acreditava naquela redenção. Nem um pouco.

Apesar de que todos merecemos uma segunda chance, mas Jeferson já teve todas as que alguém podia ter.

Clube
Angels

Capítulo 21

Fernando

Sentia-me preocupado, dormi mal e me segurava para não ligar para Clara. Precisava saber como ela estava, mas me tornei novamente apenas seu patrão, não tinha direito de me intrometer na sua vida pessoal.

Não me contive e se não podia ligar para Clara, então decidi ligar para Laura que me certificou que a amiga seguia bem e tinha ido buscar May na escola.

Menos mal, porque Clara ainda que forte, eu sabia que precisava de mim para protegê-la.

Na noite anterior quando a vi desmaiando, descí do escritório em pânico e nem lembrava como descí as escadas.

Decidi visitar meu avô e ele estava bem, mas o que não ficava bem era meu psicológico toda vez que ia até lá.

Para minha infelicidade, quando cheguei para vê-lo, Fabiana também estava o visitando e ele fez com que eu confirmasse novamente que teria casamento e nos fez escolhermos uma data para nos casarmos.

Eu mais parecia um robô, enquanto os dois resolviam em que templo seria e o quanto a empresa ficaria melhor com a união das nossas famílias.

Meu avô me tratava como um ótimo contrato assinado e a Fabiana como o vestido novo que ela estava prestes a comprar.

Minha avó parecia triste ao ver minha tristeza, mas daquela vez resolvi não dar esse desgosto ao meu avô e fiz a vontade dele aceitando tudo que me propunham.

Saí da casa deles mais uma vez com o casamento marcado e dessa vez a cerimônia seria dali um mês e fui embora com meu avô me agradecendo por dar-lhe essa alegria antes que morresse.

A chantagem era tão injusta comigo, mas precisava fazer aquilo por ele. Amava meu avô e não queria vê-lo infeliz. Só não sei o porquê Fabiana insistia em aceitar, ela poderia dizer não e seguir a sua vida.

A noite caiu e fiquei o dia todo sem falar com Clara, só precisava aguentar mais um pouco e vencer um dia sem ela na minha vida.

Mesmo preocupado eu ia conseguir.

Mandeí outra mensagem para Laura, que me certificou de que tudo seguia bem. Eu estava impaciente e nervoso.

Por que estava sendo tudo tão difícil?

Não podia ser como os casais normais, em que o cara conhece a mina, namoram, noivam, casam, têm filhos e vivem felizes para sempre? Que porra de vida complicada.

Peguei uma garrafa de vodca no bar da Angels e levei para o escritório na intenção de esquecer toda essa porra de vida bagunçada do caralho.

Falei para os caras que eu preferia fazer o trabalho burocrático e não ficar lá em baixo.

Deixaram-me ficar tranquilo no escritório, porque sabiam que eu me via sofrendo com a vida de merda, em que tinha que ver a mulher que eu amava me deixando enquanto prometia ao meu avô que me casaria com outra que não amava só para mantê-lo feliz e com o coração calmo e vivo.

Depois de beber um copo ou cinco de vodca, fui até o vidro panorâmico do escritório e sem que eu percebesse, já estava lá de cima admirando cada movimento da minha Clara.

Ela sorria sem graça para um cliente debruçado por cima do balcão tentando ficar perto dela.

O que aquele idiota está fazendo?

Vi que Clara ergueu uma mão espalmada, pedindo para ele parar e ela já não estava mais sorrindo. O cliente continuava apoiado no balcão e ela parecia irritada. Olhei em volta à procura do Valmir ou do idiota do Cassio.

Cadê ele quando eu preciso que fique perto da Clara?

Ou de qualquer um dos barmans ou seguranças dali. Não vi nenhum deles.

Laura se aproximou do homem, que a afastou e fez sinal como se quisesse falar com Clara e não com ela. Clara fez sinal para miga de positivo e pareceu dizer que estava tudo bem.

Fiquei olhando aquele homem irritando as meninas, sabia que Clara não devia estar gostando e apesar de saber que ambas se viravam sozinhas, resolvi descer e ver de perto o que estava acontecendo.

Tentei ir por trás de um jeito que Clara não me notasse se aproximar e fiquei atrás de uma das pilastras, de onde eu conseguia ouvir o homem.

— Ei, gata, vai que tal? Cenzão por uma rapidinha. Duvido que você trabalhando aqui, já não fez esse tipo de programa.

O quê? O filho da puta está achando que Clara faz programa? Saí de trás da pilastra e Clara me viu.

— Ah, entendi você quer mais, né? Tudo bem pago duzentos, mas quero um boquete também — continuou.

Não consegui me segurar.

— Filho da puta, asqueroso — falei e parti para cima do cara o pegando pelo colarinho e o jogando no chão, em seguida soquei incansavelmente seu rosto, descontando nele toda a raiva que eu sentia da vida.

Só parei quando Valmir apareceu e me tirou de cima dele.

— Tira esse nojento, daqui. E que sirva de lição para todos os presentes. Ninguém mexe com as nossas anjas — gritei e todos os frequentadores a minha volta aplaudiram — Desculpem por essa violência — falei mais calmo e eles riram.

Olhei para minha mão e estava sangrando. Clara deu a volta no balcão, me puxou para subimos ao escritório.

Chegando lá fez comigo o mesmo processo que fiz com ela na noite anterior, lavou minha mão para tirar o sangue e depois enrolou gaze e esparadrapo.

Por isso tínhamos aquele kit de primeiros socorros ali, não era sempre, mas quando tinham brigas, alguém sempre precisava de atendimento.

Enquanto ela cuidava da minha mão, sem me dizer uma só palavra, eu olhava para ela e admirava cada traço do seu rosto.

— Você é tão bonita.

— E você está bêbado.

— Não estou não, estava, mas não estou mais. — Riu discretamente, enquanto ainda arrumava meu curativo. — Sabe, eu tinha prometido a mim mesmo que conseguiria ficar um dia inteiro sem falar com você, mas já falhei. — Ela me deu um outro sorriso. — E o seu ex apareceu?

— Sim, mas está tudo sob controle.

— E a May?

— Ela o viu e foi muito forte. Inclusive falou de você. Disse para o pai ir embora que você cuidaria de nós.

Abri um enorme sorriso.

— Eu amo essa garota.

Ela riu.

— Ele mudou, se tratou com médicos e está bem. Parece outra pessoa.

— Você não caiu nessa, *né*?

— Não, e não o quero na minha vida, mas ele parece diferente. Quer ser pai para Mayara. — Terminou de fazer o curativo e levantou para ir embora.

— Espera... — Segurei sua mão, que tinha um curativo das princesas e sorri. — Me arruma um curativo das princesas também? — Sorriu para mim e o sorriso dela me iluminou

— May vai ficar feliz em saber que você quer usar um dos curativos dela.

Ficamos em silêncio.

— Percebe que somos alma gêmeas? Até quando um machuca a mão dramaticamente o outro faz a mesma coisa — concordou sorrindo.

Ficamos em silêncio de novo, sem ter o que falar e então resolvi quebra-lo com algo que eu realmente queria dizer:

— Sinto sua falta.

Ela engoliu em seco, me olhou e tocou no assunto que me doía.

— Como está o seu avô? — Fechei meus olhos balançando a cabeça em negativa.

— Ele está bem. Principalmente depois que fui lá hoje e prometi que me casaria com Fabiana o mais rápido possível. — Omiti que era dali um mês, não queria magoá-la ainda mais, se eu contasse acabaria com qualquer fagulha de esperança que podíamos ter de ficarmos juntos. Não tive coragem, queria aproveitar só mais aquele momento.

— Ah! — Balançou a cabeça em positivo e pareceu muito triste. Senti-me um idiota por ter dito aquilo. — Tenho que descer.

— Clara, você sabe que eu quero você, não sabe? — Concordou balançando a cabeça.

— Mas a vida não é justa e nem sempre podemos ter tudo o que queremos. — E foi minha vez de balançar a cabeça e concordar.

— Posso ir ver a May amanhã na escola?

— Pode. Ela vai ficar muito feliz.

Ela se virou e saiu da minha sala, me deixando sozinho, tonto por causa da vodca e completamente triste por não poder ter terminado a conversa com um beijo avassalador na minha Clarinha.

Olhei para garrafa sobre minha mesa e pensei: *Por que não terminar essa garrafa?*

Bebi até a última gota e fui praticamente carregado para casa pelo Rodrigo, que me xingou e jurou que da próxima vez, ia me deixar morrer afogado no meu próprio vômito.

Clara

Eu estava mais uma vez na porta da escola esperando Mayara sair, quando fui de novo abordada pelo cretino do meu ex-marido. Já não sentia mais medo, só nojo.

Ele se instalou ao meu lado e estava com um presente nas mãos que disse ter comprado para ela.

Fiquei calada com os braços cruzados na frente do peito, até que minha filha nos viu e andou calmamente em nossa direção. Ela me deu um beijo, olhou para o pai e disse apenas oi.

— Olha, trouxe isso para você. — Ofereceu o embrulho para ela.

Mayara me olhou, como se pedisse permissão para aceitá-lo, fiz que sim com a cabeça e dei um sorriso de incentivo. Afinal, era o pai dela e toda criança gosta de receber presente.

May abriu e tinha uma boneca da princesa Aurora, com vestido rosa e cabelos loiros. Sorriu e agradeceu o presente.

— Será que posso te pegar para almoçar comigo um dia desses?

— Eu só almoço com minha mãe — respondeu secamente.

— Vai com calma — falei para o Jeferson e ele assentiu, mas fomos tirados da nossa pequena conversa, quando Mayara gritou em alto e bom som:

— Tio Nandooooo! — E saiu correndo na direção em que Fernando vinha e o abraçou. — Estava com saudade.

— Eu também estava, pequena. Vim te ver hoje, porque vi um presente que me lembrou de você... *Tcharammm*. — Ele entregou um pacote para May, que abriu eufórica, com os olhinhos brilhando.

Quando ela terminou de rasgar o embrulho e abrir a caixa, o sorriso se alargou e gritou:

— A Valenteeee... — Se jogou de novo no abraço do Fernando, que retribuiu o sorrindo mais que minha filha. — Olha, mãe, é a princesa Merida e ela vem com arco e flecha. — Minha filha estava radiante com o presente do Fernando, enquanto o pai via que o dele não causou tanto frisson.

— Aquela é a princesa favorita dela — falei sorrindo e o meu ex-marido só assentiu nitidamente envergonhado, por não saber qual a princesa favorita da filha.

Fernando diminuiu a distância entre nós e só então notou a presença de Jeferson ao meu lado. Fechou a cara e notei que o reconheceu dos vídeos das câmeras de segurança da Angels.

Ao meu lado me puxou pela cintura e me deu um beijo no rosto demorando mais que o necessário.

— Fernando, esse é o pai da Mayara. — Fernando serrou o maxilar e parecia lutar internamente para se segurar e não socar Jeferson. Ele sempre disse que faria isso e pensei que estava se segurando por estar na frente da May.

Fernando estendeu a mão para Jeferson e assim que ele aceitou seu aperto de mão, vi que fez uma careta e tive que reprimir um sorriso porque sabia que o Fernando havia apertado extremamente forte.

— Eu sou o melhor amigo da Mayara e se alguém, quem quer que seja, fizer algo com ela ou com Clara, é comigo que vai ter que se entender. — Fernando encarou Jeferson com um olhar tão duro, que se fosse comigo eu teria corrido para as montanhas. — Eu sou do tipo que detesta covardia. Gente covarde comigo não tem vez e resolvo isso com uma surra bem dada e cadeia.

Jeferson estava branco.

— Te entendo, mas todos tem o direito de uma segunda chance e direito a mudança.

— Mas tem uns que tem direito a um belo soco no meio da cara.

— Bom, vamos, Fernando, temos que almoçar — falei vendo que aquela conversa estava indo para outro caminho e os dois iam acabar se pegando. Graças a Deus Mayara estava muito entretida brincando com a Valente.

— Vamos. Vamos almoçar, princesa? — Fernando perguntou para May.

— *Ebaaa*, o tio Nando vai almoçar com a gente?

— Vou sim. Vamos, Clara? — Fernando me chamou.

— Vamos.

Não me despedi, apenas virei-me para seguir, mas Jeferson disse:

— Clara precisamos discutir um jeito de eu me aproximar dela. Eu sou o pai. Tenho os meus direitos — Ele olhou para o Fernando quando disse essa última parte e Fernando o encarou com raiva.

— Não tem nada para discutir e infelizmente você é o pai — falei baixo para que minha filha não ouvisse.

— Eu mudei, Clara.

— Até que você realmente me mostre que mudou, não tenho nada para discutir com você. — Virei as costas para ele e fui com minha filha e o homem que eu amava.

Nós três seríamos a família perfeita e um casal perfeito se Fernando pudesse formar um casal comigo e consequentemente uma família.

Chegamos em casa e fiz uma macarronada rápida para o almoço. Fernando queria nos levar a um restaurante, mas por causa do nosso relacionamento, não relacionamento, decidi convidá-lo para almoçar em casa e eu mesmo cozinhar para ele.

Não queria ser vista com Fernando pela sua mãe ou por qualquer outra pessoa. Tínhamos terminado e assim seria.

May almoçou, logo se levantou e deu continuidade a brincadeira com as bonecas, deixando a mim e Fernando sozinhos na mesa. Já tínhamos terminado de comer e eu já havia arrumado a mesa e lavado a louça com a ajuda dele.

— Você não tinha cozinhado para mim ainda.

— Para tudo sempre tem a primeira vez. — Sorri.

— Sim — concordou e mudou de assunto: — Clara, preciso te contar uma coisa que eu tinha que ter dito ontem, mas não tive coragem.

Eu estava sentada ao seu lado e ele pegou minha mão fazendo um arrepio percorrer meu corpo. Olhei para ele e o sorriso que eu exibia, congelou em meu rosto ao ver a expressão aflita que carregava no dele.

— Pode falar. — Dei um sorriso forçado.

— Lembra que eu te disse que fui ver meu avô ontem e que eu tinha marcado o casamento novamente?

Ele olhava para nossas mãos unidas sobre a mesa e passava o polegar devagar acariciando os nós dos meus dedos.

— Sim, me lembro. — Engoli em seco.

— Então... Meu casamento com a Fabiana está marcado para daqui um mês.

Paralisei e não sabia o que dizer, senti um caroço se formando na minha garganta e minha vontade de chorar tomava conta de mim.

Eu sabia que ia acontecer, mas não que seria tão rápido. Tirei minha mão debaixo da dele e tentei conter minha respiração.

— Parabéns — enfim consegui dizer com o sorriso mais falso que já dei na vida e me levantei da mesa, virando-me de costas para ele e piscando freneticamente para as lágrimas se dissiparem.

— Clara...

— Está tudo bem, Fernando, tudo mesmo. Espero que você seja feliz e...

Ele andou até mim e deu-me um beijo me prensando contra a pia.

— Eu não vou ser feliz, se não for com você.

— Você precisa fazer isso.

— Uma palavra sua e eu não faço.

— Não, você tem que fazer isso, faça isso... — falei fechando os olhos e fugindo do seu olhar.

— Então vai ser assim? Eu vou me casar com outra?

— Sim.

Nos encaramos por alguns minutos.

— Eu vou indo — falou triste.

— Vou tentar buscar a May na escola durante a semana que vem de novo.

Assenti, porque sabia que se eu dissesse algo ia chorar.

— Só não cai na conversa do seu ex-marido tão fácil, tá? E se precisar de mim, só me chamar. — Fernando me deu um beijo na testa e saiu da cozinha. Vi quando ele passou pela May na sala, disse que a veria na semana seguinte e que a levaria para tomar um sorvete.

Ele parecia tão triste, mas não mais do que eu.



O mês passou tão rápido, mas tão rápido que enquanto eu não sabia se rezava para ele ir devagar ou passar depressa, ele simplesmente passou.

Era quinta-feira e em dois dias seria o casamento do Fernando, a Angels não abria naquele final de semana e seus amigos prepararam uma despedida de solteiro para ele.

Meus dias, desde que soube que o casamento já tinha data marcada, andavam miseráveis e eu não conversava com ele desde o dia que almoçamos juntos na minha casa.

Só o via de longe e ele não vinha falar comigo também, me evitava e evitava até mesmo trocar um mísero olhar comigo.

Não ficávamos sequer no mesmo local e nos dias de apresentações ele simplesmente não aparecia para trabalhar ou ia depois que Laura e eu já abrimos o bar.

E assim ficamos... Nos desejando com força, nos amando, mas não podendo nem nos olhar.

Soube, sem querer, pelo Cassio, que ouviu Rodrigo falando, que uma das exigências do Fernando para despedida de solteiro, era que eu e Laura trabalhássemos.

Não entraria mulher, mas como somos funcionárias, serviríamos de atração na festinha deles. Isso me deixou extremamente revoltada, ele me fazer participar, mesmo sabendo que eu o amava e estava infeliz com o seu casamento, e assim mesmo me obrigou a fazer parte.

Para que eu não ficasse triste nas segundas, Laura propôs de sairmos e convidou Cassio, desde então, eu, ele, Laura e Mateus, temos

nos tornados bons amigos.

No início ele até tentou algo mais, mas deixei claro que seríamos somente amigos. E naquele momento sou a melhor amiga do Cassio e até o ajudo com conselhos amorosos.

Por vezes Fernando nos viu conversando e nos fuzilou com o olhar, Cassio disse que ia contar que éramos amigos, mas não deixei e disse que não devia explicação da minha vida ao Fernando.

Jeferson ia dia sim e outro também ver Mayara na escola, parecia ter realmente mudado, mas ainda não confiava nele cem por cento.

Vez ou outra, percebia algo frio em seu olhar, quando tentava programas comigo e com Mayara e não retribuíamos. Quando eu via isso nele, me causava calafrios.

Laura e eu usávamos nosso uniforme todo em preto e eu estava arrumando as bebidas quando vi Fernando chegar. Ele usava uma camisa preta de botão agarrada nos músculos e estava incrivelmente lindo.

Fiquei pensando que os amigos dele já deveriam estar ali e se era para eu trabalhar naquela droga de despedida de solteiro, que começasse logo e acabasse logo para eu ir embora logo.

Fernando me olhou e sorriu. Ele estava feliz.

No mês que passou com a ex, resolvendo coisas do casamento, pensei terem se dado bem, ficado mais próximos e ele já devia ter me esquecido.

Pisquei para conter as lágrimas que se formavam nos meus olhos e continuei arrumando as garrafas nas prateleiras do bar.

Percebi que o movimento a minha volta era cada vez menor e ao invés de encher a Angels estava esvaziando. Olhei para portaria e Laura me mandou um beijo e saiu acompanhada do Valmir.

Os demais Angels também desceram as escadas do escritório e se foram sorrindo e cúmplices. Saí de trás do balcão e fui até o estoque saber quem mais estava ali, mas não tinha ninguém. *Que estranho!*

Voltei para o balcão e estava tudo no mais absoluto silêncio. Franzi a testa e estava começando a ficar com medo, já me imaginei em um filme de terror em que apareceria um assassino e me mataria sem que ninguém visse, mas aí quando uma música começou a tocar, meu filme de terror se tornou um romance.

“Hoje eu vejo que não consigo entender

O que houve entre nós...”

Era a música Memórias, da banda Malta que tocava. Perdi uma respiração e comecei a olhar em volta mais uma vez para ver se conseguia ver alguém.

Andei até o centro da pista de dança, com as luzes me rodeando e piscando como se a balada fosse começar. Olhei para cabine do Dj e notei que tinha alguém ali, já que a música soava pelo salão.

Até que de lá saiu Fernando.

Arregalei os olhos e ele sorriu em minha direção, segurando um enorme buquê de rosas azuis. Quando chegou bem perto de mim, parecia tenso e nervoso.

— Fernando... O que você está fazendo?

— Não tem nada, nem ninguém nesse mundo, que eu queira mais passar os meus últimos dias de solteiro do que com você.

— Não podemos fazer isso, você vai...

— Por favor, Clara... — Engoliu em seco. — Eu não quero me casar, uma palavra sua e eu largo tudo. Só estou fazendo isso pelo meu

avô e já que eu tenho que seguir e sei que você não vai me dizer para não fazer, preciso de uma despedida, na qual vou me prender pensando enquanto estiver estragando minha vida.

Fiquei olhando para ele, pensando que eu não deveria, mas eu queria, queria muito uma nova despedida. *Só mais essa vez.* Prometi para mim mesma.

— Trouxe isso para você, leia o cartão — disse me entregando o buquê

Abri e lá estava escrito:

“Toda despedida é dor... tão doce toda via, que eu te diria boa noite até que amanhecesse o dia.”

William Shakespeare

— Queria poder me despedir de você eternamente. Ter uma despedida por dia até que amanhecesse o dia e depois tê-la novamente para assim poder me despedir de novo. Mas como isso não é possível, por enquanto, porque nada é definitivo, eu te pergunto: Clara, passa a noite comigo?

— Você está ficando bom nisso de citações — falei enxugando uma lágrima.

— Tudo por você.

— Eu não queria ter que me despedir de você, mas também preciso de algo para me lembrar.

Fiquei em silêncio, olhando nos seus olhos e aí ele rompeu a distância e me beijou.

Como senti saudade do seu beijo, como eu estava doida para sentir sua boca na minha de novo.

Não deixei ele se separar de mim e o segurei pelo pescoço intensificando o beijo, porque não queria parar para pensar, senão eu perderia totalmente o rumo.

O beije com vontade, a vontade que eu estava de beijá-lo por todo aquele tempo. Ele passava a mão pelo meu corpo e me mostrava que também estava com saudade.

— Estamos só nós dois aqui? — perguntei.

— Completamente sozinhos.

Arranquei sua camisa e ele a minha, desvencilhei-me da minha calça e fiquei nua, Fernando fez o mesmo e nus nos abraçamos no meio da pista de dança da Angels enquanto a música embalava nossa despedida.

“... E quando penso no que vivemos

Fecho os olhos, me perco no tempo.

Pra mim não acabou

Pra mim não acabou.”

Nos abaixamos até chegarmos ao chão, Fernando deitou-se nele e eu o montei, com olhos nos olhos, deslizei no seu pênis e ele me preencheu.

Comecei a me mexer para frente e para trás em busca do meu prazer, sem tirar os meus olhos dos dele, apoiei minhas mãos em seu peito cheio de músculos e não conseguia parar de olhá-lo enquanto o sentia dentro de mim.

Era como se eu tentasse guardar na memória como eu me sentia quando ele me tomava e me preenchia. Meus olhos se encheram de

lágrimas, mas não parei de cavalgar nem de olhá-lo.

Eu queria mais daquele momento, queria eternizá-lo e queria sentir pela última vez o quanto Fernando me fazia bem.

...Tudo tem um começo e um fim

Eu vejo a dor em seu olhar

E mesmo sem querer eu te deixo partir...

Fernando sentou-se comigo em seu colo e com a mão espalmada em minhas costas se mexia para dentro de mim, indo fundo e forte o quanto podia.

Notei que seus olhos também estavam marejados, como se o momento fosse especial para ele.

Peguei-o pela nuca, inclinei-me para trás enquanto me mexia sobre seu pau e procurava meu prazer. Suas mãos foram para minha bunda e com uma de cada lado me puxava para ele.

Nos beijávamos, nos amávamos e nos despedíamos.

...Sei que você vai seguir

Mas eu não vou desistir

Eu espero que você se entregue neste amor

Sei que você vai seguir

Mesmo com a dor

Vai lembrar de mim...

Cheios de amor, de tesão e de tristeza, gozamos e fizemos amor deliciosamente pela última vez.

Clube
Angels

Capítulo 22

Fernando

Pode parecer loucura, mas naquele momento estava deitado no chão da pista de dança da Angels, com Clara nos meus braços, nossas roupas por todos os lados e as luzes piscando a nossa volta.

Ela permanecia em silêncio olhando para as rosas que estavam próximas a nós.

— Por que rosas azuis?

— Porque significam sexo quente de despedida.

Ela riu e ergueu uma sobrancelha em desdém.

— Sério?

— Claro que não. A vendedora da floricultura disse que significa amor e prosperidade e tô muito a fim de prosperar no amor. — Ela riu sem vontade e passou a mão pelo meu rosto. Em seguida olhou em volta parecendo apavorada.

— Fernando, e as câmeras de segurança?

— Todas desligadas. — Solto o ar mais calma, me olhou semicerrando os olhos e sorriu.

— Você já tinha planejado isso?

— Não, mas não queria que nossa conversa fosse filmada caso você resolvesse me bater por ter feito.

— Eu estava com saudade demais de você para perder tempo te batendo.

Sorri, mas fiquei sério e falei:

— Você sabe que uma palavra sua e está tudo cancelado.

— Você sabe que não dá. — Sentou-se e se cobriu com minha camisa que estava ali perto.

— Não entendo por que você cisma em me afastar — falei bravo, ela balançou a cabeça em negativa e começou a procurar as roupas.

— Espera — falei e parou me olhando séria.

— Fernando, o que eu mais queria nesse momento era falar para você largar tudo e ficar comigo. Eu quero você, quero tanto que chega a doer, mas eu não sou capaz de fazer isso, pedir para cancelar tudo e consequentemente fazer você virar as costas para sua família. Eu não sou assim.

— Eu sei, eu entendo. Não vamos falar mais nesse assunto, ele só nos machuca, vamos só viver o momento. Me desculpa?

— Eu não quero ser motivo de tristeza.

— Tudo bem, eu entendo, mas não aceito — falei de cabeça baixa.
— Mas fica comigo essa noite e só me deixa essa noite como lembrança de tudo que poderia ter sido e não foi. — Passou a mão no meu rosto, me beijou e disse quando se afastou.

— Eu amo você. Amo muito você, tanto que estou te deixando ir para você não precisar escolher.

— Eu também amo tanto você. — Dei um beijo no seu nariz e ela sorriu.

— Como vai ser depois que você se casar? Vai deixar a Angels? — perguntou sorrindo, mas era um sorriso triste.

— Não, mas terei que vir menos ou chegar mais tarde.

— *Hummm*. — Engoliu em seco, mas me deu mais um sorriso triste depois. — Vai virar homem de negócios. Presidente de uma multinacional.

Fiz uma careta.

— Só queria ser dono da Angels. Mas isso não vai ser para sempre, vou só esperar a poeira abaixar e mandar esse casamento para o inferno.

Abaixou a cabeça, olhando para as mãos e ficou séria. Estávamos novamente sentados um de frente para o outro.

— O que foi? — perguntei.

— Nada, só que... só de pensar em você com ela, já me sinto péssima e peço que se for trazê-la aqui algum dia, prefiro não ver.

Seus olhos se encheram de lágrimas e ainda sim Clara sorriu. Como que para me tranquilizar.

Só consegui assentir e em seguida a beijei, não queria que a nossa despedida fosse regada a tristeza e pensamentos ruins.

— Você e Cassio são amigos agora?

— Sim, só amigos.

— Eu sei, ele me contou. — Juntou as sobrancelhas sem entender.
— Em uma noite que fiquei por último, fui sair e ele disse que eu não ficasse com ciúmes que vocês eram apenas amigos.

Sorriu.

— Ele é bem legal. — Ficamos em silêncio e a beijei.

Mais uma vez nossos corpos nus se tocaram, o fogo ressurgiu e voltamos a fazer amor.

Era um adeus e isso doía, entretanto, eu preferia pensar que esse seria um até logo e que minha Clara me esperaria resolver tudo para sermos felizes.

O dia amanheceu e continuávamos deitados, mas naquele momento estávamos em um colchonete que achamos no estoque.

Ela deitada de lado e eu cheirando o seu pescoço, perdido em meio a seus cabelos. Comecei a dar beijos no seu ombro a fim de acordá-la e não demorou muito e até ela começar a se espreguiçar.

— Bom dia, gata.

— Bom dia, gato. Preciso ir embora e você também precisa, amanhã é o seu casamento. — Parecia tão triste quando mencionava o casamento e eu também fiquei.

— Não, senhora. Você não precisa, já combinei tudo com Laura e não vamos falar disso. Lembra que eu falei que queria passar os meus últimos dias de solteiro com você? Então é isso que eu vou fazer. A não ser que você não queira. — Fiz uma cara de triste.

— Não deveria, acho que isso só vai nos fazer mais mal, mas quero.

Abri um largo sorriso.

— Fica aqui que eu já volto. — Dei mais um beijo nela e fui até a cozinha.

Tinha deixado tudo semipronto. Fiz sanduiches de peito de peru, bem leves, porque sabia que ela não comia assim que acordava, bolo e coloquei café para passar na cafeteira.

Assim que ficou pronto, coloquei tudo em uma badeja e levei para Clara que estava deitada de barriga para cima admirando as luzes que ainda piscavam para todos os lados.

Peguei uma rosa do buquê no chão e coloquei na bandeja. Assim que me viu se aproximar e sorriu.

— Café no colchonete? Que chique.

— O melhor, para minha melhor. — Pisquei um olho.

Pegou a xicara de café e deu um longo gole.

— Então, quais são seus planos para hoje?

— Te prender aqui e te deixar como minha escrava sexual pelo resto da vida.

Ela gargalhou.

— Ótima ideia.

— Mas falando sério, meu plano é só ficar aqui com você, sem intervenção do mundo, por mais hoje, e aí, mais tarde te levo para casa. — Não consegui conter a tristeza em dizer que a levaria.

— Tudo bem, mas preciso de roupas.

— Roupas para quê? — Arqueei uma sobrancelha.

— Preciso de uma escova de dente.

— Sei que você tem uma na sua bolsa lá no armário. Para de achar desculpa para me abandonar na minha despedida de solteiro.

— Tudo bem, vamos ficar aqui então. — Sorriu e dei um beijo nela.

Acabamos o café, Clara saiu para ir até o banheiro e eu fiquei ali deitado no colchonete e olhando para o teto alto da Angels. Amava aquele lugar, mas daria ele para qualquer um sem pensar duas vezes, se eu pudesse ficar com Clara.

Amava tanto aquela mulher que trocava a Angels que era algo que amava tanto, se pudesse ficar com Clara.

Meu celular começou a tocar e atendi, mas antes tivesse ignorado a ligação.

Clara

Fui ao banheiro com um sorriso no rosto, mas por dentro eu estava sangrando por saber que vivia aquele momento com o amor da minha vida, mas que no dia seguinte ele estaria se casando com outra. Parei de escovar os dentes e fechei meus olhos.

O que eu estou fazendo? Só estamos nos machucando mais com tudo isso.

Terminei de escovar os dentes e voltei para pista de dança da Angels, onde estava montado o nosso ninho de amor.

Assim que andei sentido a pista, vi que Fernando estava no telefone, mas continuei andando, fazendo assim ser inevitável ouvir o que ele dizia.

— Tudo bem... eu sei... Não vou fugir... Claro que vou estar aí, meu amor.

Ele falou meu amor? Amor? Ele estava falando com a noiva.

Ele se virou olhou para mim, sorriu, mas o sorriso dele sumiu quando viu meu olhar sério. Comecei a juntar as roupas e me vestir.

— Vou ter que desligar, te ligo depois, beijos. — Fernando colocou o celular ao seu lado e andou até mim. — Ei, aonde você vai?

— Embora.

— Por quê?

— Porque devo estar te atrapalhando, afinal seu casamento é amanhã e você está cheio de coisas para fazer.

— Para com isso, Clara, não tenho nada para fazer, só atendi o telefone, porque...

— Era ela não era?

— Ela quem?

— Sua noiva.

— Não, não era...

— Eu sei que era. Bom, vamos acabar logo com isso, essa despedida só está aumentando o meu sofrimento e adiando o inevitável.

Fui até ele, dei um beijo e me afastei. Olhei para aqueles olhos tristes mais uma vez e o beijei de novo.

— Bom casamento para você. — E então me afastei de vez, peguei meu buquê e fui embora sem olhar para trás.

Assim que cheguei ao estacionamento olhei para o buquê em minhas mãos e o joguei na lata de lixo. Precisava me afastar, não ia aguentar ver aquilo. Só de ouvi-lo falando com ela já sentia-me em pedaços, não ia suportar.

Fui embora chorando como uma desesperada. Peguei um taxi e assim que desci em frente minha casa eu ainda chorava por pensar que tinha acabado.

Daquela vez era pra sempre. Quando fui abrir o portão ouvi uma voz me chamando e me virei para ver o Jeferson ali parado.

— O que foi? — gritei.

— Clara, eu converso com você outra hora.

Soltei o ar e o encarei:

— Não vou descontar em você minha raiva da vida.

— Tudo bem. Eu mereço um pouco dela sim. — Ele sorriu.

— Mas como você descobriu onde eu moro?

— Clara, eu sei de tudo desde sempre lembra?

— *Tá*, mas o que você quer? — Enxuguei meu rosto só então lembrando que antes eu estava chorando.

— Bom, primeiro quero saber se você está bem? — Lançou-me um olhar compreensivo.

— Não, não estou nada bem. — Ele andou até mim como se fosse me abraçar.

— Não, não precisa — falei erguendo as mãos espalmadas.

— Tudo bem. — Ele pareceu triste — Vim aqui, porque tenho uma proposta para você.

— Que tipo de proposta? — Por mais que ele tentasse, e no último mês ele tentou bastante e me pareceu mesmo ter mudado, eu ainda tinha o pé atrás com Jeferson.

— Preciso voltar para empresa e agora que estou conseguindo ficar mais próximo da May, não quero deixá-la.

— Mas também não vai levá-la de mim — falei rápido e alto, pronta para lutar.

— Não, não pensei nisso. Mas você sabe que se eu quisesse seria fácil tirá-la, já que seu emprego não é lá essas coisas e você a deixa com uma desconhecida que nem parente dela é.

— Isso é uma ameaça? Porque se for...

— Não, não, não... — falou em defensiva. — Eu mudei Clara, acredite. Só estou te dizendo que com minha condição financeira, eu conseguiria mais fácil tirá-la de você, mas não vou fazer isso.

— Ok, e qual é a proposta?

— Eu te proponho que você volte comigo para nossa cidade e trabalhe na minha empresa. Nossa empresa. Porque ainda somos casados e o que é meu é seu. — Ele sorriu.

— Não vou voltar com você, Jeferson.

— Espera, escuta minha proposta. É o seguinte, nós nem precisamos nos ver se você não quiser, você terá uma casa só sua com a May e trabalhará na empresa. Você vai ser completamente independente de mim e terá a sua vida.

Parei para pensar e distância da Angels não seria ruim, já que não consegui nem sequer ouvir Fernando falando com a futura esposa, imagina vê-lo com ela.

E eu morando na mesma cidade que o casal, seria inevitável vê-los, sair seria o melhor no momento.

— E o que você ganha com isso? — perguntei.

— Vou ficar perto da minha filha e vou tentar reconquistar o amor dela.

— Preciso pensar. — Ele abriu um sorriso enorme.

— Só de você pensar, eu fico feliz. Mas preciso da resposta o mais rápido possível, porque o cargo de auxiliar de escritório precisa ser preenchido e eu preciso voltar. Você tem meu telefone qualquer coisa só me ligar.

Entrei em casa triste e estava tudo em silêncio, me joguei no sofá e fechei os olhos tentando entender o porquê da minha vida ser uma droga.

Quando voltei a abrir os olhos, em cima da mesa de centro da sala, vi um jornal que estava aberto na mesma foto que eu tinha visto há algum tempo atrás, do Fernando com a Fabiana, mas a matéria anunciava o casamento dos dois.

Joguei longe, coloquei almofada no rosto e abafei um grito, e outro e outro, até que as lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto e senti mãos tirando a almofada.

Abri meus olhos e Laura estava enrolada em uma toalha, minha amiga me puxou para um abraço e me manteve ali até que as lágrimas cessaram.

— Sinto muito por tudo isso, amiga. Me desculpe por deixar o jornal aberto. O que aconteceu que você já está aqui?

— Não dá, Laura, eu não sou capaz de aceitar esse casamento, eu não vou conseguir vê-lo casado com outra.

— Me desculpa por ter sido cúmplice dele na despedida, Clara, achei que deixando vocês sozinhos, enfim se resolveriam e esse casamento não sairia.

— Tudo bem, amiga, foi bom, foi ótimo, até o telefone dele tocar e eu cair em mim que aquele momento teria que acabar e ele voltar para Fabiana.

Soltei-me do abraço da Laura e continuei:

— Amiga, eu vou embora com o Jeferson.

— Você o quê? — Contei tudo para ela, da proposta que ele me fez, Laura ouviu tudo com atenção e disse quando terminei de contar: — Nem pensar, Clara, você não vai.

— Ele mudou, Laura, ele não vai mais fazer aquelas coisas e May está começando a se dar bem com ele. Minha filha merece um pai.

— Não, Clara.

— Mas a proposta é boa, não vamos morar juntos e o melhor, eu não precisarei mais ver o Fernando, nem ler jornais com matérias sobre ele. Ou sobre o casamento perfeito dele, sobre os filhos perfeitos que eles vão ter.

— Você não precisa vê-lo. Olha, você sai da Angels e procura outro emprego eu saio logo em seguida e não vamos mais ter contato com ele.

— Amiga, vimos como está difícil emprego, eu acabaria voltando para Angels, como da última vez. Não dá, não consigo mais ficar aqui. Além do mais, Jeferson deu a entender que ou eu vou, ou ele tira a Mayara de mim. E nós sabemos que ele tem condições de fazer isso.

— Viu como ele não mudou? Ele está te ameaçando, Clara. Acorda, amiga!

— Não foi uma ameaça, foi só um aviso. Ele podia mesmo tirar ela de mim, mas está me avisando.

— Não acredito nisso. Você é tão inocente.

— Preciso sair daqui, Laura, e eu juro que sei me proteger.

Laura soltou o ar e me olhou triste.

— Você já decidiu, né? — Assenti. — Ele está tentando te chantagear, mas se é o que você quer, então eu te ajudo, mas a qualquer fagulha de que ele possa mudar e voltar a ser o antigo Jeferson você volta. Você volta, entendeu?

— Tudo bem. — Laura me abraçou e nós duas choramos.

— Quero ir hoje, vou ligar para o Jeferson agora. E depois conversar com a May, ela vai entender.

— Ela vai sim, nossa May é uma menina linda e inteligente — minha amiga disse secando uma lágrima e sorrindo para me acalmar.

No final do dia minhas malas e da May já estavam arrumadas e nós na frente da casa da Laura, esperando o Jeferson nos pegar.

Dona Regina chorava por já sentir saudade da May, Laura chorava por já sentir saudade de tudo e eu chorava por minha vida ser essa bagunça e era acalmada pela minha filha.

A única coisa que incomodou Mayara na ideia da mudança, foi morar longe do tio Nando, mas eu a acalmei dizendo que ele

ligaria para ela e o visitaríamos às vezes.

Jeferson disse que os empregados da empresa se encarregariam da transferência da Mayara para escola nova e que eu poderia ficar tranquila.

E assim tentei ficar, mas não consegui. Tranquilidade... Eu nem sabia o que era isso.

De mudança de novo, vida nova de novo e recomeçar... de novo. Mesmo a vida viva me dando rasteiras, mesmo que isso me mate cada vez mais por dentro... Recomeçar... Sempre recomeçar... Mas esquecer...

Clube
Angels

Capítulo 23

Fernando

Tentei ligar para Clara como um louco depois que saiu da Angels, mas ela não atendeu. Fiquei em casa pensando nela e por mais de uma vez me levantei para acabar com a história toda de casamento e ir atrás do amor da minha vida. No entanto, o pensamento do meu avô morrendo e ela me dizendo que não quer ser responsável pela morte dele, não saiu da minha cabeça e me acovardei.

Era o dia do meu casamento e fiquei em casa, bebendo até quase entrar em coma alcoólico e ignorando todas as ligações da minha família.

Adriana tentou por diversas vezes entrar em contato comigo e eu deliguei cada chamada. Não queria falar com ninguém.

A campainha começou a tocar e eu fui atender. Nem tinha aberto o portão para que ela entrasse e minha irmã já estava na minha sala como um raio e falando sem parar.

— Por que você não atende os meus telefonemas, Fernando?

— Porque não quero falar com ninguém. — Revirei os olhos.

— Você precisa descobrir o que está acontecendo. Ontem a Fabiana foi até a casa dos nossos pais e fez uma cena. Nossos pais a mandavam calar a boca e ela gritava que se você a deixasse plantada hoje, acabaria com tudo.

— Ela tentou me ligar ontem, mas eu não atendi.

— Sim, ela também gritava isso e dizia que você estava com sua vagabunda. — Minha irmã revirou os olhos. — Mas, meu irmão, você

precisa descobrir o que está por trás desse casamento. Falei com a batian e ela também está sentindo algo estranho.

— Estranho?

— Sim, eles estão escondendo algo e eu me achei no dever de te avisar. Eu sei que você está sofrendo, Fernando, e isso me deixa triste também.

Apenas assenti e ela continuou:

— E se tiver algo que esteja por trás desse casamento e faça com que ele não aconteça, nós vamos descobrir.

— Muito obrigado, Dri. — Abracei minha irmã. — Você sabe que eu amo a Clara, e só não estou lá com ela agora, pela saúde do nosso avô. — Soltei da minha irmã, pensei um pouco e continuei — Porra nenhuma! Só não estou lá com ela agora, porque Clara não quer.

— Mas ela está certa, Fernando. Eu no lugar dela faria o mesmo.



Estacionei o carro próximo ao templo budista em que eu me casaria e lá já estava cheio de carros.

Carros de luxo, roupas caras, pessoas cheias do dinheiro e muitos dos sócios estavam ali para ver mais uma aquisição para empresa.

Resolvi entrar pelos fundos para evitar alvoroço e aquelas porras de conversa de “o noivo chegou”, tapas nas costas e felicitações para o casal que só existia na cabeça deles, na minha era só a porra de contrato de negócios.

Claro que eu já estava atrasado e minha família, com certeza, devia pensar que eu não compareceria para o circo que eles armaram, mas lá

estava eu.

O que é um circo sem o palhaço?

Considerando as milhares de mensagens e ligações do meu avô, do meu pai e da minha mãe, eles encontravam-se em pânico.

Entrei pelos fundos, pois já conhecia aquele templo, meu amigo tinha se casado ali. Segui para parte de trás, onde eu sabia que estavam todos reunidos querendo me matar.

Cheguei à sala de espera, a porta estava entreaberta e ouvi a voz da Fabiana, que falava alto e muito irritada:

— *Eu não quero saber, o combinado era vocês me casarem com o Fernando ou meu pai acabaria com a sociedade entre nossas famílias e não investiria o capital acertado.* — O quê? Continuei ouvindo.

— *Calma, Fabiana, ele vai vir.* — Minha mãe parecia preocupada e eu me mantive em silêncio, atrás da porta dos fundos, tentando ouvir algo mais sobre aquele casamento de fachada do caralho.

— *Sem minha família e o investimento, essa empresa vai falir.* — Ela deu risada. — *Vocês sabem o quanto há anos, essa empresa anda mal das pernas e quão mentiroso foram os gráficos que apresentaram naquele maldito jantar. Vocês sabem que precisam de mim e eu preciso me casar com o Fernando, eu o amo, mesmo quando terminamos eu nunca deixei de amá-lo e nosso casamento vai ser um bom negócio para todos. Os outros sócios também o querem.*

— *Menos para o Fernando.* — Era a voz da minha avó que parecia ter chegado naquele momento. — *Não acredito que vocês armaram isso tudo! E você Seiji? Você está realmente doente?* — Minha avó não sabia. Graças a Deus, menos uma decepção.

Meu avô não respondeu, mas acreditava que ele tenha respondido que não pela reação da minha avó a seguir.

— *Vocês são uma vergonha! E você, Lúcia, como mãe dele, era para ser a primeira a recusar essa história toda.*

— *Mas era pela empresa da família. Seu filho me obrigou a apoiar*
— *minha mãe tentou se isentar da culpa.*

— *E você vende seu filho, a felicidade do seu filho, pela empresa da família, por dinheiro? Eu não reconheço vocês! Você, meu filho, eu não conheço você.* — Minha avó parecia enojada.

— Nem eu... — Abri a porta e entrei para que todos me vissem. Minha voz estava calma.

— Fernando! — Fabiana parecia assustada.

— Eu não quero ouvir mais nenhuma palavra de vocês. Eu não vou perder mais tempo da minha vida com vocês. Eu vou atrás do amor da minha vida, que era o que eu já tinha que ter feito há muito tempo. E quanto ao senhor. — Virei-me para meu avô e meus olhos pareciam em chamas de raiva. — Se estiver para morrer, não precisa mandar ninguém me avisar, porque a partir de hoje, eu não tenho mais avô, nem pai, nem mãe. — Fui até minha avó e dei um beijo nela, que chorava. — Obrigado, batian.

Sai feito um louco, correndo em direção ao meu carro e dirigi costurando o trânsito. Eu estava sentindo um misto de raiva da minha família por ter me feito sofrer tanto por nada, por uma mentira, e ao mesmo tempo me sentia aliviado por não precisar me casar com alguém que eu não amava.

Estacionei em frente à casa da Clara, buzinei eufórico e sorrindo. Eu precisava pedi-la em casamento e garantir que a faria feliz para sempre.

Sentia-me doido para pegá-la em meus braços e beijá-la sem culpa, sem que nada ameace nos separar e nada ficasse entre nós.

Desci do carro e quando estava chegando ao portão, Laura apareceu e apertou os lábios em meio a um olhar triste.

— Cadê? Era tudo uma armação. Eu descobri a mentira.

— Fernando...

— Eu sei que Clara está brava comigo e tem razão, mas eu preciso dela. E agora estamos livres para viver nosso amor.

— Ela foi embora. — Laura gritou comigo.

O sorriso sumiu do meu rosto.

— Ela foi embora? Para onde?

— Voltou para cidade dela, com o Jeferson.

— Com o Jeferson? Não acredito! — Joguei os braços para cima e virei de costas para Laura e em seguida chutei o pneu do carro. — Por que fez isso? Por que foi embora com aquele imbecil?

— Clara queria sair daqui para não ver mais você e seu casamento.

— E você deixou? Ele vai bater nela de novo. — Eu estava sentindo a raiva pulsar em mim.

— Eu tentei impedir, mas ela estava decidida. Além do que, ele parece ter mudado, ofereceu emprego e casa para ela.

— Caralho! Me fala onde ela está que eu vou procurá-la.

— Eu não posso, me desculpa, Clara me fez prometer que não contaria. Mas, Fernando, dá um tempo. Eu tenho certeza que ela vai voltar, porque minha amiga te ama muito, tanto que preferiu ser infeliz voltando ao passado, do que te ver com outra. E ela me garantiu que me ligaria todos os dias para me dizer se está tudo bem.

— Porra! Ele vai bater nela. Ele vai, e se ele fizer isso eu vou matá-lo.

— Ele não vai. Ele mudou, vamos acreditar nisso. E além de fugir da dor de te ver com outra, ela também foi por medo de perder a May. Jeferson disse que não queria ficar longe da filha e deu a entender que conseguiria tirá-la da Clara.

— Filho da puta! Ah, eu mato *e/le*.

— Ele tem dinheiro e para ele seria fácil realmente conseguir isso. Clara ficou com medo.

Esfreguei o rosto com as mãos e soltei o ar.

— Ela não deixou eu me despedir da May.

— Elas vão voltar, mas só dá um tempo para Clara pensar. Vamos fazer assim: eu vou contar para Clara que você está livre quando ela me ligar e vou te mantendo informado.

— *Ok*.

— Fernando... Eu torço por vocês — Laura falou colocando a mão no meu ombro.

— Eu sei. Obrigado.

— Vocês dois merecem ser feliz. Vocês três, na verdade, porque você é o pai que a Mayara merece ter. — Engoli em seco.

Eu, com certeza adoraria ser o pai da May.

— Vou indo. Me mantem informado?

— Claro. — Ela me deu um sorriso de compaixão.

Virei-me, entrei no carro e fui para minha casa, mais uma vez pensando:

Que porra de vida complicada do caralho!

Clara

Já fazia duas semanas que estava na minha casa nova e pensando em voltar desde o primeiro minuto que cheguei ali. Descobri no dia seguinte a minha chegada que Fernando estava livre e a doença do avô era uma grande mentira, para manter a empresa bem.

Peguei-me pensando o quanto a vida era injusta ou não era mesmo para ficarmos juntos.

Doeu-me pensar que meu amor estava lá sozinho e eu nem podia abraçá-lo, consolá-lo e dizer a ele que ia ficar tudo bem.

Definitivamente não tinha sorte na vida, quando Fernando estava livre para ficar comigo, eu não estava para ficar com ele.

Até pensei em voltar imediatamente, mas não queria correr o risco de perder minha filha por amor e se eu voltasse, sabia que Jeferson ia tirá-la de mim.

Jeferson mudou, mas já deixou bem claro que sem a filha, ele não ficaria. Então preferia ficar, May sempre em primeiro lugar.

Mesmo que minha escolha estivesse me dilacerando por dentro e que eu fosse dormir toda noite chorando, porque queria estar com meu Fernando e vivendo meus dias de barwoman na Angels.

Laura me ligava todos os dias, perguntava como Mayara estava se saindo na escola nova, se certificava de que eu me encontrava bem e dizia que em breve ia me visitar para ver se realmente estava.

Fernando também me ligou diversas vezes, mas usei todo o meu autocontrole e não atendi, se eu falasse com ele ia desmoronar. Então, como sempre lindo e me fazendo suspirar, ele me mandou mensagens:

*“Se o amor quiser voltar”
Se o amor quiser voltar
Que terei para lhe contar
A tristeza das noites perdidas
Do tempo vivido em silêncio
Qualquer olhar lhe vai dizer
Que o adeus me fez morrer
E eu morri tantas vezes na vida
Mas se ele insistir
Mas se ele voltar
Aqui estou sempre a esperar.”
Vinicius de Moraes*

TE AMO TANTO. VOLTA PRA MIM?

Chorei uma noite inteira depois que li aquela mensagem e todas as vezes que lia, chorava e não conseguia apagá-la.

Pensava que ele devia estar sofrendo tanto e Vinicius conseguiu transmitir a dor.

Todos os dias que seguiram, ele me enviava uma mensagem da qual eu recebia e sofria, mas mesmo sofrendo enchia meu coração e, com isso, sentia que eu ainda não o tinha perdido.

Como combinado, eu trabalhava na fábrica de chocolate do Jeferson e até que estava me saindo bem no cargo de auxiliar de escritório. Ele realmente me respeitava e nos víamos pouco, quase nada.

Eu tinha uma casa e Jeferson ia até lá para ver Mayara, que ainda não queria sair sozinha com o pai e eu meio que freava para que não saísse mesmo, porque sinceramente, ainda que com toda mudança evidente eu não confiava, apesar de me mostrar que mudou e sendo legal, vez ou outra ainda via um lampejo do seu lado obscuro passar por seus olhos, quando lhe dizíamos não.

Tentava me acalmar dizendo a mim mesma que todos nós temos um lado obscuro e ele ainda tinha o dele, mas diferente do passado, ele conseguia controlá-lo.

Jeferson me chamou para sair, várias vezes e deixou bem claro que tem esperança de termos algo novamente. Sempre me dava a certeza que não bebia mais e que estava bem assim, mas eu não queria nada dele além do direito de ficar com minha filha.

Não sofria de amnésia e me lembrava de cada surra que me deu e se ainda estava ali e mantinha qualquer contato com ele, era só por causa da Mayara.

Na empresa fiz amizade com minha chefe e com a Carol, uma moça que exercia o mesmo cargo que eu. Marta, minha chefe, era um amor e me tratava como amiga, conversávamos muito e, às

vezes, tinha a impressão de que a Carol carregava um pouco de ciúme da nossa amizade.

Um dia tive uma leve desconfiança de que Carol tentava me espionar, no entanto, descartei depois que conversamos um pouco e percebi que ela parecia uma boa pessoa, mesmo fazendo muitas perguntas, mas era só curiosa mesmo.

— Clara, quando você terminar aí, vem até minha sala, por favor?

— Claro, só um minuto, Marta.

Minha mesa ficava de frente para mesa da Carol e a porta da sala da Marta ficava entre as nossas mesas. Levantei-me para ir até a sala da minha chefe e lancei um sorriso para Carol.

Coloquei a cabeça porta adentro e dei uma batidinha.

— Oi.

— Entra, preciso de um mega favor, mas preciso que seja discreta. Estou com minha menstruação atrasada há alguns dias e meu marido almoça comigo e vem me buscar depois do trabalho, não vou conseguir ir até a farmácia sem que ele veja. E não quero que meu marido saiba antes que eu tenha certeza. Ele cria muitas expectativas. — Fez uma careta e eu ri. — Você não faria o favor de na hora do seu almoço comprar um teste de gravidez na farmácia para mim?

— Claro, pode deixar que faço isso. — Marta me agradeceu, me deu o dinheiro e voltei para minha mesa.

Assim que me sentei para voltar a trabalhar, as engrenagens na minha cabeça começaram a se mover e as palavras da Marta dizendo que a sua menstruação estava atrasada voltaram para minha mente e imediatamente abri o calendário no computador e comecei a contar.

1, 2,3...

Não!

Não pode ser!

Dez dias. Dez dias atrasada.

Desgraça pouca na minha vida é bobagem.

Contei e recontei o calendário, relembrei a data da minha última menstruação e cada tique-taque do relógio, eu voltava a contar e recontar mentalmente os dias de atraso. Relembrei as tantas vezes que Fernando e eu fizemos amor sem camisinha e a probabilidade só aumentava.

Pensei na minha cartela de anticoncepcional e eu nem lembrava a última vez que eu havia tomado, com a loucura na minha vida, acabei esquecendo.

Não consegui mais me concentrar no que eu estava fazendo. Olhei na direção da mesa da Carol e ela me olhava estranhamente, ria eu retribuía com um sorriso sem graça.

Assim que o relógio marcou meio-dia, peguei minha bolsa e saí como uma doida sentido a farmácia.

Não consegui almoçar, comprei os testes e voltei para o escritório. Passei pela Carol que mais uma vez me observou com

atenção e perguntou se eu tinha almoçado, só respondi que eu não estava me sentindo muito bem e corri para o banheiro.

Antes de fazer o teste fiz uma oração e pedi que desse negativo, não podia dar positivo.

São muitos empecilhos: a família do Fernando não me aceitava, eu não podia voltar para ele, senão perderia a Mayara e eu não podia criar mais um filho sozinha com a bagunça que estava minha vida.

Meu Deus, por favor, que dê negativo.

Respirei fundo e fiz o teste. Esperei o tempo necessário para sair o resultado e foi o minuto mais longo da minha vida.

O primeiro risco vermelho começou a aparecer no primeiro quadradinho validando o teste e em seguida uma segunda listra vermelha começou a aparecer no próximo quadradinho, me fazendo perder um batimento e fechar os olhos em desespero.

Estou esperando um filho do Fernando.

Peguei meu telefone e desesperada liguei para Laura.

— Fala, amiga.

— Eu estou grávida.

— O quê? — Só pelo tom de voz da Laura eu conseguia ver a cara de assustada que ela tinha em seu rosto.

— Eu tô ferrada, amiga. — Comecei a chorar de desespero.

— Espera, fica calma. Quem é o pai?

Fiquei em silêncio por um segundo e respondi:

— Como assim quem é o pai? Claro que é o Fernando, Laura.

— Ai, amiga, me desculpe, mas vai que você se deixou levar pelo rosto bonito do traste do Jeferson.

— Não estou com o Jeferson, só estou aqui por causa da minha filha.

— Então agora você precisa voltar e contar isso para o Fernando.

— Não dá, eu não posso voltar e arriscar perder a May.

Ouvi minha amiga soltar o ar do outro lado da linha.

— E agora? — me perguntou e pude sentir na sua voz que assim como eu ela estava preocupada.

— Não sei.

— O Jeferson já sabe?

— Não, acabei de fazer o teste e você foi a primeira a saber, por enquanto, vai continuar sendo só você.

— Amiga, pensa que coisa mais fofa que vai ser, um mesticinho loiro ou uma mesticinha com um cabelão liso e preto e seus olhos. May iria amar ter um irmão ou uma irmã.

Me permiti amar aquela criança por um momento e sentir por um pequeno instante a alegria que minha filha sentiria com um irmão ou irmã.

Senti-o nos meus braços, amamentando e vivendo as dores e delícias de ser mãe em dobro. Mas como um castelo de cartas a

voz da minha amiga do outro lado do telefone me tirou do meu sonho.

— Você tem que contar para o Fernando.

— Eu vou.

— Estou falando sério, Clara, conta que ele vai te ajudar com essa história toda e vai ficar muito feliz. Vai ficar tudo bem.

— E como ele está? — perguntei por ele, mas não sabia se realmente queria saber.

— Muito triste, sente sua falta. Todos na Angels sentem, mas agora que Gu voltou de vez, quem saiu e quase não vai trabalhar é o Fernando. — Meu peito ficou apertado, mas um barulho do lado de fora da cabine do banheiro, me lembrou que eu não estava sozinha ali, que mais alguém tinha entrado e que eu deveria voltar a trabalhar.

Dei tchau rapidamente para minha amiga e prometi que voltaria a ligar para ela mais tarde.

Assim que saí da minha cabine achei que encontraria a cabine do lado ocupada, mas estava vazia e pensei que o barulho que ouvi foi de alguém saindo e não entrando.

Será que quem estava ali ouviu minha conversa?

Bom, se ouviu espero que não tenha reconhecido minha voz ou também eu podia ter imaginado que alguém entrou e, na verdade, não era ninguém mesmo.

Lavei minhas mãos, me olhei no espelho e pensei mais uma vez que sempre o que estava ruim podia piorar.

Olhei para minha barriga, pousei a mão em cima dela e suspirei fechando os olhos. Um pedacinho do meu Fernando dentro de mim.

Sorri.

Voltei para minha sala, coloquei minha bolsa nas costas da cadeira e bati na porta da sala da Marta para entregar o teste dela.

— Posso entrar?

— Claro. Estava ansiosa pra você chegar. — Pegou a sacolinha da minha mão e correu para o banheiro, enquanto voltei para minha mesa.

Olhei para mesa minha frente e Carol ainda não tinha voltado do almoço. *Estranho*.

Minutos depois Marta voltou cabisbaixa e parecia triste. Olhou-me e só fez que não com a cabeça, aí percebi que ela gostaria de estar grávida.

A vida, às vezes, era tão injusta e nós somos injustos em reclamar.

Clube
Angels

Capítulo 24

Fernando

Eu me sentia um caco, como podia ter passado de um dos Angels da noite, que pegava geral, a um cara apaixonado, que seguia largado no sofá e sofrendo por amor?

Inferno!

Já havia tentado entrar em contato com Clara diversas vezes e ela não me atendia. Já enchi a cabeça da Laura de reclamações para me dizer onde as duas moravam e ela não me dizia.

Eu precisava encontrá-las e trazê-las de volta para mim. Eu podia cuidar delas, eu podia defendê-las e ninguém ia tirar a Mayra da gente.

Uma bosta eu não ter conversado mais com Clara sobre onde morava antes de vir para minha vida. Não tinha nenhuma pista de onde ela se encontrava.

Fazia exatamente vinte dias que não via a mulher que eu amava e já estava entrando em parafuso.

Minha família tentava entrar em contato comigo e eu não queria nem saber deles a não ser da minha batian e da Dri.

Minha irmã foi até minha casa e me fez tomar banho, fazer a barba e comer. Eu estava tão afundado na minha tristeza, que nem me lembrava de fazer os cuidados básicos de saúde e higiene, só bebia.

Liguei algumas vezes durante minhas bebedeiras para os meus pais e para o meu avô e xinguei todos por terem feito com que eu perdesse a mulher da minha vida. Mandeí algumas mensagens desaforadas para Fabiana que nem me respondeu. Vadia mentirosa.

Soube pela Dri, que ela estava muito envergonhada pelo cancelamento do casamento, por toda a fofoca em torno dela, por querer comprar um marido e por conta da vergonha estava pensando em morar no Japão.

Soube também pela Dri, que a empresa estava passando por maus bocados. Os outros sócios entraram em atrito depois que souberam de tudo que aconteceu, já que esse tipo de comportamento não condiz com a ética e a moral da colônia japonesa que eles tanto defendiam.

Rodrigo e Gustavo também foram me ver e me xingaram *pra* porra. Me mandaram virar homem, parar de chorar que nem mulherzinha, correr atrás da Clara e trazê-la de volta para Angels que além de estar desfalcada, porque eu não estava indo e o João foi cuidar da filial no interior, ainda estava sem o show das anjas, que não era mais feito, porque Laura não quis fazer sem a Clara.

Eu me via curtindo minha fossa, ainda jogado no sofá, quando meu celular começou a tocar. Olhei no visor, era a Laura.

— Oi, Laura.

— Oi, Fernando, estou realmente muito preocupada. Tem dois dias que não sei notícias da Clara.

— Como assim? — Já fiquei em alerta.

— Eu falo com ela todos os dias, mas faz tempo que tento ligar no seu celular e ela não me atende. Liguei no escritório para saber notícias e disseram que também não está indo trabalhar. Estou muito preocupada, se você ainda quiser ir atrás dela eu te passo o endereço. Se não, vou ligar para polícia agora mesmo.

— Eu vou! Com certeza eu vou, me passa que pego o primeiro voo.

— Fernando, assim que você chegar lá, preciso que me ligue. Tem mais coisas acontecendo do que você imagina.

— O que está acontecendo, Laura? Me conta. — Fiquei muito preocupado.

— Não posso. Isso é coisa da Clara e é ela quem tem que decidir se conta ou não. Pode ser que nem seja nada esse sumiço e Clara mesma te conte. Mas preciso que me ligue assim que chegar lá e a encontrar. *Ok?*

— Ok.



Eu estava parado em frente à casa em que indicava o endereço que Laura me passou. Segundo ela, era onde May e Clara moravam desde que se mudaram para lá.

Fui em frente ao portão, apertei a campainha incansavelmente, mas ninguém saiu. Então fui até o outro endereço que Laura me passou, que era o da fábrica de chocolate.

Fiquei esperando na portaria e ninguém sabia me dizer sobre Clara, então liguei no telefone do escritório e me passei por cliente da fábrica.

Conversei com uma moça chamada Carolina e disse que estava acostumado a conversar apenas com Clara, mas ela disse que Clara não estava indo, que eu poderia tratar com ela mesma. Inventei uma história maluca e acabei conseguindo arrancar dela o endereço do dono da fábrica, o tal Jeferson.

Fui ao endereço em que a moça me indicou e parei o carro algumas casas antes do número indicado. Andei atento até que encontrei uma mansão cercada de câmeras, das quais eu não consegui me esconder.

Toquei o interfone.

— O que é? — Uma voz masculina atendeu, com um tom grave, como se estivesse bravo e meio enrolada parecendo bêbado.

— Olá, sou amigo da Clara e me disseram que ela estaria aqui. Gostaria de falar com ela.

— Clara está ocupada e não pode falar com você. — Era ele.

— É o Jeferson que está falando, né? Vou te mandar a real, cara, vim aqui para saber se ela está bem e só vou embora se eu tiver certeza de que está. Então acho melhor você pedir para Clara vir falar comigo agora ou vou ter que ir à polícia. — Ficou em silêncio.

— Já vai descer — vociferou e sua voz indicava o quão cuzão ele era.

Aguardei alguns minutos e ouvi o “tec” do portão automático se abrindo e logo Clara apareceu. Ela estava pálida, seus olhos exibiam olheiras e aparentava estar mais magra. Olhei para ver se estava sozinha e sim.

— Oi. — Fui até ela e a abracei. — Como você está? E cadê a Mayara?

— Eu estou bem. — Parecia fria e distante. Me empurrou se livrando do meu abraço e isso me deixou vazio.

— Você tem certeza que está tudo bem?

— Tenho... voltei com o Jeferson.

— Você o quê? — Eu não queria acreditar no que ouvia, não acreditava que ela voltou com ele.

O covarde do ex-marido, batia nela e Clara voltou com ele? Não.

— Voltei com ele, estou feliz e quero que você vá embora. — Lançou-me um sorriso, que mais parecia uma careta naquele rosto bonito.

— Olha, Clara, não sei se Laura te contou, mas eu estou solteiro e resolvi minha história com minha família. Eu estou pronto e livre para ficar com você e com a Mayara. Era tudo armação deles. Você pode voltar comigo e a gente vai ser feliz.

— Não, Fernando — gritou — Eu estou com o Jeferson. Ele mudou e é um pai excelente para minha filha e é aqui que eu vou ficar.

Fiquei olhando para ela sem saber o que dizer. Meu peito subia e descia com a respiração acelerada.

— Por que você não atende as ligações da Laura? — Enfim consegui dizer, sentindo um caroço fechando minha garganta e embargando minha voz.

— Estou ocupada vivendo um momento único na minha vida.

— Que momento? Laura disse que estava acontecendo algo, mas não quis me contar.

— Eu estou grávida — falou de cabeça baixa e disfarçou enxugando uma lágrima. Fiquei em choque, olhei para sua barriga e depois nos seus olhos.

— Me diz... por favor, me diz que esse filho é meu.

Vi-a engolir em seco, balançou a cabeça em negativa e enxugou mais uma lágrima que escorreu por seu rosto.

— Não é. — E isso foi como se ela cravasse uma faca no meu peito. — Reatei com o Jeferson assim que voltei para cá. O filho é dele. — Apertei os lábios segurando as lágrimas, porque era o fim. Eu perdi a mulher que eu amava.

— Clara... — Eu não conseguia pensar em mais nada para dizer, era o fim, mas eu não quero que fosse, eu amava aquela mulher, como nunca amei mulher nenhuma. — Clara, vem comigo, eu assumo esse filho, a May, você, eu assumo todos os riscos, todos os altos e baixos, ninguém

vai tirar seus filhos de você. Só vem comigo... Não me deixa. — Eu estava desesperado. Era como se o chão tivesse sumindo debaixo dos meus pés.

— Não... posso, vai embora, Fernando, eu tenho que entrar. — Virou-se de costa para mim e estava entrando quando segurei a sua mão.

— Não faz isso com a gente, não termina comigo assim. Eu estou te implorando, Clara. Eu amo você e minha vida está sendo um inferno. Volta *pra* mim? — Eu chorava. Nunca chorei assim antes dela, nunca senti aquela dor.

— Não vou voltar, porque você não cumpre suas promessas e sempre nos abandona. — Ela se virou, abriu o portão para entrar, mas quando foi fechar, olhei para o antebraço dela e vi ali um roxo enorme.

Tentei dizer algo, mas quando fui falar, ela fechou o portão e sumiu atrás dele.

Meu peito explodia de raiva.

Não podia ter visto certo, deve ter sido uma sombra e só isso, ele não podia estar batendo nela de novo.

Entrei no carro e fiquei olhando para aquela casa tentando imaginar o que acontecia ali dentro.

Repensei as conversas que tive com Clara e ela não voltaria com Jeferson. Tinha certeza que não voltaria.

“Eu reatei com o Jeferson assim que eu voltei para cá. O filho é dele.”

Sua fala dizendo que esperava um filho dele martelava na minha cabeça e me doía, além de eu não conseguir acreditar.

Peguei o celular e liguei para Laura:

— E, aí? — Atendeu no primeiro toque.

— Tô aqui parado perto da casa dele e acabei de falar com ela. Clara está esperando um filho dele e não quer mais saber de mim, Laura.

— Não! Está tudo errado. Ele deve estar a obrigando a dizer isso, Fernando, você precisa salvá-la.

— Mas estávamos sozinhos e ela me disse que não me queria mais...

— Ela estava coagida. Ele deve estar a ameaçando.

— Filho da puta! As câmeras... tinham diversas câmeras no portão, ele devia estar nos vendo e ouvindo, além de que a Mayara estava com ele. Por que não pedi que May descesse também? — Soquei o volante.

— Calma, você precisa chamar a polícia.

— Laura... Acho que vi um hematoma no braço dela.

— Ai, meu Deus.

— E parando para pensar no que ela me disse... falou que estava acabado, porque não cumpro minhas promessas e sempre me agradeceu pelo contrário. Estava me mandou uma mensagem para não deixá-la.

— Caralho, Fernando! Você precisa chamar a polícia.

— Eu vou e vou matar esse filho da puta.

— Por favor, me mantenha informada.

Desliguei o telefone e estava descendo do carro para ir novamente até lá, quando vi o portão se abrindo e um carro preto entrando na garagem com uma mulher no volante.

Voltei correndo para o meu carro e fiquei observando, pouco tempo depois o mesmo carro deu ré saindo do portão e eu liguei meu pronto para segui-lo. Não sabia quem estava dentro, se eu devia ficar ou ir, mas minha intuição me mandava seguir e era o que eu ia fazer.

Clara

— Não! Sai de perto dela. — Corri para onde Mayara estava encolhida, com medo do pai bêbado que a ameaçava, e a abracei. — Fiz o que você me pediu, eu o mandei embora, agora fica longe da minha filha — gritei e Jeferson saiu sorrindo vitorioso do quarto em que estávamos presas.

Desde o dia que eu descobri a gravidez e ele também descobriu, sabe-se lá como, nos mantinha ali.

Naquele dia, ele me chamou para tomar um café depois do expediente e eu recusei, porque não queria nenhum contato que não fosse profissional ou que não fosse relacionado a Mayara, mas quando eu estava saindo do trabalho com Carol, que me chamou para ir com ela até a farmácia, senti alguém me pegando por trás, colocando algo no meu nariz e em seguida desmaiei.

Quando acordei eu estava ali, na minha antiga casa, mas que agora estava cercada de câmeras por todos os lados, com meu ex-marido armado nos ameaçando e minha filha agarrada a mim com olhar assustado.

Tentei fugir, mas me rendeu uma surra e muito choro da Mayara pedindo para que ele parasse, então desisti na esperança que Laura sentisse minha falta e me salvasse.

Ele nos dava comida, mas eu não conseguia comer, apesar de forçar para deixar minha filha calma. Tentava sorrir para ela e inventava brincadeiras que parecia gostar só para me acalmar, mas,

na verdade, eu sabia que minha pequena estava mesmo era em estado de choque.

Via seus olhos parados e assustados e aquilo acabava comigo.

Pensei em um jeito de matar aquele maldito homem, mas nada naquele quarto servia de arma, além de não querer que minha filha carregasse aquela lembrança com ela.

Não acreditava que acontecia de novo, não acreditava que minha filha estivesse de novo passando por aquilo.

— Mãe, o tio Nando vai nos salvar? — Mayara falou baixinho.

— Filha, ele vai. Sim, ele vai. — A puxei para mais perto de mim apertando-a em um abraço e tentando convencer a mim mesma que ele tinha entendido a mensagem que passei.

Ele sempre cumpriu com suas promessas.

Quando descii para falar com Fernando, Jeferson disse que qualquer gracinha que eu fizesse, ele atiraria na cabeça da Mayara sem pensar duas vezes, então tentei ser o mais convincente possível, para manter minha filha a salvo.

Me doeu dizer que o filho que eu esperava não era dele, mas Jeferson me forçou e precisava manter minha filha segura.

Não podia fazer qualquer sinal a mais que fosse, era a vida da Mayara que estava em risco, mas ainda assim tentei um jeito deixar alguma pista. Pensei que ele era inteligente e ia entender. Ele

tinha que entender. Ele nunca desistiu de nós e não ia desistir naquele momento.

— Levantem, vamos sair. — Jeferson entrou gritando com uma voz bêbada e uma arma em punho. Fiquei paralisada e May me agarrou ainda mais. — Vocês estão surdas? Eu disse levanta! — Andou até mim, me pegou pelo cabelo me levantando e fazendo minha filha me soltar e chorar.

— Tudo bem, tudo bem. Estamos indo — falei levantando uma das mãos em rendição e pegando Mayara com a outra, a trazendo para junto de mim, mas tive que soltá-la quando ele me pegou pelo braço e me jogou no chão com força.

Caí, porém, mais que imediatamente engoli minha dor e me arrastei com pressa, levantando-me até onde minha filha chorava, peguei sua mãozinha que tremia muito, a passei para minha frente para que se algo acontecesse que fosse comigo e saímos do quarto com Jeferson atrás de nós, nos xingando.

Quando saímos para fora da casa, que era toda fechada, percebi que à noite já estava caindo e um carro ligado com alguém sentado no banco do passageiro encontrava-se nos esperando.

Entramos no banco de trás e quando olhei para ver quem estava no banco da frente, logo percebi que era Carol, minha colega de trabalho.

Fiquei boquiaberta, ela virou-se para trás com um olhar cheio de raiva no rosto.

— Agora você não é a queridinha de ninguém aqui, Clara — disse e abriu um sorriso assustador. Não respondi e só continuei

olhando para ela sem entender. — Você chegou depois de mim no escritório, se achando a ex-mulher do chefão e todos logo gostaram de você, enquanto eu não passei da puta que ele comia de vez em quando. Mas eu nunca perco, ainda mais para uma sem sal gorda como você. Assim que te ouvi no banheiro, é claro que contei para ele, que a ex-mulherzinha puta dele, estava grávida de outro.

— Carol... — tentei dizer, mas ela continuou:

— Sabe, ele ficou muito louco e me comeu em cima da mesa do escritório, enquanto bebia toda uma garrafa de whisky. Foi muito quente e eu gostei muito. E aí depois planejou tudo o que faria com você. Bom, você sabe que com o álcool ele muda, né? — Sorria enquanto me contava aquela história baixa e eu olhei para minha filha, que também ouvia tudo, e a apertei como se isso a mostrasse que estava tudo bem.

— Eu sempre te tratei bem e nunca...

— Cala a sua boca! — gritou comigo e me encolhi.

Jeferson entrou no carro e deu a arma para Carol que apontava para nós ainda com seu sorriso maquiavélico no rosto.

Mais uma vez apertei minha filha nos meus braços e rezei.

O carro saiu portão afora e andou por muito tempo até chegarmos à uma outra casa, que parecia ficar no meio do nada e era rodeada por uma plantação alta que parecia ser de milho.

A noite já tinha caído, um calafrio subiu por meu corpo e um sentimento estranho de que algo ruim estava prestes a acontecer, tomou conta do meu coração.

No momento em que o carro parou em frente à casa, Carol desceu para abrir o portão e levou com ela a arma.

Mayara me olhou como se quisesse dizer alguma coisa e eu balancei a cabeça em negativa para qualquer que fosse a ideia que minha pequena estava tendo, mas já era tarde.

Como as portas do carro estavam destravadas por conta que Carol tinha descido, Mayara em fração de segundos desceu também e começou a correr no sentido que havíamos chegado e eu quando percebi o que ela havia feito, fiz o mesmo até uma mão tomar meu cabelo e o puxar, me fazendo cair para trás e gritar de dor.

No entanto, reuni minhas forças e gritei o mais alto que pude, incentivando minha filha a se salvar:

— Não para, filha, corre e pede ajuda. — Fui calada com um tapa que sangrou minha boca.

— Pega aquela pirralha, Carol — Jeferson gritou para a comparsa que deu dois tiros na direção da Mayara, mas ela já tinha sumido na escuridão.

— Nãooooo! Me matem, mas deixem *e/a*, não machuquem minha filha — implorei desesperada.

Carol me deu um tapa na cara e o gosto de sangue encheu minha boca.

— Cala a boca, sua piranha! — Pegou-me pelo cabelo e o puxou para trás, fazendo-me encará-la. — Eu mesma vou matar aquela pirralha quando a pegar e vai ser na sua frente. — Riu.

Eu estava chorando e daria minha vida para que minha filha estivesse em segurança.

Fechei meus olhos e pedi a Deus que enviasse um anjo para protegê-la e que ela conseguisse se salvar.

Abri meus olhos e fui tirada dos meus segundos de oração por mais um tapa da Carol e um puxão de cabelo do Jeferson que me ergueu de pé e depois me arrastou portão adentro.

— Vai, Carol, com o carro atrás da Mayara e traz a menina, se precisar pode fazer daquele seu jeitinho carinhoso. — Ela sorriu em resposta.

— Por favor, não a machuque — gritei chorando. — Mayara é sua filha, Jeferson, não faz isso.

— Será mesmo que ela é minha filha, biscate de merda? E cala sua boca sua puta desgraçada e anda, preciso deixar você pura para mim de novo.

Carol entrou no carro e saiu em disparada para procurar Mayara, enquanto eu era arrastada para dentro da casa.

Entrei em uma sala que mal tinha móveis, o chão era de um piso de madeira velha e estava todo sujo e descascado. Um sofá velho encontrava-se acomodado no canto, as janelas estavam fechadas com madeiras e um cheiro forte de mofo e podre pairava no ar.

A porta de um quarto dava de frente para sala e estava aberta, lá eu vi uma maca de ginecologista e alguns instrumentos como: tesoura, seringas e um que parecia um alicate grande. Aquilo me deu calafrios.

— Tá vendo aquilo, meu amor? — Jeferson sussurrou no meu ouvido puxando minha cabeça para trás e o seu cheiro característico de álcool e cigarro tomou meu nariz, me lembrei de tantos momentos ruins que o senti e me assombravam. — É *pra* te deixar pura para mim de novo e tirar o invasor do seu corpo.

E foi aí que entendi.

Não... não, meu Deus, não permita.

Eles queriam tirar meu filho. Meu coração batia a mil.

Não era possível que ele fosse tão monstro assim. Em minha memória, muitas das surras que recebi passaram pela minha cabeça e sim, ele era um monstro.

Como pude acreditar na mudança de um monstro?

Eu precisava sair dali e olhava em todas as direções procurando uma saída sem encontrar nenhuma. Olhei em volta em busca de algo que eu pudesse usar como arma, mas não encontrei nada de fácil acesso.

Rezava incansavelmente pedindo por meus filhos e Mayara invadiu meus pensamentos lembrando-me que ela estava lá fora em algum lugar no meio daquele milharal.

Minha Mayara... Deus, proteja minha Mayara.

Clube
Angels

Capítulo 25

Fernando

Dirigi com cautela atrás do carro e do caminho liguei para polícia informando que eu estava seguindo um veículo que tinha duas pessoas sequestradas.

Briguei com o atendente que pediu para eu passar a placa do carro, indicar o caminho que estava tomando e ficar em segurança.

Ficar em segurança é o cacete!

Segui sem medo atrás daquele carro e precisava ver se minhas meninas estavam nele.

Tomando cuidado para não ser visto dirigi entre o trânsito e não me afastei, para não me perder.

Pensei por diversas vezes, que deveria voltar e tentar entrar na casa, mas algo me puxava para aquele carro e me dizia que deveria segui-lo, que lá estavam minhas meninas.

Percebi que o veículo pegou um caminho para uma área rural e quando entramos em uma estrada de terra, me aproximei e entrei em uma rua qualquer para despistar e não deixar que o motorista me visse e percebesse que eu o estava seguindo.

Com rapidez, fiz o retorno, apaguei os faróis e voltei para estrada de terra principal, até enxergar ao longe as luzes da lanterna de novo e me mantive a uma distância segura.

Vi que se aproximava de uma casa e diminui a velocidade, então estacionei atrás de uma grande árvore e me mantive ali controlando minha respiração.

Fiquei à espreita do que aconteceria, mas como estava estacionado longe, não consegui ver muito bem.

Decidi descer do carro e tentei chegar mais perto, me escondendo por entre o milharal, mas ainda assim, fiquei longe e não conseguia ver tudo com clareza.

Em um determinado momento houve uma movimentação maior entre eles e ao forçar a visão vi que Mayara vinha correndo em minha direção.

Era ela, minha pequena corria com os olhos arregalados e com o cabelo ao vento. Clara gritou, tiros foram disparados e eu não sabia o que fazer.

Meu coração acelerou, saí de onde estava e corri abaixado, para alcançar Mayara que corria pela rua sem direção. Precisava alcançá-la e pegá-la antes que eles decidissem ir atrás dela.

Assim que a alcancei, a peguei no colo, continuando a correr e ela se debateu dando um pequeno grito.

— Sou eu, pequena. O tio Nando. Fica quietinha — falei baixinho, ela me olhou e me abraçou apertado.

A menina tremia muito e me agarrou tão forte, como se eu fosse sua tábua de salvação.

Segui em direção ao carro que eu havia alugado e a coloquei no banco de trás, assumi o volante rapidamente e sem acender os faróis o coloquei no meio do milharal onde quem passava na rua não conseguiria enxergá-lo.

— May, minha princesa, agora eu preciso que você seja forte e guerreira como a princesa Valente, tudo bem? — Balançou a cabeça positivamente, mas os olhinhos continuavam vidrados e apavorados. — Preciso que me diga quantas pessoas estão lá com sua mãe.

— Tem o meu... o monstro — contou com a voz trêmula — e uma moça que também é má. Tio Nando, salva minha mãe, ele bate nela toda hora e ameaça a gente com a arma.

— Eu vou salvar, princesa. — Nesse momento o carro que eu vinha seguindo passou na rua a nossa frente em alta velocidade. — Olha eu sei que você está com medo, mas como eu te disse, preciso que você seja muito valente e fique aqui quietinha enquanto vou buscar sua mãe. Você pode ficar aqui?

Ela balançou a cabeça em positivo e tive que reunir toda minha coragem para deixá-la lá, sozinha e desprotegida, mas eu precisava buscar a Clara.

— Você não sai daqui. Jura que não vai sair daqui enquanto eu não voltar?

— Juro.

— Fica abaixada no assoalho do carro e não mexe em nada. É só ficar quietinha, porque aqui ninguém vai te ver.

Assentiu como se sentisse um pouco de coragem voltar.

— Você vai salvar a mamãe? — Parecia tão corajosa para apenas cinco aninhos.

— Vou salvar. — Dei um beijo na sua testa e fechei a porta com calma para não fazer barulho.

Camuflei ainda mais o carro com folhagens de milho que tinha por ali e por ser preto ficou completamente invisível na escuridão.

Andei por entre o milharal até chegar em frente ao portão de madeira da casa em que o carro havia parado antes. Observei tudo ali, tentei ouvir algum barulho e pensar em um plano.

Quando estava criando coragem para atravessar, vi os faróis de um carro se aproximando e esperei alguns minutos para sair do milharal.

Percebi que era o que estava caçando a Mayara e dessa vez passou bem devagar por onde eu tinha escondido o meu e meu coração disparou, o ar sumiu dos meus pulmões e observei pensando repetidas vezes.

Que não encontre o carro... Que não encontre o carro...

Fechei meus olhos e com a respiração acelerada esperei até que quando voltei a abri-los o veículo passou direto e continuou andando em direção a casa. Voltei a respirar com calma.

Quando se aproximou de onde eu estava, passou pelo portão e parou lá dentro. Uma mulher saltou do banco do motorista com uma arma em punho, bateu a porta do carro com força, se dirigiu para porta da frente da casa e entrou.

No momento que vi que não tinha ninguém ali criei coragem e saí de onde eu estava, andando abaixado em direção a casa e tomando cuidado para não ser visto.

Depressa cheguei bem próximo e tentei ver algo dentro da casa, mas não consegui ver nada, apenas ouvi gritos e mais gritos, Jeferson batia na mulher que tinha acabado de chegar e gritava por ela não ter conseguido encontrar a May.

Aproximei-me e fiquei ao lado da janela onde eles estavam.

— *Deixa essa peste pra lá, ela vai ser comida por algum bicho ou vai achar alguém pior que a gente por essas ruas escuras. Soube que tem muita cobra nesse milharal.*

Ouvi o choro da Clara e em seguida o barulho de um tapa. Fechei meus olhos e contive minha respiração, a vontade era entrar e acabar com tudo ali.

Procurei em volta por algo que pudesse servir de arma e achei um pedaço de pau. Pensei que eles estavam armados, eu precisaria de um plano ou eu levaria a pior.

— *Anda, sua vaca, imbecil, vamos acabar logo com isso.* — Consegui ver pela fresta da janela que arrastavam Clara para o quarto e ela se debatia incansavelmente.

Gritava para que eles não fizessem o que quer que fosse que pensavam em fazer.

Corri para outra janela a fim de conseguir ver para onde estavam levando-a e tentar montar um plano.

— *Pare de se debater ou vou cortar a sua perna fora.* — A mulher gritou para Clara.

Ouvi mais barulho de tapa e Jeferson dava ordens para mulher com ele.

— *Carol, vai até o carro e busca o equipamento para amarrar essa piranha, até o anestésico fazer efeito.*

Anestésico? O que eles vão fazer com minha Clara?

Mas não vão mesmo!

Fui em direção à porta da frente novamente e me escondi atrás de uma árvore. Vi a mulher saindo e quando ela se aproximou, bati com o pedaço de pau, com toda força na cabeça dela, que com o impacto desmaiou.

Fui em direção à entrada da casa, com cautela, mas andando rapidamente. Entrei na sala e logo ouvi a voz do desgraçado.

— *Você não devia ter feito isso sua puta, agora vai ter que aguentar.*

Apareci na porta e ele estava falando perto do rosto dela, não contive a raiva e não consegui pensar em um plano. Parti para cima dele para acertá-lo com o pedaço de pau.

Com meu movimento brusco ele me notou e antes que conseguisse pegar a arma que estava no cós da sua calça eu o acertei de raspão.

Se desequilibrou e cambaleou até a outra extremidade do quarto, tentou pegar a arma novamente, mas com a rapidez do seu movimento, ela acabou escorregando e caiu no chão.

Dei a volta na maca e ia matá-lo a paulada, mas o maldito se esquivou e tentava de todo jeito pegar a arma para tirar em mim.

— Clara, foge! — gritei, mas vi que ela tentava soltar o punho amarrado à cama.

Enquanto eu olhava para ela, Jeferson deu a volta na maca e estava quase pegando a arma quando me joguei sobre ele e começamos a trocar socos.

Ele esticava a mão para tentar pegar a arma e eu socava a cara dele incansavelmente, mas o maldito não deixava por menos e revidava me acertado também e lutávamos sem parar.

Foi que o fim começou a se desenhar.

Olhei para porta e a tal mulher voltou ainda meio grogue, com o rosto ensanguentado e ia em minha direção, mas um tiro soou pelo quarto e nos viramos na direção de onde vinha.

Clara tinha se soltado e segurava a arma apontada para mulher, que a encarava com olhar assassino.

Como não sabia atirar, tremia e estava desnorteada, por isso errou o tiro, que atingiu a caixa de energia na parede e a mulher quando viu que não tinha sido ferida, partiu para cima da Clara.

Para não deixar que ela chegasse perto da mulher que eu amava, puxei-a pelo pé e a fiz cair. Na queda derrubou os utensílios e a bandeja, fazendo um barulho alto de metal caindo ecoar pelo quarto.

Levantei-me rapidamente e antes que eu pudesse pensar, peguei a arma da mão da Clara e pousei-me na sua frente, a protegendo do que pudesse acontecer.

Atrás de mim a senti tremer e parecia em choque olhando para as duas pessoas no chão.

De trás da maca, de onde só conseguíamos enxergar seus pés, saímos devagar e apontando a arma para os dois. Seguimos lentamente esperando que ambos fossem nos atacar, mas quando os vi por inteiro o cenário era outro.

Com a queda a mulher derrubou a mesa que tinha vários aparelhos cirúrgicos e uma seringa acertou seu pescoço, fazendo com que ela apagassem no mesmo momento, já Jeferson foi atingido por uma tesoura que voou e o acertou na barriga.

O sangue jorrava e encharcava a camisa onde a tesoura estava presa, ele tinha os olhos vidrados e não conseguia saber se estava vivo ou morto.

— A Mayara... precisamos achá-la — Clara falou tirando minha atenção dos dois.

Seus olhos transmitiam muito desespero.

— Vamos até ela, eu a deixei segura. — Peguei Clara pela mão, ainda a protegendo com meu corpo para dirigirmos a porta, mas ela me olhou em desespero e depois olhou novamente para as duas pessoas caídas no chão.

Mesmo ambos sendo seres desprezíveis nós não conseguiríamos sair dali e deixá-los morrer e vi no olhar da Clara que pensava como eu.

— Não somos como eles — falou.

— Por favor, me ajudem! — Jeferson reagiu e disse com uma voz falha repleta de dor.

— Não vou viver em paz se os deixarmos aqui — Clara chorava e como sempre ela era boa demais. — Não cabe a nós julgá-los.

Assenti.

— Tudo bem.

Entretanto, no momento em que fui tentar ajudá-lo, a caixa de energia que foi atingida pelo tiro começou a entrar em curto e a pegar fogo, no segundo seguinte se espalhou pela cortina velha e pelas madeiras secas que fechavam a janela.

Tudo muito rápido.

Não pensei duas vezes peguei Clara no colo e a tirei dali. A casa era muito velha, de madeira e tudo queimaria muito rápido. Não tínhamos tempo. E eu não ia colocar as nossas vidas em risco por eles.

Saí correndo da casa com o barulho do fogo tomando conta da madeira e os gritos do Jeferson pedindo ajuda sendo abafados pelos estalos do piso que era corrompido pelo fogo.

Foi o tempo de chegarmos fora da casa e ouvirmos as sirenes, dos carros de polícia que se aproximavam.

Saí portão afora levando Clara o mais longe possível de tudo aquilo e quando olhei para casa novamente o fogo já tomava conta de tudo.

— A Mayara... preciso ver minha filha, Fernando, por favor, cadê minha filha?

Coloquei-a no chão e a peguei pela mão, levando-a até onde o carro estava camuflado.

Rezei para que minha pequena princesa, ainda estivesse segura ali e quando abri a porta de trás do carro, lá estava ela, encolhida no banco, abraçando os joelhos.

— Mamãe! — gritou e saltou para cima da mãe, a abraçando com força. Ambas choravam e eu também.

— Acabou, filha. Estamos salvas. Acabou.

A menina soltou da mãe e pulou no meu colo.

— Obrigada, tio Nando, você é nosso herói. Obrigada por nos salvar — falava soluçando, com voz trêmula e chorando muito.

Estamos salvos, sim estamos salvos!

Um comboio de carros de polícia e ambulância passou a toda velocidade e seguiu em direção a casa, que mesmo de onde estávamos, a metros de distância víamos o clarão do fogo a corrompendo.

Só depois que tudo passou e a adrenalina começava a deixar meu corpo que senti o medo de ter dado tudo errado. Eu podia tê-las perdido.

— Fernando...

Olhei para Clara, ela estava com a mão cheia de sangue e as pernas ensanguentadas.

— Acho que tô perdendo o bebê. — Tinha os olhos arregalados. — Tô perdendo o bebê, Fernando. — E em seguida desmaiou.

O desespero tomou conta de mim e quando olhei para Mayara vi que o desespero tomava conta dela também.

— Não se preocupe, pequena, vai ficar tudo bem. Entra no carro.

Peguei Clara no colo e dei a volta no carro acomodando-a no banco do passageiro.

Dei partida e fui em alta velocidade em direção à casa. Lembrei-me da ambulância que tinha acabado de chegar e podia nos ajudar. Vi o brilho das luzes dos giroflex iluminando a escuridão.

Desci rapidamente e corri em desespero em direção a ambulância.

— Pelo amor de Deus, minha namorada está perdendo o bebê. Está sangrando no carro. Alguém me ajuda.

O socorrista me ajudou imediatamente, pegou Clara no carro e a colocou na ambulância já verificando os sinais vitais e a examinando. Disse que precisava levá-la para o hospital, assenti e estava indo junto na ambulância de mão dada com a May, quando o policial me chamou e disse que precisava conversar comigo.

— Eu não posso. Eu preciso acompanhá-la ao hospital.

— Ela está em boas mãos, mas não posso deixar você sair daqui por enquanto. Preciso te fazer algumas perguntas e já te libero para ficar junto dela.

Desci revoltado da ambulância e a porta se fechou levando minha Clara mais uma vez para longe de mim. Eu estava desesperado e preocupado, mas tentei me manter aparentemente calmo, para que aquela pequena, com olhar assustado e de mãos dadas comigo, ficasse o mais calma possível.

— Preciso que o senhor me conte o que aconteceu aqui.

Contei detalhadamente tudo que vivemos e enquanto eu contava, May ouvia e dizia algo que aconteceu na outra casa em que estavam presas.

Ouvi-la contar o sofrimento que passou, doía meu coração e me fazia pensar o porquê eu não matei aquele filho da puta, mas quando terminei meu pensamento, olhei em direção a casa e vi dois sacos pretos, em cima de uma prancha, sendo colocados no carro do IML.

Entendi que não precisei fazer, eles mesmos tinham determinado o final de suas vidas.

— Bom, por enquanto está liberado, mas vamos entrar em contato com você e sua namorada, para pegar alguns depoimentos, para o fechamento do caso. E até que possamos concluir o que realmente aconteceu aqui, vamos precisar de vocês por perto.

Assenti e mal consegui prestar atenção no que ele falava, quando nos liberou, segui para o carro e o meu pensamento estava na Clara.

Coloquei May no banco de trás, me certifiquei de que ela sentia-se bem e segui para o hospital que o socorrista disse que a levaria.

Assim que chegamos lá, fomos direcionados a sala de espera e nos disseram que ela era examinada pelo ginecologista.

Sentei-me com Mayara ao meu lado e fiquei em silêncio tentando fazer uma oração e pedindo pela Clara e o bebê que carregava. O bebê que é tão inocente e de nada tem culpa de ter um pai tão traste quanto o Jeferson, que Deus me perdoe, mas já foi tarde e se Clara me quiser de volta, esse bebê será meu.

— Tio Nando?

— Oi, meu amor. — Fui tirado dos meus pensamentos por uma vozinha tão calma.

— Eu vou ter um irmãozinho? — Olhando para ela sem saber o que responder e continuou: — Sei que mamãe tentou me contar algo, mas toda vez que estávamos falando baixinho, o monstro não deixava. E eu sei que tem um bebê na barriga da mamãe, porque eu ouvi algumas coisas que ele dizia.

— E o que você ouviu? — Sorri para ganhar tempo e descobrir até onde ela sabia.

— O monstro dizia que ia matar aquele filho que não era dele.

Meu coração disparou.

— Ele dizia que o bebê não era dele?

— Sim. Ele dizia que a mamãe era ... não posso falar o que ele falava porque é nome feio. — Eu ri, mesmo sentindo meu coração disparado. — E que ela tinha feito esse filho com você e ele ia tirar o bebê dela para deixá-la pura.

— Você tem certeza disso? Ele disse isso? Que sua mamãe fez filho comigo?

— Sim, ele dizia que o filho era do japonês de olho rasgado.

Levantei-me, passei a mão pelos cabelos e não sabia se ria ou se chorava. Tudo fazia sentido. Então o filho era mesmo meu. Eu ia ser pai... O filho era meu... Meu... Não era daquele filho da puta dos infernos.

Sentei-me e fechei os olhos com as mãos e comecei a chorar.

— Tio Nando, me desculpa eu não queria te fazer chorar.

Levantei a cabeça de imediato.

— Você me fez chorar de alegria, minha pequena. Você me deu a notícia mais linda da minha vida. E se Deus é bom, você vai ter sim, um irmãozinho ou uma irmãzinha. A mamãe não vai perder o bebê que está na barriga dela.

— Não, ela não vai mesmo, tio Nando.

Peguei-a no colo e a abracei com força.

— Nós vamos ficar bem, May, e vamos ser uma família muito feliz. Vamos sim.

Deus, não permita que Clara perca nosso bebê. Não permita.

Clara

Acordei do desmaio e estava em uma ambulância, indo para o hospital.

— Cadê minha filha e o Fernando? — perguntei tentando me levantar.

— Eles estão bem, já vão te encontrar. — O socorrista colocou a mão no meu braço e me empurrou com delicadeza para eu voltar a me deitar.

Assenti e coloquei a mão na barriga. Uma lágrima escorreu pelo canto dos meus olhos.

Eu já amava meu bebê, amava tanto meu filho ou filha.

Aguenta firme, você é guerreiro, forte, igual a sua irmã, e vai sair a salvo dessa.

Pensei como se falasse com o serzinho que crescia dentro de mim.

Chegamos ao hospital após alguns minutos e encontrava-se lotado, fui levada para sala do ginecologista que me examinou sem muita atenção.

Eu estava sem dor, mas sangrava muito.

— Olha, provavelmente você perdeu seu bebê, vou tentar ouvir o coração, mas pela quantidade de sangue, você teve um aborto espontâneo. Vamos ter que fazer uma curetagem — O médico parecia entediado e sem vontade de me atender. Coloquei meu braço sobre o rosto e comecei a chorar.

Jeferson conseguiu acabar com isso também.

O ginecologista saiu da sala e me deixou sozinha sentindo a perda do meu bebê.

Se eu podia tirar algo bom daquilo tudo, era que o Fernando nem sequer soube que o filho era dele, então não ia sofrer como eu.

— Moça. — Uma enfermeira com um sorriso calmo no rosto, tocou meu braço e falou baixo: — Não deixem fazer a curetagem em você sem antes fazer uma ultrassonografia para ouvir o batimento do bebê e ter toda a certeza de que você realmente o perdeu. Você está sem dor, não é? — Assenti. — Viu, isso é um bom sinal. — Ela piscou para mim e aquela mulher mais parecia um anjo que apareceu para me acalmar.

Concordei, senti-me confiante e dei um sorriso sem jeito.

— Já vi muita mãezinha chegar pior que você aqui e sair com o bebê forte e saudável no colo depois de um tempo. Os médicos, às vezes, estão tão cansados dessa lotação na saúde pública, que não agem com o coração e fazem tudo no piloto automático. Tenho certeza que seu bebê é guerreiro e está bem. — Comecei a chorar novamente.

— Obrigada — consegui agradecer com a voz embargada, ela sorriu e saiu da sala.

Olhei para porta por onde aquela mulher com uma paz de espírito tão grande passou e no mesmo instante vi Fernando e May entrando no quarto e comecei a chorar de soluçar.

— Fica calma. Já passou, estamos bem.

— Fernando... Não sei se estamos bem.

— Vamos ficar.

— Vamos ficar, mamãe.

Segurei o choro e tentei sorrir para minha filha.

— Eu vou criar nosso filho. Eu sei que esse bebê é meu, eu sempre soube, Clara. — Olhei para ele sem entender como ele tinha certeza, depois para May que segurava minha mão e sorria. Foi aí que comecei a chorar ainda mais.

Não queria que ele sofresse como eu, se perdesse nosso filho. Fernando me olhava preocupado e eu não conseguia parar de chorar.

— Você está sentindo dor? Fala comigo, Clara. Eu vou chamar o médico. — Virou-se para sair, mas eu segurei sua mão.

— O médico disse que eu tenho que esperar, mas que provavelmente eu tive um aborto espontâneo — falei entre soluços e Fernando engoliu em seco, claramente segurando-se para não chorar também.

Abaixou bem próximo de mim, segurou meu rosto entre as mãos e falou com o maxilar tensionado:

— Você não vai perder nosso filho, entendeu? Não vai! Vem, May. — Saiu pela porta bravo, de mãos dadas com minha filha e quando voltou estava com o médico.

— Eu não consigo fazer o ultrassom dela hoje. Só consigo pela manhã. — O médico parecia irritado e sem paciência.

— Então você vai agilizar a transferência dela agora, para o melhor hospital obstétrico da região. Agora. — Fernando falava com muita irritação. — Eu não vou esperar até amanhã para salvar meu filho. — O médico saiu pisando duro, enquanto Fernando ligava para alguém do celular. Exibia-se nitidamente nervoso.

— Mamãe, eu vou ter um irmãozinho? — Uma pessoinha com olhinhos brilhando do meu lado me perguntou.

— Filha... Talvez o bebê... Não tenha aguentado e voltou a ser anjinho.

— Não, mamãe, eu sei que ele é forte como você e ele está bem. Eu vou ter um irmãozinho.

— Ou irmãzinha. — Tentei sorrir e passar tranquilidade para ela, mas sinceramente eu esperava pelo pior, já que como sempre na minha vida, eu perdia tudo e as coisas ruins aconteciam.

— Nós não vamos perdê-los, mamãe.

— Perdê-los?

— Sim, podem ser dois irmãozinhos na sua barriga. — Eu ri com vontade pela primeira vez em semanas.

— Acho que não, filha.

Mayara ficou conversando comigo por mais alguns minutos sobre como seria a melhor irmã mais velha que já existiu e eu tentava não pensar na decepção que seria para ela, se eu perdesse o bebê.

Chorei diversas vezes enquanto ela falava de como seria o quarto dos irmãos. Sim, irmãos, cismou que seriam dois, porque a

princesa Merida do filme Valente tinha dois irmãos.

Eu tentava não incentivar, porque eu podia ter perdido, mas também não queria tirar dela a alegria e aí então, eu dizia que eu chorava de felicidade, mas mesmo sem querer a interrompia, às vezes, dizendo que podia ser que ela não ganhe os irmãos naquele momento.

— Mamãe, não chora, ele não vai mais nos pegar. Ele morreu, eu vi. E temos o tio Nando, que sempre vai nos proteger.

Assenti e não consegui responder, pensei o quanto de trauma aquilo tudo teria na vida da minha filha.

Um tempo depois, Nando entrou no quarto acompanhado de um homem que acreditei ser médico e ele usava um uniforme de outro hospital.

— Vamos, meus amores, vamos salvar nosso bebê. Nós não vamos perdê-lo.

Fui trocada de maca e seguimos às pressas pelos corredores do hospital. Pegamos o elevador e quando dei por mim encontrava-me no heliporto e entrando em um helicóptero que nos levaria para o outro.

Fiquei pensando o quanto Fernando estava gastando em tudo. Olhei para ele e mantinha-se sério e parecendo muito determinado. Nunca o achei tão lindo na minha vida.

Meu anjo, meu herói e pai do meu filho. Filho... Coloquei a mão na minha barriga e conversei com ele por pensamento:

Filho, aguenta aí e seja forte e guerreiro igual sua irmã e seu pai. Precisamos de você.

Eu me via em um misto de esperança e certeza de que algo ruim iria acontecer e eu teria perdido o bebê.

Chegamos ao outro hospital e fui tão bem tratada quanto pude. Em minutos eu estava em um quarto deitada e esperando para fazer a ultrassonografia.

— Vai dar tudo certo — Fernando falou perto do meu rosto e me deu um beijo na testa.

Olhei para minha filha, que tinha os olhinhos vidrados, olhando para minha barriga.

— Boa noite — o médico cumprimentou entrando na sala. — Já estou ciente do seu caso. Está com dor? — perguntou enquanto colocava a luva.

— Não — respondi e ele assentiu.

O médico ergueu a camisa que eu usava e encontrava-se suja de sangue, respingado da minha boca quando levei os tapas e socos.

Sentia meu lábio inchado e imaginei que eu muito provavelmente parecia horrível.

O médico explicou que tentaria fazer ultrassom obstétrico comum, já que o pai e a irmã do bebê estavam presentes e aí só se caso houvesse algum problema ele faria a transvaginal.

— Bom, vamos começar. — Passou gel na minha barriga e fechei meus olhos.

Eu tinha perdido meu filho eu sabia que ele não ouviria os batimentos.

Senti alguém enxugando minhas lágrimas, que nem notei que estavam caindo. Abri meus olhos para enxergar o rosto aflito do Fernando e os olhinhos curiosos da minha Mayara que olhava para telinha, onde o médico também olhava, sem nem piscar.

Fitei o profissional a minha frente e ele encarava o monitor com um olhar espantado.

— Meu Deus, doutor, por favor, me fala o que você está vendo. — Fernando encontrava-se aflito. — Meu filho está vivo?

— Escuta... — O médico disse sorrindo.

Mexeu na máquina e de repente um som abafado e ritmado, que eu já conhecia, preencheu o silêncio da sala e comecei a rir e chorar assim que ouvi.

— O que foi? O que é isso? — Fernando perguntou desesperado sem entender.

— Isso é um coração guerreiro. Mesmo com a perda grande de sangue parece estar tudo bem.

— Porra! — Fernando colocou o punho fechado na boca tentando conter o choro, virou-se de costas para mim e colocou as mãos na cabeça, quando se virou chorava copiosamente.

Se aproximou e colocou uma mão de cada lado do meu rosto, me beijou com delicadeza. Em seguida pegou May no colo e girou com ela na sala dando risada, eu ria dos dois e o médico ria de nós três.

Enfim uma alegria... não perdi meu filho... não perdi meu bebê.

— Eu não perdi meu filho — falei em voz alta.

— Seus filhos. — O médico colocou novamente o barulho do coração batendo.

— O quê? — Fernando parou de girar com May ainda no colo e olhou para o médico.

— Seus filhos. São gêmeos.

— Puta que o pariu! — Fernando exclamou.

— Fernando! — o repreendi sorrindo.

— Desculpa, mas não consigo controlar. Vamos ter dois filhos. Dois filhos guerreiros como vocês duas. — Ele olhou para mim e para May com olhar apaixonado e sorrindo largamente.

— Guerreiro como você tio Nando. Eles serão iguais ao nosso herói.

Fernando beijou-a, carinhoso.

— Meus irmãos... Eu serei irmã mais velha e terei dois irmãos menores e gêmeos, igual a princesa Merida do filme Valente. Isso é muito legal. Eu sou a Valente. Por isso sabia que eram dois.

Ela desceu do colo do Fernando e andou até bem próximo a mim, colocou as mãos na minha barriga e falou como se fosse só para os bebês ouvirem.

— Vocês dois só não podem aprontar igual os irmãos da princesa Merida, tá?

Rimos do jeitinho dela e Mayara não se continha de alegria.

Fernando não parava de sorrir e chorar, eu sentia-me feliz como nunca, uma alegria plena e um sentimento de que minha vida estava começando a dar certo.

Tudo daria certo.

Eu, meus três filhos e o amor da minha vida. E nada irá nos separar.

Clube
Angels

Capítulo 26

Fernando

Clara teve alta do hospital e o médico receitou remédios para segurar a gravidez e muito repouso.

Eu queria pegá-la no colo e não colocar mais no chão até que completasse os tais nove meses, mas na primeira vez que tentei pegá-la no colo, Clara me xingou.

Fomos até a casa onde ela morava e não consegui ficar lá por muito tempo, pensar que ali era daquele crápula, me dava náuseas.

Pegamos as coisas delas e ficamos em um hotel até que a polícia nos liberasse para voltar para minha casa.

Era dia seguinte à noite depois de tudo que aconteceu quando entramos no quarto de hotel. Logo Clara colocou May no banho e começou a dizer parecendo meio triste:

— Fernando, isso vai ficar muito caro, pode demorar até eles fecharem o caso e...

— Não me importo. Não me importo com gasto, nem com nada só me importo com você e com nossos filhos.

Vi que ela engoliu em seco e disse com um olhar firme.

— Eu tenho a Mayara também. — Me olhou séria, como se eu, ao dizer nossos filhos, estivesse excluindo a May.

— Eu sei. E ela se encaixa quando digo nossos filhos. May é minha filha de coração. Se ela quiser.

Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Você é o melhor pai que minha filha podia ter. Obrigada.

— Eu que agradeço.

Passou a mão de leve no meu rosto.

— Fernando, sei que muita coisa aconteceu e o que vivemos antes de tudo fica tão pequeno, mas acho que temos que conversar. Não quero ser a pessoa que vai te separar da sua família. Não quero...

— *Shiuuu* — Acabei com a distância entre nós e coloquei o dedo levemente em seus lábios machucados. — Você é a pessoa mais importante da minha vida. Vocês são minha família — coloquei a mão na barriga dela — Vocês e aquela princesa que está cantando lá no chuveiro, como se ela não tivesse acabado de viver um pesadelo. E se eu tiver que virar as costas para o mundo para ficar com vocês. É isso que eu vou fazer.

Ela assentiu, ficou em silêncio por alguns minutos e por fim, disse o que parecia estar guardando.

— Na noite da sua despedida de solteiro, com quem você estava falando no celular, quando voltei do banheiro para perto de você? Eu ouvi você falando com tanto carinho, era a sua ex?

Juntei as sobrancelhas.

— O quê? Claro que não, era com a batian. Com minha avó.

Ela me olhou e questionou:

— Jura?

— Lógico, Clara. Só você que é meu amor. Foi por isso então que você foi embora espumando?

— Eu não estava espumando. — Arqueei uma sobrancelha e ela riu. — *Tá*, eu estava, mas era mais por não conseguir te imaginar ao lado de outra mulher que não fosse eu.

— Bom, agora sou todo seu e não vou sair do seu lado.

Ela sorriu e me encarou.

— Eu amo tanto você. — E ouvir aquilo fez com que eu me sentisse inteiro, como já não me sentia há semanas.

— Eu também te amo tanto... — Beijei o rosto dela com delicadeza para que não sentisse dor onde havia machucados. — Tanto... que nada tem sentido sem você. Você me apresentou uma vida tão maravilhosa que nem de longe eu sonharia em ter. Ficar perto de você só me traz coisas boas.

Ela gargalhou.

— Sério... Só te trago coisa boa? Olha para você... quase morreu hoje por minha culpa. — Parou de sorrir e passou a mão devagar no meu rosto e só aí senti que eu também estava machucado.

— Eu morreria por você, sem nem parar para pensar, eu morreria por vocês.

Ela agarrou meu rosto com as duas mãos e me beijou, mas fomos interrompidos por uma voz meiga que parou de cantar e chamou:

— *Mamãe, já lavei o bumbum, a fazedora de xixi, já mandei a sujeira embora, vem ver se tá bom.*

Clara se separou de mim sorrindo.

— Isso é o que te espera. Você tem certeza que é isso que você quer?

Sorri.

— Nunca tive tanta certeza de algo na minha vida, quanto estou tendo agora.

Sorriu satisfeita, me deu um beijo casto, demorado e foi ao banheiro atender a filha.

Atender a nossa filha.



Os dias passaram e continuamos no hotel, não medi esforços nem gastos para que tudo ficasse bem, depois eu veria o arrombo no orçamento, o que importava naquele momento era minha família.

Meus filhos... Ainda não acreditava nisso, era muita felicidade. Clara falava com Laura todos os dias e ela sempre ficava mais serena quando falava com a amiga.

Quando liguei para Laura do hospital, enquanto conseguia o helicóptero e contei tudo o que tínhamos acabado de passar, ela chorou tanto que tive que consolá-la mesmo a distância. Depois quando contamos sobre os gêmeos ela chorou de alegria.

Nos dias que passamos no hotel, eu cuidava da May e a levava para passear para não ficar apenas trancada no quarto. Ela ainda não tinha voltado para escola e achamos melhor já voltar para escola antiga e evitar mais traumas.

Clara ficava apenas na cama, de repouso, e isso a deixava irritada, mas eu dizia que era pelo bem dos nossos filhos e ela sorria.

Chamei o advogado que cuidava da empresa da minha família, ele foi até a cidade do crime e resolveu tudo. Em uma semana o delegado tinha quebrado o sigilo telefônico do Jeferson, da moça que estava com ele e nas ligações e mensagens, contavam todo o plano e o que pensavam em fazer com Clara e Mayara.

As ideias não eram bonitas e saber cada uma fez um arrepio passar pelo meu corpo e dar graças aos céus por estarmos todos bem.

O advogado resolveu também tudo sobre os bens do Jeferson, que Clara decidiu vender e guardar o dinheiro para o futuro da filha.

Assim que voltamos para minha cidade, fomos recebidos com festa pelos Angels.

Laura quando viu May e Clara, chorou sem parar agarrada com a amiga. Minha avó e a Dri, também compareceram e quando apresentei Mayara para minha batian, sem a carga de tradição e família, logo virou batian dela também e minha avó amou a nova neta.

Quanto a Dri, achou que May era uma boneca e trouxe roupas, brinquedos e maquiagem infantil para menina, que quando viu os presentes os olhinhos até brilharam.

Todo o caso saiu nos jornais e foi noticiado na internet e televisão. Esperava que meus pais e meu avô estivessem conosco também, mas os três não foram e me doeu.

Aproveitei que estavam todos juntos e contei que nós teríamos gêmeos a comoção foi geral:

— Gêmeos? Não acredito! Você sempre foi guloso, Fernando, claro que quando fosse ter filhos teria que ser de monte de uma vez. — Minha irmã disse tirando risadas de todos.

— Ah, cara, que foda esses seus espermatozoides — Rodrigo falou sempre cheio de graça.

— Já que é pra fazer, eu faço bem feito.

— Mas é convencido — Livia falou rindo, namorada do Gu que já estava completamente recuperada do acidente e virou amiga da Clara.

Conversamos mais um pouco de como a vida com gêmeos seria uma loucura, mas eu só conseguia imaginar o quanto eu seria feliz vivendo tudo que eles descreviam.

Algum tempo depois nós, os homens, nos separamos das mulheres e estávamos bebendo em um canto e falando coisas de homens, mas acabamos de novo voltando ao acontecimento com o Jeferson.

— Cara, é bom te ter de volta, pelo que vi no noticiário, você foi o herói — Gustavo disse pensativo.

— Quase que fomos a vítima. Nunca me esquecerei aquela noite. Foi por pouco.

— Olha só o super-homem — Rodrigo zombou, sorrindo, mas eu sabia que ele queria amenizar minhas lembranças ruins.

— Vai à merda — respondi sorrindo também.

— Você foi super-homem de verdade, cara, não tô zoando, você salvou as duas. Os quatro na verdade. Com certeza você foi o super-homem.

— Se eu sou o super-homem, com certeza aquelas são minhas Kryptonitas — falei olhando para May e para Clara, que conversavam com minha avó, irmã, Laura e Lívia, no sofá da minha casa.

— Que bonito isso, cara. — Rodrigo bateu nos meus ombros.

— Pois é, fui ao inferno e voltei, com elas e por elas. Isso que nós temos é muito forte e é para sempre.

Ficamos em silêncio sentindo o peso de tudo, mas Rodrigo, sempre palhaço o quebrou:

— Tô pensando aqui, acho que o Jaspion combina mais com você que o super-homem.

— Mas é besta. — Gu falou e começamos a rir os três.

— Ei, mudando de assunto, como está o João na nossa nova casa? — perguntei quando parei de rir.

Gu bufou.

— Ele está bem, está gostando. Acho que vai dar certo lá também — Rodrigo respondeu.

— Ah, que bom!

— E seus pais, Fernando, vão aceitar a Clara? Porque sei, que assim como eu, você se importa com isso de família — Gustavo perguntou.

— Sinceramente, isso não me interessa. Eles pisaram na bola comigo e são eles que têm que me procurar e pedir desculpas. Enquanto isso não acontecer, somente as pessoas, que estão nesta sala, serão minha família.

— Está certo. — Gu assentiu.

Ficamos conversando um pouco mais, mas algum tempo depois Laura mandou todos embora, dizendo que Clara tinha que repousar.

Após todos saírem, levei May para o quarto dela, quarto esse que pedi para Adriana reformar e decorar enquanto estávamos no hotel, especialmente para minha princesa.

E essa foi a surpresa que May mais adorou e abriu um sorriso lindo de orelha a orelha quando viu.

Minha casa tinha três quartos e teríamos que reformar o terceiro para receber os gêmeos. Sorri.

Voltei para pegar Clara no colo e, sob protestos e sorrisos, a levei para cama onde dormimos abraçados, calmos e serenos como nunca.

A felicidade no meu peito explodia por sentir o cheiro do amor da minha vida, deitada ao meu lado.

Clara

Meses depois

Já não aguentava mais ficar de repouso, fiquei a gestação inteira sendo paparicada e mimada por Fernando e por todos que estavam à minha volta.

Via-me enorme e mais parecia uma baleia que uma mãe. Fiz uma ultrassonografia no quarto mês e descobri que gerava dois meninos, para alegria da May, que por conta disso, se achava mesmo a própria princesa Merida.

Durante a gravidez, fiquei irritada por diversas vezes, já que os hormônios me faziam querer sexo loucamente, mas Fernando me evitava alegando o maldito repouso e isso foi motivo de muitas das nossas brigas.

Mesmo a médica dizendo que tudo bem se fizessemos com cautela, ele ainda hesitava, mas algumas vezes eu insistia tanto que ele fazia amor comigo com tanto carinho que até valia a pena os dramas que eu encenava.

Era uma segunda-feira, estávamos todos em casa, esperando uma pizza que me deu uma vontade louca de comer.

Encontrava-me sentada no sofá, como sempre, porque eles não me deixavam fazer nada. Ainda que eu não conseguisse mesmo fazer, já que meus pés pareciam um pão, de tão inchados.

Enquanto eu ficava ali só de pernas para o ar, Fernando e May colocavam a mesa.

Olhei para os dois e sorri para a cena que mais parecia de comercial de margarina.

Minha filha sorria tão largamente enquanto rodeava a mesa correndo para Fernando não conseguir pegá-la e ele, também sorrindo, falava que quando a pegasse ia enchê-la de cócegas.

Olhando-os agradei muito a Deus por tudo. Por tê-los, por ter minha filha forte e apesar de toda a história pela qual passamos, ela não ter ficado com nenhum trauma e sempre que conversávamos sempre me dizia que o Fernando era nosso príncipe, anjo, herói, de modo que para ela era como se tivesse apenas vivido em um conto de fadas, em que o príncipe salvava a princesa.

Isso enchia o meu coração de paz.

Mayara chamava Fernando de pai e a primeira vez que fez isso, foi quando os dois brincavam com um jogo na sala e ela sem notar, falou:

— Agora é minha vez, pai. — No primeiro momento ela travou e olhou para ele com os olhos arregalados.

— Você me chamou do que, May? — perguntou surpreso.

— Ééé... Faz tempo que te chamo assim na minha cabeça, tio Nando, mas tenho vergonha — disse de cabecinha baixa.

Fernando fechou os olhos e piscou para não chorar, depois a abraçou já chorando que até assustou a nossa filha.

— Desculpa, tio, não queria te fazer chorar. Se não quiser que eu te chame assim eu paro. — Ele começou a rir.

— Claro que quero. Isso vai me deixar muito feliz e estou chorando de alegria. Hoje para mim, esse momento, é igual quando eu soube que seria pai dos seus irmãos, ou melhor, esse momento é maior, porque você me escolheu como pai. E eu estou muito feliz em tê-la como filha.

Claro, todos choramos e nos abraçamos e esse entrou para lista dos meus momentos mais lindos e felizes.

Por conta de todo o estresse vivido e toda a mudança na vidinha da minha filha, a levei em diversas sessões com psicóloga e dona Regina, me ajudou com isso, mas pelo que conseguimos ver, ela estava bem psicologicamente, fisicamente e isso me deixava bem também.

A pizza chegou e levantei minha carcaça gorda até a mesa, assim que ergui meu corpo do sofá senti uma pontada no baixo ventre, disfarcei a cara de dor e fui para mesa sorrindo.

Comi a pizza quase toda, enquanto ouvia os dois rindo da minha esfomeação.

Pensei em dar uma pausa antes de voltar a comer mais e fui me levantar para ir ao banheiro, mas água começou a descer pelas minhas pernas sem que eu pudesse segurar.

Minha bolsa estourou e a segunda rodada de pizza ia ter que esperar.

Algumas horas de trabalho de parto se passaram, eu insisti pelo parto normal e depois de muita força e apoio do meu Fernando, um serzinho com 2,665 kg e 45 centímetros, chorou rompendo o silêncio da sala e apenas um minuto e meio depois, o outro serzinho

com 2350kg e 44 centímetros, também invadiu a sala com seu choro potente e esses chorinhos foram músicas para os meus ouvidos e levaram a mim e ao Fernando, que estava paralisado os olhando, as lágrimas.

E minha lista de momentos lindos e felizes só aumentava.

No dia seguinte ao parto, o quarto no hospital em que eu fiquei com os gêmeos, minha primogênita, que fazia de tudo para cuidar dos irmãos, e meu *namorado*, não parava de encher com visitas.

Todos nossos amigos estavam presentes, Laura queria morder meus filhos, ria dos seus olhinhos puxados e cabelinhos loiros e os apelidou de “sushizinhos da tia Laura”.

O dia correu perfeito e feliz, mas a noite caiu e quando achávamos que ninguém mais viria, ligaram da recepção e disseram que tínhamos mais visitas. Fernando perguntou quem era e quando ouviu, ficou branco e me olhou como se não acreditasse.

— Meus pais e meus avós, estão aí — falou como se me pedisse permissão.

— Diga para eles subirem.

Fernando lançou-me um sorriso sem vontade e ficou estalando os dedos de nervoso, aguardando a família subir.

Não demorou muito e ouvimos batidas na porta. Fernando me lançou um olhar preocupado e eu sorri indicando que estava tudo bem.

Assim que abriu a porta, a primeira pessoa que vi foi a mãe dele e ela chorava muito. Ela abraçou o Fernando e andou até mim, cautelosa.

— Clara, talvez esse não seja o melhor momento, mas quero que saiba que não tenho nada contra você e quero te pedir perdão pelo que te fizemos passar. Se não fosse pela nossa atitude, você nunca teria ido embora e não teria passado por tudo que passou. — Fiquei olhando para ela sem saber o que dizer e olhei para o Fernando que me encarava também em choque.

Os pais dele nunca tinham nos procurado durante toda minha gravidez. Olhei mais atrás, vi o pai e o avô dele com olhares também arrependidos e me olhavam com lágrimas nos olhos. Ao lado do avô estava a avó, sorrindo feliz.

Fechei meus olhos e suspirei.

— Está tudo bem. — Sorri e peguei a mão dela, que começou a chorar ainda mais e percebi o quanto ela sentia-se arrependida. — Você quer pegar seus netos? — perguntei e ela assentiu, indo em direção ao berço do Lorenzo e o pegou no colo. Ele era o menorzinho tão parecido com o pai, só que loiro.

— Olha, Sr. Seiji e Carlos, venham ver os netos e bisnetos de vocês — dona Lucia falou enxugando as lágrimas e me lançou um sorriso.

Sr. Carlos deu a volta na minha cama, me lançou um sorriso sem jeito e pegou Levi, o outro gêmeo que era tão pequenininho, mas que ainda era maior que o Lorenzo e também era bem parecido com o Fernando.

Perguntei se Fernando queria nomes japoneses quando fomos escolher, mas ele disse que não, que queria misturar tudo e eu podia decidir.

Os avós ficaram embalando os netos e não me disseram mais nada, mas vi nos olhares deles o arrependimento.

Fiquei feliz que Levi e Lorenzo vieram para trazer paz e alegria para essa família e para minha vida.

Sr. Seiji ficou rodeando os pequenos no colo do filho e da nora, não os pegou no colo, mas vi sorrisos faceiros que lançou para os meninos, exibindo olhos marejados.

Após algum tempo eles colocaram os meninos no berço e se despediram do Fernando que parecia feliz por esse momento.

Dona Lucia e Sr. Carlos se despediram de mim com carinho como se nada tivesse acontecido no passado e eu gostei disso. Seria uma vida nova.

Sr. Seiji deu mais uma olhada no berço dos meninos e ao sair colocou a mão sobre minha, me encarou e me deu um pequeno sorriso, depois virou-se deu um tapinha no ombro do neto e saiu do quarto acompanhado dos pais do Fernando e da avó, que me soprou um beijo.

Assim que Fernando fechou a porta atrás deles, me disse:

— Esse foi o modo dele de pedir desculpas.

— E eu desculpei de todo coração.

— Tudo bem se não se sentir à vontade para...

— Fernando... Isso foi mais difícil para eles do que para mim. E de verdade, estou muito feliz por você reatar com sua família e feliz pelos meninos, que vão ter contato com os avós e o biso.

Fernando sorriu, aquele sorriso lindo de dentes perfeitos, me deu um beijo e falou:

— Eu te amo.

— Eu te amo mais. Muito mais.

Clube
Angels

Epílogo

Fernando

A colônia japonesa comemorava cada estação do ano com uma festa típica e lá estava eu: sentado na mesa da festa *Natsu Matsuri*, que era a festa que comemorava o verão, e me via rodeado de pessoas da empresa e da família.

Da mesa tomando meu saquê, via um pouco mais à frente, onde Clara, May e meus meninos se divertiam. Os dois já aprontavam todas com seus três anos de idade.

Dançavam e Clara empurrava a cadeira de rodas do meu avô que após ter um AVC ficou com parte do corpo paralisado.

Ele insistia em dizer que era castigo por ter inventado aquela mentira, mas eu o consolava dizendo que não era.

Clara e eu nos casamos em um templo budista próximo a nossa casa, logo depois que os gêmeos nasceram, mas não consegui assumir a empresa da família, que depois de passar por maus bocados com alguns sócios que saíram após o escândalo do meu não casamento, enfim passa bem financeiramente.

Eu continuava na Angels que era o que eu amava fazer.

Clara parou de trabalhar como barwoman, mesmo depois que os meninos nasceram eu tentei apoiá-la a voltar, ainda que eu não estivesse muito feliz em vê-la trabalhar com um bando de homens a admirando, mas apoiei caso essa fosse sua vontade, porém, segundo ela, nasceu para ser mãe e adorava ficar em casa e cuidando dos filhos.

Falei que a apoiaria no que ele decidisse.

Laura continuou as apresentações e fazia um sucesso absurdo como a nossa anja. Ela também casou com o Mateus, mas ele a acompanhava todos os dias de apresentações e falávamos que ele era quase que como seu empresário.

Cara gente boníssima, assim como Cassio que se tornou meu amigo também e aceitei que ele gostava da minha Clara como amigo.

— Que família bonita você construiu, meu irmão. — Adriana sentou-se ao meu lado e disse sorrindo.

— Pois é, você podia largar um pouco a presidência da empresa e construir uma também. Estou louco para ter sobrinhos.

— Sabe que até hoje eu não acredito que nosso avô e pai, me deixaram assumir a presidência? Sou mulher poxa! A tradição não deixa que mulheres assumam a presidência — minha irmã falou da tradição imitando a voz do meu avô e eu ri.

— Bom, você mostrou que sabia o que estava fazendo, usou sua faculdade e levantou a empresa quando precisou de um pulso firme. Isso te deu créditos.

— Verdade. Eu sou foda como presidente.

— Ei, olha a boca mocinha.

Ela revirou os olhos, em seguida olhamos para onde minha família dançava e Lorenzo rodava a cadeira do vovô enquanto Levi estava sentado em seu colo e o meu velho ria dos dois.

Batian cantava no palco e vez ou outra, acenava babando para os bisnetos, Clara os olhava sorrindo acompanhada da May que era uma mocinha com seus nove anos e a beleza da mãe.

Falando em beleza, minha mulher exibia-se maravilhosa com um vestido longo e florido que marcava seu quadril largo que eu amava.

Observando May me sentia um pai orgulhoso e eu sabia o nome de cada princesa da Disney, durante o passar dos anos assisti cada filme delas, mais de uma vez, o da Valente umas cem vezes... por dia. Precisava dizer que curti. Ah, e também podia dizer que sabia cantar todas as milhares de músicas que aqueles desenhos cantavam.

Por que eles têm que cantar tanto? Ainda não entendi.

— Já te disse que você não pode deixar o vovô sozinho com esses dois ou eles vão amarrar ele, fazer uma fogueira e dizer que estão brincando de índio. Melhor mantê-los longe.

Adriana me tirou do meu pensamento me fazendo rir alto.

— Ei, não fale assim dos meus meninos, eles são uns anjinhos.

— *Arrammm...* Clara que o diga, que passa o dia com esses furacões. Mas ela ainda diz que gosta.

— Sim, ela gosta. — Olhei apaixonado para minha esposa que sorria para mim da pista de dança.

— Nossa, enxuga a baba.

— Babo, mesmo! Não existe esposa mais bonita que a minha. — Pisquei um olho para minha irmã. — E por falar em babar, vou lá molhar ela com minha baba.

— Ai que nojo. — Ouvi Adriana dizer e segui rumo a Clara.

Cheguei perto dela e a abracei sem me importar com quem nos olhava ali perto.

— Já te disse que te amo? — perguntei.

— Na última meia hora, não — respondeu sorrindo e jogando os braços sobre meu pescoço.

— Eu te amo. Obrigado por me fazer feliz.

— Eu que agradeço por ser meu anjo e meu Fernando.

— Não me agradeça. Tudo que fiz foi por mim, não podia deixar esses quadris passarem e eu ficar sem eles.

— Fernando! Não fala assim, eu sei que eu estou gorda — falou sem jeito.

— Gorda? Onde? Você é gostosa *pra* caralho, mulher! — Ela tampou minha boca sorrindo.

— Nunca imaginei que fosse amar tanto as festas da colônia japonesa. Se me falassem sobre tradições há um tempo atrás, eu matava.

Eu ri.

— É, essa palavra nos assombrou mesmo.

— Mas agora, amo fazer parte de tudo ligado aos seus antepassados, as festas, comidas eeee... As tradições. — Sorriu e me deu um beijo. — Quebrar algumas delas, às vezes, é preciso pela modernidade, mas mantê-las também é bom para lembrar de onde viemos e adoro saber que os meninos vão conhecer e viver isso. Gosto de saber a origem do amor.

— Do amor? — perguntei semicerrando os olhos.

— Sim, do meu amor, do meu Angel — falou sexy *pra* cacete.

— E eu amo você minha eterna Anja. Hoje você faz aquela dança *pra* mim? — Ela olhou em volta para ver se alguém estava olhando, sorriu e sussurrou:

— Só se você merecer.

— Então você vai fazer, porque eu sempre mereço.

Ela jogou a cabeça para trás e riu.

— Você sempre merece.

— Eu te amo — falei mais uma vez olhando em seus olhos.

— Eu te amo mais.

E nunca na vida me senti tão feliz e tão realizado.

E porra... valeu muito a pena tudo que passei para viver aquele momento, todos que vivi e todos que ainda ia viver com aquela delícia de mulher. Todos os milésimos de segundo sempre valerão a pena ao lado dela

Fim...

Playlist

Rihanna - If it's lovin' that you want

Sam Smith - Leave Your Lover

Ludmilla – Bom

The Pussicat Dolls – Button

Bruno Mars - Just The Way You

Adele - One and Only,

Malta – Memórias

Sobre a Autora

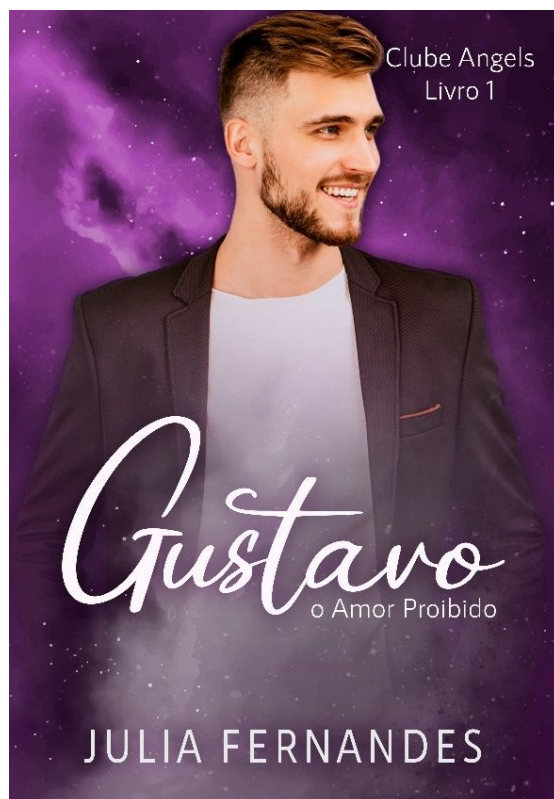
De Biritiba Mirim-SP, Julia é casada, tem uma filha e é escritora em tempo integral. Sempre foi encantada pelo mundo literário e quando criança os gibis da turma da Mônica a fascinava. Cresceu, e se tornou uma romântica incurável que se perdia de amores pelas histórias de época e romances em geral. No entanto, foi em agosto de 2015 que decidiu unir o amor pela leitura com o pela escrita e criou o seu primeiro romance . A partir daí Julia não parou mais e escreveu diversos livros, sendo dois deles infantis.

Apaixonada por seus leitores, ela não pensa em parar e por isso se joga diariamente no mundo das histórias que os personagens a contam, dando vida a cada um deles e acreditando que seus leitores os mantêm vivos todas as vezes que os leem.

Site: <https://www.autorajuliafernandes.com/>

Instagram:

https://www.instagram.com/juliafernandes_autora/



Leia na Amazon: <https://amzn.to/3t9SvLG>

Sinopse

Gustavo, proprietário de uma casa noturna, junto com seus três amigos e sócios tão gatos quanto ele, conhecidos como Angels. Clube Angels.

Lívia, estudante de medicina, inocente e que recebeu como exigência da família para estudar na cidade, morar com o primo Gustavo.

Com a convivência se tornam mais próximos e combinam um namoro de mentira para enganar uma ex-namorada dele, porém, o que era para ser apenas um faking love, acaba se tornando um emaranhado de desejo reprimido, sim e não, querer e não poder, seguir e retroceder.

Impulsivos e ciumentos, ambos metem os pés pelas mãos e acabam tendo que lutar com muito mais do que só o vínculo de família que os impedem de ficar juntos.



Leia na Amazon: <https://amzn.to/3vBVcrb>

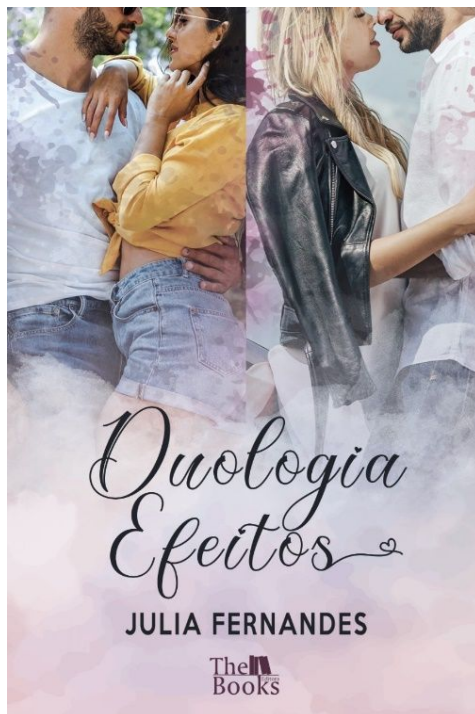
Sinopse

Um vizinho barulhento, tatuado e tentadoramente lindo, foi o que Bianca precisou para estragar seu retiro relaxante pré-reveillon.

Isolada em um chalé nas montanhas, ela estava à procura de silêncio e sossego, que imediatamente perdeu, após Bento aparecer com sua música alta, seu corpo perfeito e seu charme que de cara a desestabilizou.

Bento em busca do seu momento, Bia em busca do dela.

O que não sabiam, era que o destino preparava o que, talvez no futuro, eles pudessem chamar de nosso momento.



Leia na Amazon: <https://amzn.to/3Egw22A>

Sinopse: Dois amigos + duas irmãs = dois casais.

No primeiro livro um amor calmo, paciente e doce, será o remédio mais forte para curar Liara da doença que fará de tudo para separá-la de Mateus.

No segundo livro um amor quente, provocador e iniciado no submundo, será mais inflamável que fogo em gasolina, mostrando seu efeito sobre Sheila e Romeo.



Leia na Amazon: <https://amzn.to/3xKqmf6>

Sinopse: Três histórias, três releituras e um bônus em um único arquivo.

O primeiro livro é o Minha Arabela, releitura de A Bela e a Fera.

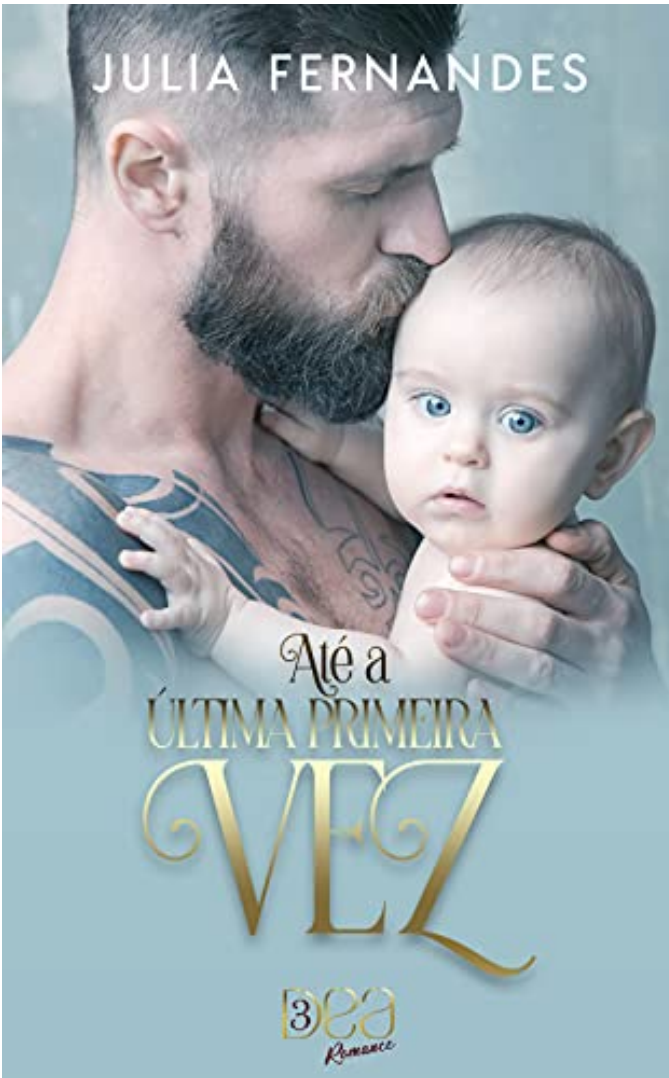
O segundo livro é Minha Cyndi, releitura de Cinderela.

O terceiro livro é Minha Rosabel, releitura de Rapunzel/Enrolados.

E o bônus... Uma viagem surpreendente de amigas.

Sinopse do conto

Em uma viagem para celebrar a amizade, as três princesas da vida moderna se encontram. Cyndi apresentou Arabela a Rosabel e com as três a diversão está armada. No entanto, o que era apenas curtição, se torna uma confusão dos infernos quando uma foto delas com novos amigos chega ao conhecimento dos nossos príncipes, que se unem para lembrá-las que é com eles que o conto de fadas acontece.



Leia na Amazon: <https://amzn.to/3dosPT7>

Sinopse: Thomas e Yasmin cresceram na mesma rua e viveram juntos as primeiras fases da vida. Tiveram todas as suas primeiras vezes um com o outro, até que a imaturidade de ambos e a falta de diálogo fizeram com que se desentendessem e se afastassem. Mas foi um acontecimento triste que os separou por muito tempo.

Oito anos depois...

Thomas volta para sua antiga casa após viver todo esse distanciamento de forma irresponsável e, em consequência disso, carrega a novidade de ser pai de uma linda bebê. Já Yasmin vive com a dor de não poder ter filhos, está em um relacionamento que não a faz feliz e se arrasta em uma completa solidão.

Ao se reencontrarem, imediatamente o sentimento reascende entre eles e o amor do passado ressurge apesar das mágoas, contudo, depois de anos sem se verem, os dois terão muito mais do que só o amor reprimido para lidar.



Leia na Amazon: <https://amzn.to/3lq7k8u>

Sinopse: Iran, um forte guerreiro do reino de Flós, enviado a outro mundo com a missão de proteger sua rainha.

Já Vida é uma mulher solitária, que só conhece o mundo por sua televisão, mora em uma cabana afastada de tudo e sua única companhia é Bravo, seu lobo de estimação.

Em meio a sua rotina sem cor, no seu vigésimo aniversário Vida tem seu mundo transformado, quando é atacada por lobos

ferozes e mesmo protegida por Bravo fica ferida na batalha e acaba perdendo os sentidos.

No momento que acorda, tudo está diferente: se vê morando em Flós, é a rainha desse reino e descobre que seu lobo de estimação, na verdade, não é mais o mesmo Bravo e sim Iran, um homem lindo, sisudo e seu guerreiro protetor.

Contudo, ela não teria só essa novidade para lidar, mas também uma maldição, um reino inimigo, magia, casamento arranjado e uma guerra que depende dela e de Bravo para terminar.

Leia também
terceiro livro da série
Angels.

Livro do Rodrigo



[1] kimono é uma vestimenta tradicional japonesa utilizada por mulheres, homens e crianças.

[2] Avó em japonês

[3] Avô em japonês

[4] A palavra **kanpai** é uma expressão japonesa usada para brindar taças equivalente a “saúde”

[5] Personagem do livro 50 tons de cinzas.